

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
CAEd - CENTRO DE POLÍTICAS PÚBLICAS E AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM GESTÃO E AVALIAÇÃO
DA EDUCAÇÃO PÚBLICA

ANDRÉA BOTELHO DE ABREU

**A CONSTITUIÇÃO DE GRÊMIOS ESTUDANTIS NAS ESCOLAS ESTADUAIS DE
ENSINO MÉDIO DE MINAS GERAIS E SEU LUGAR NA GESTÃO DEMOCRÁTICA**

JUIZ DE FORA

2017

ANDRÉA BOTELHO DE ABREU

**A CONSTITUIÇÃO DE GRÊMIOS ESTUDANTIS NAS ESCOLAS ESTADUAIS DE
ENSINO MÉDIO DE MINAS GERAIS E SEU LUGAR NA GESTÃO DEMOCRÁTICA**

Dissertação apresentada como requisito para a conclusão do Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública, da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, para a obtenção do título de Mestre em Gestão e Avaliação da Educação Pública.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Isabel da Silva Azevedo Alvim

JUIZ DE FORA

2017

ANDRÉA BOTELHO DE ABREU

**A CONSTITUIÇÃO DE GRÊMIOS ESTUDANTIS NAS ESCOLAS ESTADUAIS DE
ENSINO MÉDIO DE MINAS GERAIS E SEU LUGAR NA GESTÃO DEMOCRÁTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito para defesa no Mestrado em Gestão e Avaliação da Educação Pública.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a Maria Izabel da Silva Azevedo Alvim (Orientadora)

Prof. Dr. Fernando Gaudereto Lamas

Prof.^a Dr.^a Vitória Fernanda Schettini de Andrade

Dedico este trabalho à colega Creusa Rosária Fernandes (*in memoriam*), que partiu precocemente deste plano, deixando órfã de sua alegria, dedicação e companheirismo, a Turma PPGP/CAEd 2015.

AGRADECIMENTOS

A Deus agradeço pela força, vitalidade e pela essência que me conduzem nos caminhos da vida.

À minha mãe (in memoriam) - grande incentivadora, luz e amor em todos os momentos de minha vida - minha formação moral, intelectual e espiritual e o amor incondicional e eterno que nos une além dos tempos e espaços conhecidos pelo ser humano. À minha filha, Mariana, agradeço pela crença no meu potencial e compreensão pela minha ausência e distanciamento nestes dois anos. Sem você, minha vida seria infinitamente opaca. Ao meu irmão Hélio, pelo carinho, compreensão e as orientações, durante os desabafos e debates enriquecedores que marcam nossos encontros. Às queridas irmãs Vera e Eliane, pela presença, apoio, amor e pelos momentos inesquecíveis de lazer e distração. Amo vocês!

À equipe da Diretoria de Juventude e aos demais colegas, agradeço o companheirismo, o incentivo e a confiança no meu trabalho. Às estudantes do Curso Normal em Nível Médio do Instituto de Educação de Minas Gerais, sobretudo à turma C (afilhadas de coração e formação), agradeço pela possibilidade de compartilhar saberes, experiências e sonhos. Vocês reacenderam e alimentaram a minha paixão pela docência!

Às amigas Rosa e Ana Bianca, que além de compreenderem a minha ausência, me fortaleceram nos momentos difíceis e tortuosos de minha jornada e brindaram com alegria todas as minhas conquistas. Vocês são maravilhosas!

Aos colegas do PPGP, pelos momentos de desabafo, descontração e pela companhia inesquecível nos momentos presenciais e durante as intermináveis e densas quinzenas. Aos Agentes de Suporte Acadêmico de todas as disciplinas, pelo acompanhamento e dedicação - especialmente à Helena Rivelli, pela leitura atenta, pelos conselhos precisos e pelo incentivo constante durante a produção deste trabalho – e aos professores, pela colaboração e pelo enriquecimento do meu processo formativo. À Professora Orientadora Isabel Alvim e à Banca de qualificação, pela credibilidade e pelas considerações necessárias a esta produção.

A todos que acompanharam e acompanham minha trajetória profissional, incentivando-me a lutar pelos meus ideais, contribuindo para esta conquista. E, finalmente, a Bezerra de Menezes, mentor e protetor espiritual de minha família, pela fé e apoio espiritual em todos os momentos de minha existência física.

RESUMO

A presente dissertação, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública (PPGP) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), teve como foco de estudo a identificação de entraves à constituição do grêmio estudantil, enquanto espaço de participação da juventude no cotidiano das escolas e de fortalecimento da gestão democrática, no contexto da Política de Fomento à Participação Estudantil da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, que, a partir do projeto Virada Educação Minas Gerais (VEM), tem como objetivo combater a evasão escolar da população mineira de 15 a 17 anos e aproximar a escola da juventude. Como recorte de pesquisa foram selecionadas duas escolas estaduais de Belo Horizonte que apresentam situações opostas quanto à participação estudantil e viabilizaram a resposta à questão norteadora deste caso, a saber: quais os entraves à constituição de grêmios estudantis nas escolas estaduais de Belo Horizonte, no contexto da política de fomento à participação estudantil que, dentre outros objetivos, visa à democratização da gestão escola? Na descrição do caso, foram apresentados o contexto de elaboração e implementação da VEM, dados sobre o ensino médio no Brasil e em Minas Gerais e sobre as Unidades Escolares, sobretudo em suas particularidades quanto à vivência dos processos de participação. A pesquisa, de cunho qualitativo, teve como instrumento de coleta de dados fóruns de discussão com estudantes e gestores em grupos de Whatsapp - especificamente criados para este fim –, questionário diagnóstico, pesquisa bibliográfica e análise documental. Os dados da pesquisa de campo foram analisados a partir de conceitos e discussões trazidos por Dayrell (2006, 2010, 2016); Dayrell, Carrano e Maia (2014); Lück (2009, 2010, 2012, 2013) e Paro (2010, 2016) e revelaram uma percepção negativa de juventude, por parte dos gestores escolares - associada ao hedonismo, irresponsabilidade e imaturidade – e uma concepção reducionista de participação – entendida como mera verbalização de opiniões. Diante disso, o Plano de Ação Educacional (PAE) proposto intenta a ampliação dos espaços de participação dos jovens estudantes, adjetivando-os como sujeitos do processo educativo, cujas demandas, opiniões e percepções são essenciais ao fortalecimento da gestão democrática da escola. Além disso, sugere a criação e a implantação do Projeto #VemPraJuventude, que envolve formação e incentivo ao protagonismo juvenil.

Palavras-chave: Grêmio Estudantil; Juventude; Participação; Gestão Democrática.

ABSTRACT

The present dissertation, developed under the Program of Postgraduate Professional in Management and Evaluation of Public Education (PPGP) of the Federal University of Juiz de Fora (UFJF), had as its study focus the identification of obstacles to the constitution of the student groups, as a space for youth participation in the daily life of schools and strengthening democratic management, in the context of the Politics for Promotion of Student Participation of the Minas Gerais State Department of Education, which, based on the Virada Educação Minas Gerais (VEM) Project, has as an objective to combat the school dropout of the population of Minas Gerais ages 15 to 17 years and bring the school closer to youth. As a research clipping, were selected two state schools in Belo Horizonte that present opposite situations related to students participation and made possible the answer to the guiding question of this case, namely: what are the obstacles to the constitution of student groups in the public schools of Belo Horizonte in the context of educational politics to foster student participation that, among other objectives, aims at the democratization of school management? In the description of the case, the context of VEM elaboration and implementation was presented, data on High Schools education in Brazil and Minas Gerais and on School Units, especially in their particularities regarding the experience of participatory processes. Qualitative research was used to data-gathering of discussion forums with students and managers in WhatsApp groups - specifically created for this purpose -, a diagnostic questionnaire, bibliographic research and documentary analysis. The data of the field research were analyzed from concepts and discussions brought by Dayrell (2006, 2010, 2016); Dayrell, Carrano e Maia (2014); Lück (2009, 2010, 2012, 2013) and Paro (2010, 2016) and revealed a negative perception of youth by school managers - associated with hedonism, irresponsibility and immaturity - and a reductionist conception of participation – identified as a simple verbalization of opinions. Therefore, the proposed Educational Action Plan (EAP) seeks to broaden the spaces for participation of young students, adjectivizing them as subjects of the educational process, whose demands, opinions and perceptions are essential to strengthen democratic school management and suggests creation and implementation of the #VemPraJuventude Project that covers training and encouraging youth protagonism.

Keywords: Student Union; Youngness; Participation; Democratic Management.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Organograma da SEE.....	28
Figura 2 - Eixos da Política Educacional da Rede Estadual de Minas Gerais.....	32
Figura 3 - Rede de Representantes Estudantis das Escolas das Regionais.....	42

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Percentual da população de 15 a 17 anos que frequentava a escola (2004-2013) – Brasil	23
Gráfico 2 – Percentual da população de 15 a 17 anos que frequentava o ensino médio (2004-2013) – Brasil	24
Gráfico 3 - Avaliação da escola quanto ao envolvimento dos estudantes na construção de normas de convivência	90
Gráfico 4 - Avaliação da escola quanto à consideração da opinião dos estudantes (Questionário da Escola)	96
Gráfico 5 - Avaliação da escola quanto à consideração de opiniões dos estudantes (Questionário dos Alunos)	97
Gráfico 6 - Relação entre a participação estudantil e a qualidade da escola	100

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Resumo das ações da VEM 2015 – 2017	30
Quadro 2 - Descrição dos Níveis Socioeconômicos dos alunos	48
Quadro 3 - Identificação dos participantes por grupos	81
Quadro 4 - Achados da Pesquisa.....	109
Quadro 5 - Projeto #VemPraJuventude: Formação	111
Quadro 6 - Projeto #VemPraJuventude: Formação dos Analistas	115
Quadro 7 - Projeto #VemPraJuventude: Formação dos Profissionais da Escola....	117
Quadro 8 - Projeto #VemPraJuventude: Formação dos Estudantes.....	118
Quadro 9 - Projeto #VemPraJuventude: Ação	121
Quadro 10 - Projeto #VemPraJuventude: Monitoramento.....	124

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - População de 15 a 17 anos que não frequenta a escola, por etapa concluída, segundo idades – Brasil (2011)	25
Tabela 2 - Taxa de distorção idade-série – Ensino Médio – Brasil (2012)	25
Tabela 3 - Taxa de reprovação e abandono no ensino médio (%) - Brasil (2012)	26
Tabela 4 - Taxas de reprovação e aprovação no ensino médio por ano - Rede Estadual de Minas Gerais - (2014).....	26

LISTA DE ABREVIATURAS

AMES	Associação Mineira dos Estudantes Secundarista da Grande Belo Horizonte
CAED	Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação
CF	Constituição Federal
DEJA	Diretoria de Educação de Jovens e Adultos
DEM	Diretoria de Ensino Médio
DEP	Diretoria de Educação Profissional
DJUV	Diretoria de Juventude
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IIDAC	Instituto Internacional para o Desenvolvimento da Cidadania
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
NSE	Nível Socioeconômico
PAR	Plano de Aplicação de Recursos
PEC	Proposta de Emenda Constitucional
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNE	Plano Nacional de Educação
PNEM	Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio
PROEMI	Programa Ensino Médio Inovador
SB	Subsecretaria de Desenvolvimento da Educação Básica
SEE	Secretaria de Estado de Educação
SEM	Superintendência de Juventude, Ensino Médio e Educação Profissional
SEPLAG	Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão
SIMADE	Sistema Mineiro de Administração Escolar
SOE	Superintendência de Organização e Atendimento Escolar
SER	Superintendência Regional de Ensino
UBES	União Brasileira de Estudantes Secundaristas
UCMG	União Colegial de Minas Gerais
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

VEM

Virada Educação Minas Gerais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 O CONTEXTO EDUCACIONAL DA JUVENTUDE DE MINAS GERAIS: DISTANCIAMENTO E EVASÃO ESCOLAR	20
1.1 O Sistema de Educação Estadual de Minas Gerais: a superintendência de juventude, ensino médio e educação profissional e a diretoria de juventude ..	21
1.1.1 Política de Fomento à participação estudantil nas escolas da rede estadual de ensino: Virada Educação Minas Gerais	30
1.2 A Escola Chiquinha Gonzaga ea Escola Bezerra de Menezes	47
1.3 Juventude: participação social e cidadania.....	52
1.3.1 Gestão democrática da escola pública: o Grêmio Estudantil.....	55
2 O GRÊMIO ESTUDANTIL E O FORTALECIMENTO DA GESTÃO DEMOCRÁTICA DAS ESCOLAS ESTADUAIS	60
2.1 Juventude, participação e gestão democrática.....	61
2.1.1 Juventude	62
2.1.2 Participação Estudantil	65
2.1.3 Gestão Democrática.....	68
2.1.3.1 O Colegiado Escolar.....	72
2.1.3.2 Grêmio Estudantil	75
2.2 A coleta de dados	76
2.2.1 Fóruns do Whatsapp	77
2.2.2 Questionário Diagnóstico de Participação	81
2.3 Apresentação e análise dos resultados da pesquisa.....	83
2.3.1 Juventude, Participação e Gestão democrática: Percepção dos estudantes e gestores	85
3 PLANO DE AÇÃO EDUCACIONAL: A IMPLEMENTAÇÃO DE GRÊMIOS ESTUDANTIS NAS ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DE MINAS GERAIS	107
3.1 Projeto #Vemprajuventude: formação	110
3.1.1 Formação dos Analistas Coordenadores Regionais da Juventude	113
3.1.2 Formação dos Professores, Especialistas e Gestores	115
3.1.3 Formação dos Estudantes.....	117
3.1.4 Elaboração da Cartilha Sou Jovem, Sou Protagonista? – O Grêmio Estudantil,	

Os Coletivos Juvenis e o Conselho de Representantes de Turma	119
3.2 Projeto #Vemprajuventude – ação	120
3.3 Projeto #Vemprajuventude: monitoramento	123
3.4 Avaliação e exequibilidade do projeto #Vemprajuventude.....	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
REFERÊNCIAS.....	130
APÊNDICE A - TEXTO INTRODUTÓRIO DOS FÓRUMS DE WHATSAPP	137
APÊNDICE B – ROTEIRO DE DISCUSSÃO DO FÓRUM DO WHATSAPP COM ESTUDANTES	138
APÊNDICE C – ROTEIRO DE DISCUSSÃO DO FÓRUM DO WHATSAPP COM GESTORES	139
APÊNDICE D – RESPOSTAS DOS ESTUDANTE NO FÓRUM DE WHATSAPP	140
APÊNDICE E – RESPOSTAS DOS GESTORES NO FÓRUM DE WHATSAPP ...	164
APÊNDICE F - QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO DE PARTICIPAÇÃO - ESTUDANTES	181
APÊNDICE G – QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO DE PARTICIPAÇÃO– ESCOLA.....	185
APÊNDICE H - RESPOSTAS DOS ESTUDANTES AO QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO DE PARTICIPAÇÃO	189
APÊNDICE I - RESPOSTA DAS ESCOLAS AO QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO DE PARTICIPAÇÃO	196
ANEXO: AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DOS DADOS DO QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO DE PARTICIPAÇÃO.....	205

INTRODUÇÃO

Em 2015, ao identificar que a evasão escolar alcançava 14,5% (cerca de 160 mil) dos jovens de 15 a 17 anos no estado, a Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE) estabeleceu diversos diálogos com representantes da comunidade escolar (pais, professores, estudantes, demais profissionais da escola e comunidade local), a fim de identificar os desafios, as dificuldades e as potencialidades das escolas, além de pensar soluções coletivas para as situações apresentadas como causas da evasão e do distanciamento entre escola e juventude. Nesse contexto, ainda em 2015, acreditando na necessidade de promover o engajamento dos estudantes nos processos educativos a eles destinados, a SEE criou o Projeto Virada Educação Minas Gerais (VEM), que tem como objetivos a aproximação entre escola e juventude e o combate à evasão escolar.

As ações implementadas desde então têm se pautado na premissa de que a educação de qualidade é um direito e deve se dar na perspectiva da construção coletiva, inclusiva e democrática, reconhecendo a diversidade e as potencialidades dos sujeitos e dando centralidade aos seus conhecimentos e saberes. Além disso, instituir uma política educacional que valorize e fomente a gestão democrática significa permitir, a todos os sujeitos do processo educativo, a apropriação das informações, a plena atuação nas deliberações e a participação no monitoramento e avaliação dos processos de planejamento e execução. É preciso refletir sobre a democratização do acesso e permanência/continuidade nos estudos, a democratização dos saberes, a participação nos processos de planejamento e deliberação para que a autonomia da gestão possa ser fortalecida.

Sendo intenção da política educacional de Minas Gerais a aproximação entre a escola e a juventude e o fortalecimento da gestão democrática nas escolas, é essencial que os estudantes participem dos processos decisórios no cotidiano escolar. Dessa forma, a Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais reconhece o jovem como um sujeito de direitos e ator de conflitos, além da importância de sua atuação no seu contexto social (MARTINS, [2016]). Ademais, acredita que assegurar a criação, organização e atuação de Grêmios Estudantis, nas escolas estaduais, como entidades autônomas de representação dos interesses dos estudantes, é uma das ações que objetivam a efetivação de uma gestão

democrática e participativa, que contribua também para o exercício da cidadania. Quando atuante, o Grêmio tem o potencial de integrar os estudantes entre si, com toda a escola e com a comunidade. A participação se torna inerente ao processo de formação e os conflitos gerados nesse processo podem ser salutareos para a dinâmica escolar e para o reconhecimento de novos sujeitos (MARTINS; DAYRELL, [2016]).

No entanto, os Grêmios Estudantis não são uma realidade nas 2.327 escolas estaduais de ensino médio da rede estadual de Minas Gerais e, entre as que possuem Grêmio atuante, há relatos de conflitos e disputas constantes entre a gestão da escola e os integrantes desta organização, ou mesmo da subutilização desse espaço, que se reduz à realização de eventos culturais.

Desde 2015, a atual gestão da SEE estabeleceu que os jovens, sobretudo os de 15 a 17 anos de idade e em situação de evasão escolar, seriam um dos alvos no desenho de suas políticas educacionais. Com o objetivo de planejar e desenvolver ações que mobilizem os estudantes e contem com a participação de Movimentos Juvenis, em meados de 2015, a SEE criou, na Superintendência de Juventude, Ensino Médio e Educação Profissional (SEM), a Diretoria de Juventude (DJUV). Esta tem, entre suas principais ações, a Virada Educação Minas Gerais – VEM, que prevê a criação e a manutenção de canais de comunicação com os estudantes, com o objetivo de mobilizar a juventude e fomentar a participação no cotidiano educativo e, conseqüentemente, efetivar e fortalecer a autonomia e a gestão democrática das escolas da rede estadual mineira.

O interesse pelo tema da participação estudantil, como forma de fortalecimento da gestão democrática nas escolas, surgiu quando eu, Analista Educacional da Secretaria de Estado de Educação desde o ano de 2002, passei a compor, em janeiro de 2016, a equipe da Diretoria de Juventude, atuando, especificamente, à frente de estudos e pesquisas sobre participações estudantis que viabilizem a proposta da SEE.

Em todas as ações promovidas pela Diretoria de Juventude desde a sua criação, como as Rodas de Conversa, o Encontro Regional e os Encontros Estaduais de Estudantes, Dia da Virada, Fóruns Regionais, Seminários, entre outros, os estudantes reforçaram a sua necessidade de mais espaço de participação na gestão escolar e o quanto essa participação ainda não é uma realidade nas escolas. Essas ações se configuraram em importantes espaços de

escuta às demandas dos jovens estudantes mineiros e permitiram que a equipe da DJUV percebesse que, nas Superintendências Regionais de Ensino do interior do estado, os coletivos das escolas estão mais abertos à implantação dos Grêmios, ao contrário dos gestores das escolas estaduais das Superintendências Regionais da Região Metropolitana de Belo Horizonte, que têm sido mais resistentes a essa ação.

Apesar de as demandas apresentadas pelos estudantes e das ações de fomento à participação estudantil desenvolvidas, o número de Grêmios Estudantis, nas Escolas Estaduais de Ensino Médio da Região Metropolitana de Belo Horizonte, é insignificante. Em Belo Horizonte, a SEE conta com três regionais de ensino, que são responsáveis por 348 escolas de Ensino Médio. Dentre essas escolas, apenas 07 têm Grêmios Estudantis atuantes e, dentre elas, 02 apresentam conflitos constantes entre o gestor da escola e os representantes do Grêmio, sendo necessária a constante intervenção da Superintendência Regional de Ensino e da SEE.

Dentre as escolas de ensino médio da região metropolitana, duas se destacam pelas diferentes formas de vivenciar a participação estudantil no seu cotidiano: a Escola Chiquinha Gonzaga e a Escola Bezerra de Menezes¹. Embora pertençam à mesma regional de ensino, essas escolas se diferenciam não apenas pelo perfil socioeconômico de seus estudantes, mas muito mais pelas relações que se estabelecem entre a gestão e os estudantes.

A Escola Chiquinha Gonzaga se situa na região noroeste de Belo Horizonte e tem um Grêmio Estudantil ativo, que, no início do ano de 2016, organizou, em parceria com a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas – UBES, a ocupação da escola pelos estudantes, em protesto à decisão de cessão do prédio da escola ao Colégio Tiradentes da Polícia Militar, definida pela SEE. A escola cederia o espaço ocioso, no turno da tarde, para a outra instituição, visto que não há aulas neste período. Entretanto, os alunos consideraram que isso descaracterizaria o perfil da escola e, após dezesseis dias de ocupação, a SEE cedeu aos apelos dos estudantes e a decisão foi revogada. Convém salientar que toda a ação dos estudantes contou com o respeito e o apoio da gestora da escola, que considera a participação dos estudantes um ponto forte na sua rotina.

¹ Com o intuito de preservar a identidade das escolas pesquisadas os nomes utilizados nesta pesquisa são fictícios.

Ao contrário da Escola Chiquinha Gonzaga, a Escola Bezerra de Menezes, situada na região centro-oeste de Belo Horizonte, não possui Grêmio Estudantil e as relações com os estudantes não são, na percepção destes, marcadas pelo diálogo. As iniciativas dos estudantes em implementar autonomamente² o Grêmio têm sido frustradas, apesar do constante apoio do Presidente do Grêmio Estudantil da Escola Chiquinha Gonzaga e da UBES, que estabelecem contato constante com os estudantes desta instituição para ajudá-los nesse processo. No entanto, não há, ainda, um acordo sobre isso.

Essas diferenças foram contundentes na seleção dessas escolas como objeto de pesquisa da autora desse trabalho, uma vez que a identificação dos entraves à constituição e à atuação dos Grêmios Estudantis é essencial para o desenvolvimento da sua ação profissional e, sobretudo, da política educacional da SEE. Além disso, é importante entender o cenário das escolas da rede e as relações que nelas se estabelecem, sobretudo as conflituosas, pois nestas, a instituição escolar se torna uma arena de disputas, “há uma tendência à formação de um “NÓS”, que agrega os interesses dos estudantes, e dos “OUTROS”, que comporta os demais atores que não os estudantes” (MARTINS; DAYRELL, [2016], p.4).

Considerando, então, o número reduzido de Grêmios Estudantis instituídos e atuantes nas escolas estaduais de Belo Horizonte e as relações conflituosas reveladas pelos estudantes, é relevante para a SEE conhecer e entender quais os entraves à constituição de grêmios estudantis nas escolas estaduais de Belo Horizonte, no contexto da política estadual de fomento à participação estudantil, que, dentre outros objetivos, visa à democratização da gestão escolar.

Como objetivo geral, esse trabalho se propõe a identificar as ações e as relações vivenciadas nas escolas observadas e propor ações que podem ser desenvolvidas pela SEE, para que os Grêmios Estudantis sejam implementados nas escolas estaduais de Ensino Médio da rede estadual de ensino de Minas Gerais, de maneira a fomentar a participação dos estudantes no cotidiano escolar e, consequentemente, fortalecer a autonomia e a gestão democrática da escola.

Como objetivos específicos, pretende-se:

- Apresentar a Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais e a Diretoria de Juventude, responsável pelo desenho e implementação das

² Atualmente, a escola iniciou o processo de criação do Grêmio Estudantil, sob a coordenação de uma Especialista em Educação Básica (Supervisora Pedagógica) e de um professor.

ações de fomento à participação estudantil;

- Explicitar as ações de fomento à participação estudantil nas escolas de ensino médio da rede estadual de ensino de Minas Gerais
- Identificar as práticas participativas, promovidas pelo Grêmio da Escola Chiquinha Gonzaga e confrontá-las com a realidade vivenciada pelos estudantes da Escola Bezerra de Menezes;
- Propor um Plano de Ação Educacional que apresente propostas de implementação de Grêmios Estudantis, nas escolas estaduais mineiras, que representem os alunos e sejam espaços de participação e formação.

Para alcançar esses objetivos, realizamos um estudo de caso, de natureza descritiva, fundamentado em Dayrell (2006, 2010, 2016); Dayrell, Carrano e Maia (2014); Lück (2009, 2010, 2012, 2013) e Paro (2010, 2016). Além disso, utilizamos, como instrumento de coleta de dados, fóruns de discussão pelo *Whatsapp*³ com representantes dos estudantes e gestores das escolas selecionadas para esta pesquisa, além de questionários respondidos por estudantes e gestores.

O presente trabalho está, portanto, dividido em três capítulos. No Capítulo 1, apresentamos o caso a ser estudado, descrevendo as ações inerentes à Diretoria de Juventude e ao foco da política educacional da Secretaria de Estado de Educação, direcionada aos jovens de 15 a 17 anos, os dados contextuais das escolas selecionadas e considerações sobre o grêmio escolar e a sua importância na gestão da escola pública. No Capítulo 2, apresentamos, com base na situação descrita no capítulo anterior e nos dados coletados na pesquisa, os eixos de discussão que a fundamentam: Juventude; Gestão Democrática e Participação e como esses elementos se inter-relacionam e viabilizam os objetivos da VEM. E, finalmente, no Capítulo 3, após a análise dos dados coletados na pesquisa, apresentamos uma proposta para a implementação dos grêmios estudantis nas escolas estaduais mineiras, com vistas ao fortalecimento da gestão democrática.

³Software desenvolvido para *smartphones* e utilizado para a troca de mensagens de textos instantâneos, vídeos, fotos e áudios, através de uma conexão à internet. Esse *software* permite também a criação de grupos, que funcionam como fóruns de discussão e interação sobre temas diversos.

1 O CONTEXTO EDUCACIONAL DA JUVENTUDE DE MINAS GERAIS: DISTANCIAMENTO E EVASÃO ESCOLAR

O presente estudo de caso de gestão parte do contexto da implementação de políticas públicas de fomento à participação dos jovens estudantes nas escolas estaduais de Minas Gerais, com o objetivo de aproximá-la da juventude, tornando-a mais atrativa. Mais especificamente, trataremos do caso da criação de grêmios estudantis em escolas da rede estadual, enfatizando as dificuldades para a efetivação dos mesmos. Para compreender a referida proposta e os objetivos desse estudo, julga-se necessário apresentar o contexto educacional da juventude em Minas Gerais, a partir de informações do Censo Educacional e de pesquisas, como a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), destacando a política pública de “busca ativa”⁴ dos jovens em situação de evasão escolar, implementada pela Secretaria de Educação de Minas Gerais, em 2015, e denominada Virada Educação Minas Gerais – VEM.

Em 2015, ao identificar que 14,5% dos jovens de 15 a 17 anos do estado estavam fora da escola, conforme dados disponibilizados pela PNAD 2010 e pelo Censo Escolar 2014, a Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE) criou o Projeto Virada Educação Minas Gerais (VEM), com o objetivo de combater a evasão escolar. A VEM tem, entre suas propostas, o fomento à participação estudantil na escola, aproximando-a da juventude e tornando-a mais atrativa.

A partir de diálogos estabelecidos em Rodas de Conversa, realizadas nos 17 Territórios de Desenvolvimento⁵, com cerca de três mil estudantes e professores de 1.500 escolas das 47 Superintendências Regionais de Ensino em 2015, a equipe da

⁴ O conceito “busca ativa” é utilizado amplamente em políticas públicas de Assistência Social, sobretudo no Programa Brasil Sem Miséria do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome e implica na ação de localização de pessoas em situação de vulnerabilidade para a inclusão no Cadastro Único para acessar benefícios, como Bolsa Família, Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, dentre outros e também direitos básicos, como saúde, educação, saneamento e assistência social, por exemplo. Portanto, o que a SEE pretende é localizar jovens, sobretudo entre 15 e 17 anos de idade, que estão em situação de evasão escolar e, portanto, alijados de um direito público subjetivo, e garantir a eles o acesso e a permanência em escolas da rede pública para a devida conclusão da educação básica.

⁵ Em 2015, a atual gestão do Governo de Minas Gerais dividiu os 853 municípios do estado em 17 territórios de desenvolvimento, de acordo com interesses e afinidades socioeconômicas e geográficas. Em cada território, foi instalado um Fórum Regional de Governo, com o objetivo de permitir a escuta e a participação dos mineiros nos processos decisórios. Os territórios são Alto Jequitinhonha, Caparaó, Central, Mata, Metropolitano, Médio e Baixo Jequitinhonha, Mucuri, Noroeste, Norte, Oeste, Sudoeste, Sul, Triângulo Norte, Triângulo Sul, Vale do Aço, Vale do Rio Doce e Vertentes.

SEE identificou que os jovens anseiam por maior participação na escola e a consideram distante de sua realidade.

Promover ações que tragam de volta à escola os jovens em situação de evasão e fomentem a participação estudantil, tornando o espaço educacional mais atrativo, passou a ser o foco da política educacional mineira. Nesse sentido, o Grêmio Estudantil, organização representativa dos interesses dos estudantes na escola, pode se constituir em um importante aliado nesse processo, por ser um espaço de incentivo e viabilização da participação dos estudantes na gestão escolar. Quando atuante, o Grêmio tem o potencial de integrar os estudantes entre si e com toda a escola e a comunidade, configurando-se em um importante espaço de aprendizagem, cidadania, convivência e responsabilidade.

Neste capítulo, apresentaremos dados referentes à estrutura da Secretaria de Educação de Minas Gerais, com destaque para as ações da Diretoria de Juventude, além do contexto educacional dos estudantes entre 15 e 17 anos no Estado de Minas Gerais e o contexto das escolas selecionadas para esta pesquisa. Por último, serão apresentadas considerações sobre o Grêmio Estudantil como espaço legítimo de participação na gestão da escola.

1.1 O Sistema de Educação Estadual de Minas Gerais: a superintendência de juventude, ensino médio e educação profissional e a diretoria de juventude

De acordo com dados do Sistema Mineiro de Administração Escolar (SIMADE), referentes ao ano de 2015, Minas Gerais possui, em sua Rede Estadual de Ensino, 657.465 matrículas efetivas para o Ensino Médio, distribuídas em 2.327 estabelecimentos de ensino que atendem a esta etapa da Educação Básica.

A formulação, implementação e acompanhamento de políticas públicas educacionais, para o Ensino Médio, ficam sob a responsabilidade da Superintendência de Juventude, Ensino Médio e Educação Profissional (SEM), que compõe a Subsecretaria de Desenvolvimento da Educação Básica da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. As ações da SEM se orientam pela Missão da SEE, que propõe:

[...] assegurar o acesso, a inclusão e a permanência de todos os estudantes na educação básica, com efetiva aprendizagem, respeitando a diversidade, por meio da gestão democrática e participativa, que fortaleça o

protagonismo estudantil e a relação com a comunidade, com a valorização do profissional da educação e do trabalho coletivo (MINAS GERAIS, 2015b, s/p).

A SEM tem, portanto, o desafio permanente de viabilizar a democratização da escola pública, a partir da formação integral dos sujeitos da educação, do aprofundamento da participação estudantil e do estreitamento da relação entre a escola e a sociedade, pois de acordo com o INEP (2015):

A concretização do direito à educação, consagrado pela Constituição Federal de 1988 e por outros instrumentos legais, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996), perpassa pela garantia de que todos os cidadãos tenham oportunidades de acessar as instituições escolares e que encontrem nelas as condições propícias para concluir, na idade certa, suas etapas com níveis satisfatórios de aprendizagem. Em outras palavras, a garantia do direito à educação requer que ela seja significativa, isto é, dotada da qualidade que transforme a vida dos indivíduos e que esses, por sua vez, sejam capazes de modificar positivamente a sociedade (BRASIL, 2015, p 11).

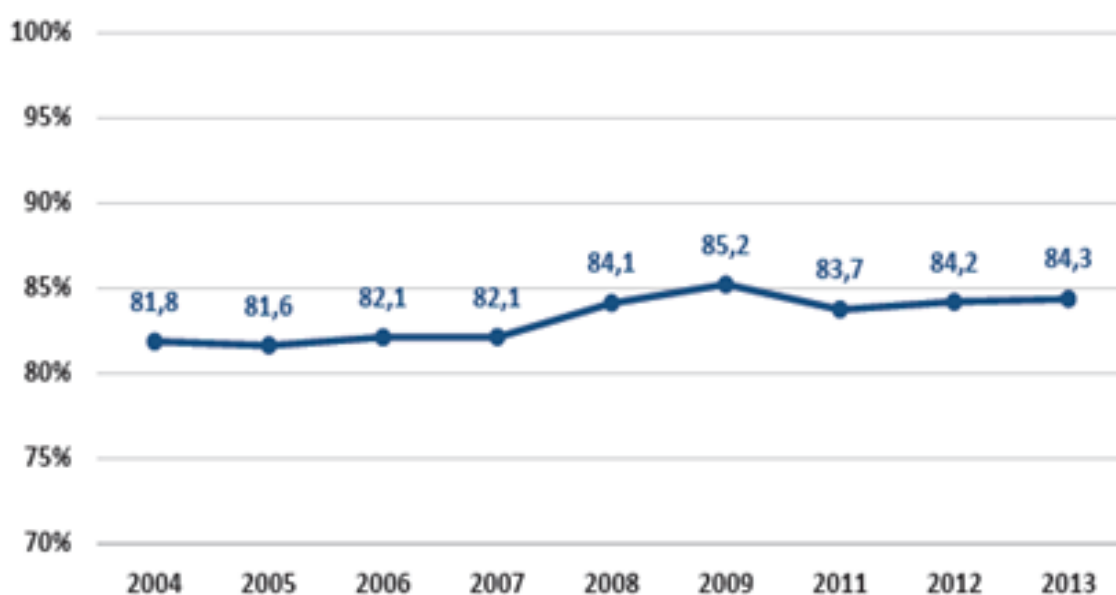
Diante disso e considerando a Emenda Constitucional nº 59, de 11 de novembro de 2009 - que conferiu nova redação aos incisos I e VII do art. 208 da Constituição Federal de 1988, tornando obrigatório o ensino de quatro a dezessete anos de idade -, a Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013, que alterou a LDB, oficializando essa prerrogativa, a Meta 3 do Plano Nacional de Educação (PNE) aprovado pela Lei nº13.005 de 25 de junho de 2014 - que propõe a universalização do ensino médio para toda a população de 15 a 17 anos de idade até 2016 -, e os dados disponibilizados pelo Censo Escolar (INEP, 2014), percebemos que ainda há muito a se fazer quanto à universalização e à democratização do acesso ao Ensino Médio.

Ao propor como meta a universalização do ensino médio para toda a população de 15 a 17 anos de idade até 2016 e elevar, até 2024, a taxa líquida de matrículas no ensino médio para 85%, a Meta 3 do PNE objetiva a efetivação do direito à educação aos jovens desta faixa etária e, consequentemente a sua permanência no Ensino Médio. Os indicadores referentes à matrícula de jovens de 15 a 17 anos, apresentados no documento Linha de Base: PNE 2014-2024, publicado pelo INEP em 2015 a partir de análises de dados referentes ao período de 2004 a 2013 ofertados pela PNAD, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revelam a dimensão do desafio desta proposição. Os dados

apresentados permitiram o cálculo de dois indicadores: o indicador 3A, que apresenta o percentual da população de 15 a 17 que frequenta a escola; e o indicador 3B, que apresenta a taxa líquida de matrículas no ensino médio para a população de 15 a 17 anos.

No Gráfico 1, discriminamos o percentual de jovens, entre 15 a 17 anos, que frequentavam a escola entre 2004 e 2013.

Gráfico 1 - Percentual da População de 15 a 17 anos que frequentava a escola (2004-2013) – Brasil

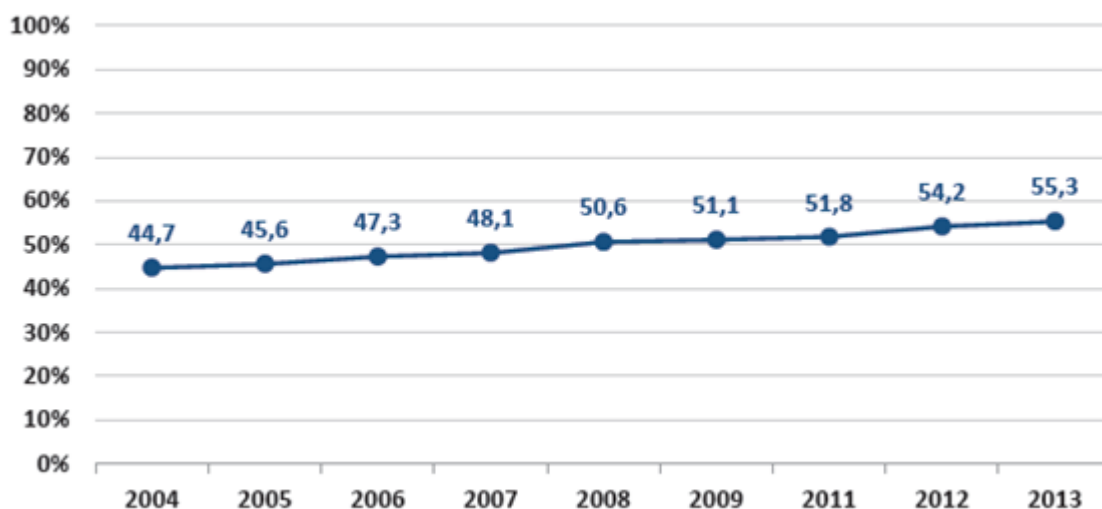


Fonte: Brasil (2015).

A análise deste gráfico nos permite identificar uma estagnação entre os percentuais no período apresentado, e revelam que ainda estamos distantes da meta de universalização da educação básica para esse público. De acordo com o INEP, “os dados registrados em 2013 para o indicador (84,3%) implicam que, em três anos, o crescimento necessário deverá ser de mais de 15 p.p., de forma a atingir a universalização do atendimento em 2016” (p.56).

Já o indicador 3B, que apresenta a porcentagem de jovens de 15 a 17 anos que frequentam o ensino médio, revela que, entre 2004 e 2013, houve um crescimento de 10 p.p. nessa taxa, pois em 2004, 44,7% frequentavam o ensino médio e, em 2013, o percentual foi de 55,3%, como podemos conferir no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Percentual da população de 15 a 17 anos que frequentava o ensino médio (2004-2013) – Brasil



Fonte: Brasil (2015).

Os dados apresentados no gráfico 2 nos mostram que em 2013, o país estava quase 30 p.p. abaixo do que se espera para 2024, com relação à matrícula dos jovens de 15 a 17 anos no Ensino Médio.

Os indicadores acima apresentados revelam que ainda há muito a se fazer para que a meta 3 do PNE possa se concretizar, corroborando com as informações da Pesquisa 10 Desafios do Ensino Médio no Brasil⁶, realizada pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) em 2014, que indicam que 16% da população brasileira, entre 15 e 17 anos de idade, está fora da escola, conforme Tabela 1.

⁶ Esse estudo foi realizado em 2014, a partir de grupos focais com adolescentes de 15 a 17 anos já excluídos ou em processo de exclusão do ensino médio nas cidades de Belo Horizonte (MG), Brasília (DF), Belém (PA), Fortaleza (CE), São Paulo (SP) e Santana do Riacho (MG). O estudo contou com o apoio da Secretaria de Educação Básica do MEC, do Observatório da Juventude⁶, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e do Instituto Internacional para o Desenvolvimento da Cidadania (Iidac). Além disso, os seus resultados e considerações, sobre a exclusão de adolescentes no ensino médio no Brasil, foram apresentados no Relatório “10 Desafios do Ensino Médio no Brasil: para garantir o direito de aprender dos adolescentes de 15 a 17 anos”.

Tabela 1 - População de 15 a 17 anos que não frequenta a escola, por etapa concluída, segundo idades – Brasil (2011)

População de 15 a 17 anos que não frequenta a escola, por etapa concluída, segundo idade – Brasil (2011)									
	IDADE	POPULAÇÃO TOTAL	Não frequenta escola por etapa concluída						
			TOTAL	NUNCA FREQUENTOU ESCOLA	ANALFABETOS	Ensino Fundamental			ENSINO MÉDIO COMPLETO
						ANOS INICIAIS INCOMPLETOS	ANOS INICIAIS COMPLETOS	ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO	
BRASIL	15	3.573.982	287.601	17.231	30.788	25.684	33.499	160.277	20.122
	16	3.600.306	513.368	18.741	49.839	28.742	45.095	284.073	86.878
	17	3.405.772	921.206	23.881	61.548	35.387	46.047	412.829	341.514
TOTAL		10.580.060	1.722.175	59.853	142.175	89.813	124.641	857.179	448.514

Fonte: Unicef (2014).

Além do acesso universal à educação, que ainda não se efetivou como direito para os jovens brasileiros de 15 a 17 anos, conforme a tabela acima, está também, entre os desafios da Meta 3 do PNE, a trajetória dos jovens na educação básica, sobretudo no ensino médio, pois ainda são consideráveis as taxas de distorção idade-série, conforme apresentado na Tabela 2:

Tabela 2 - Taxa de distorção idade-série – Ensino Médio – Brasil (2012)

Taxa de Distorção idade- série no ensino médio – Brasil (2012)				
LOCALIZAÇÃO		ETAPA		
		1ª série	2ª série	3ª série
TOTAL	31,1	34,9	29,4	26,8
RURAL	43,5	46,0	42,2	41,0
URBANA	30,6	34,4	28,8	26,3

Fonte: Unicef (2014) – Adaptado pela autora

Os jovens brasileiros têm, pois, apresentado dificuldade para progredir nos estudos, uma vez que mais de 30% dos estudantes do ensino médio se encontram em situação de distorção idade-série, ou seja, não concluíram o ensino fundamental na idade de direito (14 anos). Consequentemente, esses estudantes chegam ao ensino médio com a idade mais elevada do que o previsto pelas bases legais. Além do fracasso escolar, que os conduz a reprovações sucessivas e ao ingresso tardio no ensino médio, há, ainda, outro entrave à consecução do direito à educação: a

permanência na escola.

Em 2012, os índices de abandono e reprovação escolar no Ensino Médio do Brasil, apresentados na Tabela 3, reforçam os dados da pesquisa conduzida pelo UNICEF (2014), a respeito do gargalo, no fluxo do ensino médio, que impacta seriamente no desenvolvimento social e econômico do país, pois apenas 9% dos jovens, entre 18 e 24 anos, ingressam no curso superior, sendo que 69,1% não estudam e, provavelmente, não concluíram o ensino médio (UNICEF, 2014).

Tabela 3 - Taxa de reprovação e abandono no ensino médio (%) - Brasil (2012)

Indicadores de reprovação e abandono no Ensino Médio	Anos			
	1º ano	2º ano	3º ano	Total
Taxa de Reprovação no ensino médio	16,8	11,1	6,9	2,2
Taxa de abandono no ensino médio	11,6	8,5	6,3	9,1

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da Unicef (2014).

As taxas de reprovação e abandono (sobretudo no 1º ano do ensino médio), somadas à taxa de distorção idade-série, confirmam o gargalo existente no ensino médio e nos permitem inferir que a continuidade dos estudos e a conclusão da educação básica se constituem em desafios complexos à universalização e à democratização do acesso à educação. Ao chegar, às vezes, tardiamente a essa etapa da educação básica, os estudantes ainda precisam ser exitosos e superar as adversidades que conduzem à reprovação ou ao abandono da escola.

Em Minas Gerais, a situação dos jovens de 15 a 17 anos de idade é bem semelhante à nacional, pois os maiores índices de reprovação e de abandono também ocorrem no 1º ano do Ensino Médio. Além disso, as taxas são bem próximas às do país, com percentuais de 16,5% e 10,1%, respectivamente, conforme demonstrado na Tabela 4.

Tabela 4 - Taxas de reprovação e aprovação no ensino médio por ano - Rede Estadual de Minas Gerais – (2014)

Ensino Médio	Reprovação	Abandono	Aprovação
1º ano	16,5% 44.307	10,1% 27.121	73,4% 197.096
2º ano	10,0% 21.727	9,2% 19.989	80,8% 175.552
3º ano	7,8% 14.768	5,6% 10.603	86,6% 163.959

Fonte: Censo Escolar (2014) – Adaptado pela autora.

Com relação ao número de jovens fora da escola, a situação é a mesma do cenário nacional, pois, conforme os dados do último Censo Demográfico e do Censo Educacional 2014, a população mineira soma 1.098.492 (um milhão, noventa e oito mil, quatrocentos e noventa e dois) de jovens entre 15 e 17 anos de idade e destes, 159.608 (14,5%) não estão estudando. Em Minas Gerais, esses jovens também apresentam dificuldades em concluir as etapas da educação básica na idade de direito, pois 268.391 (cerca de 24%) ainda estão no Ensino Fundamental e cerca de 7 mil não estavam sequer alfabetizados.

A partir da análise de dados da PNAD (IBGE, 2013) e do Mapa da Violência (JACOBO, 2015), a SEE identificou que, em relação ao perfil socioeconômico, do total, 25,1% dos jovens estavam ocupados, 18% estavam empregados, mas apenas 6,12% tinham carteira assinada. Além disso, há um quadro de violência letal que atinge os jovens entre 15 e 29 anos no Brasil, sobretudo os negros, pobres, do sexo masculino. Essas análises revelaram que as mortes por arma de fogo, no Brasil, tiveram um crescimento de 11,7%, de 2002 a 2012. Embora a região Sudeste tenha registrado queda de 39,8%, diante dos resultados de São Paulo e Rio de Janeiro, o estado de Minas Gerais apresentou um aumento de 53,7%. Entre a população jovem, esse aumento foi de 59,3%.

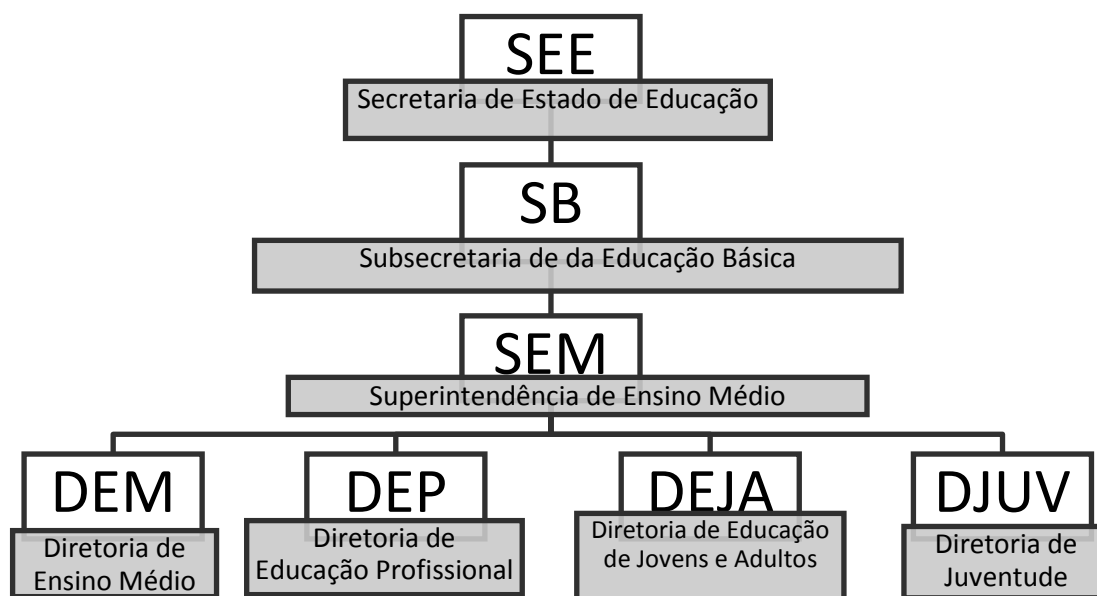
Diante da representatividade demográfica dos jovens de 15 a 17 anos, no conjunto da população e das questões sociais, sobretudo em relação à situação de violência em que estão inseridos e que, no contexto educacional, esse grupo é o público prioritário do ensino médio - embora a ele não tenha ainda acesso universalizado-, a SEE acredita que a juventude merece especial atenção. Atenta também à estratégia 3.9 do PNE (BRASIL, 2015), que propõe “a busca ativa da população de 15 (quinze) a 17 (dezessete) anos fora da escola, em articulação com os serviços de assistência social, saúde e proteção à adolescência e à juventude” (p.9), a atual gestão da Secretaria de Estado de Educação definiu a juventude como centralidade da Política Educacional. De acordo com a SEE (2016):

[...] tal escolha é coerente também com um movimento diferenciado que tende a complexificar e ampliar o debate em torno da juventude, inclusive acerca das suas representações sociais, que caracteriza-se por reconhecer a juventude para além da adolescência, tanto em relação à faixa etária, como em relação a características que definem o que é ser jovem. Por isso, aponta para a necessidade de rever antigas concepções sobre o modo de se pensar políticas de juventude, dando lugar a concepções que

considerem as/os jovens como sujeitos de direitos e como parte importante na construção das políticas. (MINAS GERAIS, 2016d, p.1)

Diante da necessidade de desenvolver ações específicas para esse contexto, a SEE criou, em agosto de 2015, a Diretoria de Juventude (DJUV), que juntamente com a Diretoria de Ensino Médio, a Diretoria de Educação de Jovens e Adultos e a Diretoria de Educação Profissional, constituem a Superintendência de Juventude, Ensino Médio e Educação Profissional (SEM), que, por sua vez, integra a Subsecretaria de Desenvolvimento da Educação Básica (SB), conforme o organograma apresentado na Figura 1.

Figura 1 - Organograma da SEE



Fonte: Elaborado pela autora.

Após a criação da DJUV, a SEE pactuou, com a Secretaria de Planejamento e Gestão do Estado de Minas Gerais (SEPLAG), o Planejamento Estratégico da SB e definiu os objetivos estratégicos para o Ensino Médio, que norteiam as ações desta diretoria e atendem, também, às metas e estratégias, estabelecidas no PNE 2014-2024, para essa etapa da educação básica. São eles:

Universalizar o atendimento escolar da Educação Básica, com qualidade, em todas as etapas e modalidades, com atenção especial para a população jovem; reduzir as desigualdades educacionais entre regiões, escolas, turmas e estudantes, elevando a taxa de alfabetização da população com

15 (quinze) anos ou mais e aperfeiçoando a educação de jovens e adultos. (MINAS GERAIS, 2015b, s/p)

À DJUV, cabem o planejamento e o desenvolvimento de ações que mobilizem a juventude, dialogando permanentemente com os Movimentos Juvenis, por meio da criação e da manutenção de canais de comunicação, como a Virada Educação (VEM), a Rede de Representantes Estudantis e as Rodas de Conversa. Essas iniciativas consistem em dinâmicas, discussões em grupos e apresentações, momentos em que os estudantes, profissionais da educação e comunidade local são chamados a opinar sobre o que a escola tem de bom e o que lhe falta para cumprir a sua função (MINAS GERAIS, 2015a). Essas ações devem, de acordo com o Planejamento Estratégico da SEE, promover os seguintes benefícios:

Aproximar a escola da juventude; abrir as escolas para a comunidade; reduzir a evasão escolar; incentivar, valorizar e criar condições para a construção da memória das escolas; oferecer maiores condições para o compartilhamento de informações e conteúdos entre as escolas e sua comunidade, e entre SEE e Escolas; dar visibilidade ao que é produzido pelas escolas e às questões do seu cotidiano. (MINAS GERAIS, 2015b, s/p).

Como Analista Educacional na Diretoria de Juventude, atuo especificamente à frente de estudos e pesquisas, e tenho a responsabilidade de elaborar e desenvolver ações que envolvam a pesquisa, o levantamento de dados, além da sistematização, análise e elaboração de conteúdos, propostas metodológicas, sugestão de temas, materiais e recursos para a formação dos jovens e dos Coordenadores Regionais da Juventude (Analistas Educacionais das Superintendências Regionais de Ensino), fomentando a participação dos estudantes na gestão da escola. Dessa forma, o acompanhamento do projeto VEM - marco da política de fomento à participação estudantil no estado de Minas Gerais - está entre minhas atribuições. Para tanto, acompanho o seu desenho, propostas, objetivos e resultados, além de ser responsável por analisar tal projeto.

1.1.1 Política de Fomento à participação estudantil nas escolas da rede estadual de ensino: Virada Educação Minas Gerais

A Virada Educação Minas Gerais, iniciada em 2015, constitui-se em um projeto que objetiva tornar a escola mais atrativa para os jovens e incentivar a sua

participação nos processos decisórios. Entretanto, esse é também um processo de busca ativa de jovens entre 15 e 17 anos de idade em situação de evasão escolar. Portanto, neste trabalho, as referências à Campanha VEM estão associadas às ações mais específicas de reinserção dos jovens evadidos à escola.

Várias ações foram realizadas, no âmbito desse projeto, para diagnosticar o contexto educacional dos jovens estudantes mineiros e dos educadores, a fim de conhecer os desafios, dificuldades e as potencialidades das escolas e, então, propor soluções coletivas para os problemas detectados e tornar a escola mais atrativa para os jovens. No Quadro 1, apresentamos um resumo das ações desenvolvidas na VEM, de 2015 até o mês de julho de 2017, e que serão descritas com mais detalhes nesta seção.

Quadro 1 - Resumo das ações da VEM 2015 – 2017

(continua)

Virada Educação Minas Gerais – Principais ações		
Data/Período	Ações	Público alvo
8 de julho de 2015	Análise e discussão dos resultados da escola nas avaliações externas	Direção, Professores e Especialistas.
11 de julho de 2015	Apresentação dos resultados da escola nas avaliações externas e análise contextual	Comunidade escolar (direção, especialistas, professores, estudantes e famílias).
Agosto a novembro de 2015	Rodas de Conversa nos Territórios de Desenvolvimento	Estudantes e professores do Ensino Médio.
19 de setembro de 2015	Dia da Virada Educação e lançamento da Campanha VEM 2015	Professores, estudantes, famílias, comunidade local.

Quadro 1 – Resumo das ações da VEM 2015 – 2017

(conclusão)

Virada Educação Minas Gerais – Principais ações		
Data/Período	Data/Período	Data/Período
17 de setembro a 28 de outubro de 2015.	Inscrições da Campanha VEM.	Jovens em situação de evasão escolar que desejam retornar à escola em 2016.
Fevereiro de 2016	Semana de Acolhimento	Estudantes de todas as escolas da rede estadual
17 de maio de 2016	Encontro Regional de Representantes da Juventude	Estudantes do Ensino Médio das Superintendências Regionais de Ensino (1 por SRE)
14 a 16 de julho de 2016	I Encontro Estadual Educação e Juventude	Representantes dos estudantes do Ensino Médio das 47 SRE (3 por SRE)
22 a 27 agosto de 2016	Semana Escola em Movimento	Professores, Especialistas, Direção, Estudantes e famílias.
17 de setembro de 2016	Dia da Virada e lançamento da Campanha VEM 2016	Professores, estudantes, famílias, comunidade local
17 de setembro a 4 de novembro de 2016	Inscrições da Campanha VEM	Jovens em situação de evasão escolar que desejam retornar à escola em 2017
Fevereiro de 2017	Semana de Acolhimento 2017	Estudantes de todas as escolas da rede estadual
Março a maio de 2017	Eleição dos Representantes de Turma; Criação dos Conselhos de Representantes Estudantis das Escolas (por Regional) e fortalecimento da Rede estadual de Representantes Estudantis das Regionais de Ensino	Estudantes dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio
Abril e maio de 2017	Criação de Coletivos Estudantis nas escolas de ensino médio integrantes do Programa Ensino Médio Inovador (ProEMI) do Governo Federal	Estudantes do ensino médio das 1818 escolas habilitadas ao programa.

Fonte: Elaborado pela autora.

As ações da Virada Educação Minas Gerais começaram, basicamente, a partir das discussões realizadas em todas as escolas da rede estadual, nos dias 8 e 11 de julho de 2015, sob a orientação da SEE. As escolas discutiram, com seus profissionais e com a Comunidade Escolar, os resultados das avaliações externas, em articulação com os aspectos do contexto local para elencar potencialidades e desafios, tendo como elementos norteadores os eixos da política educacional estabelecidos pela gestão 2015/2018, que são: Sujeitos e Tempos de Vivências, Currículo e Saberes Docentes, Território e Gestão Democrática, de acordo com a

Figura 2.

Figura 2 - Eixos da Política Educacional da Rede Estadual de Minas Gerais



Fonte: Subsecretaria de Educação Básica/SEE (2015).

Essas discussões, que configuraram uma ação mobilizadora da comunidade escolar, foram o primeiro momento da Virada Educação Minas Gerais, e tiveram como objetivo o apontamento dos avanços e desafios, referentes à organização do trabalho escolar, ao processo ensino-aprendizagem, à gestão escolar, ao desempenho educacional, às relações interpessoais, à convivência democrática e à educação integral. Ao discutirem os seus principais desafios, fragilidades e potencialidades, as escolas puderam, também, estabelecer questões prioritárias e orientadoras de suas ações e projetos educacionais.

Já as Rodas de Conversa, realizadas nos 17 Territórios de Desenvolvimento, contaram com a participação de cerca de 3 mil estudantes e educadores,

representando 1450 escolas das 47 Superintendências Regionais de Ensino⁷. Nesses momentos, foram discutidos os pontos fortes e os pontos de melhoria das escolas, havendo a proposta de construção de consensos e levantamento de soluções sobre os problemas elencados. Em todas as Rodas de Conversa, os estudantes argumentaram a necessidade de maior participação na gestão das escolas, reconhecendo a importância dessa instituição no seu processo de formação e na vivência da cidadania.

Essas demandas corroboram com os dados da pesquisa do UNICEF (2014), para a qual alguns dos obstáculos à permanência dos jovens no Ensino Médio:

[...] estão relacionados ao contexto socioeconômico dos adolescentes, como o trabalho precoce, a gravidez e a violência familiar e no entorno da escola. Outros são vinculados a questões ligadas à organização da escola, como os conteúdos desinteressantes, distantes da realidade dos alunos; a falta de diálogo entre alunos, professores e a gestão da escola; a desmotivação e as condições de trabalho dos professores; a violência existente no cotidiano escolar; e a infraestrutura precária dos estabelecimentos. Ampliar os investimentos, melhorar o fluxo escolar, mudar a organização e o currículo são alguns dos desafios que, segundo especialistas e os próprios adolescentes ouvidos pelo estudo, devem ser enfrentados para mudar o atual cenário de exclusão que persiste no ensino médio, de forma a garantir o direito à conclusão da educação básica para todos os brasileiros. (UNICEF, 2014, p.55).

Com vistas à superação desse processo de exclusão dos jovens, a SEE orientou as escolas da rede pública estadual a realizarem o Dia da Virada, abrindo as suas portas à comunidade local e oferecendo atividades diversificadas. O Dia da Virada foi realizado em 19 de setembro, data do aniversário de Paulo Freire, e teve como inspiração o evento homônimo realizado em 2014, na capital paulista, pelo movimento Entusiasmo.

Foram parceiros da Virada Educação Minas Gerais o Programa Cidadania dos Adolescentes do UNICEF, Fórum da Juventude da Grande Belo Horizonte, Oficina de Imagens, Internet sem Fronteiras, Associação Imagem Comunitária e Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte.

O objetivo da Virada foi iniciar o processo de chamamento dos jovens em situação de evasão escolar. Assim, os espaços e entornos das escolas foram ocupados com atividades diversas, pensadas e organizadas pela comunidade

⁷A gestão da SEE é descentralizada, por meio das SRE - Superintendências Regionais de Ensino, que atualmente são 47. Os municípios mineiros são distribuídos nessas Superintendências, agrupados por regionais, de acordo com a proximidade geográfica. Assim, cada regional de ensino tem sob sua responsabilidade uma determinada quantidade de municípios e escolas.

escolar para atrair os adolescentes e jovens em situação de evasão, visando a melhoria da educação e a garantia do acesso desse direito a todos.

A SEE deixou a critério das escolas a seleção dessas atividades, desde que elas ocupassem espaços diversos na escola ou no entorno, como praças, parques e ruas com grande circulação de pessoas. Além disso, foi determinado que elas deveriam ser atrativas para jovens e comunidade em geral. Nesse sentido, foram desenvolvidas oficinas de artesanato; grafite; culinária; corte e cabelo; estética, maquiagem; desenho; dentre outras, além de cavalgada; teatro; campeonatos esportivos; palestras; passeios ciclísticos; caminhadas e shows musicais, com a participação de estudantes, professores, familiares, parceiros das escolas e comunidade local.

O Dia da Virada foi, portanto, um momento de visibilidade para a Campanha VEM, que, em 2015, foi realizada entre os dias 21 de setembro e 30 de outubro. Esse momento buscou identificar jovens que tinham o interesse em retomar os estudos nas escolas estaduais de Minas Gerais.

Para esta Campanha, a SEE disponibilizou, em sua página oficial na internet, um formulário *online*, em que os jovens interessados em retornar às escolas, em 2016, deveriam informar a escola que gostariam de se matricular, que ano de escolaridade concluíram, o que pretendiam cursar e o turno de preferência. Inicialmente, cerca de 22 mil jovens e adultos mineiros demonstraram interesse em retomar os estudos e efetivaram as suas matrículas na rede pública, em 2016.

Em abril de 2016, a Superintendência de Organização e Atendimento Escolar (SOE), responsável pelo acompanhamento das matrículas dos alunos de toda a rede pública estadual, constatou que houve um aumento de cerca de 114 mil novas matrículas para a Educação de Jovens e Adultos - ensino fundamental (anos finais) e Educação de Jovens e Adultos - Ensino Médio e Ensino Médio Regular. Para essa etapa, foram efetivadas cerca de 47 mil matrículas e, parte considerável destas possibilitou a abertura de novas turmas no noturno, período que, em 2016, também foi reestruturado na rede. Essa reestruturação visava garantir a permanência, com qualidade, do jovem trabalhador na escola e o estabelecimento de diálogo entre o processo educativo e o mundo do trabalho.

Convém salientar que todas as ações desenvolvidas pelas escolas, no âmbito da VEM, são devidamente registradas e encaminhadas à Superintendência Regional de Ensino e à Secretaria de Educação, para que a Equipe da DJUV possa

acompanhar o seu desenvolvimento, identificando as fragilidades e potencialidades de todo o processo. As informações são arquivadas e a equipe produz, ao final do ano, um relatório com observações e análises pertinentes, construindo um Memorial da VEM, que é disponibilizado às Regionais e escolas.

Dando continuidade ao processo de aproximação da escola com o universo dos jovens, sobretudo dos que a ela retornaram pela Campanha VEM, em fevereiro de 2016, as escolas foram orientadas a dedicarem a primeira semana de aula à acolhida aos estudantes, oferecendo atividades diversificadas, e abordando, entre outros temas, a participação dos jovens na escola. Em carta encaminhada pela Subsecretaria de Desenvolvimento da Educação Básica (SB), foi sugerido que cada escola organizasse momentos de planejamento e acolhimento, que a ajudassem a pensar coletivamente os seus percursos e itinerários percorridos até então, além de possibilidades de ampliação em 2016. De acordo com a carta da SB:

Para a volta às aulas, em fevereiro, acreditamos que é fundamental o conhecimento, por todas as pessoas envolvidas na escola, professores, funcionários e equipe pedagógica, das ações previstas, de suas concepções e das transformações nos tempos, espaços e saberes da escola. Sugerimos, então, dois momentos efetivos de reflexão, o primeiro dedicado aos **cinco dias escolares de 01 a 05 de fevereiro**, que chamamos de **Tempo de Planejamento**, e o segundo, entre os **dias 11 e 19 de fevereiro**, que será o **Tempo de Acolhimento**. (MINAS GERAIS, 2016c, p.2-3)

As escolas deveriam programar momentos de acolhida, em pelos menos três dos cinco dias do Tempo de Acolhimento, com o objetivo de permitir momentos de encontro, troca de ideias, definição coletiva de regras, definição de projetos e discussão de formas de organização, como, por exemplo, a criação de Grêmios Estudantis, além da eleição de representantes de turma, a participação nos Colegiados Escolares e, sobretudo, a construção do sentimento de pertencimento ao espaço da escola.

A partir da análise de todos os registros das principais ações da VEM 2015 e da Semana de Acolhimento, devidamente encaminhados pelas escolas e regionais de ensino e organizados no Banco de Dados da DJUV, a equipe elencou os aspectos mais relevantes a serem melhorados nas escolas e os organizou em três categorias:

- Participação e gestão democrática - atendendo à demanda por maior participação dos estudantes em todos os processos da escola;
- Comunicação, Mídia, Novas Linguagens e Tecnologias - atendendo à demanda pela inovação das metodologias e didáticas de ensino;
- Diversidade, Inclusão e Ações Afirmativas - atendendo à demanda pela inserção de temas transversais nos currículos e por maior proximidade com as temáticas relativas à juventude.

A partir dessas categorias, a VEM 2016 passou a ter como foco os direitos à permanência e à aprendizagem do estudante, pois o retorno do jovem à escola foi apenas uma etapa do processo de combate à evasão escolar, mas não é suficiente. É preciso garantir a sua permanência na escola com qualidade e aprendizagem. Por isso, é preciso que a escola repense os espaços de participação, as metodologias de ensino, a inclusão e a redução das desigualdades. A escola precisa se movimentar, ser dinâmica, viva, como os jovens pleiteiam. Torna-se necessário, então, o envolvimento de toda a Comunidade Escolar, para que as mudanças necessárias possam ser construídas de forma democrática e dinamicamente.

Para que a Campanha VEM 2016 contasse com maior participação dos jovens estudantes mineiros, a DJUV orientou as SRE a escolherem, dentre os estudantes das suas escolas de Ensino Médio, jovens de 15 a 17 anos, com perfil de liderança, que participasse de algum órgão colegiado da escola, do Grêmio Estudantil, ou de associações comunitárias para serem os jovens de referência da regional durante toda a Campanha VEM. Esses jovens participaram do Encontro Regional de Representantes da Juventude, promovido pela DJUV, com o intuito de planejar e desenvolver ações de mobilização da juventude em cada uma das Superintendências Regionais de Ensino, ampliando, assim, os canais de comunicação com os estudantes e potencializando as ações da VEM.

Nesse encontro, os jovens participaram de rodas de conversa, com temas ligados às categorias da Campanha VEM apresentados anteriormente (Participação e Gestão Democrática; Comunicação, Mídia, Novas Linguagens e Tecnologias e Diversidade, Inclusão e Ações Afirmativas). Além disso, também debateram sobre o envolvimento dos jovens estudantes na construção de políticas e na gestão escolar, como forma de garantir o direito à aprendizagem.

As atividades desenvolvidas e as discussões realizadas culminaram na criação, pelos jovens, de um grupo no Whatsapp, que conta com a participação da

equipe de profissionais da DJUV. O grupo é administrado por um grupo de estudantes e tem o objetivo de trocar informações, ideias e compartilhar problemas e situações diversas, relacionados ao cotidiano de suas escolas e regionais e à Campanha VEM.

O Encontro Regional foi também um momento de preparação para o I Encontro Estadual Educação e Juventude, realizado em julho de 2016, ocasião do lançamento oficial da Campanha VEM 2016. O encontro contou com a participação de três representantes estudantis por SRE, cuja escolha foi orientada para que se garantisse a diversidade (incluindo jovens de escolas quilombolas e indígenas), mas mantendo o perfil de liderança solicitado no Encontro Regional. O evento contou com atividades culturais, rodas de conversa e palestras, sempre com foco nas categorias de discussão da Virada 2016 e com vistas à criação de espaços de participação dos estudantes nas escolas, dentre eles o Grêmio Estudantil. Para a realização das rodas de conversa, a SEE contou com a parceria de entidades e instituições, como a Rádio Inconfidência, União Colegial de Minas Gerais (UCMG), União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES), Circuito Fora do Eixo e Fórum das Juventudes da Grande BH.

Mais uma vez, os jovens se manifestaram quanto à escassez de espaços de participação na gestão de suas escolas, e também afirmaram que as aulas pouco ou nada dialogam com as novas tecnologias da informação e da comunicação, disponíveis na sociedade e amplamente utilizadas por eles. Também relataram que a ausência constante de diálogo, entre gestão e estudantes, dificulta o desenvolvimento de atividades de valorização da diversidade.

De acordo com os jovens, a escola se mantém estagnada na reprodução de velhos paradigmas. Além disso, para eles, espaços de construção dinâmica do novo, tão marcante nas juventudes, são praticamente inexistentes. Esse conflito é abordado por Juarez Dayrell, no texto “A escola como espaço sociocultural”. De acordo com o autor, enquanto espaço sociocultural, a escola é:

Um espaço social próprio, ordenado em dupla dimensão. Institucionalmente, por um conjunto de normas e regras, que buscam unificar e delimitar a ação dos seus sujeitos. Cotidianamente, por uma complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos, que incluem alianças e conflitos, imposição de normas e estratégias individuais, ou coletivas, de transgressão e de acordos. Um processo de apropriação constante dos espaços, das normas, das práticas e dos saberes que dão forma à vida escolar(...). Dessa forma, o processo educativo escolar recoloca a cada

instante a reprodução do velho e a possibilidade de construção do novo, e nenhum dos lados pode antecipar uma vitória completa e definitiva. Esta abordagem permite ampliar a análise educacional, na medida em que busca apreender os processos reais, cotidianos, que ocorrem no interior da escola, ao mesmo tempo em que resgata o papel ativo dos sujeitos, na vida social e escolar. (DAYRELL, 2010, p. 2).

De acordo com os estudantes, os seus espaços de participação, nas escolas, e as suas formas de organização precisam ser ampliados, para que o processo educativo não se restrinja à mera reprodução de conteúdos, normas e práticas, que em nada dialogam com a realidade da juventude. A escuta aos jovens permitiu, à DJUV e à SEE, o desenho e a definição de novas ações para a VEM, com o intuito de ampliar e fortalecer esses espaços.

Nessa perspectiva, uma nova ação foi proposta às escolas: a Semana Escola em Movimento. Desenvolvida entre os dias 22 a 27 de agosto de 2016, com toda a comunidade escolar, mas com ênfase especial nos estudantes, a Semana Escola em Movimento teve, segundo a SEE o objetivo de:

[...] proporcionar um momento de diálogo, reflexão e planejamento coletivo das escolas, a partir da análise dos processos e resultados das avaliações externa e interna, tendo em vista a relação entre ambas. Também deseja-se que as escolas refaçam seus itinerários avaliativos por meio da proposição de ações coletivas que contribuam para a garantia do direito à aprendizagem. E, por fim, também deseja-se que as escolas construam uma proposta de intervenção para o dia da Virada Educação Minas Gerais, a realizar-se no dia **17 de setembro** próximo. (MINAS GERAIS, 2016c, Anexo 1, p.1)

Todas as Superintendências Regionais de Ensino participaram de uma videoconferência para a discussão, orientação e esclarecimentos quanto às atividades a serem desenvolvidas. Além disso, todas as escolas receberam um documento orientador, elaborado pela SEE, a respeito do teor e objetivos da referida semana. As escolas deveriam se dedicar a dialogar, discutir e refletir sobre os seus processos de avaliação – externa e interna – com toda a comunidade escolar, para refazer os seus itinerários pedagógicos e planejar ações para 17 de setembro, Dia da Virada Educação Minas Gerais 2016.

A cada escola, foi solicitada a análise dos resultados das suas avaliações externas e internas, a partir dos eixos Direito à aprendizagem; Gestão democrática e participativa; Fortalecimento do trabalho coletivo; e Relação da escola com a comunidade. A partir disso, foi possível construir, assim, um olhar coletivo sobre a

avaliação e a garantia do direito à aprendizagem, com a participação de todos os sujeitos do processo educativo, sobretudo os estudantes. Nessa discussão, conforme orientação da SEE, a escola deveria apresentar, para cada eixo, propostas de ação pedagógica

[...] a serem construídas e executadas ao longo do semestre, ou ao longo do próximo ano, a depender do tipo de ação e dos seus objetivos. Dentre as propostas, a escola poderá incluir ações que já desenvolve e que tenham se mostrado eficazes no processo de consolidação da aprendizagem dos estudantes. Portanto, é interessante que, nesse momento, o coletivo procure identificar iniciativas que já existam e que possam ser potencializadas. As ações propostas podem ser pontuais ou de caráter permanente. Por fim, é fundamental que os estudantes também proponham ações (MINAS GERAIS, 2016c, Anexo 1, p.3).

A partir dessas discussões e definições, as escolas planejaram as atividades para o Dia da Virada, que deveriam contemplar os seguintes formatos:

- a) Diálogos: atividades que envolvam discussões e debates. Ex.: rodas de conversa, mesas redondas, debates, etc.
- b) Exibições: atividades que exploram as linguagens audiovisuais. Ex.: cineclubes, mostras, exposições, instalações, etc.
- c) Intervenções: atividades que tenham o objetivo de modificar ou provocar mudanças sobre determinada situação. Ex.: mutirões, passeatas, panfletagens, etc.
- d) Trilhas e oficinas: atividades de caráter formativo, podendo gerar produtos. Ex.: oficinas, workshops, jogos educativos, etc.

A SEE solicitou, às escolas, o registro de todas as ações desenvolvidas na Semana Escola em Movimento. Ademais, as equipes da Secretaria de Educação e das Superintendências Regionais de Ensino percorreram, com a presença dos representantes estudantis, as escolas da capital e do interior, para acompanhar os diálogos e identificar as demandas das escolas e, sobretudo, das juventudes. Com a divulgação de suas ações exitosas e com as suas propostas para a oferta de um processo mais dinâmico, as escolas podem ganhar mais visibilidade na comunidade local e, conseqüentemente, dialogar com a realidade dos jovens, viabilizando a construção e a vivência de uma trajetória escolar de sucesso.

O acompanhamento das atividades do Dia da Virada também foi feito pela equipe da DJUV, que contou, ainda, com a participação de cerca de 100 servidores de demais setores da SEE, que se disponibilizaram a visitar as escolas da região

metropolitana e a entrevistar profissionais, familiares e estudantes sobre a VEM e sobre a sua importância no cotidiano da juventude e das escolas. Cada servidor recebeu um roteiro de entrevista e foi orientado a registrar, também, em fotos e/ou vídeos, as atividades mais interessantes, para que a equipe da DJUV pudesse, posteriormente, organizar o memorial da VEM e identificar se houve, realmente, a participação e o envolvimento dos estudantes nas atividades. Consequentemente, a partir dessas ações, seria possível identificar as escolas que ainda não conseguiram ampliar os seus espaços de participação para futuro acompanhamento e intervenção.

A Campanha VEM 2016 foi, então, iniciada em 17 de setembro, Dia da Virada. Diferentemente do ano anterior, quando foi disponibilizado um formulário online, em 2016, os jovens em situação de evasão, que desejavam retomar os estudos em 2017, deveriam procurar uma escola próxima de sua residência ou de seu interesse para preencher o formulário de inscrição até o dia 6 de novembro de 2016. Infelizmente, algumas regionais reportaram à DJUV a reclamação de jovens que procuraram as escolas para fazer a inscrição na Campanha e receberam, das mesmas, a negativa sobre a existência do referido formulário.

De acordo com as equipes regionais, essas escolas informaram aos jovens a indisponibilidade de vagas. Essa recusa apenas reforça o contexto de marginalidade vivida pelo jovem em situação de evasão escolar e a dificuldade de a escola lidar com o aluno real, como alerta Peregrino (2006), preferindo se manter na utopia de um aluno ideal. A descentralização do processo de inscrição prejudicou, também, o controle pela SEE do número de inscritos na Campanha e, consequentemente, o levantamento do número de matrículas. Dessa forma, a SEE acredita que a Campanha VEM 2016 não foi tão significativa quanto a de 2015 e, para 2017, já definiu que a Campanha será realizada novamente através de formulário eletrônico, possibilitando o acompanhamento de todo o processo.

Em 2017, o ano letivo nas escolas estaduais começou novamente com a Semana de Acolhimento, que teve como foco específico a Convivência Democrática, especificamente no que concerne ao reconhecimento, valorização da diversidade e das diferenças no ambiente escolar. Além disso, houve a discussão e o levantamento de propostas, voltadas à participação estudantil na escola - de acordo com as propostas elencadas durante a semana Escola em Movimento 2016. A intenção da SEE foi fazer, da Semana de Acolhimento, um momento de preparação

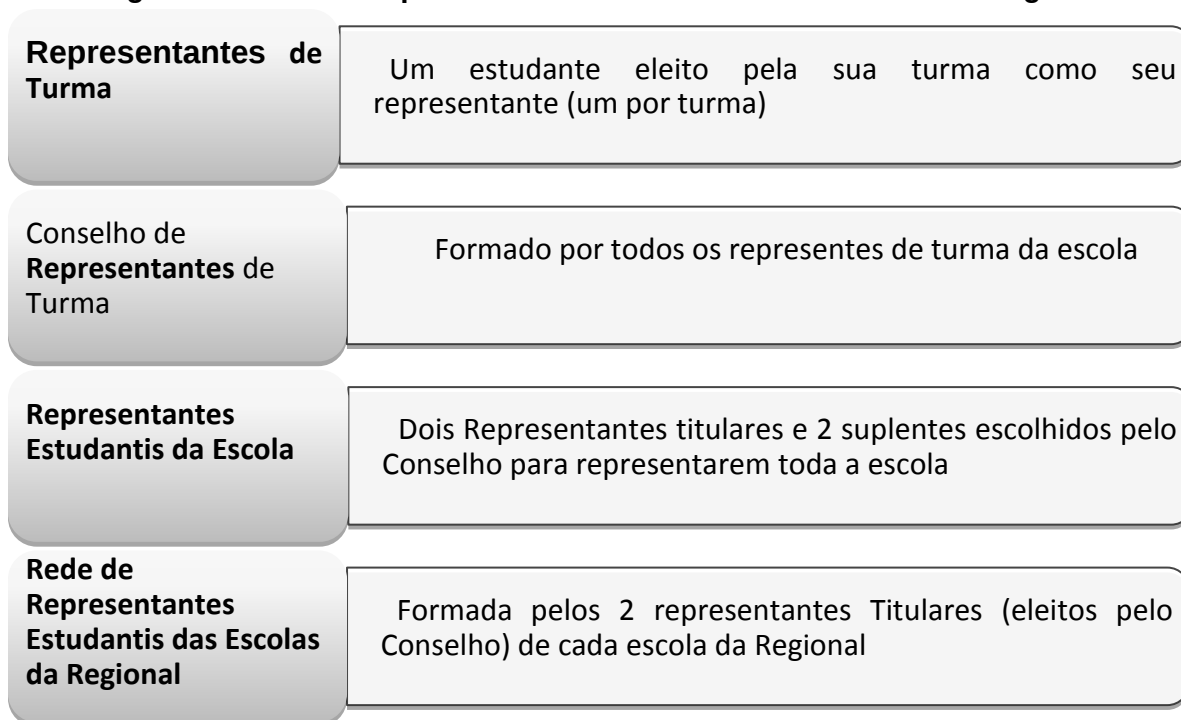
para as ações de 2017, amplamente direcionadas ao fomento à participação estudantil nas escolas.

Considerando as suas atribuições, pactuadas pela SEE com a SEPLAG, e a política de fomento à participação estudantil e de fortalecimento da gestão democrática, a DJUV estabeleceu como prioridade o desenvolvimento de ações que visam a ampliação da participação dos estudantes nas escolas estaduais. Dentre estas, destaca-se a criação da Rede de Representantes Estudantis das Escolas Estaduais das Regionais, que está articulada ao Programa Convivência Democrática no Ambiente Escolar⁸, de responsabilidade da Coordenação da Educação para os Direitos Humanos, que integra a Superintendência de Modalidades e Temáticas Especiais da Subsecretaria de Desenvolvimento da Educação Básica da SEE.

Muitos estudantes, que participaram do I Encontro Estadual Educação e Juventude em 2016 e das Rodas de Conversa em 2015, concluíram o ensino médio e não estão mais nas escolas da rede. Diante disso, a DJUV julgou necessário institucionalizar a escolha dos representantes de turma, de forma a ampliar e manter atualizada a Rede de Representantes Estudantis. As escolas que ofertam os anos finais do ensino fundamental e o ensino médio foram orientadas a organizarem a eleição de representantes de turma em todos os turnos. O processo de eleição de representantes estudantis se iniciou em março e envolveu várias instâncias, conforme a Figura 3:

⁸ O programa se fundamenta nas concepções da Educação em Direitos Humanos e da formação integral dos sujeitos. Sua finalidade é a promoção, defesa e garantia de Direitos Humanos, o reconhecimento e a valorização das diferenças e das diversidades, para a compreensão e enfrentamento das violências no ambiente escolar. Sua culminância se dará através da construção coletiva do Plano de Convivência Democrática de cada escola. Nesse plano, a escola apresentará as suas estratégias para a promoção da Educação em Direitos Humanos, prevenção e enfrentamento das violências no ambiente escolar. Assim, é essencial que as ações propostas estejam fundamentadas em princípios de convivência, incluindo procedimentos para a resolução de conflitos e modos de lidar com as violências, por meio de processos participativos e democráticos. (MINAS GERAIS, 2017c, p.5)

Figura 3 - Rede de Representantes Estudantis das Escolas das Regionais



Fonte: Minas Gerais (2017c).

Para a consolidação da Rede de Representantes Estudantis das Regionais de Ensino de Minas Gerais, no âmbito do estado, a SEE solicitou que todos os Conselhos de Representantes criassem um e-mail, que seria um canal de comunicação direta entre SEE, SRE e estudantes. Os Representantes de Turma e os Conselhos de Representantes de Turma são, para a SEE, fundamentais para melhorar a convivência entre estudantes, professores, especialistas e gestores e ajudar na construção das ações pedagógicas da escola,

[...] pois possibilitam um canal de diálogo permanente entre esses atores. Embora tenham um formato essencialmente institucional (como é o caso dos *Colegiados Escolares*), diferentemente do Grêmio Estudantil e de outros Coletivos Estudantis – cuja criação e condução são de inteira responsabilidade dos estudantes -, essas instâncias de participação também constituem uma das formas de representação dos interesses estudantis, porém mais focados em questões relacionadas estritamente ao âmbito da vida escolar dos estudantes (MINAS GERAIS, 2017a, anexo 2, p.2).

A intenção é que a Rede de Representantes Estudantis, das Escolas Estaduais da Regional, seja um canal de diálogo permanente entre os estudantes e a gestão da SEE, de forma que eles possam apresentar, diretamente às regionais e à SEE, as suas demandas, ideias e propostas de melhoria do processo educativo,

acompanhando a implantação das agendas da SEE nas escolas. Esses estudantes serão também convidados, pelas SRE e pela SEE, a participarem de eventos, videoconferências e demais ações que envolvam a juventude. Além disso, essas instâncias de participação, segundo a SEE (2017), possibilitam:

[...] o contato entre estudantes de turmas e turnos diferentes e a oportunidade de socialização, discussão e deliberação quanto às situações cotidianas relativas à sua trajetória de estudantes. É, dessa forma, um espaço de troca de experiências e organização para o desenvolvimento de ações propostas pelo grupo (MINAS GERAIS, 2017a, Anexo 2, p.6).

Consciente de que a participação é um processo que se aprende e se constrói no cotidiano de seu exercício, a SEE orientou, também, a escolha de um Professor de Referência, que apoie os estudantes no processo de execução dessa ação. Esse professor deve ser escolhido pelos próprios estudantes e, dessa forma, ser uma referência positiva para eles e ter disponibilidade e interesse de acompanhá-los em todo o processo. É desejável, portanto, que ele:

- Componha e organize a comissão eleitoral, responsável pela eleição de Representantes de Turma e pela criação do Conselho de Representantes de Turma;
- Colabore na intermediação da relação e do diálogo entre os estudantes e seus representantes, junto à gestão da escola e à Comunidade Escolar em geral;
- Ajude os estudantes na elaboração de materiais, projetos e ações;
- Ajude os estudantes na execução das ações, especialmente no que se refere às questões de infraestrutura, auxiliando na negociação, com a direção da escola, acerca da utilização de equipamentos, espaços e materiais. (SEE, 2017)

Entretanto, a Rede ainda não se consolidou em todas as regionais. Em setembro de 2017, apenas 1746 escolas, dentre as 2374 que deveriam criar os Conselhos de Representantes, cumpriram a ação (SEE, 2017a). Executadas todas as etapas do processo, a SEE (2017) espera que a criação da Rede de Representantes Estudantis:

[...] potencialize as ações desenvolvidas pelas equipes das SRE e SEE, voltadas ao Fomento à Participação Estudantil e ao Fortalecimento da Gestão Democrática, em cada território, uma vez que proporciona o

intercâmbio de experiências entre as escolas e os estudantes, além de permitir que realizem ações em parceria. Essa ação também estimula com que a escola e seus estudantes conheçam e circulem mais pelos territórios, o que é fundamental para pensar o processo educativo para além dos muros da escola. (MINAS GERAIS, 2017a, Anexo 2, p.9)

Além de ampliar a rede de contatos e as vivências e permitir a partilha de ideias, saberes e propostas, essa ação amplia o espaço de participação do estudante no cotidiano escolar, configurando-se em um processo formativo, que aumenta a noção de pertencimento do jovem ao ambiente escolar e ao seu território, contribuindo, assim, para o fortalecimento da autonomia e da gestão democrática da escola.

Ainda no contexto da política de fomento à participação estudantil, outra ação foi proposta às 1.818 escolas estaduais de ensino médio habilitadas ao Programa Ensino Médio Inovador (ProEMI)⁹ do Governo Federal no biênio 2017-2018. A SEE orientou que estas escolas criassem Coletivos Juvenis, como ação referente ao Campo de Integração Curricular (CIC) Protagonismo Juvenil, que, entre os 10 (dez) previstos no Programa, é de desenvolvimento obrigatório.

Os Coletivos Juvenis devem ser constituídos por estudantes do Ensino Médio, com o objetivo de promover discussões e desenvolver ações e projetos de interesse dos estudantes, uma vez que a existência de um coletivo é vinculada a temas e/ou causas de interesse comum de seus integrantes. Diferentemente dos Grêmios Estudantis, que possuem uma formatação hierárquica, nos coletivos, as relações são horizontalizadas e as tarefas são igualmente divididas. A SEE (2017) ressalta que:

[...] historicamente as escolas e universidades foram importantes espaços de socialização dos jovens e palco de grandes mobilizações. Nas escolas de educação básica, por exemplo, talvez o formato mais comum - criminalizado durante a ditadura militar, mas hoje legalmente reconhecido - seja o de Grêmios Estudantis. Em geral, os Grêmios possuem formatos de organização inspirados em sindicatos de trabalhadores e partidos políticos tradicionais de esquerda. Esse formato duro tende, hoje, a ser superado e ressignificado, considerando as novas demandas e bandeiras de

⁹ O programa Ensino Médio Inovador – EMI foi instituído pela Portaria nº 971, de 9 de outubro de 2009, no contexto da implementação das ações voltadas ao Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE. O objetivo do Programa é apoiar e fortalecer os Sistemas de Ensino Estaduais e Distrital no desenvolvimento de propostas curriculares inovadoras nas escolas de Ensino Médio, disponibilizando apoio técnico e financeiro, consoante à disseminação da cultura de um currículo dinâmico e flexível, que atenda às expectativas e necessidades dos estudantes e às demandas da sociedade atual. Deste modo, busca promover a formação integral dos estudantes e fortalecer o protagonismo juvenil, com a oferta de atividades que promovam a educação científica e humanística, a valorização da leitura, da cultura, o aprimoramento da relação teoria e prática, da utilização de novas tecnologias e o desenvolvimento de metodologias criativas e emancipadoras. (BRASIL, [2016])

reivindicação dos jovens e estudantes, mais diversas e difusas. Cabe destacar os ainda recorrentes equívocos cometidos por algumas gestões escolares que tendem a se apropriarem dos Grêmios – independentemente das motivações-, tomando para si a tarefa de organizá-los, não raras vezes, influenciando na sua dinâmica de atuação. Por isso, é necessário que se esclareça que a organização e a atuação política dos estudantes, seja por meio do Grêmio Estudantil seja por meio de outro formato de Coletivo, é tarefa e direito precípuos dos estudantes. (MINAS GERAIS, 2017a, Anexo 4, p.4)

A criação dos Coletivos, nas escolas do ProEMI, visa a ampliação dos espaços e formas de participação dos estudantes nos processos decisórios da escola e, conseqüentemente, na comunidade em que ela se insere. Entre as atribuições desses Coletivos Juvenis, está a elaboração e a execução de ações que envolvam a comunidade escolar e estabeleçam parceria com instituições públicas ou do terceiro setor. De acordo com a SEE:

[...] a criação dos Coletivos tem, portanto, como objetivo principal o estímulo ao exercício da participação política dos estudantes nas escolas de ensino médio da rede estadual mineira. Além disso, considerando os recursos financeiros disponibilizados pelo MEC para o desenvolvimento de ações pedagógicas do ProEMI, os grupos poderão prever custos necessários ao desenvolvimento de suas atividades, viabilizando assim atividades que envolvam toda a comunidade escolar e/ou seu território. Ao final de cada ano de vigência do Programa (2017 e 2018), os Coletivos devem produzir um registro de suas atividades, seja por meio de exposições, blogs, *fanpages*, documentários, curtas ou outras ferramentas que julgarem pertinentes e coerentes com suas ações. (MINAS GERAIS, 2017a, p.12)

Alinhados às novas formas de organização e participação juvenis, os Coletivos Juvenis podem se configurar também em importante espaço de aprendizagem e formação, pois a participação, prática fundamental ao exercício da cidadania, dá visibilidade aos conflitos e às desigualdades sociais, oportunizando a busca por soluções coletivas a esses problemas. Segundo Silva (2010), nos Coletivos os jovens:

[...] experimentam as questões que lhes são colocadas pela realidade, vivenciam as relações sociais e conformam uma dada intervenção juvenil no mundo; dialogando com o 'exterior', e, desse modo, experimentando, por assim dizer, alguns ritos de passagem para a vida adulta, a despeito das mudanças hoje colocadas que impõem às juventudes certa condição nômade. Nesse novo modo de estar no mundo, no grupo, com seus iguais, os jovens encontram o conforto da partilha, da receptividade em relação ao que pensam, sentem e desejam. Vivem a identificação com os gostos, princípios, interesses, visões de mundo, frustrações, medos e inseguranças, como também a construção das formas e alternativas de vivência desses e outros aspectos da experiência humana, potencializados em contextos de

amadurecimento, embora cada vez mais não obrigatoriamente vinculado à pressuposição de assunção de uma vida adulta como até então entendida. (SILVA, 2010, p.2)

A SEE acredita na participação estudantil, como forma de garantir aos jovens estudantes, centralidade no processo educativo, tornando a escola mais democrática e autônoma e viabilizando a efetivação dos princípios norteadores da Política Educacional de Minas Gerais, que são: a pluralidade, a integralidade e a equidade. Entretanto, como no caso da Rede de Representantes Estudantis, os Coletivos Juvenis também não foram implementados em todas as escolas. Até o mês de setembro de 2017, entre as 1818 escolas do ProEMI, apenas 912 haviam concluído essa ação, contabilizando 1469 Coletivos Juvenis. Considerando o número insignificante de Grêmios Estudantis atuantes nas escolas da rede, sobretudo na Região Metropolitana de Belo Horizonte, e a dificuldade em se concretizar essas últimas ações, a SEE acredita que:

[...] ainda há, em algumas escolas, o receio e a insegurança em dar voz e vez aos nossos estudantes, centralizando nas equipes pedagógicas a execução de ações que deveriam ser conduzidas pelos próprios jovens, dificultando a efetivação de uma gestão democrática e participativa. Percebemos que há ainda algumas dificuldades no entendimento das escolas quanto ao conceito, criação e atuação de um coletivo juvenil e também o receio de delegar aos estudantes a condução desta ação. Esses, talvez sejam alguns dos motivos da não concretização desta ação, mas reforçamos que ela é necessária para o fortalecimento dos espaços de participação estudantil e, conseqüentemente para o processo de formação integral desses sujeitos. (MINAS GERAIS, 2017b, p.20)

Com essas ações, a Diretoria de Juventude espera que os estudantes tenham assegurados e respeitados os seus espaços de participação nas escolas, ampliando, também, os canais de comunicação que visam a divulgação de todas as ações e atividades desenvolvidas pelas escolas, pelos jovens estudantes e pela SEE.

Dentre estes canais, temos, além do recém-criado banco de contatos dos Conselhos de Representantes das Escolas das Regionais, a *fanpage* no Facebook, denominada “Rede Jovem da Virada Educação Minas Gerais”. Através dela, os estudantes das escolas são incentivados a compartilhar as suas ponderações, os seus projetos e propostas sobre a educação mineira. Além disso, outro canal é o Grupo de Whatsapp, denominado VEM, que conta com a participação de líderes estudantis e estudantes representantes das escolas das 47 SRE.

Enquanto a *fanpage* é administrada pela equipe da DJUV, o grupo de Whatsapp tem sua administração coordenada por estudantes e representantes da DJUV. Entretanto, ambos contam com a participação ativa da equipe da referida diretoria, que fomenta discussões com os jovens integrantes sobre temas pertinentes à juventude e às ações da SEE. Além disso, a DJUV elabora, disponibiliza e divulga, aos Analistas Coordenadores Regionais da Juventude, via e-mail institucional, materiais que possam auxiliá-los no processo de formação das lideranças estudantis, atuando como incentivadores da participação estudantil nas escolas.

A SEE entende, portanto, que para aproximar a escola dos jovens, é preciso conhecer esses sujeitos, as suas vivências, as suas práticas, e suas potencialidades. Além disso, uma das formas de aproximação é permitir que eles se organizem e participem dos processos decisórios da gestão escolar. Entretanto, o Grêmio Estudantil, como uma das organizações legítimas de representação estudantil, ainda não se constitui realidade nas escolas mineiras. Na próxima seção, apresentaremos as escolas selecionadas para esse caso de gestão e qual o espaço do grêmio estudantil no cotidiano de cada uma.

1.2 A Escola Chiquinha Gonzaga e a Escola Bezerra de Menezes

O universo de escolas estaduais de ensino médio da região metropolitana de Belo Horizonte soma quase 350 instituições. Considerando a inexistência do grêmio na maioria delas e os relatos apresentados pelas equipes pedagógicas e pelos jovens estudantes representantes das Superintendências Regionais de Ensino em todas as ações da DJUV, optamos por selecionar uma escola que possui o grêmio estudantil, e tem no mesmo um parceiro em sua gestão, e uma que não possui essa representação, tendo uma gestão, conforme relatos da equipe pedagógica da SRE, marcada por conflitos e pouco diálogo entre estudantes e gestores.

Assim, as escolas Chiquinha Gonzaga e Bezerra de Menezes foram selecionadas como amostra (não probabilística) para essa pesquisa. Elas apresentam realidades bem distintas quanto ao público que atendem, tanto em relação à localização quanto à participação dos estudantes em seus processos decisórios. Essas diferenças foram decisivas na escolha das mesmas, como objeto deste caso de gestão, por entendermos que isso pode viabilizar a compreensão dos

processos de participação que se efetivam ou se constituem em conflitos nas escolas estaduais. As informações dessas escolas, essenciais a esse caso de gestão, estão descritas nessa seção.

A Escola Chiquinha Gonzaga se situa no Bairro Nova Esperança, na região noroeste de Belo Horizonte, e atende a 542 alunos, distribuídos em turmas de anos finais do Ensino Fundamental, Ensino Médio Regular, Ensino Médio, com habilitação para o Magistério da Educação Infantil, e Educação de Jovens e Adultos (anos finais do ensino fundamental e ensino médio). Além disso, atende, majoritariamente, aos alunos que residem no bairro em que está localizada. O prédio da escola não é amplo, os espaços, destinados aos 65 profissionais que compõem o quadro administrativo e docente, são pequenos e as instalações necessitam de reparos e reformas.

De acordo com o INEP, o indicador do Nível Socioeconômico (NSE)¹⁰ (BRASIL, 2013), dos estudantes dessa escola, pertence ao Grupo IV (médio), conforme o Quadro 2.

Quadro 2 - Descrição dos Níveis Socioeconômicos dos alunos

(continua)

Nível	Descrição
Nível I - Até 30	Este é o menor nível da escala e os alunos, de modo geral, indicaram que há, em sua casa, bens elementares, como uma televisão em cores, um rádio, uma geladeira, um ou dois telefones celulares e um banheiro. Além disso, não contratam empregada mensalista e a renda familiar mensal é de até 1 salário mínimo. Por fim, o seu pai ou responsável nunca estudou e a sua mãe ou responsável ingressou no ensino fundamental, mas não o completou.
Nível II - (30;40]	Neste, os alunos, de modo geral, indicaram que há, em sua casa, bens elementares, como uma televisão em cores, um rádio, uma geladeira, um ou dois telefones celulares e um banheiro; e bem complementar, como videocassete ou DVD. Além disso, não contratam empregada mensalista e a renda familiar mensal é de até 1 salário mínimo. Por fim, o seu pai e a sua mãe (ou responsáveis) ingressaram no ensino fundamental, mas não o completaram.

¹⁰ O Inse foi construído, a partir das respostas dos estudantes aos questionários contextuais das duas avaliações do Saeb (Aneb e Prova Brasil) e do Enem. As questões utilizadas dizem respeito à renda familiar, à posse de bens e contratação de serviços de empregados domésticos pela família dos estudantes e ao nível de escolaridade de seus pais ou responsáveis. O Indicador de Nível Socioeconômico possibilita, de modo geral, situar o público atendido pela escola em um estrato ou nível social, apontando o padrão de vida referente a cada um de seus estratos. Para melhor caracterizar as escolas, foram criados sete grupos, com escalas cujos intervalos vão de até 30 a acima de 80, de modo que, no Grupo 1, estão as escolas de nível socioeconômico mais baixo e, no Grupo 7, de nível socioeconômico mais alto.

Quadro 2 - Descrição dos Níveis Socioeconômicos dos alunos

(conclusão)

Nível	Descrição
Nível III - (40;50]	Neste, os alunos, de modo geral, indicaram que há, em sua casa, bens elementares, como uma televisão em cores, um rádio, uma geladeira, um ou dois telefones celulares e um banheiro; além de bens complementares, como videocassete ou DVD, máquina de lavar roupas e computador (com ou sem internet). Além disso, não contratam empregada mensalista e a renda familiar mensal está entre 1 e 2 salários mínimos. Por fim, o seu pai e a sua mãe (ou responsáveis) ingressaram no ensino fundamental, mas não o completaram.
Nível IV - (50;60]	Já neste nível, os alunos, de modo geral, indicaram que há, em sua casa, bens elementares, como um rádio, uma geladeira, um ou dois telefones celulares, um banheiro e, agora, dois ou mais televisores em cores; além de bens complementares, como videocassete ou DVD, máquina de lavar roupas e computador (com ou sem internet); e bens suplementares, como freezer, um telefone fixo e um carro. Além disso, não contratam empregada mensalista e a renda familiar mensal está entre 1 e 2 salários mínimos. Por fim, o seu pai e a sua mãe (ou responsáveis) completaram o ensino fundamental, podem ter concluído ou não o ensino médio, mas não completaram a faculdade.
Nível V - (60;70]	Neste, os alunos, de modo geral, indicaram que há, em sua casa, um quantitativo maior de bens elementares; bens complementares, como videocassete ou DVD, máquina de lavar roupas e computador (com ou sem internet); e bens suplementares, como freezer, um telefone fixo, um carro, além de uma TV por assinatura e um aspirador de pó. Por fim, não contratam empregada mensalista e a renda familiar mensal é maior, pois está entre 2 e 12 salários mínimos. Por fim, seu pai e sua mãe (ou responsáveis) completaram o ensino fundamental, podem ter concluído ou não o ensino médio, mas não completaram a faculdade.
Nível VI - (70;80]	Neste nível, os alunos, de modo geral, indicaram que há, em sua casa, um quantitativo alto de bens elementares; bens complementares, como videocassete ou DVD, máquina de lavar roupas e computador (com ou sem internet); e bens suplementares, como freezer, um telefone fixo, uma TV por assinatura, um aspirador de pó e, agora, dois carros. Além disso, contratam, agora, empregada mensalista e a renda familiar mensal é alta, pois está acima de 12 salários mínimos. Por fim, seu pai e sua mãe (ou responsáveis) completaram a faculdade e podem ter concluído ou não um curso de pós-graduação.
Nível VII – acima de 80	Este é o maior nível da escala e os alunos, de modo geral, indicaram que há, em sua casa, um quantitativo alto de bens elementares, como duas ou mais geladeiras e dois ou mais televisores em cores, por exemplo; bens complementares, como videocassete ou DVD, máquina de lavar roupas e computador (com ou sem internet); e maior quantidade de bens suplementares, tal como três ou mais carros e duas ou mais TVs por assinatura. Além disso, contratam empregada mensalista e a renda familiar mensal é alta, pois está acima de 12 salários mínimos. Por fim, seu pai e sua mãe (ou responsáveis) completaram a faculdade e podem ter concluído ou não um curso de pós-graduação.

Fonte: Elaborado pela autora com base em dado do INEP.

O NSE traduz a realidade do bairro onde a escola está localizada, cujos moradores são, na grande maioria, operários, uma vez que a sua ocupação está estreitamente ligada à proximidade com o centro da cidade e com a Fábrica da Cachoeirinha, instalada na cidade em 1920¹¹, conforme publicação do Arquivo

¹¹ Em 1999, a Associação Cultural Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (ACAP-BH) realizou uma pesquisa sobre a história dos bairros da cidade. O produto desse trabalho foi a publicação dos cadernos “História dos Bairros de Belo Horizonte”.

Público da Cidade de Belo Horizonte sobre a história dos bairros da cidade.

A escola tem Grêmio Estudantil, cujo nome é Lume Que Se Fez Farol, e seus integrantes sempre promovem ou lideram ações de interesses dos estudantes ou mesmo da comunidade escolar. Em janeiro de 2016 o Grêmio Estudantil, com o apoio da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), organizou a ocupação da escola pelos estudantes, em protesto quanto à decisão da SEE em promover a coabitação do espaço da escola pelo Colégio Tiradentes, da Polícia Militar. A escola cederia apenas o turno da tarde para a outra instituição, mas os alunos consideraram que isso descaracterizaria o perfil da escola. A SEE cedeu aos apelos dos estudantes e a escola não precisou ceder seu espaço. Convém salientar que toda a ação dos estudantes contou com o respeito da gestora, que, em entrevista ao site de notícias G1¹², afirmou considerar importante a iniciativa dos alunos. Nos encontros realizados pela SEE, com os gestores das escolas de ensino médio e/ou equipe pedagógica da SRE Metropolitana responsável por essa escola, há relatos recorrentes sobre o diferencial da participação dos estudantes na rotina da Escola Chiquinha Gonzaga.

A escola esteve, novamente, em processo de ocupação, entre outubro e dezembro de 2016. Desde o dia 06 de outubro, o Grêmio Estudantil, após assembleia com os estudantes, liderou a ocupação, em protesto contra a então Medida Provisória nº 746, de 22 de setembro de 2016, que instituiu a reforma do ensino médio. Além disso, o ato também foi contra a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) nº 241, que propunha a instituição de um novo regime fiscal, alterando o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Essa PEC, após aprovação pela Câmara dos Deputados em 26 de outubro de 2016, tramitou no Senado Federal como PEC nº 55, e foi aprovada, em primeiro turno, na madrugada do dia 30 de novembro, e em segundo turno, no dia 13 de dezembro de 2016. As aulas foram suspensas apenas durante uma semana, mas foram retomadas e os ocupantes organizaram momentos de discussão coletiva, passeatas e manifestações, dentro e fora da escola, com temáticas referentes ao protesto.

O presidente do grêmio estudantil mantém informações sobre as atividades da escola e do grêmio no Facebook, nas páginas Grêmio Lume Que Se Fez Farol e Ocupa Ricardão e em grupos de Whatsapp, que contam com a participação de

¹² Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2016/01/alunos-ocupam-escola-na-regiao-noroeste-de-belo-horizonte.html>>. Acesso em: 02 dez. 2016.

outros representantes estudantis e líderes de organizações representativas de estudantes, como a UBES, a AMES e a União Colegial de Minas Gerais (UCMG).

Em todas as ações desenvolvidas no contexto da VEM, a SEE contou com a colaboração, participação e atuação dos integrantes do Grêmio Estudantil Lume que Se Fez Farol, com destaque para a atuação do seu presidente, que também é estagiário na Câmara Municipal de Belo Horizonte e participante ativo de campanhas políticas, promovidas por um vereador de Belo Horizonte, e de movimentos sociais de luta por direitos civis. A SEE publicou na Revista Educação Pública: Ensino Médio¹³, uma entrevista em que o jovem relata as suas percepções sobre a educação e a participação do jovem no processo educativo.

Já a Escola Bezerra de Menezes está localizada no bairro Nova Suíça, na região centro-oeste de Belo Horizonte, numa avenida bastante movimentada e servida por inúmeras linhas de ônibus, que permitem fácil acesso a outros bairros e localidades da região metropolitana. Por isso, o seu público é bastante diversificado, em relação ao local de residência. A escola oferece apenas o Ensino Médio regular e atende a 1595 alunos.

De acordo com o INEP, o nível socioeconômico dos estudantes está na Categoria V, ou seja, médio alto, conforme descrito anteriormente no Quadro 2. Percebe-se que há um considerável aumento em relação à renda familiar, que pode atingir até 12 salários mínimos, bem acima da faixa salarial das famílias dos estudantes da outra escola.

A sua rede física é ampla e bem conservada com espaços divididos entre a equipe gestora, administrativa (supervisão e orientação pedagógica, direção, vice-direção e secretaria) e professores, que, ao todo, somam 144 profissionais.

Ao contrário da Escola Chiquinha Gonzaga, a Escola Bezerra de Menezes ainda não possui grêmio estudantil e as relações com os estudantes não são, na percepção destes, marcadas pelo diálogo. Em reunião com representantes de estudantes das escolas estaduais de Belo Horizonte, realizada pela DJUV em março de 2016 no auditório da Escola Bezerra de Menezes, por exemplo, os estudantes dessa escola manifestaram a sua insatisfação com essa situação, alegando não conseguir criar o grêmio na escola, por falta de diálogo com a direção. Após o encontro, eles reportaram, à equipe, muitas situações em que se sentem excluídos

¹³ Publicação da SEE em parceria com o CAEd/UFJF.

dos processos decisórios da escola. Além disso, sinalizaram como gostariam de poder contar com mais espaços de participação e de troca de ideias e opiniões sobre o cotidiano escolar.

O Presidente do Grêmio Estudantil da Escola Chiquinha Gonzaga, que também estava presente, afirmou que, juntamente com representantes da UBES e da AMES, tenta contribuir com a implementação do Grêmio, mas a direção da escola não viabiliza essa parceria. No Dia da Virada 2016, a gestão da escola apresentou, à comunidade escolar, a proposta de ação para o ano letivo de 2017. Entre elas, está a criação do Grêmio Estudantil, sob a coordenação dos pedagogos e professores da escola.

Diferentemente da Escola Chiquinha Gonzaga, que mobilizou a comunidade local e ofereceu oficinas, apresentações culturais e café comunitário, o Dia da Virada da Escola Bezerra de Menezes se restringiu a uma apresentação expositiva no auditório da escola sobre as ações a serem implementadas em 2017. Os servidores da SEE e da SRE, que acompanharam o Dia da Virada nessa escola, registraram, no relatório de acompanhamento entregue à DJUV, que a presença e a participação dos estudantes foram insignificantes.

Apesar das diferenças, as duas escolas têm em comum o público: jovens a partir de 15 anos, com histórias, itinerários, crenças, valores, sentimentos, necessidades e potencialidades diversos, que buscam espaços de participação no cotidiano de suas escolas. Na próxima seção, apresentaremos uma breve discussão sobre a formação dos grêmios e a sua atuação, como movimento político de reivindicação de questões sociais. Além disso, será abordado o papel dos Grêmios Estudantis no contexto da Virada Educação Minas Gerais, eixo central da política de fomento à participação estudantil, na rede pública de ensino do Estado de Minas Gerais.

1.3 JUVENTUDE: PARTICIPAÇÃO SOCIAL E CIDADANIA

A sociedade brasileira, segundo Chauí (2014), é autoritária e até o limiar do século XXI, não conseguiu “concretizar nem sequer os princípios (velhos, de quase quatro séculos) do liberalismo e do republicanismo” (p.257). Chauí (2014) afirma, ainda, que a sociedade brasileira:

[...] conserva a cidadania como privilégio de classe, fazendo-a ser uma concessão regulada e periódica da classe dominante às demais classes sociais, podendo ser-lhes retirada quando os dominantes assim o decidem (como durante a ditadura). É uma sociedade na qual as diferenças e assimetrias sociais são imediatamente transformadas em desigualdades, e estas, em relações de hierarquia, mando e obediência (...). (CHAUI, 2014, p.262)

Embora essa sociedade autoritária tente minimizar as práticas de contestação e de resistência social e popular, elas sempre tiveram um papel fundamental na luta pela ampliação dos espaços de discussão e de decisão nas instituições públicas e privadas, pela democratização dos serviços públicos, pelos direitos humanos e pelo fim das assimetrias sociais. (CHAUI, 2014)

Entre esses movimentos sociais, destacamos o estudantil que, de acordo com, Scorsoline, Moura e Santics (2006), desde 1710 - quando os estudantes de conventos e colégios religiosos do Rio de Janeiro se revoltaram contra a invasão dos franceses, até o Golpe Militar de 1964, quando foram implacavelmente perseguidos -, participa ativamente do cenário de luta por direitos na história brasileira. Nesse sentido, o movimento estudantil se engaja em programas de alfabetização de adultos, movimentos populares, praças de cultura, artes plásticas, cinema, música, festivais de cultura, etc (SCORSOLINE; MOURA; SANTICS, 2006).

Entretanto, numa sociedade autoritária como a brasileira, em que as leis viabilizam a preservação de privilégios e se tornam um instrumento para a repressão e a opressão dos movimentos populares (CHAUI, 2014), o movimento estudantil tem sido marcado por perseguição e criminalização, sobretudo durante o governo militar. O Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968, aumentou a repressão aos movimentos populares e a UNE, a UBES e os Grêmios Estudantis foram fechados. Os grêmios foram substituídos pelo Centro Cívico Escolar (CCE) que, segundo Scorsoline, Moura e Santics (2006), apenas representava burocraticamente os estudantes. Naquela época, era obrigatória a presença de um professor orientador, que deveria acompanhar e regular todas as atividades.

Somente na década de 1980, com o processo de redemocratização do país e a promulgação da Lei Federal Nº 7.398 de 04 de novembro de 1985, os Grêmios retornaram oficialmente ao cenário educacional. Também conhecida como Lei do Grêmios Livre, essa lei conferiu autonomia aos estudantes secundaristas, e, nessa perspectiva, esses grupos passaram a ser entidades autônomas de representação de seus interesses, com finalidades culturais, cívicas, desportivas e sociais (BRASIL,

1985).

Desde então, as entidades estudantis vêm se reorganizando para ampliar os espaços de participação dos jovens estudantes nas escolas e na sociedade. Em manifestações por educação de qualidade; investimentos públicos na educação; meia-entrada em cinemas, teatros e afins; passe-livre no transporte público; e questões políticas e sociais que permeiam nosso cenário, os estudantes marcam presença e, apesar da legalização, ainda sofrem opressão, repressão e criminalização, por parte de governos e sociedade civil.

Em São Paulo, no final de 2015, 200 escolas públicas foram ocupadas pelos seus estudantes, contra a medida de “reorganização” escolar, a ser implantada pelo governo estadual, que acarretaria o fechamento de 94 escolas e o realocamento de turmas e estudantes para outras escolas. Após a realização de passeatas, abaixo-assinados e visitas à Secretaria de Educação, em busca de solução e diálogo, todas sem sucesso, os estudantes resolveram ocupar as escolas, chamando a atenção da mídia e das autoridades, até então alheias às reivindicações.

Apesar da repressão policial, de ações violentas e da criminalização do movimento por alguns veículos de comunicação, os estudantes contaram, também, com a solidariedade de pais, artistas, professores e membros da comunidade. Por fim, o governo do estado suspendeu o projeto de reorganização escolar e o Secretário de Estado de Educação renunciou ao cargo. A partir daí, a prática da ocupação se popularizou entre os jovens estudantes brasileiros e tem sido utilizada na luta pela educação pública de qualidade (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016).

De acordo com Pablo Ortellado (2016), as ocupações geraram novas relações sociais e uma nova dinâmica de organização coletiva, pois:

[...] os secundaristas romperam o isolamento individualista do cotidiano escolar e criaram uma nova sociabilidade no processo de luta: uma sociabilidade baseada na corresponsabilidade, na horizontalidade dos processos decisórios e no cuidado com o patrimônio público. Essas novas relações são o que uma tradição autonomista chama de política pré-figurativa, a capacidade de forjar, no próprio processo de luta, as formas sociais a que se aspira, fazendo convergir meios e fins. A sociabilidade horizontal, corresponsável e baseada na proteção do patrimônio público é, ao mesmo tempo, objetivo da luta e criação imediata, uma espécie de antecipação performativa daquilo que se busca. (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016, p.13)

Em 2016, a Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais vivenciou, juntamente

com demais redes de ensino do país, movimento de ocupação contra as propostas do governo federal, que limitam os gastos públicos e reformam a estrutura curricular e organizacional do Ensino Médio. Durante mais de 2 meses, cerca de 130 escolas estaduais, na capital mineira e no interior, permaneceram ocupadas pelos estudantes. Dentre elas, a Escola Chiquinha Gonzaga. A equipe da DJUV visitou frequentemente essas escolas e manteve diálogo constante com os estudantes, participando, inclusive, de debates sobre o financiamento da educação básica e a reforma do ensino médio, organizados por eles.

Relatos de estudantes e professores, durante o processo de ocupação e em encontros técnicos realizados pela SEE, reforçam a concepção de Ortellado (2016) sobre o rompimento do isolamento individualista do cotidiano escolar nas escolas que foram ocupadas. Muitas escolas iniciaram o processo de constituição de grêmios estudantis e tentaram ampliar os espaços de participação dos estudantes. Entretanto, em algumas, houve o acirramento de conflitos entre a gestão e estudantes. Dessa forma, os espaços de participação continuam “tutelados”. Mas isso não inibe aos estudantes, que continuam lutando por mais autonomia e participação nos processos decisórios da escola. Constantemente, representantes estudantis procuram a DJUV para queixas relacionadas às atitudes da escola, consideradas, por eles, abusivas e arbitrárias. Nesse sentido, solicitam apoio e mediação na resolução de conflitos, quando não há possibilidade ou espaço para o diálogo.

Embora os Grêmios Estudantis não sejam ainda realidade nas escolas, a SEE acredita que a sua criação e atuação efetiva são essenciais para a superação desse isolamento individualista. Para ela, eles atuam como meio de instituir, nas escolas, um esforço coletivo e mobilização conjunta, para que escola e a juventude possam se aproximar e consolidar uma gestão democrática em toda a rede. Na próxima seção, discutiremos como o grêmio pode criar e ampliar estes espaços de participação nas escolas.

1.3.1 Gestão democrática da escola pública: o Grêmio Estudantil

As ações desenvolvidas no Projeto VEM, ao possibilitarem a ampla participação de todos os sujeitos da comunidade escolar, especialmente os jovens de 15 a 17 anos de idade, permitiram à SEE - a partir dos registros encaminhados

pelas escolas e das observações feitas pelos servidores que acompanharam todas elas, principalmente no Dia da Virada -, conhecer narrativas diversas sobre os itinerários construídos e traçados pelas escolas.

Com isso, vozes dissonantes e consonantes foram identificadas, revelando valores e contradições essenciais à compreensão da realidade de cada escola. E, entre os consensos apresentados pelos estudantes, está a reivindicação por maior participação na gestão da escola, na construção coletiva de suas normas e no desenvolvimento de atividades inovadoras que a tornem mais dinâmica e, conseqüentemente, democrática.

Desde a CF de 1988, a gestão democrática tem sido alvo de discussão dos educadores e gestores da educação pública. Entretanto, por não ser ainda uma realidade, o PNE 2014-2024 (BRASIL, 2015) propôs, na Meta 19, que fossem asseguradas, até 2016, condições para a “efetivação da gestão democrática da Educação. Essa meta está associada a critérios técnicos, de mérito e desempenho, e à consulta pública à comunidade escolar, no âmbito das escolas públicas, prevendo recursos e apoio técnico da União para tanto” (p.31). Como estratégias de concretização dessa meta, estão o estímulo à constituição e fortalecimento dos grêmios estudantis, além da participação e consulta de estudantes na formulação dos projetos político-pedagógicos, currículos e processos decisórios da escola.

Desde 1985, a promulgação da Lei nº 7398 assegura, aos estudantes, a organização de grêmios estudantis, “como atividades autônomas representativas dos interesses dos estudantes secundaristas com finalidades educativas, culturais, cívicas, desportivas, sociais”. Além disso, a Lei Estadual Nº 13.410, de 21 de dezembro de 1999, em seu Art. 1º, também considera livre “a organização e o funcionamento de grêmios estudantis ou entidades similares nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e privados”. Diante disso, a SEE acredita que a criação dos grêmios nas escolas da rede permitirá aos estudantes a discussão, criação e fortalecimento de diferentes possibilidades de ação, tanto no ambiente escolar, quanto na comunidade.

A SEE acredita, também, que o Grêmio é um importante espaço de aprendizagem, cidadania, convivência, responsabilidade e de luta por direitos, por ter, entre seus objetivos principais, a participação dos estudantes nas atividades de sua escola, seja organizando campeonatos, palestras, projetos e discussões, ou fazendo com que eles tenham voz ativa e participem – junto com pais,

funcionários/as, professores/as, coordenadores/as e diretores/as – da programação e da construção das regras dentro da escola. Ele tem, portanto, o potencial de ampliar a integração dos estudantes entre si, com toda a escola e com a comunidade.

Segundo Martins (2010), “o grêmio estudantil pode se tornar um lugar concreto de prática social, e a escola, como arena relacional, pode se tornar lugar profícuo para o exercício de experiências sociais de participação” (p.61). Assim, o grêmio pode se configurar em um espaço de prática social e transformar a escola em um local proficiente de vivência e de práticas sociais de participação (MARTINS, 2010).

Apesar de todas as ações desenvolvidas no contexto da Virada Educação Minas Gerais, os Grêmios Estudantis ainda não são uma realidade nas escolas estaduais mineiras, sobretudo na região metropolitana de Belo Horizonte, que possui 348 escolas de ensino médio e, destas, apenas 7 possuem Grêmio Estudantil ativo¹⁴. As ações da VEM preveem a instituição desses espaços nas escolas, mas, por iniciativa dos estudantes e não das escolas. Nas reuniões gerenciais com as equipes das Superintendências Regionais de Ensino, percebemos que ainda há um receio dos gestores escolares, em relação à criação desse espaço. Nesse sentido, muitos entendem que a sua organização deve ser coordenada e conduzida pela equipe gestora da escola e não pelos estudantes.

Nos últimos anos, não houve, também, políticas ou ações específicas para o fomento à participação estudantil nas escolas estaduais mineiras. A legislação estadual, referente à criação dos grêmios, é do ano de 1999 e, desde então, as políticas públicas educacionais, para o ensino médio, tiveram como foco a reestruturação curricular e a organização da escola. Entretanto, em 2014, com o desenvolvimento das ações de formação docente, previstas no Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio (PNEM), instituído pela Portaria nº 1.140, de 22 de novembro de 2013, desenvolvido em articulação e coordenação pela União e governos estaduais, o debate sobre o protagonismo juvenil, no processo educativo, encontrou espaço. Entre os seis materiais disponibilizados para o professor no processo formativo, os cadernos “O Jovem como Sujeito do Ensino Médio” e

¹⁴ Esse dado se refere a 2016, ano em que se iniciou a pesquisa desse Caso de Gestão. Em 2017, estima-se a constituição de mais grêmios estudantis na rede estadual de ensino. Entretanto, os conflitos com a gestão e a atuação restrita dos mesmos ainda persistem, conforme relatos das equipes das regionais de ensino.

“Organização e Gestão Democrática da Escola¹⁵” se destacaram, por discutir a participação da juventude e o grêmio estudantil.

Desde então, os grêmios voltaram a ser pauta nas discussões pedagógicas da SEE e, com a criação da DJUV, passaram a ser um ponto focal, entendidos como uma das formas de participação da juventude na escola e, conseqüentemente, na sociedade. Afinal, não deveria ser a escola um espaço de ampliação de experiências? De acordo com Dayrell ([2016]):

Os atores vivenciam o espaço escolar como uma unidade sociocultural complexa, cuja dimensão educativa encontra-se também nas experiências humanas e sociais ali existentes. Os alunos parecem vivenciar e valorizar uma dimensão educativa importante em espaços e tempos que geralmente a Pedagogia desconsidera: os momentos do encontro, da afetividade, do diálogo. Independente dos objetivos explícitos da escola, vem ocorrendo no seu interior uma multiplicidade de situações e construídos educativos que podem e devem ser potencializados (DAYRELL, [2016], p. 25).

O grêmio pode ser potencialmente, então, esse espaço do encontro, da afetividade e do diálogo. Nesse sentido, a escola precisa estar atenta a essa necessidade dos jovens. Diante disso, a instituição desse espaço de representação do jovem, na gestão da escola, é, portanto, uma das ações a serem implementadas pela SEE, com o intuito de fomentar a participação dos sujeitos no processo educativo. Mas é preciso considerar que essa implementação precisa ser conduzida pelos estudantes e não pelos profissionais da escola, afinal, o grêmio é uma instituição de representação dos alunos. É importante salientar que a sua existência e funcionamento podem contribuir para a consolidação do projeto pedagógico da escola, para o fortalecimento da autonomia, para a consolidação do diálogo e para o desenvolvimento de uma cultura cidadã.

Portanto, diante do que foi exposto até aqui, algumas questões se delineiam e emergem quanto à participação e representação estudantil. As escolas reconhecem os jovens como sujeitos socioculturais e como indivíduos diversos, que possuem história, desejos, anseios, medos, comportamentos e hábitos próprios de sua idade, ou tende a reduzi-los a uma visão estereotipada de estudante? A prática escolar considera a totalidade desses sujeitos? A escola tem sido, para os jovens, um espaço de ampliação de experiências? Que espaços de reflexão, sobre os seus anseios, angústias e projetos de vida, as escolas oferecem aos jovens? Os jovens

¹⁵Disponível em <http://pactoensinomedio.mec.gov.br>

têm interesse em participar dos processos decisórios da escola? Direção e estudantes têm o mesmo conceito de participação? O que é participação para esses sujeitos? Como a criação de espaços de participação e representação, como o grêmio estudantil, pode contribuir para uma prática educativa mais atrativa para o jovem? E, sobretudo, como aproximar a escola da juventude?

Estes questionamentos são o ponto de partida para as discussões teóricas e para a pesquisa de campo, que serão apresentadas no próximo capítulo. Para tanto, nele identificaremos e discutiremos conceitos, referentes à gestão democrática e à dimensão formativa da participação estudantil, e sobre como o grêmio estudantil se relaciona com eles.

2 O GRÊMIO ESTUDANTIL E O FORTALECIMENTO DA GESTÃO DEMOCRÁTICA DAS ESCOLAS ESTADUAIS

Neste capítulo, apresentaremos a análise dos dados da pesquisa de campo na Escola Chiquinha Gonzaga e na Escola Bezerra de Menezes. Nessa análise, foi feita uma comparação da percepção de estudantes, professores e gestores sobre os processos decisórios em cada escola e a relação entre participação dos estudantes, nesses processos, e a gestão democrática da escola.

Essa comparação se justifica pela diferença dos níveis de participação dos estudantes em cada uma das instituições pesquisadas. Afinal, a escola é, reconhecidamente, uma instituição onde se concentra a diversidade de sujeitos, ideias, concepções e experiências. Esse pluralismo, quando compartilhado, considerado e respeitado, configura, de acordo com Araújo (2009), uma gestão transparente e democrática, pois permite que a comunidade acompanhe todas as dimensões do processo educativo realizado na escola.

Mas, por ser um espaço de manifestação de ideias diversas, a escola é, também, palco de conflitos e tensões. De acordo com Sposito (2005), o espaço escolar possibilita “a vivência de interações entre os pares, o lazer, o consumo e produção cultural, mas é também espaço de tensões, angústia e incertezas quanto à mobilidade social” (p.225). Segundo Sibilia (2012), há, realmente, uma incompatibilidade entre a escola e os modos de ser e estar no mundo; além das subjetividades dinâmicas que florescem a cada dia e as regras, premissas e valores, cristalizados entre os muros da escola; “entre a escola como tecnologia de (outra) época e a garotada de hoje” (p.25). Para Sibilia (2012), essas subjetividades se encontram em descompasso constante na rotina da escola.

A partir dessa perspectiva, portanto, fica claro que a escola é uma tecnologia de época. Ainda que hoje pareça tão “natural”, algo cuja inexistência seria inimaginável, o certo é que essa instituição nem sempre existiu na ordem de uma eternidade improvável, como a água e o ar, tampouco como as ideias de criança, infância, filho ou aluno, igualmente naturalizadas, mas também passíveis de historicidade. Ao contrário: o regime escolar foi inventado algum tempo atrás em uma cultura bem definida, isto é, numa confluência espaço-temporal concreta e identificável, diríamos até que recente demais para ter se arraigado a ponto de se tornar inquestionável (SIBILIA, 2012, p.16).

Esse descompasso tende a aumentar quando os jovens lutam pela criação de

espaços que atendam aos seus interesses e a escola não os atende. Entretanto, esse espaço, de acordo com Martins e Dayrell (2016), pode “sinalizar um caminho importante para a quebra de estereótipos e para uma atuação diferenciada do estudante em seu processo de formação escolar” (p.1).

Para administrar esses conflitos e instituir espaços efetivos e coletivos de participação e deliberação, a escola precisa, então, estabelecer, com a sua comunidade, uma relação dialógica que possibilite, aos seus sujeitos, a expansão de suas potencialidades, de sua capacidade de reflexão e, conseqüentemente, a expansão da coletividade. Nessa perspectiva, o Grêmio Estudantil surge como organização legítima de representação dos estudantes e espaço de deliberação, partilha de vivências e ideias. Além disso, pode se constituir em um canal político-pedagógico de participação, fortalecendo a autonomia e a gestão democrática da escola.

Esse capítulo se dedica a apresentar as relações entre a participação estudantil e a gestão democrática da escola, considerando todas as tensões, partilhas e diversidade inerentes a este processo. O capítulo se divide em três seções. Na primeira, são apresentados os conceitos de juventude, participação e gestão democrática, sob o enfoque de autores como: Paro (2010; 2016), Dayrell (2006; 2016); Dayrell, Carrano e Maia (2014) e Lück (2009; 2010; 2012; 2013). Na segunda seção, apresentaremos o percurso metodológico utilizado para a realização da pesquisa. E finalmente, na terceira seção, procederemos à análise dos dados coletados.

2.1 Juventude, participação e gestão democrática da escola

Nessa seção, discutiremos os conceitos de juventude, gestão democrática e participação. Além disso, debateremos sobre como esses conceitos se inter-relacionam nas escolas pesquisadas. Essa discussão se ancora na proposta da SEE, de construir uma escola de qualidade, “com” todos os seus sujeitos e não apenas “para” os seus sujeitos, considerando a participação dos estudantes como mecanismo de fortalecimento da autonomia e da gestão democrática da escola.

2.1.1 Juventude

O Estatuto da Juventude, instituído pela Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, considera como jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove anos). Entretanto, há outras representações sociais em torno do conceito de juventude, além da relacionada à faixa etária. A que mais se destaca, na sociedade atual, é a concepção de passagem, fase ou período de transição entre a infância e a fase adulta, concebendo a transitoriedade como a sua principal característica. Além dessa, há também a associação ao hedonismo e momento de crise e conflito. Para Martins (2010), essa representação define a juventude como vivência de prazer, liberdade e excentricidade, associando, ao erro e à irresponsabilidade, a experimentação característica dessa etapa da vida. Isso porque, segundo Abramovay (2015), “a sociedade brasileira, por suas instituições, como a família e a escola, tem dificuldade em conceber os jovens com identidades geracionais próprias, considerando-os adultos para algumas exigências e os infantilizando para outras” (p.27).

Há, ainda, que se considerar o discurso midiático, que considera os sujeitos não pela sua faixa etária apenas, mas também como consumidores de meios. Nesse contexto, o que caracteriza o ser jovem não é a idade, mas a imagem que o sujeito ostenta, os jeitos de falar e vestir, o repertório gestual. Para Sibilia (2012), na perspectiva mercantil, o presente é fluido e volátil, e o futuro não passa de uma abstração,

[...] é algo que só se produzirá se seus protagonistas fizerem o esforço necessário para abrir esse horizonte e habitá-lo com seus próprios projetos. O tempo linear da modernidade se vê absorvido pela força do instante, supondo-se que “o agora não deve ser sacrificado nem adiado pela promessa do que virá”, como explica Juan Vasen. (...) Claro que isso constitui um problema para a lógica escolar, (...) pois as múltiplas figuras midiáticas da garotada de hoje subvertem o dispositivo pedagógico e o tornam anacrônico (SIBILIA, 2012, p. 112-113).

Todas essas representações sobre a juventude certamente interferem na nossa maneira de compreendê-la e nos permitem afirmar que, na sociedade contemporânea, a juventude é uma definição cultural. Dessa forma, é incerteza, mobilidade, transitoriedade e abertura para a mudança (MELUCCI, 2007). Mas elas também definem o jovem como alguém que “ainda não chegou a ser adulto” e que é

“naturalmente” problemático. (DAYRELL, 2016; MARTINS, 2010).

Na verdade, a juventude é uma categoria construída socialmente, dinâmica, marcada pela diversidade social, de gênero e geográfica e, para Dayrell (2006), “não há tanto uma juventude e sim jovens, enquanto sujeitos que experimentam e sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se insere”. (p.5)

Dessa forma, entender a juventude, apenas pela sua condição transitória, é desqualificar toda a sua diversidade, amplitude e dinamismo. Além disso, é também negar o presente vivido e destituir o jovem de sua identidade presente, em função de uma imagem de futuro, projetada por nós, que ainda não chegou (DAYRELL, 2016).

Não é incomum encontrarmos uma situação na qual pessoas adultas projetam nas novas gerações lembranças, idealizações e valores de suas próprias juventudes ou de outra época romantizada. No campo da participação política, isso é relativamente comum. A chamada geração de jovens de 1968 é sempre lembrada para “mostrar” aos/às jovens de hoje como elxs são menos mobilizados, críticos, conscientes e participantes. (...) É fundamental que nós, educadorxs, façamos um exercício de autorreflexão para tomar consciência de qual representação fazemos dxs jovens com xs quais atuamos de tal forma a possibilitar a superação dos estereótipos e nos abriremos a conhecer quem de fato são aqueles sujeitos que pretendemos formar (DAYRELL, 2016, p. 24).

Essa autorreflexão é importante para a construção de uma representação de juventude que nos ajude a conhecer o jovem com quem atuamos e que o reconheça como sujeito de direitos. Novaes (2007) ressalta que esse reconhecimento evita:

generalizações frágeis que produzem o entendimento de que a juventude é uma faixa-etária problemática (seja como principal vítima dos problemas socioeconômicos do país, seja como expressão maior do individualismo consumista do mundo atual). Evita-se também sua idealização como a única protagonista da mudança, em uma nova interpretação heroica de seu papel mítico. Como “sujeito de direitos”, universais e específicos, a juventude não só refletirá a sociedade, mas está desafiada a reinventá-la. Compreender estas especificidades é essencial para a elaboração e implementação de políticas públicas de juventude (NOVAES, 2007, p.9).

É preciso nos deslocarmos dos limites da condição biológica e cronológica, para as construções sociais e culturais que envolvem a juventude. Mais do que uma fase, a juventude expressa, como afirma Martins (2010), “uma condição social que se modifica no decorrer do tempo. Nesse contexto, não há uma juventude, mas jovens que vivem e se inserem em uma sociedade, em um determinado momento histórico, social e econômico” (MARTINS, 2010, p.23).

Dayrell (2016) considera que a juventude é, portanto, uma categoria dinâmica,

parte de um processo de crescimento totalizante. Nesse sentido, é composta por sujeitos que a experimentam e a sentem, de acordo com o seu contexto sociocultural. Por isso, devemos adotar a noção de juventudes, no plural, uma vez que há diversos modos de ser jovem.

A juventude constitui um momento determinado, mas que não se reduz a uma passagem. Ela assume uma importância em si mesma como um momento de exercício de inserção social, no qual o indivíduo vai se descobrindo e descortinando as possibilidades em todas as instâncias de sua vida, desde a dimensão afetiva até a profissional. Essa realidade ganha contornos próprios em contextos históricos, sociais e culturais distintos. As distintas condições sociais (origens de classe por exemplo), a diversidade cultural (a cor da pele, as identidades culturais e religiosas, os diferentes valores familiares etc.), a diversidade de gênero e de orientação afetiva e até mesmo as diferenças territoriais se articulam para a constituição das diferentes modalidades de se vivenciar a juventude (DAYRELL, 2016, p.27).

Considerar as peculiaridades e complexidades, inerentes à noção de juventude, nos permite compreender os problemas que atingem os jovens. Além disso, é possível entender os seus interesses, potencialidades e possibilidades e, conseqüentemente, trazer à tona a insuficiência de políticas públicas que lhes garantam a plena condição de sujeitos de direitos. Convém ressaltar que a escola é um dos espaços comuns à juventude e, como demais segmentos da nossa sociedade, também tem dificuldade em compreendê-la.

De acordo com Sibilia (2012), o espaço escolar ainda é rígido, delimitado por paredes, grades e fechaduras. Além disso, os seus tempos são programados para repetir rotinas que treinem os seus sujeitos a permanecer tranquilos e a cumprir o que lhes é ordenado. Ademais, a instituição escolar está em conflito. De um lado, a máxima da pedagogia kantiana, na qual se forjou a instituição escolar: disciplinar, adestrar, civilizar e moralizar. De outro, a concepção do empreendedorismo neoliberal, que espera, da escola, práticas que destaquem a “importância da distinção individual e as vantagens da singularização do indivíduo como uma marca, explorando a própria criatividade para poder ser sempre o primeiro e ganhar dos outros” (p.46). Diante dessa perspectiva, os rigores escolares envelhecidos e as suas práticas competitivas e excludentes pouco, ou nada, dialogam com a pluralidade da juventude (SIBILIA 2012).

Sibilia (2012) ressalta que o resultado dessa relação conflitante costuma ser “o tédio, a indiferença ou a frustração; em alguns casos, até a violência mais ou menos explícita” (p.79). Impor regras, que afetam a todos os sujeitos, sem

negociação ou discussão coletiva não garante o cumprimento das mesmas. É preciso que o jovem participe das decisões, dos acordos e das escolhas, entendendo a complexidade dos processos decisórios, inerentes ao processo educativo.

Tudo tem que ser construído como fruto de escolhas individuais ou grupais sempre transitórias, num esforço constante de elaboração e manutenção dos vínculos. Fazer o correto ou o incorreto já não depende tanto do ditame de um código universal – a lei, injetada nas consciências com disciplina e culpa – mas dos desejos, da responsabilidade, dos recursos e da iniciativa de cada um, assim como da negociação permanente com os demais (SIBILIA, 2012, p.96).

É importante que os jovens tenham, na escola, espaços de debate, problematização, partilha e compreensão de suas demandas e necessidades, uma vez que ela é, potencialmente, um espaço socializante e socializador. Mas, para isso, é preciso que ela democratize a sua gestão, permitindo e incentivando a participação de todos os seus sujeitos nos processos decisórios.

2.1.2 Participação Estudantil

Nesta seção, discutiremos a concepção de participação e como ela deve ser entendida e vivenciada pelos estudantes, pois um dos pontos importantes dessa vivência é a relação que se estabelece entre eles e o diretor, que, no sistema educacional, é a autoridade última no interior da escola.

Entendemos que a participação é um processo inerente à democracia, incidindo, positivamente, na aprendizagem. Além disso, ela compõe a natureza do ato pedagógico, pois, como afirma Gadotti (2014), “formar para a participação não é só formar para a cidadania, é formar o cidadão para participar, com responsabilidade, do destino de seu país; a participação é um pressuposto da própria aprendizagem” (GADOTTI, 2014, p.1). Assim, a participação tem uma dimensão pedagógica, por permitir a formação para o exercício da cidadania e política, além de viabilizar a intervenção nos processos decisórios (GADOTTI, 2014). Lück (2013) também ressalta a dimensão política da participação, definindo-a como:

[...] uma força de atuação consciente pela qual os membros de uma unidade social reconhecem e assumem seu poder de exercer influência na determinação da dinâmica dessa unidade, de sua cultura e de seus resultados, poder esse resultante de sua competência e vontade de compreender, decidir e agir sobre questões que lhe são afetas, dando-lhe

unidade, vigor e direcionamento firme (LÜCK, 2013, p. 29).

Historicamente, a juventude sempre exerceu e ainda exerce esse poder nos processos de transformação social e política da sociedade. Em documento sobre a Política de Fomento à Participação Estudantil, nas Escolas da Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais, encaminhado a todas as escolas e regionais em março de 2017, a SEE reconhece que:

[...] a partir da reabertura democrática, têm sido experimentados novos contextos sociais, que contam com a ampliação de espaços de participação da sociedade civil nos processos políticos, o que aponta também para mudanças nos padrões de relação entre Estado e sociedade. Um exemplo disso é a criação e expansão de espaços de participação e representações como as Conferências e os Conselhos de Direitos. Dentro desse contexto, é perceptível também a ascensão de inovadoras formas de participação social, especialmente as protagonizadas pelas juventudes, que se situam fora das formas tradicionais de participação deste segmento, como o movimento estudantil e a militância partidária que outrora marcavam a atuação da juventude na vida política do país (MINAS GERAIS, 2017c, Anexo 4, p.1).

Os espaços e as formas de participação da juventude são, portanto, diversificados e devem ser estimulados e reconhecidos pela escola. Além disso, isso se viabiliza com a participação dos estudantes na elaboração do seu projeto educativo, permitindo que o aluno assuma, efetivamente, centralidade no processo educativo, tornando-se protagonista do seu processo formativo.

Entretanto, como já abordado na seção anterior, há muitas concepções e visões negativas, em relação à juventude, e, conseqüentemente, em relação à sua participação política. A juventude tem sido constantemente considerada apática, apolítica e problemática, o que revela uma contradição, pois é exatamente a juventude que se configura como um segmento da sociedade extremamente atuante nos processos de transformação social. Assim, segundo a SEE:

Conceber a participação políticas dos jovens hoje, a partir do referencial dos tradicionais movimentos estudantis e sindicais, especialmente das décadas de 1960 e 1970, é seguir deixando de fora outras juventudes com perfis diferentes que não se identificam com esses formatos. Além disso, geralmente esses espaços ainda trazem uma lógica adultocêntrica: são os adultos que definem as regras da participação e conduzem o processo. Isso também tende a afastar os jovens (MINAS GERAIS, 2017a, p.3).

É preciso, portanto, aproximar a escola da juventude. Entretanto, isso só acontece se ela escutar, efetivamente, as demandas dos nossos jovens e permitir, a

eles, a vivência de protagonistas do seu processo formativo. Ou seja, a partir da escuta, é necessário motivar discussões e a resolução coletiva de problemas, envolvendo-os no processo de definição e elaboração do projeto pedagógico da escola e nos processos decisórios que cotidianamente se realizam. O reconhecimento e a valorização de suas vivências e demandas fortalecem os vínculos entre a escola e o estudante. Nesse processo, os alunos se tornam corresponsáveis pelos espaços escolares e pelo processo de construção e compartilhamento do conhecimento (MINAS GERAIS, 2017a).

A participação, por seu caráter pedagógico e político, permite o desenvolvimento da autonomia e do senso crítico. Além disso, possibilita a prática do diálogo, potencializando, nos jovens, as habilidades necessárias ao exercício da cidadania, em todas as esferas sociais. Dessa forma, é preciso que as escolas criem, para todos os seus sujeitos, espaços e condições de participação.

De acordo com Martins e Dayrell (2016), isso exige que a escola reconheça a participação como um direito precípua dos estudantes, garantindo a eles acesso igualitário às informações e aceitando a diversidade de opiniões e interesses. O grêmio surge, então, como um espaço de socialização de informações e partilha de opiniões, que tende a fortalecer o processo de formação cidadã e, conseqüentemente, a autonomia e a gestão democrática da escola. Para isso, o Grêmio deve se configurar como um espaço de discussão, de construção do projeto educativo, de partilha de ideias, de consensos, de deliberações e de apreensão de conhecimentos e redes de relações que, segundo Moreira (2001 apud MARTINS; DAYRELL [2016]), “ajudam na formação pessoal, no sentido de um aprendizado para a vida” (p.7).

Em relação à organização de espaços de participação, Luck (2009) alerta que “de nada adiantam as participações orientadas por objetivos pessoais, e de pouco adiantam as participações desorganizadas e mal informadas” (LUCK, 2009, p.72). Portanto, criar espaços de participação significa saber tomar decisões de forma compartilhada e requer comprometimento com as deliberações coletivas. Freire (1995 apud SCORSOLINE; MOURA; SANTICS, 2006) ainda ressalta que:

[...] a participação não pode ser reduzida a uma pura colaboração que setores populacionais devessem e pudessem dar à administração pública. Participação ou colaboração, por exemplo através dos chamados mutirões por meio dos quais se reparam escolas, creches ou se limpam ruas ou praças. A participação para nós, sem negar este tipo de colaboração, vai

mais além. Implica, por parte das classes populares, um “estar presente na História e não simplesmente nela estar representadas”. Implica a participação política das classes populares através de suas representações ao nível das opções, das decisões e não só do fazer já o programado”. (SCORSOLINE; MOURA; SANTICS, 2006, p.10)

Entendemos que todos os sujeitos do processo educativo devem participar das decisões que envolvem a formação do cidadão. Além disso, a participação tem um caráter polissêmico, pois é marcada pelas histórias, itinerários e imaginários dos sujeitos. Entretanto, ela deve ser guiada por objetivos comuns e, por isso, se constitui em aprendizagem. É no movimento de participar que o jovem vai se constituindo como ator social, sujeito de direitos e pertencente à sua escola, ao seu território e ao seu grupo social. A participação permite que o sujeito conheça e reconheça a sua história, aceitando, rejeitando e (re)elaborando os códigos de convivência inerentes à sua cultura.

Considerando esse caráter polissêmico da participação e a diversidade da juventude, a escola tem o papel fundamental de estimular e ensinar práticas participativas. Nesse sentido, deve oferecer, aos seus sujeitos, iguais oportunidades de participação, promovendo o intercâmbio de vivências, saberes e conhecimentos no espaço escolar e no seu entorno. Para isso, segundo a SEE (2017), a escola deve “reconhecer, legitimar, compreender todos os espaços de organização, interação contestação e construção coletiva dos estudantes” (p.4), dentre eles o Grêmio Estudantil, tornando-a mais democrática.

2.1.3 Gestão Democrática

A gestão democrática do ensino foi instituída como um dos princípios da educação pública brasileira, pelo inciso VI do Art. 206 da Constituição Federal de 1988 e referendada pelo inciso VIII do Art. 3º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9394 de 1996. Esse preceito, segundo Cury (2002), indica a escolha por um regime normativo e político que seja plural e se traduza pela comunicação, pelo envolvimento coletivo e pelo diálogo. Isso exige transparência, impessoalidade, autonomia, participação, liderança, trabalho coletivo, representatividade e competência. Ou seja, a gestão democrática é uma gestão de autoridade compartilhada. Nessa perspectiva, Lück (2010) define a gestão da escola como:

[...] o conjunto de esforços de organização, liderança, coordenação e orientação da aplicação do projeto político-pedagógico definido no âmbito da escola, para a realização de suas responsabilidades educacionais, assumidas por sua equipe de gestão, sob a liderança de seu diretor e equipe de gestão (LUCK, 2010, p.25).

A gestão da escola pública precisa ser um processo coletivo de tomada de decisão e definição de objetivos, cujo alcance eficiente, de acordo com Paro (2016), deve se voltar para o atendimento das classes trabalhadoras¹⁶, pois:

[...] administrar uma escola pública não se reduz à aplicação de uns tantos métodos e técnicas, importados, muitas vezes, de empresas que nada têm a ver com objetivos educacionais. Administração escolar é portadora de uma especificidade que a diferencia da administração especificamente capitalista, cujo objetivo é o lucro, mesmo em prejuízo da realização humana implícita no ato educativo. Se administrar é utilizar racionalmente os recursos para a realização de fins determinados, administrar a escola exige a permanente impregnação de seus fins pedagógicos na forma de alcançá-los (PARO, 2016, p.8).

Para administrar uma escola pública, é preciso conhecer os interesses dos seus sujeitos. Nesse sentido, é necessário se organizar para atendê-los, descentralizando os processos decisórios e dividindo responsabilidades. Isso ocorre, pois, diferentemente de uma empresa, que objetiva lucros financeiros, a escola pública deve garantir a apropriação da cultura humana historicamente produzida.

Vale salientar que esses processos decisórios e participativos nem sempre vão se dar de forma consensual, afinal, como Paro (2010) afirma, há múltiplos e variados valores em jogo na escola, dada a diversidade de sujeitos que nela convivem. Entretanto, Paro (2010) reforça que:

[...] a questão de maior importância quanto à abordagem de vontades diversas e à solução de conflitos é a atinente à relação entre os objetivos a serem atingidos e os interesses dos que despendem seu esforço na consecução de tais objetivos. Trata-se de uma questão política de primeira grandeza, que condiciona em grande medida a própria forma como se desenvolve a coordenação (PARO, 2010, p.6).

Nessa mesma perspectiva, Lück (2013) ressalta a importância de uma ação orientada e responsável, na consecução das ações conjuntas, associadas e articuladas a um objetivo comum. Caso contrário, “todos os esforços e gastos são despendidos sem muito sucesso” (p.25). Sem esse foco, as ações da escola tendem

¹⁶ Paro define como trabalhador todo aquele que, nessa sociedade, vende a um empregador a sua força de trabalho, física ou mental, para sobreviver (PARO, 2016, p.14).

a ser burocráticas, isoladas e eventuais, e não contam com a participação dos envolvidos na fase de planejamento (LÜCK, 2013).

Apesar de ser discutida e proposta desde a Constituição Federal de 1988 e ter a sua importância reconhecida, a gestão democrática ainda não é compreendida e incorporada às práticas educacionais brasileiras. Isso é comprovado, dado o sistema hierárquico vigente, que geralmente concentra muito poder nas mãos do diretor escolar (GOMES; ANDRADE, 2009). Segundo Paro (2016), o diretor:

[...] é considerado a autoridade máxima no interior da escola, e isso, pretensamente lhe daria um grande poder e autonomia; mas, por outro lado, ele acaba se constituindo, de fato, em virtude de sua condição de responsável último pelo cumprimento da Lei e da Ordem na escola, em mero preposto do Estado (PARO, 2016, p. 15).

A centralização do poder, nas mãos do diretor, estabelece uma hierarquia na escola que confere, à sua função, um caráter autoritário, uma vez que ele é considerado “o chefe” e é responsável por todas as normas e decisões. Essa concentração de poder dificulta a participação dos demais nos processos decisórios da escola que, conseqüentemente, acaba se desarticulando dos interesses e necessidades dos estudantes, razão de existência da escola.

Além disso, a centralização dos processos decisórios dificulta, também, a busca pela autonomia da escola, visto que o diretor acaba por atender apenas aos objetivos propostos pelo Estado. Essa exclusão dos processos decisórios apenas reafirma as desigualdades sociais, dificultando a elevação do nível de educação da sociedade e da educabilidade¹⁷ dos jovens estudantes.

Essa dificuldade em efetivar a gestão democrática, na escola pública, revela, segundo Lück (2013);

[...] a falta de reconhecimento de que a realidade é dinâmica e que os desafios experimentados no processo educacional são globais e abrangentes, demandando ação compreensiva, perspicaz e criativa, pelo empenho de pessoas organizadas em torno de um projeto conjunto. (LÜCK, 2013, p.25)

Para que a gestão democrática se efetive nas escolas, é preciso que se

¹⁷ Educabilidade é o conjunto de recursos, atitudes ou predisposições que torna possível que uma criança ou adolescente possa acompanhar, com êxito, a escola. Ao mesmo tempo, ela convida a analisar quais são as condições sociais que tornam possível que todas as crianças e adolescentes acessem a esses recursos, para poderem, assim, receber uma educação de qualidade (BURGOS, 2016, p.4).

considere a diversidade de seus sujeitos. Além disso, é necessário que se tenha clareza sobre os objetivos a serem alcançados e, superar, como nos alerta Paro (2016), “a atual situação que faz a democracia depender de concessões e criar mecanismos que construam um processo coerentemente democrático na escola” (p.26). Segundo Neubauer e Silveira (2009), o que viabiliza a instituição de uma gestão democrática e participativa é a autonomia, ou seja, a capacidade que a escola tem de definir as suas prioridades e estabelecer as suas regras, considerando a sociedade em que se insere, as orientações do sistema educacional ao qual pertence, os seus limites e suas possibilidades (TEIXEIRA, 2010).

A autonomia é um meio para a escola e, como afirmam Neubauer e Silveira (2009), ela deve propiciar, fomentar e resultar:

[...] em compromissos de ação que possibilitem a existência de diferentes estratégias para garantir as condições necessárias de uma gestão compartilhada. Autonomia, portanto, não se constrói sem participação da equipe escolar e da comunidade; por sua vez, a escola não se torna participativa num passe de mágica, especialmente porque este movimento vai à contramão da cultura social e educacional historicamente existente na América Latina. Isto significa, portanto, que a comunidade escolar e a população, em geral, precisam ser estimuladas a se integrar às escolas e participar do seu cotidiano assim como ter uma imagem positiva das possibilidades desta participação na melhoria da qualidade da educação (NEUBAUER; SILVEIRA, 2009, p.7).

O fortalecimento da autonomia é, pois, um desafio que implica na crença da autonomia de professores e estudantes e na participação de toda a comunidade escolar, com vistas à melhoria da aprendizagem. Esse desafio exige, portanto, a demanda por novos conhecimentos, atitudes e valores, além de necessitar da transformação da escola e da liderança do diretor (NEUBAUER; SILVEIRA, 2009; PARADELA, 2016; PARO, 2016).

Segundo Paradela (2016), uma concepção interessante de liderança é:

[...] proposta por Macêdo et al (2012, p. 94) para quem a liderança seria a “arte de educar, orientar e estimular pessoas a persistirem na busca de melhores resultados num ambiente de desafios, riscos e incertezas”. A palavra “arte”, usada nessa definição, destaca que não se trata de uma ciência exata, que não há “receitas de sucesso” nem tampouco métodos infalíveis que possam ser aplicados à liderança. É certo que existem teorias e princípios, construídos com base científica adequada, que podem servir de instrumentos para os gestores. Mas, como ocorre com todas as tarefas que envolvem o ser humano, complexo e imprevisível por natureza, é preciso que o líder desenvolva habilidades que vão muito além da mera aplicação de modelos teóricos (PARADELA, 2016, p.1).

As decisões e deliberações não devem se concentrar na figura do diretor, mas sim descentralizados, para que a gestão seja efetivamente compartilhada. Mas, esse processo participativo, no espaço escolar, requer, segundo Lück (1998 *apud* COELHO; LINHARES, 2008) o desenho de estratégias que envolvem a identificação das melhores oportunidades de ação e decisão compartilhada; o fomento à participação dos sujeitos do processo educativo; a definição coletiva de normas de convivência e sua concretização; a garantia dos recursos necessários; e o reconhecimento do esforço de todos, na consecução dos objetivos e atividades propostos.

Para que essas estratégias sejam implementadas na escola, é preciso que o diretor exerça efetivamente a sua liderança e institua, na escola, um fazer coletivo. Isso, segundo Neubauer e Silveira (2009), exige:

[...] integração e sinergia entre as diversas políticas públicas para incremento efetivo da participação no âmbito da gestão geral da educação e da gestão das escolas. Em outras palavras, é necessário que os sistemas educacionais estejam decididos a promover a participação nas comunidades e nas escolas – e criem mecanismos claros e específicos de transferência de poder e de recursos, passando das intenções para o plano da ação (NEUBAUER; SILVEIRA, 2009, p.29).

Essa decisão de fomentar a participação requer a atenção para o contexto social em que a escola se insere, além dos seus limites e possibilidades. Ademais, é necessário se atentar para as relações de poder nela existentes e a consequente superação de um paradigma de gestão, centrada na figura do diretor, para um novo paradigma, que proponha uma atuação coletiva mais efetiva. Ou seja, a mudança para um paradigma que invista na adoção de práticas mais interativas e democráticas, em que todos os segmentos presentes na escola (dirigentes, educadores, estudantes e família) estabeleçam parcerias, com vistas à consecução de objetivos comuns (LÜCK, 2013).

Na consecução desse paradigma, órgãos de representação coletiva, da comunidade escolar, se fazem indispensáveis. Dentre eles, ressaltamos o Colegiado Escolar e o Grêmio Estudantil, objetos de discussão das próximas subseções.

2.1.3.1 O Colegiado Escolar

Em Minas Gerais, desde 1983, quando o governo estadual promoveu o

Congresso Mineiro de Educação, a participação popular tem sido centralidade nas propostas e discussões acerca dos problemas educacionais. A consulta à comunidade para a escolha dos diretores e a criação do Colegiado Escolar está entre as ações decorrentes das discussões e propostas do referido Congresso. E, finalmente, em 1992, todas as escolas, da rede estadual de ensino, passaram a contar com o Colegiado Escolar, espaço institucionalizado de participação da comunidade nos processos decisórios da escola. Ele tem a sua atuação definida e ajustada frequentemente pela legislação estadual, de acordo com o contexto do cenário educacional.

Atualmente, vigora, em Minas Gerais, a Resolução SEE nº 2.958, de 29 de abril de 2016 (MINAS GERAIS, 2016a), que dispõe, em seu Art. 10º, que o Colegiado Escolar é o “órgão representativo da comunidade escolar, com funções de caráter deliberativo¹⁸ e consultivo¹⁹, conforme a natureza da matéria, respeitadas as normas legais”. (p.2) O Colegiado deve:

[...] propor ações que ampliem a participação efetiva da comunidade e das entidades e grupos comunitários, convocando as assembleias escolares²⁰, sempre que necessário, para participarem das discussões sobre os assuntos de interesse coletivo, em prol da aprendizagem dos estudantes e da convivência democrática (MINAS GERAIS, 2016a, p.6).

Por ser um órgão representativo da comunidade escolar, deve ser composto por representantes dos diferentes segmentos da comunidade escolar, escolhidos por seus pares. Assim, nele, estão representadas as seguintes categorias²¹:

I – Profissional em Exercício na Escola, constituída dos segmentos: a) magistério: Professor de Educação Básica e Especialista em Educação Básica; b) administrativo: Assistente Técnico de Educação Básica, Auxiliar de Serviços de Educação Básica, Analista de Educação Básica. II –

¹⁸ Decisões relativas às normas previstas no regimento escolar, aos processos educativos, às diretrizes pedagógicas, à gestão de pessoas, administrativas e financeiras, em consonância com o Projeto Político Pedagógico da escola e o Plano de Gestão.

¹⁹ Análise de questões de interesse da escola, propostas pelos diversos segmentos da comunidade escolar, e a apresentação de sugestões para a solução das referidas questões. (MINAS GERAIS, 2016a, p.1)

²⁰ A Assembleia Escolar é a instância máxima de consulta e deliberação da comunidade escolar, constituída por profissionais em exercício na escola, estudantes, pais, mães ou responsáveis. Os assuntos de interesse da comunidade escolar, de caráter consultivo e deliberativo, relativos ao regimento escolar, processos educativos, diretrizes pedagógicas, administrativas e financeiras, devem ser discutidos em assembleia com a comunidade escolar.

²¹ Escolas com até 500 estudantes: 6 membros titulares e 6 suplentes; escolas com 501 a 1400 estudantes: 12 membros titulares e 12 suplentes; escolas com mais de 1400 estudantes: 18 membros titulares e 18 suplentes. (MINAS GERAIS, 2016a, p.4)

Comunidade Atendida pela Escola, constituída dos segmentos: a) estudante regularmente matriculado e frequente: a.1 – em qualquer nível de ensino com idade igual ou superior a 14 anos. a.2 – no ensino médio ou educação profissional, com qualquer idade. b) pai, mãe ou responsável por estudante regularmente matriculado e frequente na escola. c) entidades e grupos comunitários pertencentes à comunidade na qual a escola está inserida e que atuam na promoção, defesa e garantia dos direitos de crianças, adolescentes e jovens.²² (MINAS GERAIS, 2016a, p.2-3)

Embora o processo de escolha de representantes conte com a participação de toda a comunidade escolar e, institucionalmente, tenha o objetivo de incentivar e efetivar a participação da comunidade escolar nos processos deliberativos e consultivos, o Colegiado Escolar pode ser apenas um espaço de participação tutelada, como ressalta Chauí (2014), uma vez que é presidido pelo diretor da escola. Segundo estudos e pesquisas (TEIXEIRA, 2010; GOMES; ANDRADE, 2009), a atuação de órgãos colegiados tem se limitado às questões de suporte à manutenção da escola (financeiras e materiais), mantendo distância dos aspectos essenciais à prática pedagógica (razão de sua existência).

O contexto de atuação dos Colegiados Escolares ainda se curva ao discurso dos que detêm mais poder na estrutura escolar: o diretor e seus representantes. Em artigo que analisou as práticas discursivas de conselheiros escolares de escolas públicas do Sistema Municipal de Educação de Recife, Gomes e Andrade (2009) constataram que:

[...] há uma hierarquia da fala entre os sujeitos componentes do CE, tanto no que se refere ao tempo de uso da fala, quanto à força de suas ideias nas deliberações do conselho escolar e, sobretudo, pela função de controle que alguns sujeitos assumem na condução das reuniões.(...) Destaca-se, sobretudo, a figura do diretor como detentor majoritário da palavra (GOMES; ANDRADE, 2009, p.90).

Para superar essa hierarquia e esse monopólio da “palavra”, é preciso promover a escuta de vozes diversas, além da igualdade de oportunidades e de acesso aos sujeitos atendidos pela escola. Dessa forma, é preciso promover o engajamento dos estudantes nos processos que a eles são direcionados. Por fim, é necessário assegurar e efetivar os espaços de escuta das demandas dos jovens estudantes, para que a escola deles se aproxime e a sua gestão seja, realmente, compartilhada. Um desses espaços é o Grêmio Estudantil, assunto da próxima

²² A legislação de 2016 inovou, ao propor a participação de entidades e grupos comunitários do território em que a escola se insere, nos processos consultivos e deliberativos, inerentes às atribuições do colegiado Escolar.

subseção.

2.1.3.2 Grêmio Estudantil

O Grêmio Estudantil é uma entidade autônoma de representação dos interesses dos estudantes e um espaço de exercício da cidadania. A sua organização e o seu funcionamento são instituídos pela Lei Federal 7.398, de 04 de novembro de 1985 – também conhecida como Lei do Grêmio Livre -, pelas Leis Estaduais 12.084, de 12 de janeiro de 1996 (BRASIL, 1996a), e 13.410, de 21 de dezembro de 1999 (BRASIL, 1999). Além dessas, o Estatuto da Criança e do Adolescente dispõe, em seu Art. 53, inciso IV, a garantia ao direito de os estudantes se organizarem e participarem de entidades estudantis.

Ele é, portanto, um espaço de representação e participação dos estudantes no cotidiano da escola e, provavelmente, é a primeira organização democrática com a qual o jovem tem contato. Apesar de sua importância no processo formativo dos jovens, a contribuição do Grêmio Estudantil, para a democratização da escola, ainda não é uma realidade. Segundo Ferretti et al. (2013), isso ocorre:

[...] porque ele nem sequer é instituído, seja porque é muitas vezes reduzido a órgão de promoção de eventos, seja pela direção e/ou professores, seja pelos próprios alunos. Não que estes sejam desimportantes para a formação dos alunos, mas, quando passam a se constituir na principal atividade do Grêmio, ofuscam sua participação nas deliberações que ultrapassam essa esfera, como a discussão e a promoção de debates sobre o projeto pedagógico da escola e sobre temas do interesse deles, alunos (trabalho, cultura, vida social, saúde, transporte, etc.), assim como do interesse da educação, da escola e da região onde vivem com suas famílias. (FERRETTI et al., 2013, p.25)

Para cumprir essa função educativa, é preciso superar a marginalização dos estudantes nos debates, decisões e resolução de problemas ligados à escola. Além disso, é necessário que a atuação do Grêmio não se restrinja ao mero cumprimento de tarefas, promovendo a discussão e a reivindicação dos direitos dos estudantes, alertando-os, também, para o cumprimento de seus deveres. (SCORSOLINE; MOURA; SANTICS, 2006)

Assim, a atuação do Grêmio também precisa ser democrática e suas ações devem ser fruto da escuta dos seus pares, sendo elas planejadas, organizadas e executadas coletivamente. Além disso, essas atividades devem ser, também, de

caráter sociopolítico relevante (não apenas culturais e esportivas), incentivando, assim, o desenvolvimento do protagonismo juvenil.

Segundo Costa (2001), esse protagonismo permite “o enfrentamento de situações reais na escola, na comunidade e na vida social mais ampla” (COSTA, 2001, p.9). Além disso, em algum momento do seu futuro, o jovem irá “posicionar-se politicamente de forma mais amadurecida e lúcida, com base não só em ideias, mas, principalmente, em suas experiências (práticas e vivências) concretas em face da realidade” (COSTA, 2001, p.26).

A escola, como espaço sociocultural, oferece inúmeras e enriquecedoras oportunidades de fala e escuta; aprendizagem e criação; reclamação e ação. Nesse sentido, o Grêmio é um espaço potencial para dar voz e vez aos estudantes, sendo mais que um espaço de reclamação, mas um espaço de ação. De acordo com Luz (1998):

[...] ao lado dos vários problemas do dia-a-dia da escola, que os alunos podem ajudar a identificar e resolver existe um mundo de temas e atividades para os quais a escola é o lugar perfeito de discussão e realização. As drogas e a Aids, a formação profissional e a orientação sexual, a gravidez prematura e o trabalho precoce, a ecologia e a cultura, as eleições e os partidos, a violência no bairro e a falta de um semáforo na esquina, tudo isso acompanhado do “bailão” dos sábados, dos campeonatos de xadrez e futebol, do teatro e do cineclube, do passeio ecológico e da feira de artesanato, são assuntos da maior importância e que interessam aos alunos, fora e dentro da escola (LUZ, 1998, p.2).

Atuando no Grêmio ou participando direta ou indiretamente de suas atividades, os jovens exercitam o seu direito à participação social e política, formando-se na cidadania e pela cidadania. Por isso, entendemos que, além de um direito, a participação é também um processo educativo, que deve ser estimulado e proporcionado pela escola. Dessa forma, ela deve reconhecer o jovem como ator social e político, cujas opiniões e interesses são relevantes e devem ser considerados, discutidos e problematizados.

2.2 A coleta de dados

Após o diagnóstico apresentado no primeiro capítulo, uma nova coleta de dados se mostrou necessária, com o intuito de buscar respostas à questão norteadora da pesquisa: quais os entraves à constituição de grêmios estudantis nas

escolas estaduais de Belo Horizonte no contexto da política de fomento à participação estudantil, que, dentre outros objetivos, visa à democratização da gestão escolar?

Foi necessário, portanto, um contato mais próximo com os gestores e estudantes das escolas selecionadas e, por isso, foram utilizados fóruns de discussão no Whatsapp e questionário de diagnóstico de participação, desenvolvido pela equipe da DJUV.

Nessa seção, apresentaremos esses instrumentos, especificando os procedimentos metodológicos e algumas considerações sobre as suas possibilidades e limitações.

2.2.1 Fóruns do Whatsapp

Por se tratar de um caso de gestão que envolve a juventude, optamos por utilizar uma ferramenta muito utilizada por estudantes: o Whatsapp. Essa ferramenta, integrante do chamado *Mobile-Learning* ou *M-Learning*, tem sido utilizada em cursos de educação à distância, por ser capaz de fundir os conceitos de mobilidade e aprendizagem. Isso é possível, uma vez que a interação pode ser feita através de dispositivos móveis e, no caso do Whatsapp, pelos smartphones, amplamente utilizados por jovens.

Em 2014, no XI Congresso Brasileiro de Ensino Superior à Distância, realizado em Florianópolis, Oliveira et al. (2014), pesquisadores da Universidade Federal da Paraíba apresentaram um relato de experiência da aplicação de dispositivos, como o Whatsapp, em um curso de educação à distância, promovido por essa Universidade.

De acordo com Oliveira et al. (2014), entre as vantagens da utilização desse aplicativo, estão: a mobilidade do usuário e a possibilidade de acesso a todas as mensagens compartilhadas, independentemente de se estar conectado à internet. Isso é possível, pois:

[...] as mensagens transmitidas quando o dispositivo está fora da área de cobertura ou desligado são automaticamente salvas e recuperadas quando a rede é restaurada ou quando o dispositivo for ligado. Outra vantagem é que não há necessidade de se lembrar senhas ou nomes de usuários, pois o aplicativo funciona através de números de telefones e se integra com a agenda de endereços dos usuários (OLIVEIRA et al., 2014, p.3485).

Apesar das vantagens, há limitações no uso dessa ferramenta, já que, como também alertam Oliveira et al. (2014), é preciso que a sua utilização seja bem planejada e organizada, uma vez que a rápida e dinâmica troca de mensagens pode comprometer a interação entre os participantes.

Como o Whatsapp já é um dispositivo utilizado pela DJUV no contato com estudantes líderes das Regionais de Ensino e também com gestores das escolas estaduais, aproveitamos essa familiaridade com o aplicativo e criamos dois grupos de discussão: um com integrantes do grêmio e representantes dos estudantes e outro com os gestores (direção, vice-direção e coordenação pedagógica), das duas escolas selecionadas para esta pesquisa. Consideramos, também, que, por serem parte do cotidiano da maioria das pessoas, os dispositivos móveis tornam o processo de pesquisa com os sujeitos mais interativo, dinâmico, já que a interação é mais natural e menos formal. Todos os sujeitos participantes dos fóruns preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e foram informados que os seus dados pessoais seriam mantidos em sigilo e suas opiniões utilizadas apenas para os fins da pesquisa.

O grupo intitulado Participação e Juventude foi destinado aos estudantes e contou, inicialmente, com 15 integrantes. Na Escola Bezerra de Menezes, foram selecionados 5 estudantes do turno da manhã e 5 estudantes do turno da tarde. Já na Escola Chiquinha Gonzaga, foram selecionados apenas 5 estudantes, integrantes do Grêmio Estudantil e matriculados no turno da manhã, horário de funcionamento do ensino médio. Como a Escola Bezerra de Menezes não tem Grêmio, foram selecionados estudantes que são Representantes de Turma, sendo 5 (cinco) do 2º ano do ensino médio do turno da tarde e 5 (cinco) do 3º ano, que funciona de manhã. Os alunos do 1º ano²³ não foram selecionados, por serem novatos na escola. Consideramos que os estudantes matriculados há pelo menos um ano teriam mais informações, no que se refere ao cotidiano da escola.

Já o grupo intitulado Gestão e Participação, destinado aos gestores das escolas, contou com a contribuição de 7 (sete) participantes. Da Escola Bezerra de Menezes, participaram a diretora, os vice-diretores (um do turno da manhã e outro do turno da tarde), a supervisora pedagógica do turno da manhã e um professor de

²³ A escola oferece apenas o ensino médio. Assim, os estudantes do 1º ano são novatos na escola e são egressos de diferentes escolas de ensino fundamental da região metropolitana de Belo Horizonte.

Educação Física do turno da tarde, que recebeu, da direção da escola, a incumbência de articular, com os alunos, a criação do Grêmio Estudantil. Da Escola Chiquinha Gonzaga, participaram apenas a diretora e o vice-diretor. O quadro de funcionários dessa última é bem menor e, na ocasião da coleta dos dados, a Supervisora Pedagógica se encontrava ausente da escola, participando de Encontro Técnico da Regional de Ensino.

Com o intuito de conhecer a opinião e a percepção dos estudantes e das equipes gestoras das escolas selecionadas sobre a participação estudantil e a gestão democrática da escola, foram elaborados dois roteiros de perguntas, com questões-chave para os fóruns de discussão no Whatsapp. Um roteiro foi destinado ao grupo dos gestores e outro, aos estudantes. Além das questões chave, foram planejadas questões que se remetiam às questões-chave, que deveriam ser postadas nos grupos para potencializar a participação, caso fosse necessário. Com isso, cada um dos dois roteiros de interação contou com 5 questões-chave, que se desdobraram em 13 (treze) questões (Apêndices B e C) e deveriam ser respondidas em mensagens de texto.

Nos fóruns, foram feitas perguntas referentes ao conceito de participação, espaços de participação disponibilizados ou não pela escola aos estudantes, papel do grêmio estudantil, utilização de diferentes espaços para o desenvolvimento de atividades, participação dos estudantes em grupos, coletivos e afins e como a escola percebe estas atividades. Todas as perguntas tiveram como referência os eixos de análise apresentados nas seções anteriores: Juventude, Gestão Democrática e Participação Estudantil.

Para garantir o arquivo das respostas, fizemos o “*backup*” das mensagens no computador, por meio da ferramenta Whatsapp Web²⁴, que permite o envio das mensagens para o correio eletrônico (e-mail), facilitando a sua impressão e arquivo.

Previstos inicialmente para durar 20 dias - tendo uma pergunta apresentada a cada 2 (dois) dias para cada grupo, e lançando entre esses dias outras questões para ampliarmos as discussões -, os fóruns dos grupos do Whatsapp se estenderam por mais 11 dias, funcionando entre os dias 29 de maio e 30 de junho de 2017. Essa extensão no prazo foi necessária, devido à demora dos participantes em responder

²⁴ O WhatsApp Web é uma extensão da conta do WhatsApp, do aparelho celular para o computador. As mensagens são completamente sincronizadas entre o aparelho celular e o computador, podendo ser vistas em ambos dispositivos.

às questões propostas, sobretudo o grupo dos gestores, que necessitou de mais intervenções e cobrança das respostas.

Algumas alterações foram necessárias durante o período de discussão nos fóruns. No Grupo Gestão e Participação, houve a substituição de um participante²⁵, que se aposentou e teve o seu sucessor incluído no fórum.

No Grupo Participação e Juventude, não houve a necessidade de substituição de participantes, entretanto, durante as discussões, 5 (cinco) estudantes saíram do grupo, sendo que quatro eram da Escola Bezerra de Menezes e um da Escola Chiquinha Gonzaga. Este último justificou a sua saída, alegando não ser mais integrante do Grêmio Estudantil por motivos pessoais e, por isso, não mais participaria do fórum. Outro fato relevante foi a preocupação de alguns estudantes da Escola Bezerra de Menezes, em relação à possibilidade de suas respostas chegarem ao conhecimento da direção da escola, mesmo tendo sido informados previamente e também durante as discussões, de que as repostas não seriam divulgadas.

No grupo dos estudantes, o maior desafio foi a ausência de alguns participantes nas discussões, que se abstiveram de emitir suas opiniões e percepções sobre a escola. Já no grupo dos gestores, os desafios encontrados foram: a pouca participação de alguns membros, somada a respostas evasivas e marcadas pelo senso comum, sobretudo nas questões referentes à relação da escola com o entorno e ao conhecimento das atividades dos jovens fora da escola.

Apesar das dificuldades apresentadas, as discussões, nos grupos, foram dinâmicas, havendo a integração e o debate entre os participantes, embora de forma mais tímida no grupo dos gestores, talvez pelo número reduzido de participantes. A facilidade de responder às perguntas, de acordo com a disponibilidade de tempo de cada um e de conhecer a opinião dos demais, permitiu uma troca mais dinâmica de opiniões e partilha de ideias, que não seria possível numa entrevista ou na aplicação de um questionário.

Embora as interações tenham sido mais tímidas no grupo dos gestores, percebemos que, após a primeira resposta, os demais participantes se sentiam menos inibidos em participar. Entre os estudantes, a interação foi mais fluida,

²⁵ Este participante da Escola Bezerra de Menezes se aposentou durante o funcionamento do fórum, mas não participou das discussões. Foi substituído pelo novo vice, que contribuiu de forma bem pontual e restrita.

embora alguns não tenham participado ativamente das discussões. Portanto, as respostas nos forneceram importantes dados, em relação aos processos de participação vivenciados nas escolas.

Para efeitos de análise e garantindo o anonimato a todos, nesse trabalho, os integrantes do grupo Gestão e Participação serão identificados pela letra G e os do grupo Participação e Juventude pela letra E, conforme mostra o Quadro 3:

Quadro 3 - Identificação dos participantes por grupos

Grupo	Escola	Participantes
Gestão e Participação	Escola Bezerra de Menezes	G1a até G1e
	Escola Chiquinha Gonzaga	G2a e G2b
Participação e Juventude	Escola Bezerra de Menezes	E1a até E1j
	Escola Chiquinha Gonzaga	E2a até E2e

Fonte: Elaborado pela autora.

Dando continuidade à descrição da metodologia utilizada nessa pesquisa, apresentaremos, na próxima subseção, as considerações sobre o questionário aplicado aos estudantes e às escolas estaduais.

2.2.2 Questionário Diagnóstico de Participação

Em 2017, a SEE, com o intuito de conhecer mais sobre a vida escolar dos estudantes da Rede Estadual de Educação, especialmente no que concerne à participação dos estudantes nas discussões, nos projetos e decisões que envolvem o dia a dia na escola numa perspectiva de construção da Gestão Democrática, realizou uma ação de Diagnóstico da Participação nas Escolas. O Diagnóstico foi construído de maneira articulada entre a DJUV e a Coordenação de Educação em Direitos Humanos²⁶, como parte das agendas da Virada Educação Minas Gerais e do Programa de Convivência Democrática no Ambiente Escolar, em implementação na Rede e que propõem a Participação Social e Gestão Democrática como um dos eixos de discussão e desenvolvimento de ações.

A equipe da DJUV elaborou dois questionários (Apêndices F e G), destinados ao levantamento de algumas informações sobre a dinâmica de participação na

²⁶ A Coordenação de Educação em Direitos Humanos integra a Superintendência de Modalidades e Temáticas Especiais, que, juntamente com a Superintendência de Juventude, Ensino Médio e Educação Profissional, compõe a Subsecretaria de Desenvolvimento da Educação Básica.

escola, tanto na visão dos gestores, quanto na visão dos estudantes. Portanto, um questionário foi destinado aos estudantes e outro à direção da escola (diretor ou vice-diretor).

Enquanto o questionário voltado às escolas foi aplicado censitariamente, em todas as instituições de ensino da Rede Estadual de Minas Gerais, o questionário voltado aos estudantes foi destinado a uma amostra dos estudantes, garantindo respostas estatisticamente representativas da realidade.

Para isso, foram sorteadas, aleatoriamente, 20% das escolas de cada uma das 47 SRE. De cada uma dessas, foram sorteados, com base nos dados do SIMADE de 2016, 10 (dez) estudantes, com uma amostra de substituição de mais 10 (dez) estudantes, para casos de transferência de escola do estudante sorteado. Assim, 5500 estudantes foram selecionados para responderem ao diagnóstico de participação.

Entre os meses de março e abril de 2017, os mais de 5000 estudantes e gestores das 3.260 escolas deveriam responder o formulário on-line, disponibilizado pela SEE nos e-mails institucionais das escolas. Entretanto, com a greve dos servidores da educação, que durou de 15 de março a 17 de abril, a DJUV precisou dilatar o prazo de resposta para 30 de maio. Os diretores - ou outro servidor (especialista ou vice-diretor) por eles indicado - responderam ao questionário da escola e, no caso dos estudantes, as escolas foram orientadas a disponibilizarem o laboratório de informática para que eles pudessem responder o formulário eletrônico.

Entretanto, nem todas as escolas cumpriram o solicitado, apesar dos constantes apelos da DJUV, via e-mail institucional, para as regionais de ensino e escolas. Apenas 2.139 escolas responderam ao questionário, ou seja, 65,6%; mas entre os estudantes, a resposta foi mais satisfatória, pois 5231 preencheram o formulário, englobando 95,1% dos selecionados.

De acordo com as SRE, as escolas que não responderam alegaram excesso de demandas e ações solicitadas pela SEE, além do acúmulo de atividades, devido à greve. A DJUV optou por considerar válidas as respostas recebidas e tomá-las como base para as novas ações da diretoria, principalmente as que envolvem o Programa de Convivência Democrática - desenvolvido em parceria com a coordenação de Educação de Direitos Humanos - e a constituição da Rede de Representantes Estudantis.

Considerando o perfil do público que respondeu os questionários (gestores e

estudantes) e que as questões neles solicitadas se referem à participação estudantil, optamos pela utilização dessas informações nesse caso de gestão. Isso se justifica, uma vez que as perguntas procuram conhecer os entraves à constituição de grêmios estudantis, necessitando de informações quanto aos espaços de participação existentes nas escolas estaduais e ao aproveitamento dos mesmos. Assim, a utilização deste instrumento, com suas respectivas repostas, foi autorizado pela Coordenadora da DJUV e pela Superintendente da SEM (ANEXO).

Além disso, o questionário busca revelar o conhecimento ou o desconhecimento dos sujeitos escolares, em relação aos espaços de participação existentes na sua escola e a sua utilização.

Os dados coletados serão analisados qualitativamente, com vistas à apreensão contextual dos significados apresentados pelos sujeitos, tendo como eixos os conceitos de gestão democrática e participação juvenil nas escolas, apresentados nas seções anteriores.

2.3 Apresentação e análise dos resultados da pesquisa

Nesta seção, apresentaremos as análises das respostas obtidas nas discussões dos fóruns dos grupos de Whatsapp e nos questionários aplicados. Além disso, essas respostas oferecem informações sobre a dinâmica da participação dos estudantes no cotidiano das escolas observadas, constituindo-se, também, em referencial para a definição das ações, a serem propostas no Capítulo 3.

Considerando o objetivo central desse trabalho, que se propõe a identificar os entraves à constituição dos grêmios estudantis nas escolas da rede estadual de Minas Gerais, cuja política educacional tem como foco o fomento à participação estudantil, tomamos, como eixos de análise dos resultados obtidos na pesquisa, a participação juvenil e a gestão democrática da escola.

A participação dos jovens e estudantes é, além de um direito assegurado em várias normativas²⁷, um processo educativo que não se dá espontaneamente. Segundo Paro (2016), a participação atua como um processo histórico de construção coletiva e requer a previsão de mecanismos institucionais que a

²⁷ Constituição Federal de 1988, Lei Nº 7.395, de 31 de outubro de 1985; Lei Nº 12.084 de 12 de janeiro de 1996; Lei Nº 8.069 de 13 de julho de 1990; Lei nº 13.410 de 21 de dezembro de 1999; Lei Nº 12.852, de 05 de agosto de 2013.

viabilizem e incentivem. Nessa perspectiva, a SEE acredita que é essencial a ampliação da:

[...] ideia de participação para além do exercício de votar ou ser votado, ou seja, para além da sua dimensão representativa, transcendendo também a ideia de que seu exercício deva ser aplicado somente na resolução de determinado conflito ou situação pontual. Assim, conceber o exercício da participação enquanto processo educativo nos habilita conceituá-lo de forma mais ampla e enxergá-lo como uma construção permanente, inesgotável e dotada de dinamismo e diversidade, não tendo um único formato ou padrão (MINAS GERAIS, 2017a, p.2).

A partir da participação coletiva e integrada dos sujeitos do processo educativo, é possível descentralizar os processos decisórios, tão concentrados na figura do diretor. Além disso, também é possível dividir as responsabilidades, de maneira a garantir a articulação da escola com os interesses populares, organizando-se democraticamente. Nesse sentido, Paro (2016) destaca que:

[...] a escola só poderá desempenhar um papel transformador se estiver junto com os interessados, se se organizar para atender aos interesses (embora nem sempre conscientes) das camadas às quais essa transformação favorece, ou seja, das camadas trabalhadoras (PARO, 2016, p.17).

Uma gestão democrática, portanto, não se consolida quando a participação é compreendida como algo que se concede, que se permite. A gestão democrática necessita da efetivação de espaços de partilha, debate e deliberação de opiniões, percepções e interesses. Ademais, a utilização destes deve ser incentivada cotidianamente, pois, segundo Lück (2013) a participação “dá às pessoas a oportunidade de controlarem o próprio trabalho, assumirem autoria sobre o mesmo e sentirem-se responsáveis por seus resultados – portanto, construindo e conquistando sua autonomia” (p.22).

A participação efetiva dos estudantes, na gestão da escola, permite que o mesmo se constitua como sujeito social e de direitos, além de fazer com que ele se identifique com o espaço escolar, sentindo-se parte dele e compreendendo a sua responsabilidade na caracterização e transformação desse espaço.

2.3.1 Juventude, Participação e Gestão democrática: Percepção dos estudantes e gestores

Nesse trabalho, apresentamos a juventude como uma condição social e uma representação que se sobrepõe à mera categorização etária. Obviamente, a entrada na juventude envolve essa marca cronológica, mas, segundo Dayrell, Carrano e Maia (2014), é preciso considerar não só o caráter universal atribuído a ela – associado às transformações do indivíduo de uma determinada faixa etária – como também as diferentes construções históricas e sociais dessa etapa da vida:

A entrada na juventude se faz pela fase da adolescência, e é marcada por transformações biológicas, psicológicas e de inserção social. É nessa fase que fisicamente se adquire o poder de gerar filhos, em que a pessoa dá sinais de ter necessidade de menos proteção por parte da família e começa a assumir responsabilidades, a buscar a independência e a dar provas de autossuficiência, dentre outros sinais corporais, psicológicos e de autonomização cultural (DAYRELL; CARRANO, 2014, p.111)

Assim, marcada por experimentações em diversas áreas e dimensões, a juventude necessita de tempos, espaços e relações de qualidade, que permitam o desenvolvimento de suas potencialidades e, conseqüentemente, a sua inserção social. É preciso que os jovens sejam percebidos em sua integralidade e diversidade, mas a escola tende a reduzi-los ao papel que nela exercem: alunos. Teixeira (2010) e Dayrell, Carrano e Maia (2014) asseveram que há, geralmente, um desconhecimento da realidade, das diversidades, das especificidades, dos interesses e necessidades dos jovens, além de todas as suas marcas identitárias. Ademais, predomina, no espaço escolar, uma representação negativa e preconceituosa em relação aos jovens, percebidos como incompletos e inaptos à confiança dos adultos. Conhecer os jovens, os seus espaços de vivências, experimentações e escolhas é fundamental para o processo formativo. É preciso, então, que eles sejam ouvidos e considerados como interlocutores válidos e parceiros, na definição de ações que possam potencializar suas vivências. (DAYRELL; CARRANO, 2014)

A participação dos jovens estudantes é, assim, condição essencial à efetivação da gestão democrática da escola. Nesse sentido, ressaltamos que, conforme apresentado em seção anterior, a gestão democrática da escola pública, embora positivada como princípio da educação básica, ainda é um desafio a ser

superado. Isso ocorre, pois ela não é um processo espontâneo, mas sim histórico, construído coletivamente, sobretudo numa sociedade como a brasileira, constantemente marcada pelo autoritarismo. Paro (2016) afirma que o que temos hoje é “um sistema hierárquico que pretensamente coloca todo o poder nas mãos do diretor” (p.15). Dessa forma, para que a gestão da escola seja democrática, é preciso que as práticas participativas sejam incentivadas e institucionalizadas na escola pública, conferindo autonomia. Entretanto, essa autonomia precisa ser, segundo Paro (2016), conquistada “pelas camadas trabalhadoras. Por isso, é preciso, com elas, buscar a reorganização da autoridade no interior da escola” (p.16).

Dessa forma, é preciso que toda a comunidade escolar, incluindo aí os jovens estudantes, se envolva nos processos decisórios da escola, compartilhando opiniões e impressões, propondo soluções, planejando e efetivando as propostas para a solução de problemas e consecução do projeto pedagógico. Ou seja, é necessário que participem da gestão da escola.

Assim, um dos temas debatidos no fórum foi a concepção de juventude e o papel atribuído aos jovens pela escola. As respostas apresentadas confirmam a percepção preconceituosa e negativa dos jovens, como apresentado por Dayrell ([2016]), Martins e Dayrell ([2016]), Melucci (2007) e Teixeira (2010). Quando questionados sobre a juventude e seus interesses, com o intuito de identificar se a escola reconhece os jovens como sujeitos socioculturais, o grupo de gestores deixa implícita, sobretudo para os participantes da Escola Bezerra de Menezes, uma concepção de juventude que necessita ser tutelada e pouco se interessa pelo mundo à sua volta, conforme ilustram os relatos a seguir:

[...] a participação do aluno deve ser moderada pela direção e coordenação da escola, uma vez que os jovens hoje estão com um conceito muito errado do funcionamento da escola (...). De modo geral, ao conversar um pouco com os alunos, vejo que quase todos são fechados no mundinho de adolescência deles. Rede social, jogo eletrônico, etc. (G1c. *Whatsapp*, Junho de 2017).

[...]a dificuldade é lidar com a minoria que realmente deseja impor os seus desejos aos demais e contestar as normas escolares vigentes... Na escola essa minoria deseja uma escola sem uniforme, sem horário definido de entrada e saída, excursões frequentes, eventos musicais etc; enfim, a aprendizagem não é prioridade (G1d. *Whatsapp*, Junho de 2017).

Notadamente, percebemos que, além de uma descrença no potencial e nos

interesses da juventude, há uma redução da mesma à função de aluno. Os interesses dos jovens, que fogem ao contexto da sala de aula, são entendidos como “errados” e como imposição e desrespeito às regras da escola. Não há, pelos relatos, interesse da gestão, em relação às motivações questionamentos e reivindicações dos jovens. Ademais, há uma percepção de que a aprendizagem só acontece na sala de aula.

Dayrell, Carrano e Maia (2014) ressalta que o jovem não é levado a sério. As suas necessidades, opiniões e reivindicações são menosprezadas pela escola, uma vez que são percebidos sob a ótica do problema, do “que ainda não chegou a ser”. Aliada à essa concepção negativa da juventude, temos, ainda, o modelo de gestão centralizada na figura do diretor, que, segundo Lück (2013a), age como:

[...] tutelado aos órgãos centrais, competindo-lhe zelar pelo cumprimento de normas, determinações e regulamentos deles emanados. (...) Essa situação, é importante destacar, cria uma perspectiva estática, burocratizada e hierarquizada do sistema de ensino e das escolas, por orientar-se pelo estabelecimento de uniformidade do sistema de ensino – em vez de pela sua unidade – reforçando padrões não de resultados e sim de formas de desempenho que desconsideram a necessidade de criatividade, iniciativa e discernimento em relação a dinâmicas interpessoais e sociais, envolvidos no processo educacional (LÜCK, 2013a, p.34-35).

Há, na Escola Bezerra de Menezes, a necessidade de controle dos canais e espaços de participação dos estudantes, que são percebidos como imaturos e despreparados, necessitando, portanto, de tutela e monitoramento por parte dos adultos. Esses pressupostos reforçam a noção de que os processos decisórios precisam ser controlados pelos gestores e, conforme Lück (2013a), refletem a:

[...] hierarquização e verticalização na condução dos sistemas de ensino e das escolas, a desconsideração aos processos sociais neles vigentes, a burocratização dos processos, a fragmentação de ações e sua individualização e, como consequência, a desresponsabilização de pessoas em qualquer nível de ação, pelos resultados finais de seu trabalho. A esses pressupostos e suas implicações está associada a administração por comando e controle, centrada na autoridade funcional, em detrimento da formação de espaços de participação coletiva e atuação criativa de sujeitos responsáveis por suas ações (LÜCK, 2013a, p.37).

Além disso, percebemos a representação adultocrata dos jovens, reportada por Abramovay (2015), e que é marcada por um teor maniqueísta, pois:

[...] ao mesmo tempo que são considerados responsáveis pelo futuro, são

percebidos como irresponsáveis no presente, como aqueles que não produzem. Assim como são vistos como a esperança de um mundo melhor, também representam o medo e a falta de confiança que a sociedade deposita nessa parcela da população (ABRAMOVAY, 2015, p.27).

Dessa forma, nessa escola, a participação dos estudantes é tutelada e pautada pelo controle e pela desconfiança, uma vez que as suas demandas são percebidas pela gestão como insignificantes e reflexo de desinteresse pelo processo educativo.

Por sua vez, G2a apresenta uma concepção mais integral dos jovens estudantes de sua escola e demonstra conhecer as atividades dos mesmos fora do espaço escolar. Revela, também, uma percepção de que a participação é um processo a ser aprendido e não encara os equívocos, que alguns jovens cometem no cotidiano da escola, como erros, mas sim como uma possibilidade de aprendizado:

Os alunos que brigam pela satisfação de desejos pessoais existem em todas as escolas. Reivindicam e ficam bravos quando não têm os desejos atendidos. Acredito que a participação deles junto aos outros é uma oportunidade de amadurecimento e de compreensão do que é gestão democrática (G2a. Whatsapp, Junho de 2017).

Ao perceber a participação como um processo formativo, G2a se alinha a Dayrell, Carrano e Maia (2014), que considera a experiência participativa uma:

[...] das formas de os jovens vivenciarem processos de construção de pautas, projetos e ações coletivas. Além disso a experiência participativa também é importante por permitir aos jovens vivenciarem valores como os da SOLIDARIEDADE e da DEMOCRACIA e por permitir o aprendizado da alteridade. Isso significa, em última instância, aprender a respeitar, perceber e reconhecer o outro e suas diferenças (DAYRELL; CARRANO, 2014, p.121).

Lück (2013) compartilha da definição de Dayrell, Carrano e Maia (2014) e afirma que participar é assumir, conscientemente, o poder de decidir e agir no cotidiano de uma instituição ou unidade social. Esse é também o entendimento do grupo de gestores, que definiu a participação como envolvimento e intervenção, e do grupo de estudantes, que foram mais específicos na definição, associando a participação ao bem-estar coletivo, à necessidade de engajamento e conhecimento do que se pretende desenvolver, como evidenciado nos relatos a seguir:

Participar é fazer parte de algo (tanto trabalhos, atividades, jogos, projetos) entregando o máximo de si, ou fazendo o que está ao seu alcance. (E1b. *Whatsapp*, Junho de 2017)

Doar-se em prol do coletivo/coletivismo. Bom, caso contrário não é participar. É fazer sozinho ou atrapalhar ou qualquer coisa, menos participar do proposto. (E2a. *Whatsapp*, Junho de 2017)

Enquanto engajamento, a participação permite, aos jovens, o desenvolvimento de habilidades diversas, necessárias ao processo ensino-aprendizagem, que são significativas para as suas vivências sociais, como: habilidades discursivas, de liderança, de convivência, de respeito às diferenças e de liderança (DAYRELL; CARRANO, 2014). O desenvolvimento dessas habilidades torna o processo educativo mais atrativo, dinâmico e coerente com as necessidades e potencialidades dos jovens, que também são diversos na maneira de aprender. Esse dado é revelado na pesquisa “Nossa Escola em (Re)Construção,” realizada com jovens brasileiros pelo Instituto Porvir, em 2015. Segundo a pesquisa, os modos de aprender dos jovens são diversos e o espaço da sala de aula precisa ser ampliado e dinamizado. Além disso, a proposta pedagógica da escola não pode ser esboçada longe das marcas identitárias que caracterizam os jovens estudantes.

Entretanto, uma percepção negativa da juventude e a desqualificação dos seus interesses tende a afastar os estudantes da escola, dificultando o diálogo e a participação dos mesmos na rotina da escola, além de adiar, ainda mais, a efetivação de uma gestão democrática. Arroyo (2014) nos assegura que é preciso desconstruir essa visão inferiorizante e segregadora dos jovens, sobretudo os da classe trabalhadora. O jovem não é carente de saberes e de valores, muito menos ameaçador, mas sim, sujeito de direitos. E como tal, configura uma:

[...] mentalidade inovadora de linguagens, de posturas, de exercício de liberdade, de reação a concepções e estruturas estáticas, rígidas contra a ditadura da “opinião formada sobre tudo”. Consequentemente, tem dificuldade de se acomodar a opiniões formadas, a estruturas rígidas, a linguagem, a conteúdos gradeados, a tempos disciplinares (ARROYO, 2014, p.200).

Nesse contexto de reação a “opiniões formadas sobre tudo”, os integrantes do grupo Participação e Juventude reforçam que o diálogo e o interesse pelas opiniões dos jovens são condições essenciais ao processo educativo. A análise sobre a concepção dos gestores, acima apresentada, se confirma nos depoimentos dos

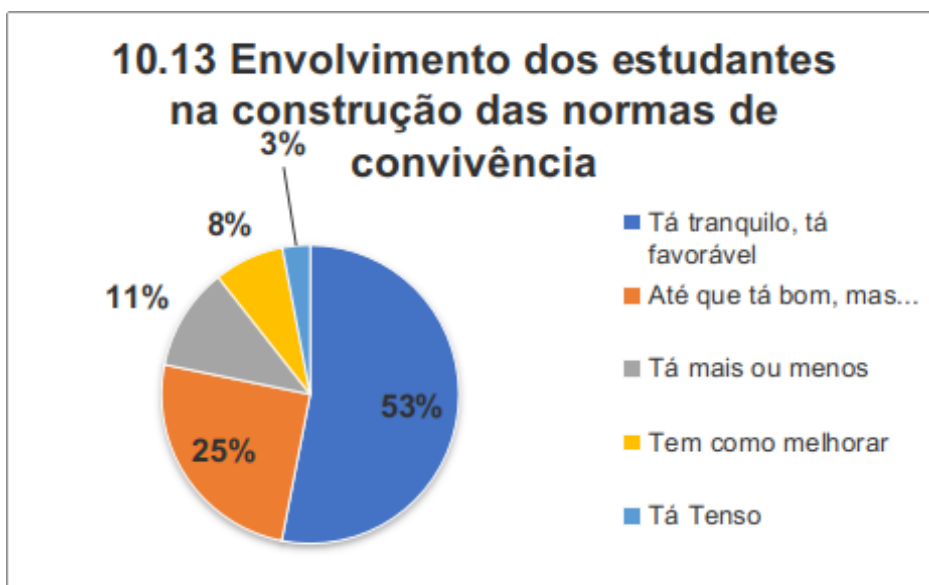
estudantes. Enquanto E1a afirma que não há espaço para o diálogo na sua escola, E2c reforça que há interesse constante da direção pela opinião e interesses dos estudantes, como se pode verificar nos relatos a seguir:

Não temos nenhum tipo de liberdade, fazemos o que eles querem e sem discussão alguma. Ao invés de ter um debate, uma conversa, eles preferem proibir as coisas, não deixar, sem mesmo saber se daria certo ou não. Inclusive, o nosso “totó” foi proibido ontem. Apenas fecharam o portão que dava acesso a ele, nem disseram o porquê(...). A direção da escola tem acesso ao que a gente fala aqui? Nomes? (E1a. Whatsapp, Junho de 2017).

Na minha escola a direção é incrível. A gente conversa sobre tudo. Igual à quadrilha: a diretora conversou comigo (porque o pessoal todo do grêmio não tinha ido) e perguntou sobre o horário, o que eu acho seria legal e etc... Nossa escola é conhecida porque nós, os alunos, lutamos pelo que queremos. (E2c. Whatsapp, Junho de 2017).

A criação e a imposição de regras e atitudes, sem diálogo ou justificativa, para os jovens revelam a luta pela credibilidade, vivenciada por esses sujeitos na escola. Esse é um reflexo do que tem sido experimentado por eles na sociedade atual, como discutido na seção anterior. Nas respostas obtidas no questionário dos estudantes, apenas 53% consideram que a escola permite o envolvimento dos estudantes na construção das normas de convivência, conforme o Gráfico 3.

Gráfico 3 - Avaliação da escola quanto ao envolvimento dos estudantes na construção de normas de convivência (Questionário dos Estudantes)



Fonte: Minas Gerais (2017).

A participação dos estudantes na elaboração das normas de convivência, quando efetivada, permite que a escola e os estudantes construam coletivamente os compromissos que devem ser concretizados, para que a instituição seja, realmente, um ambiente democrático, favorecendo a qualidade do processo educativo. Entretanto, metade das escolas estaduais mineiras ainda não conseguiu efetivar essa rotina, e, especificamente no caso da Escola Bezerra de Menezes, há indícios de tensão constante entre a gestão e os estudantes, relacionada à definição das regras.

A preocupação e o receio de E1a em ter a sua opinião acessada pela direção da escola nos permite inferir que os espaços de participação, nessa escola, não são permeados pelo diálogo e, muito menos, democráticos. O mesmo estudante ainda revela, em outro momento do fórum, que a direção da escola até os recebe, mas as opiniões não são consideradas, pois só são validadas aquelas que interessam à gestão da escola. Assim, os jovens se sentem desconsiderados e menosprezados frente à escola. Diferentemente de E1a, o estudante E1c afirma que há, também, desinteresse por parte de alguns alunos, que não valorizam o que a escola propõe e não sabem participar das atividades, e que por isso nada de diferente é feito. Entretanto, mesmo partilhando da opinião dos gestores, não há, em suas respostas, relatos de momentos de escuta e participação dos estudantes na organização dessas atividades, o que reforça a ideia de alheamento do estudante do processo educativo.

No que se refere à concepção de juventude, os dados coletados reafirmam que é preciso que os jovens sejam percebidos em sua integralidade, como sujeitos diversos em gêneros, experiências, culturas, linguagens, origens e pertencimentos sociais. Ademais, é necessário entender que a condição de estudante é uma função que os adjetiva, mas não os define. Essa compreensão integral do jovem é, segundo Dayrell ([2016]), essencial, pois:

A vivência da juventude, desde a adolescência tende a ser caracterizada por experimentações em todas as dimensões da vida subjetiva e social. O jovem torna-se capaz de refletir e de se ver como um indivíduo que participa da sociedade, recebendo e exercendo influências, fazendo deste o momento por excelência do exercício de inserção social. Esse período pode ser crucial para que ele se desenvolva plenamente como adulto e cidadão, sendo necessários tempos, espaços e relações de qualidade que possibilitem a cada um experimentar e desenvolver suas potencialidades. (DAYRELL, [2016], p.1).

Subestimados em sua capacidade de participação e em suas potencialidades, os jovens têm comprometido o seu processo de formação. É preciso que a escola compreenda os seus jovens, conheça suas realidades, trajetórias e como eles constroem as suas identidades. Nesse contexto, a democratização dos espaços de participação na gestão da escola, enquanto instituição pública, são fundamentais. De acordo com Araújo (2009):

[...] a afirmação da escola como espaço verdadeiramente público passa pela constituição de uma cultura democrática que valorize os princípios da participação, da autonomia, do pluralismo e da transparência nas práticas escolares, como também depende da viabilização de canais de participação que estimulem a presença e interferência dos diferentes segmentos, sobretudo dos alunos, nos direcionamentos das questões políticas e pedagógicas da escola, pois é na vivência democrática que os alunos se constroem como sujeitos sociais que interferem na vida pública (ARAÚJO, 2009, p.264).

A participação do jovem na instituição escolar é, assim, uma dimensão do seu processo formativo. E, embora a democratização da gestão da escola seja um princípio legal, é preciso considerar em que medida os jovens estudantes são contemplados pela efetivação deste princípio. Martins e Dayrell ([2016]) argumentam que ainda há uma distância considerável entre o que se determina legalmente e o que efetivamente ocorre nas escolas. Nesse contexto, a presença e a voz dos estudantes se fazem pouco significativas (ARROYO, 2005). Essa distância, imposta aos jovens nos processos decisórios da escola, tende a potencializar uma relação conflituosa entre gestores e estudantes, que constantemente solicitam a criação e a efetivação de espaços de participação na escola.

Diante disso, também discutimos, no fórum, a viabilização de espaços de participação para os jovens, na perspectiva do fortalecimento da gestão democrática. Foram apresentadas questões que procuravam investigar se, na escola, existem canais de participação e se estes são efetivamente utilizados pelos jovens e democráticos, demandando, daí a percepção de libertação ou aprisionamento dos jovens pela escola.

Na opinião dos seus gestores, a Escola Bezerra de Menezes conta com diversos espaços de participação estudantil e é bastante receptiva aos jovens, mas não sabem afirmar, com segurança, se os estudantes são participativos em outros espaços que não a escola. Com relação aos espaços oferecidos pela escola, G1b afirma que:

Todos os alunos que nos procuram querendo melhorar, sugerir, criticar... são ouvidos e participam ativamente do colegiado, de reuniões, palestras. Nunca vi tanta abertura para aluno, como na minha escola. Na escola (particular) dos meus filhos, se eu quiser falar com a direção ou supervisão, só consigo marcar para daqui uma semana ou mais. Na minha escola, não precisam marcar, a hora que quiserem é só ir à sala da supervisão, vice, direção e sala dos professores. São atendidos na hora, tanto aluno como família e professor (G1b. Whatsapp, Junho de 2017).

Embora considere que a escola ofereça espaços de participação diversificados, G1b revela uma incoerência em suas opiniões, pois também afirma que os jovens participam de tudo com entusiasmo, apesar de insatisfeitos:

(Os estudantes) participam com expectativas, entusiasmo e como agentes transformadores(...). Os meus já possuem rádio, canal aberto com diretoria, supervisão e vice. WhatsApp direto com a direção, são integrantes, juntamente com os pais, do colegiado escolar, estão montando o grêmio...E-mail direto com a supervisão e os colegas de sala. No entanto, se dizem sem voz!!! (G1b. Whatsapp, Junho de 2017).

Há, nesse contexto, uma concepção de que a oferta dos espaços de participação garante a sua efetivação, o que não se comprova, visto que os estudantes se dizem “sem voz”, como destacado em análise anterior, e se queixam da ineficácia desses espaços “ofertados”, pois as suas argumentações não são consideradas pela escola. Além disso, há uma concepção implícita de que participar é cumprir alguma tarefa e não deliberar sobre o que pode e precisa ser feito. Um dos estudantes deu como exemplo de participação a sua atuação como recepcionista numa reunião de pais. É interessante que, para esse estudante, a gestão é considerada também receptiva e aberta a sugestões, opinião que fez com que outros colegas afirmassem que apenas ele vivenciava ou percebia essa receptividade. Em uma das discussões, um participante reclamou do impedimento de participação no dia da Virada, nomeada por eles de Dia D²⁸:

Nem o dia D que é uma coisa boba em que todas escolas públicas e particulares tem, somos proibidos. Nunca quiserem escutar nosso lado (E1a. Whatsapp, Junho de 2017).

²⁸ Na última gestão, a SEE nomeava de Dia D o dia determinado no Calendário Escolar para que os coletivos da escola analisassem os seus resultados nas avaliações e propusessem ações para resolver os problemas diagnosticados, elaborando um Plano de Intervenção Pedagógica (PIP). Essa era uma ação constante do Programa de Intervenção Pedagógica, que vigorou na rede estadual entre os anos de 2007 e 2014, quando as escolas pactuavam metas a serem cumpridas, em relação ao desempenho dos estudantes nas avaliações externas do SAEB e do SIMAVE.

Além disso, é interessante ressaltar que, equivocadamente, a estudante denomina de dia D o Dia da Virada, pois, desde 2014, não há mais esse dia na rede estadual. Isso nos permite inferir que as propostas da SEE não são apresentadas com detalhes aos estudantes, que são excluídos de um momento em que deveriam ser protagonistas, fato confirmado pelo servidor da SEE, que acompanhou, nessa escola, o Dia da Virada e ressaltou a ausência dos estudantes.

Apesar da queixa quanto ao espaço inexpressivo de participação, os jovens reconhecem, como principal característica da gestão da Escola Bezerra de Menezes, a organização, fato importante na opinião deles, embora não viabilize o exercício da democracia. Entretanto, essa é uma certeza para os gestores, como ressalta G1d:

Por se tratar de uma gestão democrática, podemos compreender que há espaço para que todos os componentes do ambiente escolar participem visando o melhor para toda a escola. Então penso que o papel dos alunos nesta gestão é importante pois os alunos que se envolvem representam o ponto de vista deles. Infelizmente, alguns tem a maturidade para entender que devemos seguir regras, fazer escolhas de acordo com a legislação vigente e procurar sempre o melhor para o coletivo, mas outros, sugerem coisas (desejos) que não estão associadas à aprendizagem e ficam insatisfeitos por não terem seus desejos realizados (G1d. Whatsapp, Junho de 2017).

Na percepção do grupo, no que tange à direção, a escola é democrática e aberta à participação de todos, e se essa não se efetiva, é pelo despreparo dos estudantes. Não houve, por parte desses representantes, a proposição de se compreender o motivo do despreparo ou da insistência dos estudantes no descumprimento das regras, em detrimento de “desejos” pessoais.

Percebe-se, assim, que a gestão dessa escola ainda se concentra na figura do diretor. Além disso, a participação é uma concessão e não o fruto de uma ação coletiva, o que descaracteriza uma gestão democrática.

Já na Escola Chiquinha Gonzaga, a gestora reforça que a participação dos estudantes merece destaque na escola, considerando-a como um fator positivo, que indica pertencimento ao espaço escolar:

A participação é positiva e tem aumentado à medida que constatarem que tem voz na escola. Eles dão sugestões, sugerem temas de trabalhos interdisciplinares, realizam assembleias onde debatem e decidem questões pertinentes a eles, e agora estão montando a Rádio Escola (G2a. Whatsapp, Junho de 2017).

Os jovens da Escola Chiquinha Gonzaga compartilham da opinião da gestora e se sentem representados e respeitados em suas necessidades e interesses. Além disso, constantemente reforçam que não apenas o Colegiado Escolar e o Grêmio têm espaço na gestão da escola, como todos os estudantes:

Na minha escola tem alunos que compõem o grêmio, tem alunos que compõem o colegiado, mas todos ajudam na participação quando tem que decidir algo maior que também vai acontecer na escola (E2b. Whatsapp, Junho de 2017).

Construímos juntos muitas coisas. Nossos maiores espaços de participação são as assembleias que acontecem em que a maioria participa. Muitas vezes sem a devida consciência, mas a participação acontece e consciência é adquirida com tempo e participação. Ou seja, nos é dado a condição de crescer, participar, questionar. Futuros cidadãos (E2a. Whatsapp, Junho de 2017).

É perceptível que, nessa escola, a participação é entendida como processo, como construção coletiva. Ademais, mesmo que os espaços existentes nem sempre sejam aproveitados, é no cotidiano e na experimentação que o processo participativo se institui.

Há, também, uma preocupação da escola em estabelecer vínculos com a comunidade, não se limitando ao seu espaço físico. Além de instituir espaços de participação e incentivar a comunidade escolar a se apropriar deles, a escola se interessa pelo seu território. Nesse sentido, participa de grupos comunitários e desenvolve ações em parceria com a comunidade, como destacam, respectivamente, o estudante e a diretora nos relatos a seguir:

(A escola) incentiva que participemos e se puder até integra! Eu mesmo faço parte da direção da associação de bairro e a nossa escola tem duas cadeiras lá, uma representada por mim e outra pela diretora da escola. (E2a. Whatsapp, Junho de 2017)

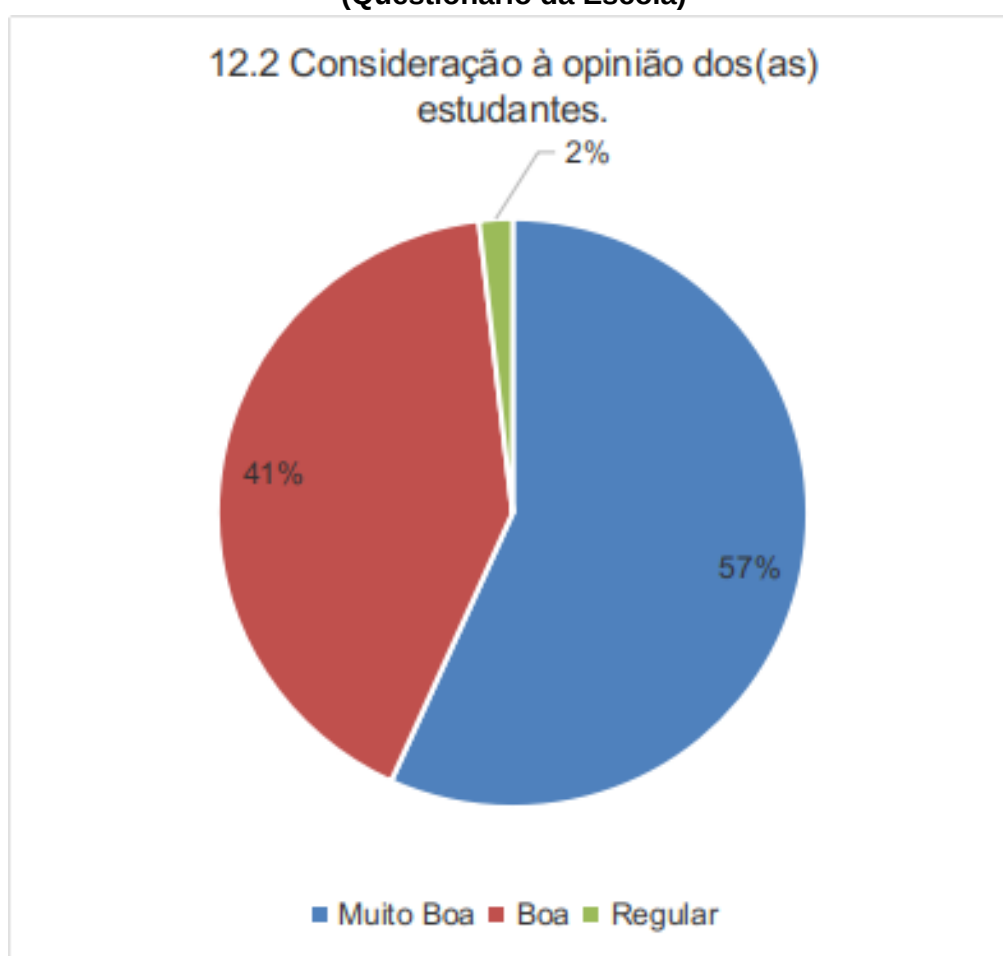
Estamos desenvolvendo um projeto sobre drogas: prevenção efeitos etc. Hoje mesmo saí com alguns para realização de entrevistas com pessoas da comunidade. A abordagem foi interessante, perguntas bem elaboradas, organização no trabalho, envolvimento. (G2a. Whatsapp, Junho de 2017)

A parceria entre a gestão e os estudantes da escola revela que os processos decisórios não se concentram na figura do diretor e que há uma crença na capacidade e no potencial dos estudantes - condição essencial para o fortalecimento da autonomia da escola, como ressaltam Neubauer e Silveira (2009) e,

consequentemente, para a efetivação da gestão democrática.

Assim, percebemos uma realidade antagônica entre as escolas pesquisadas, pois há, na Escola Bezerra de Menezes, uma associação reducionista de participação à disponibilidade, da equipe pedagógica, em receber os estudantes e ouvi-los. No questionário da escola, a maioria dos gestores partilha da percepção da equipe dessa escola e também afirma que a consideração à opinião dos estudantes é Muito Boa ou Boa, conforme o Gráfico 4.

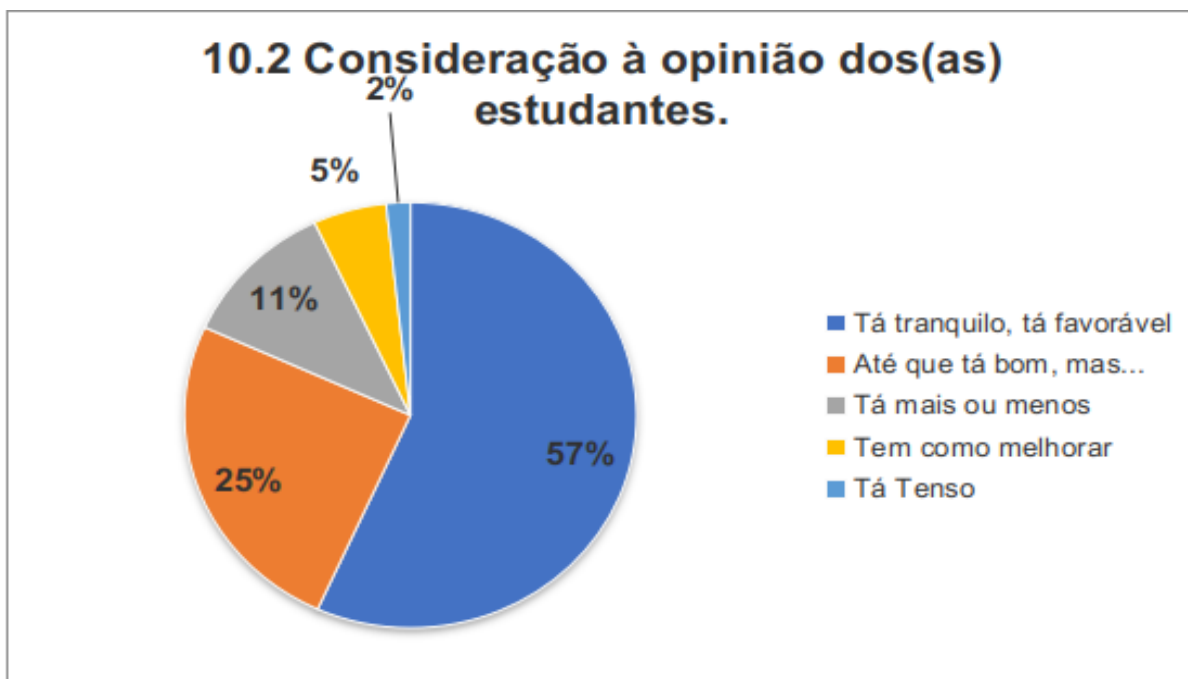
Gráfico 4 - Avaliação da escola quanto à consideração da opinião dos estudantes (Questionário da Escola)



Fonte: Minas Gerais (2017).

Mas, os estudantes não partilham dessa opinião, pois no questionário dos estudantes, a avaliação da escola, em relação à consideração de opiniões, revela que quase 50% das escolas ainda precisa melhorar nessa questão, como podemos verificar no Gráfico 5.

**Gráfico 5 - Avaliação da escola quanto à consideração de opiniões dos estudantes
(Questionário dos Estudantes)**



Fonte: Minas Gerais (2017).

Assim, ressaltamos que a maioria das escolas pode, como a Escola Bezerra de Menezes, entender que a simples disponibilidade em ouvir as demandas dos estudantes configura um processo participativo. Esse equívoco apenas evidencia que, nas escolas, a participação, enquanto engajamento, ainda não é realidade, fato que, segundo Lück (2013), é recorrente, pois a escola tende a denominar, como “gestão participativa”, as ações em que os sujeitos:

[...] do contexto organizacional são convidados a apenas envolver-se numa participação elementar e formal de verbalização e discussão superficial sobre questões já definidas anteriormente e que passam a ser legitimadas por essa discussão. Isto é, realizam-se reuniões, debates, seminários em que são apresentadas para discussão questões a partir de decisões e ideias já formadas antecipadamente a respeito, ou então que se tem a oportunidade de falar à vontade, de exercer o “direito de voz e opinião”, sem esforço pelo aprofundamento da compreensão sobre as questões tratadas e pela construção de compromissos coletivos em torno delas (LÜCK, 2013, p.24).

As respostas dos estudantes no fórum reforçam que, na Escola Bezerra de Menezes, prevalece essa visão equivocada de gestão participativa. Segundo eles, apenas o Colegiado é reconhecido como espaço de participação. Entretanto, trata-se de uma participação reduzida a uma escuta superficial, em que não há validação

dos interesses e demandas dos jovens, pois nesse espaço, as suas opiniões dificilmente são consideradas. Na opinião desses estudantes, os espaços de participação disponíveis, além de insuficientes, são ineficazes, como podemos perceber nos relatos a seguir:

A escola sempre está ouvindo os alunos, mas como o grêmio ainda está sendo criado não temos um espaço para falarmos "aqui eu posso falar e minha sugestão será analisada e talvez atendida" (E1c. Whatsapp, Junho de 2017).

(...) ainda não há espaço algum que nos ofereça uma oportunidade de participar. Com exceção do colegiado (E1b Whatsapp, Junho de 2017).

Na minha opinião, na Escola Bezerra de Menezes não tem espaço nenh=um para os alunos, nem um tipo de liberdade nos expressa. Tem o colegiado, mas nunca vi algo de interessante para os alunos. Só acho que falta a opinião do aluno lá (E1a. Whatsapp, Junho de 2017).

Tudo que é reclamado lá, fica apenas arquivado eu sei bem disto desde o ano passado, nada que disse foi ouvido ou levado a sério, mesmo sendo coisas "mega" necessárias (E1d. Whatsapp, Junho de 2017).

Situações em que a simples exposição de ideias é interpretada como um indicador de participação são, segundo Lück (2013), muito frequentes:

A oportunidade que é dada às pessoas de expressarem suas opiniões, de falarem, de debaterem, de discutirem sobre ideias e pontos de vista – enfim, o uso da liberdade de expressão -, é considerada como espaço democrático de participação e, portanto, a grande evidência de participação. Porém, a atenta observação do que acontece no contexto educacional pode demonstrar um espírito totalmente diverso (LÜCK, 2013, p.39).

Pelos relatos dos estudantes, podemos inferir que as reuniões do Colegiado são convocadas apenas para referendar decisões já tomadas pelos gestores, configurando-se em um falso espaço de participação (LÜCK, 2013). Nas discussões, os estudantes das duas escolas reiteram que a participação dos jovens, na rotina da escola, pode torná-la mais atrativa e interessante. Tanto os gestores quanto os estudantes reforçam que a participação significa engajamento. Segundo Lück (2013), o engajamento:

[...] representa o nível mais pleno de participação. Sua prática envolve o estar presente, o oferecer ideias e opiniões, o expressar o pensamento, o analisar de forma interativa as situações, o tomar decisões sobre o encaminhamento de questões, com base em análises compartilhadas e envolver-se de forma comprometida no encaminhamento e nas ações necessárias e adequadas para a efetivação das decisões tomadas. Em

suma, participação como engajamento implica envolver-se dinamicamente nos processos sociais e assumir responsabilidade por agir com empenho, competência e dedicação visando promover os resultados propostos e desejados. Portanto, é muito mais que adesão, é empreendedorismo comprometido (LÜCK, 2013, p.47).

Embora compreendam a complexidade do processo participativo, os estudantes da rede pública mineira ainda não o vivenciam em sua plenitude, pois, no questionário, 53% dos estudantes confirmam que o seu envolvimento, em processos decisórios (como as normas de convivência, por exemplo), ainda não é significativo. Ademais, 60% afirmam que há, na escola, constante diálogo sobre situações e decisões que afetam a toda a comunidade escolar. Por fim, 57% avaliam que a escola considera a opinião dos estudantes (cf. Gráfico 4). Portanto, os processos decisórios, que contam efetivamente com a participação dos estudantes, ainda não são uma realidade em praticamente metade das escolas da rede estadual mineira.

Todavia, essa não é a realidade da Escola Chiquinha Gonzaga, na percepção de seus gestores e estudantes. Ambos afirmam que a escola é aberta às demandas dos jovens e que eles devem ser sempre incentivados a emitir suas opiniões, partilhar as suas ideias e construir compromissos coletivos, como podemos verificar nos relatos de G2a e E2a:

A escola é nossa, é para todos nós. Então, junto aos profissionais somos a escola. Nesta mesma direção deve atuar o grêmio(...). Os alunos têm que se sentir representados pelo grêmio. Aqui na escola grêmio e conselho de representantes atuam juntos e há uma sintonia no trabalho deles(...). Aqui o grêmio tem sido fundamental para esse crescimento, essa noção de pertencimento, de que " nós somos Chiquinha " e a escola é o que fazemos dela. A convivência tornou-se mais democrática, os projetos pedagógicos que eram feitos pelos professores hoje passam por eles, alunos, antes de se iniciarem. O grêmio vem até a direção da escola com reivindicações e críticas que são deles, e que nos fazem por vezes refletir sobre práticas consolidadas por pura imobilidade (G2a. Whatsapp, Junho de 2017).

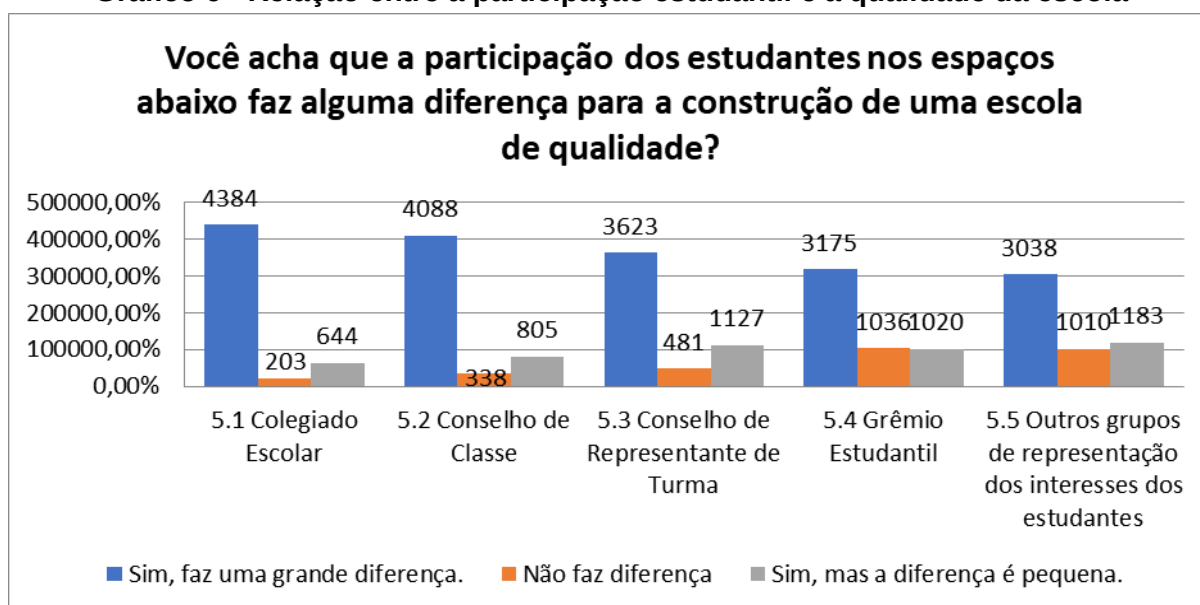
(Além do Grêmio) temos muitos espaços intermediários. Representantes de turma, colegiado, diretoria do grêmio que conduz e lidera os trabalhos, e o CRT²⁹ que está sempre se reunindo com a direção querendo ter o objetivo de promover uma escola e aula mais saudáveis e produtivas (está em construção, uma construção um pouco demorada que já teve vários resultados). E mesmo que algum aluno decida por si próprio não procurar nenhum desses espaços intermediários pode, se quiser, ir diretamente à direção onde sempre são bem recebidos. Isso é o que eu mais admiro em minha querida diretora (E2a. Whatsapp, Junho de 2017).

Os relatos acima reforçam que a participação dos jovens torna a escola mais

²⁹ Conselho de Representantes de turma, composto por todos os representantes de turma da escola.

democrática e, conseqüentemente, mais atrativa para eles, favorecendo a construção de um processo educativo de qualidade. Essa percepção também se confirmou no questionário, pois a maioria dos jovens considera que a sua participação, em órgãos coletivos e representativos existentes na escola, impactam positivamente no processo educativo, melhorando a qualidade da escola, como podemos verificar no Gráfico 6.

Gráfico 6 - Relação entre a participação estudantil e a qualidade da escola



Fonte: Minas Gerais (2017)

A participação estudantil, em diferentes espaços de deliberação e representação, faz com o jovem se sinta parte do processo educativo e não apenas alvo de propostas que em nada dialogam com os seus interesses e demandas. Uma gestão participativa permite a emancipação e não o aprisionamento do estudante, em rotinas repetitivas e desprovidas de significados para eles. De acordo com Dayrell, Carrano e Maia (2014), o engajamento participativo do jovem “pode aumentar seu estímulo para novas aprendizagens, melhorar a escrita e provocar o desenvolvimento da capacidade de argumentação para a defesa de pontos de vista” (p.121).

Ainda, em relação às diferenças entre as escolas, podemos afirmar que estas não se restringem à concepção e à vivência da participação e da gestão democrática, mas também ao papel que atribuem ao Grêmio Estudantil. O grêmio, quando ativo, é vital para o fortalecimento da gestão democrática da escola, pois

viabiliza o engajamento dos estudantes nos direcionamentos e deliberações da escola. Segundo Araújo (2009), os grêmios estudantis, legalmente instituídos no processo de luta pela democratização gestão escolar no Brasil:

[...] se firmaram como importantes instrumentos de luta, de afirmação e de valorização dos alunos no cotidiano escolar. Nesse sentido, sua instituição visou romper com a lógica da tutela, da cooptação e da submissão impostas aos estudantes no âmbito de um modelo de gestão escolar autoritário, tecnocrático e burocrático, então predominante, que os afastava de participar da definição dos destinos da escola (ARAÚJO, 2009, p.258).

Nas discussões estabelecidas nos fóruns, o grêmio foi constantemente citado como um espaço efetivo de deliberação e representação dos interesses dos estudantes. Essa é a percepção dos estudantes da Escola Bezerra de Menezes e uma realidade para os estudantes da Escola Chiquinha Gonzaga, conforme relatos a seguir.

(Na nossa escola) o Grêmio já é o espaço máximo de participação! Maior órgão representativo de deliberação dos agremiados através de assembleia! A ele (sua diretoria que conduz os trabalhos) cabe cobrar junto ao corpo docente os espaços de direito inutilizados, criar e reivindicar novos espaços. O grêmio estudantil sendo nada mais do que uma forma dos alunos apresentarem interesses ou opiniões, os que recorrem ao mesmo tem uma ampla forma de participação ou de expressão (E2a. *Whatsapp*, Junho de 2017).

O grêmio (quando criado) vai ampliar a participação dos estudantes pois através dele teremos mais voz, e melhor, nós faremos nossa voz ser ouvida. E isso fará com que mais alunos sejam envolvidos pela escola (E1b. *Whatsapp*, Junho de 2017).

Os estudantes percebem o grêmio como um caminho para a real democratização da escola, e são unânimes na crença de que ele pode e deve propor e promover atividades que aproximem a escola da juventude, tornando-a mais atrativa. Quando questionados sobre como a escola pode se tornar mais atrativa, a maioria revelou interesse por atividades mais dinâmicas e interessantes, como ressaltam as respostas dos estudantes E1e, E1c e E1b, da Escola Bezerra de Menezes, e o estudante E2c, da Escola Chiquinha Gonzaga:

Atividades que envolvam esportes, olimpíadas por exemplo (E1e. *Whatsapp*, Junho de 2017).

Fazendo atividades de interesse e que envolva todo o corpo discente (E1c. *Whatsapp*, Junho de 2017).

Criando projetos/atividades que fazem com que os jovens se interessem (E1b. Whatsapp, Junho de 2017).

Fazendo atividades que chame atenção do jovem para dentro da escola. O jovem gosta de música, dança, jogos, passeios, conversas. Porque não trazer isto para a escola? Assim ele vai se interessar (E2c. Whatsapp, Junho de 2017).

Notadamente, E2c é mais específico em sua sugestão, acrescentando exemplos e revelando os principais interesses dos jovens, que precisam ser mais explorados e aproveitados pela escola. Entretanto, os seus interesses são semelhantes: atividades que rompam as paredes da sala de aula. É interessante ressaltar que, como se pode verificar nos relatos abaixo, o estudante E2a, da Escola Chiquinha Gonzaga, acredita também na dinamização do espaço da sala de aula e o estudante E2b, da mesma escola, reforça que o grêmio contribui para a concretização dessa aproximação:

Eu acho que atividades mais dinâmicas podem ser dentro da própria aula em relação ao conteúdo! Ou seja, o modelo de dar aula. O tão famoso e almejado novo modelo educacional que poucos professores até hoje estão preparados (E2a. Whatsapp, Junho de 2017).

Na escola tem alguns projetos que envolvem os alunos a participar, também tem eventos que eles mesmo organizam, tem outros que o grêmio organiza para os alunos. Vejo que alguns alunos têm mais interesse que os outros, mas sempre que tem alguma coisa eles participam (E2b. Whatsapp, Junho de 2017).

Os estudantes acreditam que o grêmio estudantil é uma forma de garantia da autonomia dos estudantes. Além disso, pensam ser ele um elemento vital para uma real democratização da escola, pois a sua existência ativa e representativa pressupõe uma intervenção concreta, dos alunos, nos direcionamentos da escola.

Quanto ao grupo dos gestores, as opiniões não são tão convergentes. Para os gestores da Escola Bezerra de Menezes, o grêmio se limita a um espaço administrativo, que ensinaria aos alunos a cumprir planos e regras. Em contrapartida, os gestores da Escola Chiquinha Gonzaga percebem este espaço como um espaço de mobilização e participação dos estudantes, na escola e na sua comunidade.

Além disso, na Escola Bezerra de Menezes, a criação do grêmio é citada como uma concessão da escola e não como uma ação essencialmente conduzida e efetivada pelos estudantes. Esse pensamento reforça, segundo Chauí (2014), o

autoritarismo da sociedade brasileira, que transforma as diferenças e assimetrias sociais e pessoais em relações de hierarquia, em que a vontade e o arbítrio dos que detêm o poder se sobrepõem aos interesses coletivos. Assim, a participação, direito dos estudantes, se apresenta como uma concessão, como outorga da gestão, que se autodenomina democrática, mas é, na verdade, autoritária e centralizadora.

Os relatos a seguir traduzem a percepção dos gestores quanto ao papel do grêmio, no incentivo à participação dos estudantes, dentro e fora da escola:

Cumprindo o plano de trabalho e as atribuições do grêmio. Para tanto, é necessário envolvimento da maioria (G1c. Whatsapp, Junho de 2017).

Tudo que ouço e vejo os jovens de outras escolas fazerem através do grêmio, na minha escola eles já fazem, sem existir o grêmio. Então esperava mais dos alunos, uma vez que pedem tanto para ter "voz", num ambiente onde a voz é ouvida e atendida, através de uma simples manifestação e desejo. Esperava que propostas inovadoras viessem através da mobilização de um grêmio, na realidade o que aconteceu foi igual o que acontece quando um cachorro sai correndo atrás do carro na rua, latindo, rosnando. Mas quando o carro para, dog não sabe o que fazer. Nos pediram tanto o grêmio, quando as condições para criá-lo foi disponibilizada, eles não se interessaram mais. Vai entender esses jovens!! (G1b. Whatsapp, Junho de 2017).

O grêmio estudantil tem que propor ações que mobilizem e envolvam os estudantes. Ano passado eles se mobilizaram em uma campanha de agasalhos que foi um sucesso. Agora, neste mês estão organizando uma gincana e saraus literários e musicais e a participação tem aumentado (G2a. Whatsapp, Junho de 2017).

(O grêmio pode) desenvolver o lado crítico participativo e as obrigações junto à escola e no seu dia a dia (G2b. Whatsapp, Junho de 2017).

A análise desses relatos revela que a participação estudantil, enquanto concessão, não se configura em engajamento, como bem define Lück (2013). Além disso, também reafirma que o poder de decisão, conforme Paro (2016), ainda está centralizado na figura do diretor escolar.

Os contextos diferentes, vivenciados nas duas escolas, também se refletem na opinião dos jovens, quanto à emancipação (ou não) viabilizada pelo processo educativo. Enquanto na Escola Bezerra de Menezes, os estudantes se consideram aprisionados, sem espaço ou voz, os da Escola Chiquinha Gonzaga se sentem integrantes da escola e, por isso, consideram que essa vivência os emancipa enquanto sujeitos em formação.

Apenas o estudante E1c disse se sentir emancipado na escola, mas foi contestado por uma colega, que alegou ser o único a se sentir assim. E, quando

questionado pelos colegas sobre essa liberdade, o aluno explica ter proposto uma ação, à direção escolar, e ter sido atendido. Entretanto, essa ação não estabelece vínculo algum com os processos decisórios da escola ou com interesses coletivos de seus pares, limitando-se a uma atividade estritamente pessoal, que em nada envolve a opinião, anseios e demandas dos estudantes, conforme podemos identificar nos diálogos a seguir:

Mesmo a escola sendo *muito* regrada, a direção sempre está procurando ouvir os alunos. Eu me sinto com uma certa liberdade (E1c. Whatsapp, Junho de 2017).

“Rsrs”... só você então. Porque tudo que é reclamado lá, fica apenas arquivado eu sei bem disto desde o ano passado, nada que disse foi ouvido ou levado a sério, mesmo sendo coisas “mega” necessárias (E1d. Whatsapp, Junho de 2017).

Comigo particularmente sou ouvido e escutado e muita das vezes ganho liberdade para fazer tal propósito. Por exemplo com autorização da direção/supervisão montei uma amostra de produtos na recepção (E1c. Whatsapp, Junho de 2017).

Então represente a escola porque só você mesmo (E1d. Whatsapp, Junho de 2017).

Dessa forma, consideramos que o engajamento dos estudantes da Escola Bezerra de Menezes não se efetivou e, portanto, nessa escola, os espaços de participação são apenas espaços limitados de verbalização de ideias, como alerta Lück (2013). Isso ocorre, pois ainda predomina a separação entre o pensar e o fazer, entre a deliberação e a ação. Os estudantes não são percebidos como atores centrais do processo político pedagógico na escola. Essa negação, segundo Araújo (2009), compromete o processo de formação dos estudantes, “pois a formação de alunos críticos, criativos e autônomos não vai ocorrer de forma espontânea, e deve ser estimulada e facilitada numa gestão democrática” (p.258).

Assim, para que espaços autênticos de participação se consolidem na escola, é preciso que ela reconheça a centralidade do jovem estudante, pois este, além de alvo, é sujeito do processo educativo. Nesse sentido, ele deve, portanto, ser estimulado a opinar, a deliberar, a expressar a sua opinião, os seus desejos e as suas demandas, além de ter as suas necessidades e potencialidades reconhecidas como referência, nas questões que permeiam o cotidiano escolar. A construção cotidiana da participação, além da consideração e da valorização da pluralidade, pautadas na autonomia e na transparência, permite, aos estudantes, a vivência de

um contexto formativo efetivamente democrático. Assim, é preciso considerar que o caminho, em direção à democratização da gestão da escola, implica em superar situações que, conforme Paro (2016), fazem a “democracia depender de concessões e criar mecanismos que construam um processo coerentemente democrático na escola” (p.26).

Portanto, para que a gestão democrática seja realidade nas escolas, é preciso que se fortaleçam os processos participativos, pois, como destaca Lück (2013), o trabalho educacional requer um esforço compartilhado de todos os segmentos da comunidade escolar, já que a democracia é irrealizável sem a participação.

Para superar esse paradigma, é preciso que os gestores da escola reconheçam que os grêmios são representantes legítimos dos interesses dos estudantes. Além disso, como tal, devem ser criados e instrumentalizados por estes sujeitos, cabendo, à escola, oportunizar espaços para que suas vozes e propostas sejam escutadas, validadas, valorizadas, debatidas, qualificadas, ressignificadas e viabilizadas no cotidiano da escola (ARAÚJO, 2009).

Nesse capítulo, objetivamos identificar os entraves à constituição de grêmios estudantis, nas escolas de ensino médio da rede estadual de ensino de Minas Gerais, frente ao contexto da política pública de fomento à participação estudantil, instituída em 2015. Essa política objetiva, também, a aproximação da escola com a juventude, tornando-a mais atrativa, com o intuito de evitar a evasão, que, em 2015, atingia 14,5% dos jovens mineiros, entre 15 e 17 anos, e garantir a sua permanência, com qualidade, na escola.

As análises efetuadas revelam que os espaços de participação dos jovens estudantes, existentes nas escolas, são escassos, ineficientes ou tutelados pelos adultos. Persistem, nas escolas, representações sobre a juventude que a associam à ideia de passagem e transição; ao hedonismo, à irresponsabilidade e à imaturidade. Assim, a escola se torna distante da realidade e dos interesses da juventude, que ainda não tem garantido o acesso universal ao ensino médio e a conclusão da educação básica. Dessa forma, a gestão das escolas, que deveria ser democrática e participativa, como disposto na CF de 1988 e na LDB de 1996, ainda concentra os processos decisórios na figura do diretor.

Mesmo com as suas ideias e opiniões desconsideradas pela gestão das escolas, os jovens acreditam que a sua participação impacta positivamente na qualidade da escola e reivindicam a concretização desse direito. A viabilização e a

garantia de espaços de participação dos jovens na gestão da escola, além de torná-la mais democrática, fortalece a sua autonomia, fazendo-a mais atrativa para o jovem, que se sente responsável pelo que nela acontece. A participação ativa dos jovens, no cotidiano de suas escolas, se configura, assim, em importante aliado ao combate à evasão e ao fracasso escolar.

Considerando os resultados das análises e a intenção da SEE em conferir centralidade aos jovens, garantindo a eles espaços de participação efetivos, no Capítulo 3, apresentaremos o Plano de Ação Educacional, com proposições para a implantação dos grêmios estudantis nas escolas da rede estadual de ensino. Dessa forma, eles poderão se tornar importantes espaços de aprendizagem, cidadania, convivência e luta por direitos, ou seja, espaços de prática social e vivência da participação cidadã.

3 PLANO DE AÇÃO EDUCACIONAL: A IMPLEMENTAÇÃO DE GRÊMIOS ESTUDANTIS NAS ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DE MINAS GERAIS

Essa pesquisa se propôs a identificar as práticas e relações vivenciadas nas escolas observadas e, após isso, propor ações que podem ser desenvolvidas pela SEE, para que os Grêmios Estudantis sejam implementados nas escolas estaduais de Ensino Médio da rede estadual de ensino de Minas Gerais. Dessa forma, será possível fomentar a participação dos estudantes no cotidiano escolar e, conseqüentemente, fortalecer a autonomia e a gestão democrática da escola. Desde 2015, ao identificar que 14,5% dos jovens mineiros, de 15 a 17 anos de idade, se encontravam em situação de evasão escolar, a SEE tem, nesse público, um dos principais alvos de sua política, acreditando que a participação estudantil, além de indispensável ao fortalecimento da gestão democrática da escola, é um processo formativo que viabiliza a aproximação entre a juventude e escola, tornando-a mais atrativa. É através de uma gestão democrática, que é possível melhorar a qualidade do processo pedagógico, contribuindo para a permanência do jovem na escola.

A partir da análise dos dados coletados, pudemos perceber que os espaços de participação dos jovens, nas escolas mineiras, são inexpressivos e usualmente marcados pela noção de participação tutelada, dada a representação negativa que se tem da juventude e a vigência de uma gestão escolar centrada na figura do diretor. No Quadro 4, apresentamos os dados relevantes da pesquisa, realizada por meio de Fórum de discussão no *Whatsapp*, com gestores e estudantes das escolas pesquisadas, e pela aplicação de questionários, direcionados às escolas e aos estudantes da rede estadual de ensino mineira. Ressaltamos que esses dados serão a referência para a proposição das ações do Plano de Ação Educacional (PAE), que será apresentado neste capítulo.

Convém salientar que a SEE já desenvolve ações que objetivam ampliar e fortalecer os espaços de participação dos estudantes, conforme as ações apresentadas no Capítulo 1. Além disso, ainda para este ano de 2017, ela está organizando a realização de Rodas de Conversa em todas as regionais de ensino - mediadas por estudantes da Rede de Representantes das Regionais, que discutirão temas como Gestão Democrática e Participação; Base Nacional Comum Curricular e Integração Curricular; Educação Profissional, Ensino Médio Noturno e Educação de

Jovens e Adultos; Território e Comunidade; e Pesquisa e Iniciação Científica no contexto da Reforma do Ensino Médio, disposta na Lei Nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Apesar dessas atividades, as ações propostas neste PAE objetivam uma intervenção mais direta, no que tange à participação estudantil, frente aos entraves identificados nessa pesquisa.

Quadro 4 - Achados da Pesquisa

Eixos	Dados relevantes	Ações Propostas
Juventude	Representação negativa da juventude pela escola: descrença no seu potencial e desconsideração da integralidade dos sujeitos jovens.	Projeto #VemPraJuventude: Formação Formação dos Analistas Coordenadores Regionais da Juventude, professores, especialistas e gestores
Participação	A participação dos estudantes gera a consciência de pertencimento à instituição escolar, permitindo a construção coletiva dos compromissos, que visam a melhoria do processo educativo; Restrição do conceito de participação à mera disponibilização de espaços para verbalização de opiniões; Capacidade de participação dos jovens é subestimada pela escola, que insiste em tutelar os processos participativos que envolvem os estudantes.	Projeto #VemPraJuventude: Formação Cartilha Sou Jovem, sou Protagonista? – O Grêmio, os Coletivos e o Conselho de Representantes de Turma Projeto #VemPraJuventude: Formação Formação de professores, especialistas e gestores Formação de Estudantes
Gestão Democrática	O diálogo com a gestão da escola e o seu interesse na opinião dos jovens são, segundo estes, essenciais a um processo educativo de qualidade; O Grêmio Estudantil ativo viabiliza o engajamento dos estudantes nos direcionamentos e deliberações da escola, tornando-a mais interessante e atrativa, fortalecendo a gestão democrática.	Projeto #VemPraJuventude: Ação - Atividades dos Grêmios, articuladas aos Coletivos e/ou Conselho de Representantes de Turma: elaboração de Plano de Ação (Projetos elaborados pelos Grêmios Estudantis, que visem a permanência dos jovens na escola e a melhoria do processo educativo) - Financiamento de Projetos, elaborados pelos Grêmios Estudantis - Inscrição compulsória dos projetos dos Grêmios estudantis de todas as escolas de ensino médio, no Desafio Criativos da Escola – parceria com o Instituto Alana Projeto #VemPraJuventude: Monitoramento Acompanhamento da elaboração e implementação dos projetos dos Grêmios Estudantis Reuniões semestrais, com representantes dos Grêmios estudantis, em cada município da SRE.

Fonte: Elaborado pela autora.

Apresentaremos, nas subseções seguintes, as propostas de superação e/ou fortalecimento das situações elencadas no Quadro 4, para que os Grêmios Estudantis possam ser implementados nas escolas estaduais de ensino médio de Minas Gerais. Dessa forma, eles poderão se configurar em espaços de participação dos jovens estudantes, nos processos decisórios, inerentes ao espaço escolar.

Convém ressaltar que as ações, propostas no Quadro 4, foram elaboradas em consonância com a ferramenta 5W2H, que possibilita dimensionar a relevância e as condições de implementação das ações elaboradas, uma vez que se propõe a responder às seguintes questões: 1. *What* – O que será feito?; 2. *Why* – Por que será feito?; 3. *Where* – Onde será feito?; 4. *When* – quando será feito?; 5. *Who* – Por quem será feito?; 6. *How* – Como será feito? E 7. *How much* – Quanto custará fazer? (GOMES, 2014). Dessa forma, o PAE explicita todas as etapas, tempos, espaços, além de recursos humanos e financeiros, envolvidos na implementação das ações propostas, bem como elucida a sua relevância e exequibilidade.

3.1 Projeto #Vemp्राjuventude: formação

As análises apresentadas, no segundo capítulo dessa pesquisa, revelaram que os jovens reivindicam espaços efetivos de participação na gestão das suas escolas, uma vez que as suas opiniões, demandas e interesses não têm sido pauta nas deliberações cotidianas destas instituições. Diante disso, propomos, nesse PAE, a implementação de um Projeto que – alinhado à política de fomento à participação estudantil nas escolas – viabilize a inserção dos jovens no cotidiano deliberativo da escola, contribuindo para o seu processo formativo e para o fortalecimento da gestão democrática. No Quadro 5, sintetizamos as ações inerentes a esta etapa do projeto.

Quadro 5 - Projeto #VemPraJuventude - Formação

(continua)

What Ações a serem empreendidas	Why Por que será feita	Who Quem	Where Onde	When Quando	How Métodos	How much Custos
Formação dos 94 Analistas Coordenadores Regionais da Juventude	-Para ampliar a concepção de participação, atribuindo a esta a noção de engajamento, poder de decisão enquanto dimensão da gestão democrática;	Equipe da Diretoria de Juventude	Sede das Regionais de Ensino	Março a agosto de 2018	Formação à distância, via Videoconferência, Portal Escola Interativa da SEE e Plataforma Moodle da Escola de Formação da SEE, totalizando 120 horas de atividade formativa.	Equipamentos de Videoconferência. disponíveis na SEE e Regionais; Tutores para a Plataforma Moodle (Equipe da Diretoria de Juventude)
Formação Regional de professores, especialistas e gestores	-Para produzir conhecimento e divulgar informações sobre a juventude, que servirão de suporte às discussões e ações propostas.	Analistas Coordenadores de Juventude, com o apoio da Equipe da DJUV	Municípios circunscritos às Regionais de Ensino	Maio a setembro de 2018	Encontro presencial de 8 horas, com equipes das escolas estaduais de ensino médio de cada município da regional. Formação auto instrucional na plataforma Moodle	Diária para Analistas, de acordo com a planilha do Plano de Aplicação de Recursos (PAR) de cada regional
Formação Regional de Estudantes: Protagonismo Juvenil (multiplicadores)	Para promover o encontro, a socialização e a formação entre jovens estudantes do ensino médio da rede estadual de ensino de Minas Gerais; Para que os estudantes entendam a participação como direito, criem estratégias e espaços de participação e aprendam a participar dos processos decisórios de suas escolas.	Analistas Coordenadores de Juventude e Representantes Estudantis das SRE Metropolitanas A, B e C (Belo Horizonte)	1 Escola Estadual de Ensino Médio, em cada Município das Regionais de Ensino	Junho a outubro de 2018	Encontros mensais de 8 horas, em cada município da SRE, com 2 representantes por escola (1 do Grêmio e 1 do Conselho de Representante de Turma) Formação auto instrucional na Plataforma Moodle	Diária para Analistas, de acordo com planilha do Plano de Aplicação de Recursos (PAR) de cada regional

Quadro 5 - Projeto #VemPraJuventude: Formação

(conclusão)

What Ações a serem empreendidas	Why Por que será feita	Who Quem	Where Onde	When Quando	How Métodos	How much Custos
Elaboração e divulgação da Cartilha Sou Jovem, sou Protagonista? – O Grêmio Estudantil, os Coletivos Juvenis e o Conselho de Representantes de Turma	Para ampliar a concepção de participação, atribuindo a esta a noção de engajamento, poder de decisão enquanto dimensão da gestão democrática; Para divulgar aos estudantes a legislação que legitima a constituição e funcionamento dos grêmios estudantis e as ações da SEE que intentam fomentar o protagonismo juvenil nas escolas.	Equipe da DJUV	Sede da SEE	Fevereiro e março de 2018	Organização de materiais, informações e sugestões sobre o protagonismo juvenil incluindo orientações e legislação sobre o Grêmio Estudantil. Versão digital e impressa (5 por escola) Divulgação via e-mail dos e Redes Sociais da SEE	Custos de impressão:

Fonte: Elaborado pela autora

O Projeto **#VemPraJuventude**³⁰ terá, entre as suas etapas, a formação dos Coordenadores Regionais de Juventude (Analistas das Superintendências Regionais de Ensino), professores, gestores e estudantes das escolas estaduais de ensino médio de Minas Gerais, em temas como participação, gestão democrática e protagonismo juvenil. Dessa forma, esperamos que os profissionais da educação e os estudantes ampliem a sua percepção sobre a participação, concebendo-a como um processo formativo e dimensão fundamental da gestão democrática; e que os profissionais da escola superem a noção negativa de juventude.

Entre os resultados dessa pesquisa, destacamos a associação de participação à ideia de simples disponibilização de espaços de verbalização de opiniões, sem que as mesmas sejam realmente consideradas. Como apresentado no capítulo 2, a participação envolve o engajamento e a construção coletiva de compromissos, nas deliberações do cotidiano escolar. Para isso, é preciso que todos os sujeitos da escola tenham a mesma percepção sobre este processo, compreendendo, também, a sua dimensão formativa, uma vez que é possível aprender a participar, a partir da participação.

Para superar este desafio, propomos a realização de momentos de formação, que envolvam os Analistas Coordenadores Regionais da Juventude, responsáveis pela implementação das ações da DJUV nas Regionais de Ensino; professores; especialistas; e gestores das escolas estaduais de ensino médio; e, especialmente, os jovens estudantes. Os encontros formativos terão pautas diferenciadas, de acordo com o público alvo, atendendo às demandas e interesses de cada grupo.

3.1.1 Formação dos Analistas Coordenadores Regionais da Juventude

Para os Analistas, a formação terá duração de 40 horas e será feita à distância, por meio de videoconferências, disponibilização de materiais no Portal Escola Interativa³¹, cursos autoinstrucionais e fórum de discussão na Plataforma

³⁰ A ideia de utilizar uma *hashtag* no nome do projeto se deve à intenção de torná-lo mais significativo ao tema “Juventude”, uma vez que é uma expressão bastante comum entre os usuários das redes sociais, na internet (sobretudo os jovens). A *hashtag* permite a categorização dos conteúdos publicados nas redes sociais, ou seja, cria uma interação dinâmica do conteúdo com os outros integrantes da rede social, que estão ou são interessados no respectivo assunto publicado.

³¹ Plataforma virtual, de interação dinâmica, em que é possível pesquisar e/ou inserir (colaborar com) conteúdos relacionados à educação. Trata-se de um repositório de **recursos digitais educativos**, que podem ser utilizados dentro e fora das salas de aula, de forma a dinamizar o processo de ensino-aprendizagem, auxiliando no planejamento e no trabalho com competências,

Moodle³² da MAGISTRA³³ - Escola de Formação da SEE. As discussões, na plataforma Moodle, serão mediadas por 4 analistas, que compõem a Equipe da DJUV, cabendo a cada um a mediação das discussões, em um grupo formado por até 25 Analistas Coordenadores Regionais da Juventude das SRE.

Os eixos temáticos serão: Juventudes; Participação e Gestão Democrática; e Comunicação, Mídia, Novas Linguagens e Tecnologias. Essas duas últimas categorias respeitam as principais demandas elencadas pelos coletivos das escolas, nas rodas de Conversa de 2015 e na Semana de Acolhimento de 2016. Para cada tema, serão realizadas 2 videoconferências, com duração de 4 horas. Nesses momentos, serão aprofundados os referidos temas, com base nas leituras e atividades realizadas pelos participantes no Portal Escola Interativa e na Plataforma Moodle.

A utilização do Portal Escola Interativa, para a disponibilização de referencial teórico sobre os temas debatidos, se justifica pela possibilidade de consulta e acesso a esses textos por profissionais da educação, estudantes e demais interessados, uma vez que a utilização da Plataforma Moodle só permite o acesso destes materiais aos sujeitos matriculados nos cursos. No Quadro 6, detalhamos todas as etapas desta formação, incluindo os temas que serão trabalhados em cada eixo.

habilidades e conteúdos presentes no currículo da Educação Básica. Seu propósito é servir de apoio / suporte ao trabalho pedagógico, através da disponibilização de materiais que, por se tratarem de recursos digitais, tais como vídeos, animações, jogos, etc, despertam o interesse e potencializam a aprendizagem. (MINAS GERAIS, 2017b, disponível em <http://escolainterativa.educacao.mg.gov.br>)

³² O Moodle é uma plataforma de aprendizagem à distância, baseada em software livre. É um acrônimo de Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment (ambiente modular de aprendizagem dinâmica orientada a objetos). É também um sistema de gestão do ensino e aprendizagem (conhecidos por suas siglas em inglês, LMS - Learning Management System, ou CMS - Course Management System). Ou seja, é um aplicativo desenvolvido para ajudar os educadores a criar cursos on-line, ou suporte on-line a cursos presenciais, de alta qualidade e com muitos tipos de recursos disponíveis (SABATINI, 2007, p.1. Disponível em <http://www.ead.edumed.org.br/file.php/1/PlataformaMoodle.pdf>).

³³ MAGISTRA é a Escola de Formação e Desenvolvimento Profissional de Educadores de Minas Gerais, criada pela Lei delegada nº 180, de 20 de janeiro de 2011. Tem como objetivo promover a formação e a capacitação de educadores, de gestores e demais profissionais da Secretaria Estadual de Educação (SEE), nas diversas áreas do conhecimento e em gestão pública e pedagógica. Além disso, visa ao fortalecimento da capacidade de implementação de políticas públicas de educação. Sua proposta de formação e de desenvolvimento profissional se estabelece na perspectiva de reafirmar a interface educação/sociedade, vinculando-a aos conceitos de diálogo, integração, articulação, convergência, experimentação e inovação. (MINAS GERAIS, 2011. Disponível em <http://magistra.educacao.mg.gov.br/index.php/institucional/o-que-e-a-magistra>)

Quadro 6 - Projeto #VemPraJuventude - Formação dos Analistas

Eixo: Juventudes		
Tema	Ferramenta	Carga Horária
Condição Juvenil: concepções, demandas, potencialidades	Videoconferência	4 horas
	Portal Escola Interativa	4 horas
	Plataforma Moodle	12 horas
Metodologias de trabalho educativo com jovens	Videoconferência	4 horas
	Leitura Portal Escola Interativa	4 horas
	Plataforma Moodle	12 horas
Eixo: Participação e Gestão Democrática		
Tema	Ferramenta	Carga Horária
Juventude e Participação	Videoconferência	4 horas
	Portal Escola Interativa	4 horas
	Plataforma Moodle	12 horas
Gestão Democrática e Protagonismo Juvenil: Os Grêmios, os Coletivos Juvenis e o Conselho de Representantes de Turma (atribuições e contribuições)	Videoconferência	4 horas
	Portal Escola Interativa (leitura dos materiais disponibilizados)	4 horas
	Plataforma Moodle	12 horas
Eixo: Comunicação, Mídia, Novas Linguagens e Tecnologias		
Tema	Ferramenta	Carga Horária
Educomunicação e Protagonismo Juvenil: Rádio Escolar	Videoconferência	4 horas
	Portal Escola Interativa	4 horas
	Plataforma Moodle	12 horas
Iniciação Científica: Metodologia de Elaboração de Projetos	Videoconferência	4 horas
	Portal Escola Interativa	4 horas
	Plataforma Moodle	12 horas
Carga Horária Total		120 horas

Fonte: Elaborado pela autora

Esta formação deve oferecer, aos Analistas, a fundamentação teórico-metodológica necessária à sua atuação, enquanto formadores das equipes pedagógicas das escolas e dos estudantes da Rede de Representantes da sua regional, e responsáveis pelo monitoramento das ações da DJUV, nas escolas estaduais, viabilizando a implementação da política de fomento à participação estudantil nas escolas proposta pela SEE.

3.1.2 Formação dos Professores, Especialistas e Gestores

A formação dos professores, especialistas e gestores será feita pelos Analistas, em cada município circunscrito à sua regional. Um professor, um especialista e o gestor de cada escola estadual participarão dessa etapa. Esses encontros serão bimestrais e cada um terá a duração de 8 horas. Os temas serão os

mesmos da formação dos Analistas. Além disso, haverá, também, a disponibilização de materiais no Portal Escola Interativa e uma formação auto instrucional na Plataforma Moodle³⁴. Ressaltamos que os demais profissionais da escola também podem realizar as formações autoinstrucionais, via Plataforma Moodle, de acordo com os seus interesses e disponibilidade de tempo, uma vez que não haverá necessidade de designação de tutores.

Os professores, especialistas e gestores deverão organizar, em suas escolas, momentos de formação com os demais profissionais, compartilhando as discussões, materiais e atividades realizados nos Cursos e nos Encontros Presenciais, com os Analistas da SRE. Dessa forma, será possível constituir uma rede de fomento à participação estudantil na escola. Os referidos encontros devem ser realizados bimestralmente, nas Reuniões Coletivas (conhecidas na rede de ensino como Módulo II), previstas no Art. 10 da Resolução SEE nº 2.253/2013. Para que essas reuniões sejam momentos de discussão efetivos, os profissionais que participarem presencialmente dessa formação devem, ao final de cada encontro com os analistas, elaborar um roteiro de discussão, a ser utilizado nas Reuniões de Módulo II. As discussões e materiais produzidos nessas reuniões devem ser encaminhados à SRE e postados no Portal Escola Interativa. Objetivamos, com essa ação, a divulgação de experiências e compartilhamento de ideias e ações entre os profissionais de diferentes escolas.

Para a realização dessa etapa, não haverá a necessidade de previsão de custos, pois as despesas, com a diária e transporte para o deslocamento dos Analistas, será do Plano de Aplicação de Recursos (PAR) da regional, que prevê, anualmente, essas despesas para o acompanhamento pedagógico das ações propostas pela SEE. No Quadro 7, apresentamos as informações detalhadas sobre as etapas desta formação.

³⁴ A formação auto instrucional dispensa a disponibilização de tutores. Os cursos são realizados *on line* pelos interessados, de acordo com sua disponibilidade de tempo e interesse nos temas ofertados.

Quadro 7 - Projeto #VemPraJuventude: Formação dos Profissionais da Escola

Eixo: Juventudes		
Tema	Ferramenta	Carga Horária
Condição Juvenil: concepções, demandas, potencialidades	Encontro Presencial	4 horas
	Portal Escola Interativa	4 horas
	Plataforma Moodle	8 horas
Metodologias de trabalho educativo com jovens	Encontro Presencial	4 horas
	Leitura Portal Escola Interativa	4 horas
	Plataforma Moodle	8 horas
Apresentação e discussão dos temas na Reunião do Módulo II		8 horas
Eixo: Participação e Gestão Democrática		
Tema	Ferramenta	Carga Horária
Juventude e Participação	Encontro Presencial	4 horas
	Portal Escola Interativa	4 horas
	Plataforma Moodle	8 horas
Gestão Democrática e Protagonismo Juvenil: Os Grêmios, os Coletivos Juvenis e o Conselho de Representantes de Turma (atribuições e contribuições)	Encontro Presencial	4 horas
	Portal Escola Interativa (leitura dos materiais disponibilizados)	4 horas
	Plataforma Moodle	8 horas
Apresentação e discussão dos temas na Reunião do Módulo II		8 horas
Eixo: Comunicação, Mídia, Novas Linguagens e Tecnologias		
Tema	Ferramenta	Carga Horária
Educomunicação e Protagonismo Juvenil: Rádio Escolar	Encontro presencial	4 horas
	Portal Escola Interativa	4 horas
	Plataforma Moodle	8 horas
Iniciação Científica: Metodologia de Elaboração de Projetos	Encontro presencial	4 horas
	Portal Escola Interativa	4 horas
	Plataforma Moodle	8 horas
Apresentação e discussão dos temas na Reunião do Módulo II		8 horas
Carga Horária Total		120 horas

Fonte: Elaborado pela autora.

3.1.3 Formação dos Estudantes

Os encontros formativos dos Analistas com os estudantes também acontecerão nos municípios circunscritos à regional e contarão com a participação de pelo menos 2 representantes por escola (sendo 1 do Grêmio Estudantil e 1 do Conselho de Representantes de Turma). Caso a escola não tenha Grêmio Estudantil, participarão 2 estudantes do Conselho de Representantes. Ressaltamos que a intenção desses encontros é fomentar a participação estudantil nas escolas e, a partir dos temas debatidos e atividades realizadas, esperamos que os estudantes mobilizem os seus pares para a implementação dos Grêmios em suas escolas. Os eixos temáticos serão: Participação e Gestão Democrática; e Comunicação, Mídia, Novas Linguagens e Tecnologia.

Nessa formação, abdicamos da exigência de leitura de materiais, disponibilizados no Portal Escola Interativa, mas aumentamos a carga horária presencial, de maneira que os encontros viabilizem a interação entre os jovens e a construção de propostas de trabalho, coerentes à realidade de seus territórios. Mais do que momentos de reflexão teórica, esses encontros devem viabilizar o planejamento de propostas de melhoria do processo educativo, a partir da elaboração de Projetos Temáticos, que incentivem o protagonismo e o engajamento dos jovens no cotidiano de suas escolas. Para tanto, a dupla de representantes deverá se inscrever nos cursos autoinstrucionais, disponibilizados na Plataforma Moodle, que desenvolverão temas pertinentes aos eixos dessa formação. Assim como na formação dos profissionais da escola, esses cursos também estarão disponíveis à participação dos demais estudantes das escolas. Detalhamos, no Quadro 8, as etapas dessa formação.

Quadro 8 - Projeto #VemPraJuventude – Formação dos Estudantes

Eixo: Participação e Gestão Democrática		
Tema	Ferramenta	Carga Horária
Participação: Protagonismo Juvenil	Encontro Presencial	8 horas
	Plataforma Moodle	12 horas
Gestão Democrática e Protagonismo Juvenil: Os Grêmios, os Coletivos Juvenis e o Conselho de Representantes de Turma (atribuições e contribuições)	Encontro Presencial	8 horas
	Plataforma Moodle	12 horas
Eixo: Comunicação, Mídia, Novas Linguagens e Tecnologias		
Tema	Ferramenta	Carga Horária
Educomunicação e Protagonismo Juvenil: Rádio Escolar	Encontro presencial	8 horas
	Plataforma Moodle	12 horas
Iniciação Científica: Metodologia de Elaboração de Projetos	Encontro presencial	8 horas
	Plataforma Moodle	12 horas
Carga Horária Total		80 horas

Fonte: Elaborado pela autora.

Para essa ação, também não será necessária a previsão de custos, pois a despesa, com o deslocamento dos Analistas, será realizada a partir da planilha de custos do PAR. Durante os encontros presenciais, os estudantes deverão elaborar propostas de divulgação das informações e dos debates entre os demais jovens de suas escolas. Esperamos, assim, que eles mobilizem os seus pares para a criação e a ampliação de seus espaços de participação nas escolas, instituindo, especialmente, os Grêmios Estudantis. Criados esses espaços, os jovens serão

convidados a elaborar projetos que, alinhados ao eixo Comunicação, Mídias, Novas Linguagens e Tecnologias, se proponham a investigar e a propor soluções para a redução da evasão escolar e para a permanência dos jovens na escola. Essa ação será detalhada na seção 3.2.

3.1.4 Elaboração da Cartilha Sou Jovem, Sou Protagonista? – O Grêmio Estudantil, Os Coletivos Juvenis e o Conselho de Representantes de Turma

Os resultados dessa pesquisa revelaram que os espaços de participação dos estudantes, na escola, são inexistentes ou ainda muito tímidos. Há, também, indefinição quanto ao papel do Grêmio Estudantil. Diante disso, julgamos pertinente a criação de uma cartilha, que divulgue as bases legais que asseguram a participação aos jovens e dispõem sobre o funcionamento dos Grêmios Estudantis. Além disso, oportunamente, ela também divulgará as iniciativas da SEE, quanto ao fomento à participação estudantil nas escolas, que ainda não se efetivaram, como os Coletivos Juvenis e o Conselho de Representantes de Turma. A intenção é criar um documento que sirva de referência aos jovens, no que tange à constituição dos grêmios e demais organizações de representação estudantil na escola.

A equipe da DJUV será a responsável pela elaboração deste material, que será composto por subsídios legais e orientações quanto à importância da participação estudantil para o fortalecimento da gestão democrática e da autonomia das escolas. Para isso, contaremos com a participação de representantes estudantis, das regionais da região metropolitana de Belo Horizonte, para garantir que o material seja interessante, atrativo e útil aos jovens estudantes.

A cartilha será disponibilizada, em formato digital, a todas as Regionais, escolas e Conselhos de Representantes de Turma. Além disso, a versão impressa será entregue aos estudantes na primeira Reunião Presencial com os Analistas Coordenadores da Juventude. Por fim, ela deverá estar disponível nos arquivos do Grêmio Estudantil ou do Conselho de Representante, que terão, também, a incumbência de divulgá-la entre seus pares.

3.2. Projeto #VempPraJuventude – ação

Nessa pesquisa, tornou-se evidente que, para os estudantes, o interesse da escola em suas opiniões é essencial à construção de um processo educativo de qualidade. Ademais, ficou claro que um grêmio estudantil atuante é responsável por viabilizar o seu engajamento nos processos deliberativos da escola. Dessa forma, o Projeto **#VemPraJuventude** tem, entre suas propostas, a articulação de todas as instâncias de representação estudantil existentes na escola: grêmios, coletivos e conselho de representantes. As ações, propostas para esta etapa, estão sintetizadas no Quadro 9.

Quadro 9 - Projeto #VemPraJuventude: Ação

What Ações a serem empreendidas	Why Por que será feita	Who Quem	Where Onde	When Quando	How Métodos	How much Custos
Elaboração de projetos de pesquisa e/ou intervenção, que visem o combate à evasão escolar e o incentivo à permanência na escola.	- Para melhorar o diálogo entre a gestão e o estudantes, incentivando-os a estabelecerem ações conjuntas, em prol da qualidade do processo educativo e viabilizando a efetiva participação dos estudantes nos direcionamentos e deliberações da escola.	Integrantes dos Grêmios Estudantis das escolas estaduais de ensino médio de Minas Gerais	Escolas estaduais de ensino médio de Minas Gerais	Junho a agosto de 2018	Reunião do Grêmio com gestores, estudantes e profissionais da escola, para o diagnóstico e análise dos potenciais problemas e necessidades da escola, considerando o incentivo à permanência do estudante e a qualidade do processo educativo.	Sem custos adicionais Computador com acesso à internet; Papel ofício; Impressora.
Financiamento de 10 projetos, elaborados pelos Grêmios Estudantis	- Para fomentar a participação estudantil e tornar a escola mais atrativa para os jovens.	SEM/DJUV/SEE	Belo Horizonte	Setembro de 2018	Descentralização de Recursos, via Caixa Escolar	R\$ 30.000,00 (R\$3.000,00 por projeto)
Inscrição de todos os Projetos no Desafio Criativos da Escola		Equipe de DJUV e integrantes dos Grêmios Estudantis das escolas estaduais de ensino médio de Minas Gerais	SEE e Escolas estaduais de ensino médio de Minas Gerais (inscrição via web)	Outubro de 2018	Divulgação, pela DJUV, do cronograma de inscrição dos projetos, no Desafio Criativos da Escola; Inscrição dos Projetos na página do Desafio Criativos da Escola, na internet	Sem custos adicionais Computador com acesso à internet

Fonte: Elaborado pela autora

Nessa etapa do Projeto, conforme especificado no Quadro 9, os Grêmios deverão elaborar projetos de pesquisa e/ou intervenção, que discutam, problematizem e promovam a permanência dos estudantes na escola, combatendo a evasão escolar. A elaboração desses projetos será subsidiada pelas discussões realizadas no processo de formação e poderão contar com o financiamento da SEE. Para isso, os grêmios deverão enviar, às regionais, os seus projetos e as equipes selecionarão 3 (três) para encaminhar à SEE, que selecionará, dentre os recebidos, 10 (dez) projetos a serem financiados. Os projetos selecionados devem contemplar os seguintes critérios: coerência com o tema proposto, exequibilidade, protagonismo, criatividade e trabalho em equipe.

Ressaltamos que esse processo deve contar com o apoio dos educadores que participam da formação do Programa, sendo eles responsáveis por orientar os estudantes, no que se refere à metodologia de elaboração de projetos, utilizando a carga horária do Módulo II. Dessa forma, enquanto o Especialista e o Gestor se ocupam da reunião com os educadores, o professor acompanha o processo de elaboração dos projetos. Entretanto, salientamos que esses sujeitos podem se organizar de diferentes maneiras, no que se refere a essa orientação, desde que incentivem e acompanhem o processo de elaboração dos projetos de pesquisa e/ou intervenção. Além disso, a escola deve disponibilizar, aos estudantes, os equipamentos necessários, tais como: computador com acesso à internet, folhas de papel, impressora, dentre outros itens que forem necessários ao grupo e constem no patrimônio da escola, pois não haverá disponibilização de recursos financeiros para a aquisição de materiais ou equipamentos.

Os projetos selecionados pela SEE receberão R\$ 3.000,00 para a sua execução. Por se tratar de um recurso público, os gestores das escolas contempladas devem acompanhar a utilização dos recursos e fazer a devida prestação de contas, uma vez que o recurso financeiro deve ser descentralizado via Caixa Escolar. Entretanto, ressaltamos que a execução do projeto é de responsabilidade dos estudantes, que deverão, por ocasião de sua conclusão, apresentar um registro de todas as etapas.

Outra ação será a inscrição compulsória de todos os projetos elaborados pelos grêmios estudantis no Desafio Criativos da Escola³⁵, promovido pelo Instituto

³⁵ Desafio Criativos da Escola encoraja crianças e jovens a transformarem suas realidades, reconhecendo-os como protagonistas de suas próprias histórias de mudança. O protagonismo, a

Alana³⁶, que intenta o estabelecimento de parceria com a SEE para a realização de formação, destinada a professores do ensino médio em 2018. Como o Desafio Criativos da Escola premia projetos protagonizados por jovens estudantes, identificamos, nessa iniciativa, uma possibilidade de financiamento de outros projetos.

Acreditamos que a premiação caracterize um importante incentivo aos jovens na elaboração dos projetos, fomentando a sua atuação como protagonistas do processo educativo e na proposição de soluções e/ou inovações necessárias a este processo. Entretanto, o que realmente pretendemos, com essa ação, é a ampliação dos canais de comunicação e dos espaços de participação, incentivando o diálogo e a partilha de ideias entre estudantes, educadores e gestores, na discussão dos problemas, desafios e potencialidades das escolas. Sendo coletivos, esses momentos podem estreitar os laços entre gestores e estudantes, além de incentivar, no jovem, o sentimento de pertencimento à escola. Dessa forma, ele entenderá que, como parte dela, é responsável pelo seu sucesso e pela melhoria de sua atividade. Além disso, essa ação incentiva, nos gestores, o reconhecimento do potencial dos jovens, percebendo-os como sujeitos efetivos do processo educativo, com demandas e potencialidades diversas e aptos a participar da gestão da escola.

3.3 Projeto #vemprajuventude: monitoramento

Esta etapa do Projeto **#VemPraJuventude** prevê o acompanhamento das ações elencadas nesse PAE, com o objetivo de garantir a sua efetiva concretização. Assim, são necessárias visitas, dos Analistas Coordenadores da Juventude, às escolas de ensino médio circunscritas à SRE, para orientação e acompanhamento da elaboração e implementação dos projetos. Sintetizamos, no quadro 10, as propostas dessa etapa.

empatia, a criatividade e o trabalho em equipe são os pilares centrais deste projeto, que busca envolver e estimular educandos e educadores, de diferentes áreas, no engajamento e na atuação em suas comunidades. A iniciativa faz parte do Design for Change, movimento global que surgiu na Índia e está presente em 57 países, inspirando mais de 2,2 milhões de crianças e jovens ao redor do mundo. (Fonte: <http://criativosdaescola.com.br/>)

³⁶ Organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, que desenvolve programas que buscam a garantia de condições para a vivência plena da infância, entre eles o Desafio Criativos da Escola.

Quadro 10 - Projeto #VemPraJuventude – Monitoramento

What Ações a serem empreendidas	Why Por que será feita	Who Quem	Where Onde	When Quando	How Métodos	How much Custos
Acompanhamento da elaboração e implementação dos projetos dos Grêmios Estudantis.	Para fomentar a participação estudantil e tornar a escola mais atrativa para os jovens.	Analistas Coordenadores Regionais da Juventude e Equipe da DJUV	Escolas estaduais de ensino médio de Minas Gerais	1º e 2º semestres de 2018	- Visitas bimestrais às escolas estaduais de ensino médio; - Reuniões semestrais com representantes dos Grêmios estudantis em cada município da regional; - Visita da Equipe da DJUV às escolas que apresentam mais dificuldades no processo de implementação dos Grêmios e/ou elaboração dos projetos	Diária para Analistas, de acordo com a planilha do Plano de Aplicação de Recursos (PAR) de cada regional

Fonte: Elaborado pela autora.

Dada a diversidade de cada regional, no que se refere ao número de escolas e municípios sob sua responsabilidade, e que há, em cada uma delas, apenas 2 Analistas Coordenadores Regionais da Juventude, sugerimos que as visitas dos Analistas, propostas no quadro 10, sejam bimestrais. Além disso, também sugerimos que, pelo menos uma vez por semestre, haja um encontro com os integrantes dos Grêmios já constituídos ou com representantes das escolas que ainda não têm grêmio. Essas reuniões, associadas às ações de formação, devem também incentivar os jovens a constituírem os grêmios em suas escolas e identificar as dificuldades nesse processo, nas escolas que ainda não conseguiram organizá-lo.

Para essa ação, não há necessidade de previsão de recursos financeiros, pois as despesas, com o deslocamento dos Analistas, serão custeadas com os recursos do PAR. Todas as percepções e constatações dessa etapa devem ser compartilhadas com a DJUV, para que a equipe possa se inteirar do desenvolvimento do processo, identificando problemas e possíveis ajustes a serem operados. Como a DJUV já conta com uma equipe responsável pelo monitoramento de suas ações na SRE, realizado via contato telefônico e e-mail, os Analistas Coordenadores Regionais da Juventude utilizarão este mesmo canal para o repasse das informações.

Fundamentada nas devolutivas das equipes das regionais, a equipe da DJUV organizará um cronograma de visita às escolas que tenham maiores dificuldades ou conflitos no processo de implementação dos Grêmios Estudantis e/ou elaboração dos projetos. Dessa forma, pretendemos assegurar o acompanhamento contínuo e, quando necessário, o replanejamento de prazos e ações estabelecidos no Projeto #VempraJuventude.

3.4 Avaliação e exequibilidade do projeto #Vemprajuventude

As ações propostas nesse PAE são passíveis de execução e exigem, apenas, a organização das equipes da SEE e das SRE, pois todos as ferramentas e equipamentos necessários estão disponíveis e, em alguns casos, inutilizados, como a Plataforma Moodle do Portal da Escola de Formação – MAGISTRA. Os recursos financeiros necessários serão aqueles

destinados à atividade rotineira dos Analistas Coordenadores Regionais da Juventude, que têm, entre suas atribuições, o monitoramento das ações e projetos da SEE. Para isso, a SRE prevê, anualmente, no PAR, os custos com despesas de diária e transporte para o deslocamento dos servidores até os municípios a ela circunscritos, conforme valores e regras estabelecidos pelo Decreto SEE/MG nº 47.045, de 14 de setembro de 2016 (MINAS GERAIS, 2016b), que dispõe sobre a Concessão de Diárias e Passagens. Apenas o financiamento dos Projetos de Pesquisa e a Intervenção dos Grêmios Estudantis demandará a descentralização de recursos extras, mas dado ao seu custo relativamente baixo, frente ao orçamento destinado anualmente à Diretoria de Juventude, não haverá comprometimento na execução desta etapa.

A equipe da DJUV também terá, entre suas atribuições, o acompanhamento dos relatórios, referentes aos cursos autoinstrucionais oferecidos na Plataforma Moodle, verificando dados referentes ao número de inscritos e de participantes que concluíram as atividades. Esse acompanhamento permite a verificação de demandas, além do interesse dos sujeitos pelos temas e a necessidade de readequação das propostas.

A exequibilidade do Projeto depende, portanto, da organização interna da DJUV - no que tange à produção dos materiais necessários, em tempo hábil, e ao acompanhamento do processo de formação dos Analistas via Plataforma Moodle - e da organização das atividades dos Analistas Coordenadores Regionais da Juventude, cujos cronogramas de visitas às escolas de ensino médio, devem atender às demandas de cada etapa do Projeto. Além disso, todas as propostas se alinham à política de fomento à participação estudantil nas escolas, derivada da Missão da SEE, definida em 2015, e já apresentada na descrição deste caso.

Portanto, o Projeto #VemPraJuventude pode ser desenvolvido integralmente em todas as regionais de ensino, cabendo, à equipe da DJUV, o monitoramento constante de suas ações, para que a criação dos Grêmios Estudantis, em todas as escolas de ensino médio da Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais, culmine na participação dos estudantes nos direcionamentos e decisões da escola, tornando a sua gestão mais democrática e autônoma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Garantir, aos jovens mineiros, o acesso e a permanência exitosa na escola, ainda é um desafio, visto que, em 2014, 14,5% dos jovens, de 15 a 17 anos, estavam em situação de evasão escolar. Além disso, como relatado neste caso, os que nela se encontram demandam insistentemente mais espaços de participação, dizendo-se aliados dos processos decisórios, inerentes à gestão escolar e ao processo educativo.

A proposta dessa pesquisa foi justamente apresentar a importância e a necessidade da conquista, ampliação e efetivação dos espaços de participação estudantil nas escolas estaduais mineiras, dentre eles, o Grêmio Estudantil. Para tanto, teve como objetivo geral identificar as ações e relações vivenciadas nas escolas observadas e propor ações que podem ser desenvolvidas pela SEE, para que os Grêmios Estudantis sejam implementados nas escolas estaduais de Ensino Médio da Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais, de maneira a fomentar a participação dos estudantes no cotidiano escolar e, consequentemente, fortalecer a autonomia e a gestão democrática da escola.

No capítulo 1, o caso foi delineado a partir da apresentação da Diretoria de Juventude, que, na Secretaria de Estado de Educação, tem a incumbência de estabelecer canais de comunicação com os jovens estudantes de Minas Gerais. Além disso, tem a responsabilidade de propor e executar ações que tenham como foco a aproximação entre a escola e a juventude, atendendo às demandas apresentadas por estudantes nas ações realizadas pela SEE, ainda em 2015. Aliada a essa descrição, foi também debatido sobre o atual cenário do ensino médio no Brasil e em Minas Gerais, marcado pela evasão e pelo insucesso dos jovens. Além disso, foram apresentadas as principais características das escolas selecionadas, como amostra não probabilística para esta pesquisa, que se diferenciam quanto à participação dos estudantes em suas rotinas.

O capítulo 2, além de apresentar o referencial teórico sobre a juventude, participação e gestão democrática, que deu aporte a este caso, evidenciou, a partir das análises dos dados coletados via *Whatsapp* e questionários, que os espaços de participação dos estudantes, quando existentes, são, em sua

maioria, insuficientes e marcados por concepções negativas dos gestores escolares. Nesse contexto, a participação, enquanto processo de deliberação coletiva, é percebida, pela maioria dos gestores, como uma ação a ser tutelada e concedida pela gestão. Essa análise revelou que, não obstante a política de fomento à participação estudantil nas escolas estaduais mineiras, os estudantes ainda carecem de “voz e vez” na gestão da escola.

Assim, no capítulo 3, apresentamos um Plano de Ação Educacional que, fundamentado nas análises realizadas, apresenta propostas de superação dos problemas identificados, para que os Grêmios Estudantis possam ser implementados nas escolas estaduais de ensino médio de Minas Gerais, configurando-se em espaço de participação dos jovens estudantes nos processos decisórios, inerentes ao espaço escolar.

A execução desta pesquisa permitiu a resposta à sua questão norteadora: quais os entraves à constituição de grêmios estudantis nas escolas estaduais de Belo Horizonte, no contexto da política estadual de fomento à participação estudantil, que, dentre outros objetivos, visa à democratização da gestão escolar? Constatamos que tais entraves resvalam numa concepção reducionista de participação, associada à mera verbalização de interesses e demandas. Além disso, são notáveis as percepções negativas sobre a juventude, associando a esta, adjetivos de imaturidade e despreparo, frente aos processos decisórios subjacentes à gestão escolar e na centralização do poder decisão na figura do diretor.

A descentralização e a consequente democratização da gestão escolar requerem a participação de todos os sujeitos do processo educativo, superando o paradigma de gestão centralizada no diretor, considerado o responsável último por todas as decisões na escola (PARO, 2016). Ampliar os espaços de participação dos estudantes contribui para essa descentralização, viabilizando a construção de compromissos coletivos que objetivem a efetivação de uma prática pedagógica atraente e significativa para os jovens, que reconhecem, como impactante, na construção de uma escola de qualidade, a sua participação em organizações como o Grêmio Estudantil, o Colegiado e Conselho de Representante de Turma, dentre outros.

Após a análise de todas as informações apresentadas nesse caso,

acreditamos que a percepção do jovem, como sujeito sociocultural e apto a ter suas opiniões e ideias validadas nos processos decisórios da escola, além da ampliação e efetivação dos espaços de participação, corroboram para uma formação cidadã. Como afirma Paro (2016):

[...] aquele que tem seus direitos respeitados (pelo menos) dentro da escola, fazendo-se sujeito de relações democráticas na situação de ensino, estará mais predisposto a relacionar-se democraticamente e a defender seus direitos de forma mais convincente na sociedade em geral (PARO, 2016, p.112).

Assim, além de processo formativo, a participação contribui para a democratização e o fortalecimento da autonomia da gestão da escola, pois um ensino de qualidade precisa contemplar os interesses de seus usuários. Para tanto, isso não se faz sem a escuta de seus interesses e a sua deliberação nos processos decisórios.

As ações desse PAE, objetivam a superação de concepções negativas e reducionistas de juventude e participação, incentivando a ampliação dos espaços de participação dos estudantes, sobretudo os Grêmios Estudantis. Assim, embora não tenham a pretensão de apontar soluções definitivas aos problemas e entraves diagnosticados, constituem proposta de ampliação dos espaços de participação estudantil, nas escolas.

Por fim, é importante salientar que é necessário considerar os jovens como sujeitos socioculturais, indivíduos diversos, que possuem história, desejos, anseios, medos, comportamentos e hábitos próprios de sua idade. Nesse sentido, são, também, aptos a terem as suas opiniões consideradas nos processos decisórios da escola, contribuindo para o fortalecimento de sua autonomia e efetivando, assim, a sua gestão democrática.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Juventudes na escola, sentidos e buscas: por que buscam?** Brasília – DF. Flacso-MEC, 2015.

ARAÚJO, Adilson Cesar de. A gestão democrática e os canais de participação dos estudantes. **Revista Retratos da Escola**. Brasília, v.3,n.4. p. 253-266, jan./jun. 2009.

ARROYO, Miguel. **Imagens quebradas**. Petrópolis, Vozes, 2005

_____. Os jovens, seu direito a se saber e o currículo. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla L. (org.) **Juventude e Ensino Médio: Diálogo, Sujeitos, Currículos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

BRASIL. Lei 7.398 de 4 de novembro de 1985. **Dispõe sobre a organização de entidades representativas dos estudantes de 1º e 2º graus e dá outras providências**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7398.htm>. Acesso em: 01 set. 2017.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm>. Acesso em: 25 nov. 2016.

_____. Lei 12.084 1996 de 12 de janeiro de 1996a. **Assegura a livre organização estudantil e da outras providencias**.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996b. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 10 nov. 2016.

_____. Lei 13.410 de 21 de dezembro de 1999. **Altera dispositivos da lei nº 12.084, de 12 de janeiro de 1996, que assegura a livre organização estudantil e dá outras providências**.

_____. Ministério Da Educação. INEP. Nota Técnica. **Indicador de Nível Socioeconômico das Escolas de Educação Básica (Inse)**. 2013. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/informacoes_estatisticas/indicadores_educacionais/2011_2013/nivel_socioeconomico/nota_tecnica_indicador_nivel_socioeconomico.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2016

_____. INEP. **Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024**: Linha de Base. Brasília. DF: Inep, 2015. 404p.

_____. Ministério da Educação. PROGRAMA ENSINO MÉDIO INOVADOR. [2016]. Disponível em: <<http://educacaointegral.mec.gov.br/proemi>>. Acesso

em: 22 maio 2017.

_____. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. **Altera as Leis nºs 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13415.htm>. Acesso em: 06 abr. 2017.

BURGOS, Marcelo T. Baumann. **Massificação da escola, desinstitucionalização, equidade e educabilidade.** 2016. Disponível em <<http://www.ppgp3.caeduff.net/mod/resource/view.php?id=2306>>. Acesso em: 10 out. 2016.

CAMPOS, A.M; MEDEIROS, J. & RIBEIRO, M. **Escolas de luta.** São Paulo: Veneta, 2016.

CHAUÍ, Marilena. **Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro.** Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

COSTA, Antônio C.G. **Tempo de servir: o protagonismo juvenil passo a passo: um guia para o educador.** BH: Editora Universidade, 2001.

COELHO, Salete do Belém Ribas; LINHARES, Clarice. Gestão participativa no ambiente escolar. **Revista Eletrônica Lato Sensu** – Ano 3, nº1, março de 2008. Disponível em: <<http://www.unicentro.br>>. Acesso em: 10 maio 2017.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Gestão Democrática da Educação (série de programas Salto para o Futuro) Programa 1 O princípio da gestão democrática na educação Gestão democrática da educação pública** 2002.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. **A escola como espaço sociocultural.** 2010. Disponível em: <<https://ensinosociologia.milharal.org/files/2010/09/Dayrell-1996-Escola-esp%C3%A7o-socio-cultural.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2016.

_____. **A escola “faz” juventudes?** Reflexões em torno da socialização juvenil. Simpósio Internacional “Cuitat.edu: nuevos retos, nuevos compromissos”. Barcelona outubro de 2006.

DAYRELL, Juarez. **Por uma pedagogia da juventude.** Revista Onda Jovem, [2014].

DAYRELL, Juarez (org.). **Por uma pedagogia das juventudes: experiências**

educativas do Observatório da Juventude da UFMG. Belo Horizonte: Maza Edições, 2016.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla L. (org.) **Juventude e Ensino Médio**: Diálogo, Sujeitos, Currículos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

FÁVERO, Osmar; SPÓSITO, M. P.; CARRANO, P.; NOVAES, R. R. **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. Coleção Educação para Todos: 16. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=648-vol16juvcont-elet-pdf&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 15 ago. 2016.

FERRETTI, Celso João; ARAÚJO, Ronaldo Lima; LIMA FILHO, Domingos Leite Brasil. Secretaria de Educação Básica. **Formação de professores do ensino médio, etapa I - caderno V: organização e gestão democrática da escola** / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica – Curitiba : UFPR/Setor de Educação, 2013. 53p.

GADOTTI, Moacir. **Gestão Democrática da Educação com Participação Popular no Planejamento e na Organização da Educação Nacional**. Conae 2014. Disponível em: <http://conae2014.mec.gov.br/images/pdf/artigo_moacir_gadotti.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2016.

GOMES, Luciano. **5W2H**: Ferramenta para a elaboração de Planos de Ação. 2014. Disponível em: <<http://blog.iprocess.com.br/2014/06/5w2h-ferramenta-para-a-elaboracao-de-planos-de-acao/>>. Acesso em: 02 out. 2017.

GOMES, Alfredo Macedo; ANDRADE, Edson Francisco de. O Discurso da Gestão Escolar Democrática: o Conselho Escolar em foco. **Educação e Realidade**, v. 34, n.1, pág. 83-102, jan./abr. 2009.

IBGE. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios**: síntese de indicadores 2013 / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. - 2. ed. - Rio de Janeiro: IBGE, 2015. 296 p. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94414.pdf>>. Acesso em: 10 dez 2016.

JACOBO, Waiselfisz Júlio. **Mapa da Violência 2015**: mortes matadas por armas de fogo. Brasília, 2015. Disponível em: <<http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapaViolencia2015.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2017.

LÜCK, Heloísa. **Dimensões da gestão escolar e suas competências**. Curitiba: Positivo, 2009.

LÜCK, Heloísa. **Gestão da cultura e do clima organizacional da escola**.

Petrópolis: Vozes, 2010 (Série Cadernos de Gestão: 5)

LÜCK, Heloísa. **Liderança em gestão escolar**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. (Série Cadernos de Gestão: 4)

_____. **A gestão participativa na escola**. 11.ed Petrópolis: Vozes, 2013. (Série Cadernos de Gestão: 3)

_____. **Concepções e processos democráticos de gestão educacional**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013a. (Série Cadernos de Gestão: 2)

LUZ, Sergio Edgard da. **A organização do Grêmio Estudantil**. São Paulo, 1998.

MARTINS, Francisco André Silva. **A voz do estudante na Educação Pública: um estudo sobre a participação de jovens por meio do Grêmio Estudantil**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação da UFMG, 2010.

MARTINS, Francisco André Silva. **Juventude, Grêmio Estudantil e Ação Coletiva**: considerações em torno dos movimentos sociais na contemporaneidade. I Encontro dos Pesquisadores em Educação dos Programas de Pós-Graduação em Belo Horizonte – UFMG – PUC-MG – CEFET – UEMG – Mesa: Educação e Movimentos Sociais, [2016]. Disponível em: <<http://observatoriodajuventude.ufmg.br/publication/juventude-gremio-estudantil-e-acao-coletiva-consideracoes-em-torno-dos-movimentos-sociais-na-contemporaneidade-2/>>. Acesso em: 06 ago. 2016.

MARTINS, Francisco André Silva e DAYRELL, Juarez Tarcísio. **Juventude e Participação: disputas e relações no cotidiano escolar**, [2016]. Disponível em: <<http://observatoriodajuventude.ufmg.br/publication/view/juventude-e-participacao-disputas-e-relacoes-no-cotidiano-escolar/>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

MARTINS, Francisco André Silva e DAYRELL, Juarez Tarcísio. Juventude e Participação: disputas e relações no cotidiano escolar. In: **Anais I Seminário Violar**: Problematisando as Juventudes na Contemporaneidade. Campinas, p.46-58. ago. 2010. Disponível em: <<https://www.fe.unicamp.br/semviolar/anais/Anais-ISemViolar.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. In: FAVERO, Osmar et al (Orgs.). **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. 284 p. – (Coleção Educação para Todos; 16).

MINAS GERAIS. Decreto nº 45.849 de 27 de dezembro de 2011. **Dispõe sobre a organização da Secretaria de Estado de Educação**. Belo Horizonte, 2011.

_____. **Página Oficial da Secretaria de Estado de Educação**. 2015a.

Disponível em: <<https://www.educacao.mg.gov.br/leis/story/7289-primeira-roda-de-conversa-da-virada-educacao-acontece-nesta-terca-feira-em-belo-horizonte>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

_____. **Planejamento Estratégico da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais**. Subsecretaria de Desenvolvimento da Educação Básica (SB): Diretoria de Juventude. SEPLAG/MG – SEE/MG: Belo Horizonte, 2015b.

_____. **Resolução SEE nº 2.958, de 29 de abril de 2016a. Dispõe sobre a Assembleia Escolar e sobre a estrutura, funcionamento e processo de eleição dos membros do Colegiado Escolar na rede estadual de ensino de Minas Gerais**. Acesso em: 22 ago. 2016.

_____. Decreto nº 47.045 de 14 de setembro de 2016. **Dispõe sobre viagem a serviço e concessão de diária no âmbito da Administração Pública direta, autárquica e fundacional do Poder Executivo e dá outras providências**. Belo Horizonte, 2016b

_____. SEE, 2016. **Carta às escolas** – Semana de acolhimento. Belo Horizonte, fev. 2016c

_____. SEE. 2016. **Relatório de Retorno Ações da Virada**. Belo Horizonte, dez. 2016d.

_____. SEE – DJUV /Diretoria de Juventude. **Questionário Diagnóstico de Participação**. Mar-jun 2017

_____. Subsecretaria de Desenvolvimento da Educação básica. **Ofício Circular nº 37 e Anexos**. Belo Horizonte, Mar. 2017a.

_____. SEE 2017 **Ações da Diretoria de Juventude**. Belo Horizonte, set. 2017b.

_____. SEE. **Carta às escolas: Volta às aulas**. Belo Horizonte, 2017c

NEUBAUER, Rose; SILVEIRA, Ghislene Trigo. Gestão dos Sistemas Escolares - Quais caminhos perseguir?, publicado como capítulo do livro de Simon Schwartzman e Cristián Cox (editores). **Políticas Educacionais e Coesão Social**. Uma Agenda Latino-americana. Editora Campus, Rio de Janeiro, 2009.

NOVAES, R. Juventude e sociedade: jogos de espelhos, sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. **Revista Sociologia Especial: ciência e vida**, São Paulo, 2007.

ORTELLADO, Pablo. Prefácio. In: CAMPOS, A.M; MEDEIROS, J.; RIBEIRO, M. **Escolas de luta**. São Paulo: Veneta, 2016. (Coleção Baderna)

OLIVEIRA, Estevão domingos de; MEDEIROS, Hercílio de; LEITE, Jan Edson

Rodrigues; ANJOS, Eudisley Gomes dos; OLIVEIRA, Felipe Soares de. **Proposta de um modelo de cursos baseado em Mobile learning**: um experimento com professores e tutores no whatsapp. ESUD 2014 – XI Congresso Brasileiro de Ensino Superior à Distância – Florianópolis/SC, 05 a 08 de agosto de 2014.

PARADELA, Victor. **Competências da liderança na gestão escolar**. Junho de 2016. Disponível em: <<http://www.ppgp3.caedufjf.net/mod/resource/view.php?id=2747>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

PARO, Vitor Henrique. A educação, a política e a administração: reflexões sobre a prática do diretor de escola. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.36, n.3, p. 763-778, set/dez 2010.

PARO, Vitor Henrique. **Gestão democrática da escola pública**. 4. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2016.

PEREGRINO, Monica. **Desigualdade numa escola em mudança**: Trajetórias e embates na escolarização pública de jovens pobres. Dissertação de Doutorado. UFF: Rio de Janeiro, 2006.

PORVIR. Nossa Escola em (Re)Construção. Relatório de pesquisa. Disponível em: <3.amazonaws.com/porvir/wpcontent/uploads/2016/10/06150937/RelatorioCompleto_NossaEscolaEmReConstrucao_Final.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2017.

SABATINI, Renato M.E. Ambiente de Ensino e Aprendizagem via Internet A Plataforma Moodle. 2007. Disponível em: <<http://www.ead.edumed.org.br/file.php/1/PlataformaMoodle.pdf>>. Acesso em 05 out. 2017.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, Valéria. **Coletivos Juvenis, cidade e identidades**: etnografia do estranhamento. UFPI - Trabalho apresentado na 27ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 1 e 4 de agosto de 2010, em Belém, Pará, Brasil. Pesquisa apoiada pelo CNPq e FAPEPI.

SCORSOLINE, Ailton Bueno; MOURA, Marcilene Rosa Leandro; SANTICS, Ricardo José Orsi de. **Grêmios Estudantis**: desafios e impasses na construção da cidadania. Universidade de Sorocaba – UNISO, 2006)

SPOSITO, Marília Pontes. Indagações sobre as relações entre juventude e a escola no Brasil. **JOVENes Revista de Estudos sobre Juventud**. México, ano 9 v.2, p 201-227, jan/jun 2005. Disponível em: <http://www.uff.br/observatoriojovem/sites/default/files/documentos/juventude_e_escola_no_brasil_sposito.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2016.

TEIXEIRA, Lúcia Helena G. **Gestão democrática da escola pública**: um objeto de estudo, 2010. UFJF. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2010/02/7-texto-sobre-Gest%C3%A3o-para-Revista-Lucia-Helena-falta-resumo-e-abstrat.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2017.

UNICEF. **10 desafios do ensino médio no Brasil**: para garantir o direito de aprender de adolescentes de 15 a 17 anos. (Coord. Mario Volpi, Maria de Salete Silva e Júlia Ribeiro) – 1.ed. Brasília, 2014.

APÊNDICE A - TEXTO INTRODUTÓRIO DOS FÓRUNS DE WHATSAPP

Olá! Conforme combinamos, o nosso fórum de discussão está iniciando hoje. É importante que você participe ativamente de todas as discussões, respondendo às perguntas por escrito. Todas as informações serão utilizadas apenas para a pesquisa e por isso peço a todos que respeitem a opinião dos colegas. A participação e a interação entre os integrantes é livre. Caso queira, comente a resposta de um colega e dê sugestões também. Isso enriquecerá nosso debate. Conto com a participação e contribuição de todos!

APÊNDICE B - ROTEIRO DE DISCUSSÃO DO FÓRUM DO *WHATSAPP* COM ESTUDANTES

Grupo 1 – Estudantes

Data Prevista	Questão Norteadora	Desdobramentos
08/05	O que é participação?	Você se considera participativo na rotina da escola? Se sim, relate uma situação em que você foi participativo.
10/05	Na sua escola há espaços de participação para os estudantes? Quais?	Qual deve ser o papel do estudante na gestão da escola? Em que momentos você tem oportunidade de exercer esse papel na rotina de sua escola? Como o Grêmio Estudantil pode ampliar os espaços de participação dos estudantes na escola? A relação entre a gestão de sua escola e vocês favorece a emancipação ou o aprisionamento do estudante? Por quê?
12/05	Como aproximar a escola da juventude?	Que tipo de atividades atraem os jovens estudantes? Quais dessas atividades podem ser desenvolvidas na escola? Com que frequência essas atividades são desenvolvidas na escola? Como tornar frequentes e/ou manter essas atividades na sua escola? O Grêmio Estudantil poderia ajudar? Como?
14/05	A escola deve ser um espaço de ampliação de experiências. Como a escola onde estuda tem contribuído para a vivência de novas experiências por você e seus colegas?	A sua escola incentiva parcerias com a comunidade, ações extracurriculares, utilização de espaços do seu território ou da cidade? Como você avalia a sua escola quanto ao estímulo à ocupação de espaços da comunidade pelos estudantes como lugar de aprendizagem? Conte-nos uma situação em que essa parceria se estabeleceu.
16/05	Você participa de algum grupo ou coletivo de jovens fora da escola (grupo de jovens da igreja, grupo esportivo, partido político, grupo religioso, grupo cultural)? Se sim, de qual grupo faz parte?	Há conhecimento, valorização ou interesse da escola pelas atividades que você desenvolve fora dela? Você acha que deveria ser diferente? Por quê? Como a realização destas atividades interfere na sua vida escolar?

**APÊNDICE C - ROTEIRO DE DISCUSSÃO DO FÓRUM DO *WHATSAPP*
COM PROFISSIONAIS DA ESCOLA (GESTORES)**

Grupo 2: Gestores

Data Prevista	Questão Norteadora	Desdobramentos
08/05	O que é participação?	Como você avalia o interesse e a participação dos estudantes na rotina da escola?
10/05	Na sua escola há espaços de participação para os estudantes? Quais?	Qual o papel do estudante na gestão democrática da escola? Como a escola pode fomentar a participação dos estudantes em sua rotina? Qual o papel do Grêmio Estudantil na definição desses espaços de participação? A relação entre a gestão de sua escola e vocês favorece a emancipação ou o aprisionamento do estudante? Por quê?
12/05	Como aproximar a escola da juventude?	Que tipo de atividades atraem os jovens estudantes? Quais dessas atividades podem ser desenvolvidas na escola? Essas atividades são desenvolvidas com frequência nas escolas? Por quê? Como tornar frequentes e/ou manter essas atividades na sua escola? Como o Grêmio pode contribuir?
14/05	A escola deve ser um espaço de ampliação de experiências. Como a escola tem contribuído para a vivência de novas experiências pelos estudantes?	A escola incentiva parcerias com a comunidade, ações extracurriculares, utilização de espaços do seu território ou da cidade? Como você analisa a escola quanto ao estímulo à ocupação de espaços da comunidade pelos estudantes como lugar de aprendizagem? Conte-nos uma situação em que essa parceria se estabeleceu.
16/05	Os jovens da escola são participativos na sociedade (participam de grupos, coletivos, agremiações ou atividades afins)? Em caso afirmativo, qual a relação entre essas atividades e as atividades propostas pela escola?	Como a escola pode favorecer a participação dos jovens nas atividades da escola e fora dela? O Grêmio pode contribuir? Como?

APÊNDICE D - RESPOSTAS DOS ESTUDANTES NO FÓRUM DE WHATSAPP³⁷

Escola Bezerra de Menezes – REPRESENTANTES DE TURMA Escola Chiquinha Gonzaga – MEMBROS DO GRÊMIO

25/05/17, 21:13 - As mensagens enviadas a este grupo estão agora protegidas com a criptografia de ponta-a-ponta. Toque para obter mais informações.

25/05/17, 21:13 - Você criou o grupo “Participação e Juventude”

25/05/17, 21:20 - Andréa Botelho: Boa Noite. Esse é o Fórum da pesquisa de mestrado que vocês estão contribuindo. Amanhã iniciamos as questões de debate. Mais uma vez obrigada pela contribuição. Andréa Botelho

25/05/17, 21:20 - E1a EBM: ☐☐

25/05/17, 21:21 - Andréa Botelho: ☐☐

25/05/17, 21:22 - E2e saiu (DEIXOU O GREMIO)

25/05/17, 21:27 - Você adicionou E1b EBM

25/05/17, 21:32 - E2d ECG: ✌☐

25/05/17, 21:33 - E1c EBM: ✌☐

25/05/17, 21:33 - E1b EBM: ☐☐

25/05/17, 21:36 - E2c ECG: Boa noite Gente!! ☐

~~25/05/17, 21:36 - E1d EBM: ☐☐~~

25/05/17, 21:43 - E1f EBM: ☐☐

25/05/17, 21:44 - E1d EBM: ☐☐

25/05/17, 21:47 - E2d ECG: ✌☐

25/05/17, 22:24 - E2b ECG: •Quem me colocou nesse grupo? Oque será debatido nesse grupo?

25/05/17, 22:24 - Andréa Botelho: ☐Boa noite

³⁷ Cópia das conversas do fórum via ferramenta Whatsapp Web.

25/05/17, 22:25 - Andréa Botelho: E2b eu sou da Secretaria de Educação e estou fazendo mestrado, lembra? Conversei com vocês na escola.

25/05/17, 22:25 - E2d ECG: ???

25/05/17, 22:25 - Andréa Botelho: Minha pesquisa é sobre a participação estudantil.

25/05/17, 22:26 - Andréa Botelho: Como vc é do grêmio inclui você, conforme combinado.

25/05/17, 22:26 - E1a EBM: Mas a escola não tem grêmio

25/05/17, 22:27 - E2d ECG: Oii euuu aqui

25/05/17, 22:27 - Andréa Botelho: No grupo tem estudantes da Escola Estadual Escola Chiquinha Gonzaga

25/05/17, 22:27 - E2a: Tem sim! Um grêmio super ativo e participativo.

25/05/17, 22:27 - E2a: Inclusive que fez várias lutas e conquistas dès de sua refundação

25/05/17, 22:27 - E1a EBM: Aaaah

25/05/17, 22:27 - Andréa Botelho: É lá tem grêmio E1a

25/05/17, 22:28 - E1a EBM: achei que era só do Bezerra

25/05/17, 22:28 - E2a: Me desculpe. Achei que a E1a era da Escola Chiquinha Gonzaga..

25/05/17, 22:28 - Andréa Botelho: Esse grupo é composto por estudantes de 2 escolas ok.

25/05/17, 22:28 - E2d ECG: Tv

25/05/17, 22:28 - Andréa Botelho: Uma tem grêmio e a outra ainda nao

25/05/17, 22:28 - E2d ECG: Tb*

25/05/17, 22:28 - E2a: Me lembro bem das vezes que fui no Escola Bezerra de Menezes para ajudar a fundar o grêmio e a repressão aos estudantes eram grande.

25/05/17, 22:29 - E2d ECG: Neh

25/05/17, 22:29 - E1a EBM: Como assim ?

25/05/17, 22:29 - Andréa Botelho: Agora está em processo de criação, E2a.

25/05/17, 22:30 - Andréa Botelho: Há um grupo se organizando

25/05/17, 22:30 - E2a: Pois é. Já fui lá diversas vezes até com autoridades mas nada adiantava...

25/05/17, 22:30 - E2a: Que bom que agora tá funcionando. Fico muito feliz de ver as escolas sendo cada vez mais democratizada.

25/05/17, 22:31 - E2d ECG: Evolução□

25/05/17, 22:31 - Andréa Botelho: □

25/05/17, 22:31 - E2a: Inclusive eu e o Vereador Gilson Reis fomos a escola e será destinada um emenda parlamentar para reforma da escola!

25/05/17, 22:32 - Andréa Botelho: Então amanhã explico como funcionará nosso fórum ok

25/05/17, 22:32 - E2a: Emenda da Deputada Federal Jô Moraes.

25/05/17, 22:32 - E2a: Tá bom. Boa noite galerinha.

25/05/17, 22:32 - Andréa Botelho: Boa noite

25/05/17, 22:32 - Andréa Botelho: □□

25/05/17, 22:33 - E2b ECG: Ahh sim

25/05/17, 22:33 - E2d ECG: Boa□

26/05/17, 12:24 - E1g EBM saiu

26/05/17, 10:45 - E1f EBM saiu

26/05/17, 15:43 - Andréa Botelho: Olá! Conforme combinamos o nosso grupo de discussão se inicia hoje. É importante que você participe ativamente de todas as discussões, respondendo às perguntas por escrito.

26/05/17, 15:43 - Andréa Botelho: Todas as informações serão utilizadas apenas para a pesquisa e por isso é importante que as diferentes opiniões sejam respeitadas. A interação entre os participantes é livre. Caso queira,

comente a resposta de um colega e dê sugestões também. Isso enriquecerá o nosso debate.

26/05/17, 15:43 - Andréa Botelho: A cada 2 dias haverá uma pergunta norteadora. É nesse período lançarei outras intermediárias. O grupo terá a duração de 10 dias. Conto com a participação e a contribuição de todos!
Andrea Botelho

26/05/17, 15:43 - Andréa Botelho: Pergunta do dia□□□

O que é participação?

29/05/17, 16:33 - E2a: Doar-se em prol do coletivo/coletivismo. Bom caso contrário não é participar e fazer sozinho ou atrapalhar ou qualquer coisa de menos participar do proposto. Não a melhor exemplo de participação do que esse nesse momento em que você mesmo Andrea selecionou ambas as escolas para compor sua pesquisa do mestrado! ECG e EBM... Fiquei feliz por tau prestígio. ♥

29/05/17, 16:55 - E2a: Ficamos* felizes*

29/05/17, 16:57 - Andréa Botelho: É muito bom contar com você E2a.

29/05/17, 16:57 - Andréa Botelho: É aí, pessoal. Vamos responder?

29/05/17, 17:07 - E2c ECG: Assim q chegar em casa respondo

29/05/17, 17:07 - Andréa Botelho: Sim □

29/05/17, 17:07 - E2c ECG: □□

29/05/17, 18:10 - E2b ECG: É participar de alguma coisa, fazer parte de um evento ou grupo.

29/05/17, 18:12 - E2d ECG: □□□□

~~29/05/17, 18:17 - E1b EBM 29/05/17 18:14 - 53199139~~ Participar é fazer parte de algo(tanto trabalhos,atividades,jogos,projetos)entregando o máximo de si,ou fazendo o que está ao seu alcance.

29/05/17, 18:24 - E1c EBM: Participação é se envolver, se interagir fazer parte de "algo" ou de "alguma" coisa.

29/05/17, 18:42 - E2c ECG: Participação é fazer parte, ser um membro

dentro de um "corpo"

29/05/17, 18:42 - Você alterou a imagem deste grupo

29/05/17, 18:43 - E2d ECG: Gostei da imagem do grupo □

29/05/17, 18:46 - Andréa Botelho: □

29/05/17, 19:35 - E1a EBM: Participar e fazer parte de algo

30/05/17, 07:51 - E2a: Bom *diorno*. □

30/05/17, 11:13 - E1e EBM: Fazer parte, interagir, se integrar.

31/05/17, 20:27 - E1h EBM saiu

02/06/17, 15:57 - Andréa Botelho: Boa tarde. De acordo com os colegas participação é envolvimento, interação, ação. Então, diante disso pergunto:

02/06/17, 15:58 - Andréa Botelho: Você se considera participativo na rotina da escola? E se sim relate uma situação em que você foi participativo.

02/06/17, 15:58 - Andréa Botelho: Aguardo as contribuições

02/06/17, 17:00 - E2a: Difícil resumo essa resposta Andrea.

02/06/17, 17:00 - E2a: Tem que responder ainda hj?

02/06/17, 17:04 - E1a EBM: Sim. Fui participativa em vários grupos de trabalhos que realizei com meus colegas de classe. Onde cada um tem sua tarefa para fazer algo acontecer, que seja entregar uma pesquisa ou apresentar um estudo.

02/06/17, 17:09 - Andréa Botelho: Pode responder ate amanha.

02/06/17, 17:09 - Andréa Botelho: Obg E1a

02/06/17, 17:09 - E1a EBM: Nada □

02/06/17, 17:33 - E2a: Okay. Amanhã formulou minha resposta. Estou trabalhando hoje kkkk.

02/06/17, 17:43 - E2a: Veja q coisa: na matéria diz q Lula é a única personalidade viva homenageada! E de simbologia publica. Os outros estão mortos. E é a OEA. E aqui simplesmente buscam destruir esse homem! Esse país não pode ser mesmo um país sério!!

02/06/17, 17:43 - E2a: Ex-presidente Lula é homenageado com estátua em Washington (EUA) <http://folha.com/no1460460> Via Folha de S.Paulo

02/06/17, 18:38 - Andréa Botelho: E2a, por favor neste grupo vamos postar apenas assuntos relativos à pesquisa ok? Senão perdemos o foco

02/06/17, 18:41 - E2a: Claro! Desculpe-me foi através de lista selecionada, sem querer o grupo entrou na mesma!

02/06/17, 19:31 - Andréa Botelho: Sem problema. Acontece...kkk ☐☐

03/06/17, 09:38 - E2b ECG: Sim, quando o grêmio promover algum evento, ou ate mesmo quando a direção nos direciona uma atividade em sala para fazer.

03/06/17, 09:38 - E2b ECG: Bom dia

03/06/17, 09:47 - E2c ECG: Sim. Quando iria iniciar a ocupação, a greve e eu o pessoal do grêmio nos juntamos para discutir e aprofundar no assunto e em conjunto tomamos as decisões.

03/06/17, 10:13 - E1b EBM: Sim, quando a sala necessita de ajuda ou alguma orientação ou de alguma necessidade específica.

03/06/17, 10:27 - E1c EBM: Sim. Quando vejo que a escola está com algum déficit, ou no quadro de funcionários ou em algum evento sempre me coloco a disposição e "coloco q mão na masa" para ajudar.

Como por exemplo está semana esteve tendo reunião de pais, muitos pais ficavam perdidos na escola para achar a sala de multimedia(quando estava tendo a reunião la), eu me disponibilizei a recepção da escola em ficar lá ajudando eles na hr do intervalo.

04/06/17, 21:37 - Andréa Botelho: As respostas revelam como estão conectados com a escola. E vocês que ainda não responderam? O que acham sobre a participação? Como participam da rotina da escola?

04/06/17, 21:55 - E1e EBM: Sim, tão participativo quanto todos os demais alunos. Nada além disso.

04/06/17, 21:57 - E2a: Nossa Andreia, ontem eu acabei trabalhando o dia todo e não consegui responder. Hoje fiquei em uma correia que só Deus na

causa. Vou reponde-la

04/06/17, 22:19 - Andréa Botelho: Tudo bem. Aguardando sua resposta □

05/06/17, 19:36 - +55 31 9323-990 alterado para +55 31 9678-4600

06/06/17, 11:25 - Andréa Botelho: Bom dia,

06/06/17, 11:25 - Andréa Botelho: ainda há uma galerinha muito quietinha. Bora lá gente, me ajudar na pesquisa!

06/06/17, 11:25 - Andréa Botelho: □

06/06/17, 11:26 - Andréa Botelho: Pergunta do dia: "Na escola em que você estuda há espaços de participação para os estudantes? Quais?"

06/06/17, 12:40 - E1b EBM: Sim,um que eu acredito ser o maior de todos Seria o grêmio Estudantil

06/06/17, 13:24 - E2b ECG: Sim, na minha escola tem alunos que compõe o grêmio, tem alunos que compõem o colegiado, mas todos ajudam na participação quando tem que decidir algo maior que também vai acontecer na escola.

06/06/17, 14:35 - E1c EBM: A escola sempre está ouvindo os alunos, mais como o grêmio ainda esta sendo criado não temos um espaço para falarmos "aqui eu posso falar e minha sugestão será analisada e talvez atendida"

06/06/17, 16:10 - Andréa Botelho: Então, ter este espaço é importante. E aí pessoal?

06/06/17, 17:20 - E1d EBM saiu (problemas com o celular)

06/06/17, 17:43 - E2d ECG saiu

06/06/17, 18:08 - E1c EBM: Ss, é super importante

06/06/17, 22:51 - E1b EBM: Sim, O importante forma para que os alunos possam expressar suas opiniões.

06/06/17, 22:52 - E1b EBM: E uma importante*

07/06/17, 08:48 - Você adicionou E1d EBM

07/06/17, 12:39 - E2a: Bem dando uma resumida rápida. Ser participativo e contribuir da forma que está no seu alcance com algo que lhe foi proposto.

07/06/17, 12:41 - E2a: Minha participação, qualquer coisa que você imaginar que a escola propôs a minha participação. Diretamente ou indiretamente. (Indiretamente e quando estão realizando alguma atividade ou projeto que não tem minha participação na montagem mas ajudei a viabilizar para que pudesse acontecer.)

07/06/17, 12:47 - E2a: Sim. A CG como uma escola que compõe a luta estudantil tem seus alunos que protagonizam muita coisa que acontece. Construímos juntos muitas coisas. Nossos maiores espaços de participação são as assembléias que acontece em que a maioria participam. Muita das vezes sem a devida consciência mas a participação acontece é consciência e adquirida com tempo e participação. Ou seja nos é dado a condição de crescer, participar, questionar... Futuros cidadãos.

07/06/17, 12:47 - E2a: Desculpa a demora pra responder.

07/06/17, 12:52 - E2a: Ps: temos muitos espaços intermediários. Representantes de turma, colegiado, diretoria do grêmio que conduz e lidera os trabalhos, e o CRT que tá sempre se reunindo com a direção querendo ter o objetivo de promover uma escola e aula mais saudáveis e produtivas (está em construção, uma construção um pouco demorada que já teve vários resultados)

07/06/17, 12:53 - E2a: E mesmo que alunos decida por si próprio não procurar nenhum desses espaços intermediários pode se quiser ir diretamente a direção onde sempre são bem recebidos. Isso oque eu mais admiro em minha querida diretora.

07/06/17, 13:04 - Andréa Botelho: E2a, vcs tem se destacado msm no processo de gestão democrática da escola.

07/06/17, 13:05 - Andréa Botelho: E a turminha do EBM? Como a escola ainda não tem grêmio, há espaços de participação para vcs?

07/06/17, 13:11 - E1d EBM: Temos o Colegiado ... Que nos ajuda bastante , em questão desta representação e tal

07/06/17, 13:14 - E1b EBM: Somente quando nós buscamos participar em alguma coisa, Como algumas atividades para ajudar. Mais propriamente dito ainda não há espaço algum Que nos ofereça uma oportunidade de participar Com exceção Do colegiado.

07/06/17, 13:15 - Andréa Botelho: Entendo. E vcs conseguem debater no Colegiado assuntos de interesse de vocês estudantes? Ou apenas participam das decisões que o Colegiado precisa Tomar?

07/06/17, 13:15 - E1d EBM: E exatamente isto

07/06/17, 13:16 - E1d EBM: Ah , mais o colegiado mesmo, eles nos representa , como tem uma moça da minha sala aí falamos as coisas e ela leva até o colegiado mais é resolvido apenas por eles

07/06/17, 13:16 - E2a: Andreia como é interessante né ? Tão perto uma da outra (msm Sre) e ao mesmo tempo distintas em todos os aspectos.

07/06/17, 13:17 - E2a: Das vezes que fui no Bezerra fiquei encantado com a escola! Completamente equipada e estruturada! (Mas sabemos o pq)

07/06/17, 13:17 - E1b EBM: □□□

07/06/17, 13:19 - E1b EBM: O colegiado é mais voltado Para os interesses dos alunos ou a necessidade Dos mesmos

07/06/17, 13:20 - E2a: Andreia o fórum servirá pra debate entre as escolas ?

07/06/17, 13:20 - E2a: (no grupo)

07/06/17, 13:21 - Andréa Botelho: Vcs podem trocar as ideias sim

07/06/17, 13:21 - E2a: A que ótimo.

07/06/17, 13:22 - E2a: Isso foi uma pergunta ?

07/06/17, 13:22 - Andréa Botelho: Mas o importante é que todos se manifestem e as opiniões sejam respeitadas

07/06/17, 13:27 - E1b EBM: Não,foi uma afirmação...

07/06/17, 13:28 - Andréa Botelho: Bacana

07/06/17, 13:28 - E1b EBM: O colegiado deve tratar dos assuntos

referentes aos alunos tanto as necessidades Quando você não teria esses

07/06/17, 13:29 - E1b EBM: Ignore essa ultima parte

07/06/17, 13:29 - E2a: A verdade!

07/06/17, 13:29 - E2a: Que massa!

07/06/17, 13:30 - E1b EBM: Seria Quanto os interesses

07/06/17, 13:30 - E2a: Vcs aí são sortudos em! Eu sonho com todas as escolas um dia com a estrutura da Escola Bezerra de Menezes!

07/06/17, 13:31 - E1b EBM: Sinceramente se acontecesse Todas as escolas publicas tivesse uma estrutura boa o país poderia até se desenvolver mais.

07/06/17, 13:31 - Andréa Botelho: É. Infelizmente a estrutura física das escolas estaduais ainda é muito desigual.

07/06/17, 13:32 - E1b EBM: Sim

07/06/17, 13:32 - Andréa Botelho: Mas a parte mais significativa são as pessoas. Vcs estudantes fazem a diferença e podem transformar as relações vivenciadas na escola

07/06/17, 13:32 - E2a: Sim! Mas Minas é muito rica! E o estado mais rico do país! Não se sabe aproveitar oque temos! Uma de nossas lutas e que aprovem uma lei que destinem 1% de todo lucro do mineiro do estado pra educação

07/06/17, 13:34 - E2a: Temos o metal mais caro do mundo o nióbio. Minas tem 80% das reservas mundiais desse metal valiosíssimo e ele sai daqui apreço de banana pra Inglaterra e sem nenhuma tributação em cima.

07/06/17, 13:35 - E2a: É uma lástima um estado do nosso porte só ter a matéria prima! "Estado de Minas vive de imposto de produtos primários" mesmo com todo o pontecial de criarmos, produzir e se tornar o novo polo econômico do país!

07/06/17, 13:37 - E2a: Se tributar de verdade as mineradoras, e passar a produzir produtos e não mandar pra ser feito lá fora teríamos tanto dinheiro que

sobraria dinheiro pra imtupir boeiros e poderíamos investir muito na educação pública e em um novo modelo que possa contemplar a todos.

07/06/17, 13:38 - E2a: Mas eu reconheço uma coisa no governo Mineiro. Em tantos anos dos caciques do PSDB mandando aqui nossa educação foi desvalorizada de tal forma que só quem viveu sabe. No governo Pimentel agora temos voz! Ao menos escutam, sentam na mesa pra conversar, antes nem isso! Foi um grande avanço pra edição e pra saúde tbm kkk

07/06/17, 13:57 - E1a EBM: Na minha opinião no Bezerra de Menezes não tem espaço nenhum pros alunos, nem um tipo de liberdade nos expressas. Tem o colegiado, mas nunca vi algo de interessante pros alunos

07/06/17, 13:59 - E2a: Bom ouvi desses relatos quanto fui lá e fiz conversa com alguns alunos.

07/06/17, 14:00 - E2a: Só os do colegiado (n me lembro na época mas acho que se chamava Breno ou Brendo a dois anos quase) que disse aber alguma participação na escola

07/06/17, 14:00 - E1a EBM: Nem o dia D que é uma coisa boba em que todas escolas públicas e particulares tem, somos proibidos

07/06/17, 14:01 - E1a EBM: nunca quiserem escutar nosso lado

07/06/17, 14:01 - E2a: Isso é muito complicado! A diretora do Bezerra de Menezes e da época dos cargos de indicação e acabou sendo eleita após quando foram implementadas as eleições diretas pra direita nas escolas do estado.

07/06/17, 14:02 - E2a: Complicadíssimo uma direção quando autoritária! Me lembro dos tempos sombrios com o governo tucano onde não podíamos abrir a boca pra nada.

07/06/17, 14:02 - E1a EBM: Ela é uma excelente diretora, em questão de organização a escola é impecável

07/06/17, 14:02 - E1a EBM: Só acho que falta a opinião do aluno la

07/06/17, 14:04 - E2a: Nossa ela é uma aroma administradora... Quando fui lá até documentos de coisa que eu nunca vi ela apresentou pra mostrar

como sua gestão em questões disciplinares e boa. Porém o autoritarismo ou exclusão dos alunos no processo de construção democrático interno da escola é super complicado!

07/06/17, 14:04 - E2a: Mas os alunos se manifestado E1a ? Ou são proibidos de se manifestar?

07/06/17, 14:05 - E2a: Manifestam*

07/06/17, 14:05 - E1a EBM: Exatamente!!!

07/06/17, 14:05 - Andréa Botelho: Vocês não realizam discussões no dia da Virada Educação?

07/06/17, 14:06 - E1a EBM: Nossas vontades são todas sem conversas

07/06/17, 14:06 - E2a: Muitas escolas não fizeram isso! Simplesmente a escola mandou pra SEE como se tivessem acontecido! Eu mês.o presenciei escolas que tinha fechado antes das 11:00 da manhã. (Muitas escolas fizeram tipo como se fosse uma reposição de aula.) Não sei se a Metropolitana apurou como tinha dito que ia fazer.

07/06/17, 14:07 - E2a: Eu me lembro de um aluno aí E1a, ele era super engajado e viviam brigando com a direção pra poderem ter mais espaços. Creio que ele se formou pois já estava no terceiro ano.

08/06/17, 13:33 - Andréa Botelho: Olá pessoal. Ontem discutimos sobre a necessidade de mais espaços de participação na escola.

08/06/17, 13:33 - Andréa Botelho: Hoje tenho uma pergunta sobre isso.

08/06/17, 13:34 - Andréa Botelho: ☐☐Como o Grêmio Estudantil pode ampliar os espaços de participação dos estudantrês na escola? Preciso que TODOS respondam Ok?

12/06/17, 08:11 - Andréa Botelho: Bom dia. Ninguém respondeu à pergunta do dia 8. Vamos lá pessoal. Hj tem pergunta Nova. Então vamos retomar a última pergunta

12/06/17, 08:11 - Andréa Botelho: ☐☐Como o Grêmio Estudantil pode ampliar os espaços de participação dos estudantrês na escola? Preciso que TODOS respondam Ok?

12/06/17, 08:23 - E1d EBM: Abrindo formas de nós estudantes de expressar , como não estamos tendo.

Apenas a coordenação e professores tomam decisões que englobam nós todos sem, democracia.

12/06/17, 08:24 - E1c EBM: Eu respondi no pv para vc (*o grêmio pode ajudar fazendo “auditorias” para escutar os alunos e levando e fazendo as coisas/ eventos / petições dos alunos, acontecer, levando em consideração as normas da escola e fazendo procedimentos corretos.)*

12/06/17, 08:36 - Andréa Botelho: Sim. Eu lembro.

12/06/17, 08:56 - E2a: O Grêmio já é o espaço máximo de participação! Maior órgão representativo de deliberação dos agremiados através de assembléia! A ele (sua diretoria que conduz os trabalhos) cobrar junto ao corpo docente os espaços de direito inutilizado, criar e reivindicar novos espaços.

12/06/17, 16:18 - E1b EBM: O grêmio estudantil sendo nada mais do que uma forma dos alunos apresentarem interesses ou opiniões,os que recorrem ao mesmo tem uma ampla forma de participação ou de expressão

13/06/17, 10:12 - Andréa Botelho: Bom dia, pessoal! Preciso que participem mais. Só E2a, E1c, E1d e E2a responderam a última pergunta

13/06/17, 10:13 - Andréa Botelho: Preciso encerrar essa discussão ainda essa semana mas se vcs não participarem o grupo vai ter que se estender

13/06/17, 10:14 - Andréa Botelho: Vamos lá me ajudem

13/06/17, 10:17 - Andréa Botelho: Esse espaço é para vocês dizerem o que pensam sobre o tema. Não precisa ser resposta muito elaborada não. O mais importante aqui é a opinião de voces

13/06/17, 11:38 - E1e EBM: O grêmio vai ampliar a participação dos estudantes pois através dele teremos mais voz , e melhor , nós faremos nosso voz ser ouvida. E isso fará com que mais alunos sejam envolvidos pela escola.

14/06/17, 10:35 - Andréa Botelho: Bom dia turminha

14/06/17, 10:35 - E2c ECG: Bom dia

14/06/17, 10:37 - Andréa Botelho: Pergunta do dia□□

A relação entre a direção de sua escola e vocês favorece a emancipação ou o aprisionamento do estudante? Por que?

14/06/17, 10:38 - Andréa Botelho: Gostaria de saber se na escola vcs se sentem convidados a participar ou se sentem limitados

14/06/17, 10:38 - E1d EBM: Mega limitados , eles só deixa nós ir até onde eles acham que podem favorecer a eles . Caso contrário não temos voz nem atuação em nada.

14/06/17, 10:39 - Andréa Botelho: Entendo. Que tipos de atividades vocês sentem falta ou queriam que a escola desse mais espaço?

14/06/17, 10:41 - E1d EBM: Propostas de distribuição de pontos, campeonatos, lazeres, passeios, aulas diferentes, que não saísse do conteúdo nem da seriedade mas que fosse algo mais atrativo e interessante .

14/06/17, 10:44 - E2c ECG: Temos toda uma participação com a direção, sentar e conversar, opinar, discutir sobre assuntos. Digamos que temos um livre acesso com a direção.

14/06/17, 10:45 - E1d EBM: E da Escola Bezerra de Menezes?

14/06/17, 10:46 - E2c ECG: Não. Escola Chiquinha Gonzaga.

14/06/17, 10:46 - Andréa Botelho: Ela é da outra escola.

14/06/17, 10:47 - E1d EBM: Ah sim

14/06/17, 10:47 - E1d EBM: Porque senão as respostas estavam mega distantes □

14/06/17, 10:47 - Andréa Botelho: Diferentes realidades não é?

14/06/17, 10:47 - E2c ECG: □□□□□

14/06/17, 10:47 - E2c ECG: Sim

14/06/17, 10:49 - E1d EBM: Exatamente

14/06/17, 10:49 - E1d EBM: Eu o EBM , é uma escola mega excelente mais não temos esta participação ativa desta forma , este é meu segundo ano aqui, então assim eu vi isto quando tentei dar algumas ideias e tal ...

14/06/17, 10:57 - E1a EBM: Não temos nenhum tipo de liberdade, fazemos o que eles querem e sem discussão alguma. Invés de ter um debate , uma conversa, eles preferem proibir as coisas, não deixar, sem mesmo saber se daria certo ou não. Inclusive nosso totó foi proibido ontem, apenas fecharam o portão que dava acesso a ele, nem disse o pq.

14/06/17, 10:58 - E2c ECG: Nossa que horrível

14/06/17, 10:59 - E1a EBM: A direção da escola tem acesso ao que a gente fala aqui ? nomes ?

14/06/17, 11:03 - E2c ECG: Na minha escola a direção é incrível. A gente conversar sobre tudo. Igual a quadrilha a diretora conversou comigo (porque o pessoal todo do grêmio não tinha ido) e perguntou sobre o horário, oq eu acho que ia ser legal e etc...

14/06/17, 11:03 - E2c ECG: Não

14/06/17, 11:06 - E1d EBM: Foi dito que não seria

14/06/17, 11:13 - E2a: Não! Sei que aí eles perseguiam os alunos.

14/06/17, 11:13 - E2a: Alguns alunos me relataram que já aconteceu perseguição!

14/06/17, 11:14 - E1d EBM: Exatamente

14/06/17, 11:14 - E2a: Foda

14/06/17, 11:14 - E1d EBM: Já mesmo , estou passando por uma com um professor

14/06/17, 11:15 - E2a: Liga na metropolitana B. E pressiona o Webster, se ele não resolver eu te passo o número do chefe de gabinete da Macaé e vc liga pra ele!

14/06/17, 11:16 - E1d EBM: Necessito.... □

14/06/17, 11:17 - E2a: Metropolitana B.vcf (arquivo anexado)

14/06/17, 11:18 - E2a: Liga e pedi pra falar com o Websiter. Caso ele não resolver diga que vai ligar direto por Hercoles ou o Vladimir! Ou até mesmo a Ravena que é do direitos humanos.

14/06/17, 11:18 - E2a: Tem que acabar essa repressores na sala de aula

14/06/17, 11:19 - E1d EBM: [] [] [] [] [] [] poxa muito obrigado mesmo

14/06/17, 11:26 - E1a EBM: qual ?

14/06/17, 11:33 - E1d EBM: Física rs

14/06/17, 11:37 - E1a EBM: cláudio ????

14/06/17, 11:51 - E1d EBM: Fátima

14/06/17, 12:01 - E2c ECG: Eu acho que poderia ter um movimento da sua escola com outras reforçando para tentar mudar as coisas

14/06/17, 12:04 - E1d EBM: Não acho muito correto , o grêmio tentou fazer isto é a escola entendeu de forma errada

14/06/17, 12:04 - E1d EBM: Então melhor não rsrs

14/06/17, 12:05 - E2a: Bom! Melhorou sim! Liberdade de expressão.

14/06/17, 12:05 - E2a: Se fosse eu tinha arrumado uma briga enorme.

14/06/17, 12:07 - E2c ECG: Bem isto

14/06/17, 12:07 - E2c ECG: Nossa escola é conhecida porque nós os alunos lutamos pelo o que queremos.

14/06/17, 12:08 - E2a: Eu tinha arrumado tanta confusão pra resolver esse problema que teria que vim a executiva da SEE pra resolver

14/06/17, 12:08 - E2a: Porque ultimamente essas metropolitana b não tá com nada.

14/06/17, 12:08 - E2a: Cheio de facista lá dentro! Nunca vi ninguém governo progressista igual foi na edição o de Pimentel aceitar esses facistas na metropolitana b.

14/06/17, 12:09 - E2a: Não passam de cargos de indicação.

14/06/17, 12:10 - E2c ECG: Se precisar quem para somos nós, os alunos.

14/06/17, 12:11 - E2a: Voce tem que disseminar no coração da galera o desejo e vontade de lutar pelo que é deles.

14/06/17, 12:14 - E2c ECG: Exato

14/06/17, 12:30 - Andréa Botelho: Não E1a.

14/06/17, 12:30 - Andréa Botelho: Essas conversas não serão divulgadas. É sigiloso

14/06/17, 12:33 - Andréa Botelho: Podem ficar tranquilos ok?

14/06/17, 12:35 - Andréa Botelho: Uau. Animada a discussão por aqui. E vcs que ainda não participaram?

14/06/17, 12:36 - Andréa Botelho: Acham que a escola tem favorecido a emancipação ou o aprisionamento do estudante?

14/06/17, 12:36 - E2a: Total emancipação

14/06/17, 12:37 - Andréa Botelho: Pergunta do dia□□

A relação entre a direção de sua escola e vocês favorece a emancipação ou o aprisionamento do estudante? Por que?

14/06/17, 12:37 - Andréa Botelho: Gostaria de saber se na escola vcs se sentem convidados a participar ou se sentem limitados

14/06/17, 12:37 - E1d EBM: Aprisionamento rd

14/06/17, 12:38 - Andréa Botelho: É o q seus relatos deixam transparecer mesmo

14/06/17, 12:43 - E2b ECG: Na minha escola temos total liberdade de conversa com a direção, nessa semana o grêmio teve uma reunião para fazemos um dia de lazer nessa sexta e a direção e os alunos acharam bacana.

14/06/17, 12:44 - E2b ECG: Nenhum momento nos sentimos aprisionado a nada, ainda mais com a diretora que temos lá.

14/06/17, 12:44 - Andréa Botelho: Que ótimo. Participação é diálogo são essenciais

14/06/17, 12:51 - E1c EBM: Da uma emancipação, pois mesmo o EBM sendo *muito* regrado, a direção sempre está procurando ouvir os alunos. Eu me sinto com uma certa liberdade.

14/06/17, 12:54 - E1d EBM: Rsrs... Só você e

14/06/17, 12:54 - E1d EBM: * só você então

14/06/17, 12:55 - E1d EBM: Porque tudo que é reclamado lá, fica apenas arquivado eu sei bem disto desde o ano passado, nada que disse foi ouvido ou levado a sério, mesmo sendo coisas “mega” necessárias

14/06/17, 13:00 - E2a: Ser ouvido não quer dizer ter liberdade! Ouvir e fingir que nada aconteceu não basta! Tem que procurar métodos para sanar os problemas

14/06/17, 13:03 - E1c EBM: Comigo particularmente sou ouvido e escutado e muita das vezes ganho liberdade para fazer tal propósito. Por exemplo com autorização da direção/supervisão montei uma amostra de produtos na recepção.

14/06/17, 13:03 - E2a: Bom, as vezes que eu tive no Bezerra inclusive com autoridades políticas, a direção nos ouviu e nos recebeu super bem! Admiradores com o tratamento! Mas nunca saiu da conversa! Não passou de um bate papo que não teve nenhum problema sanado, ou pelo menos que tenha procurado uma solução.

14/06/17, 13:04 - E1d EBM: E então represente a escola porque só você mesmo □

14/06/17, 13:04 - E2a: Bacana! Milagre isso acontecer. Kkk

E sobre debater metodologias novas, ouvir os problemas e demandas dos alunos ?

14/06/17, 13:05 - E2a: Já levou alguma demanda a ela ? Qual proposta dos alunos que ela atendeu ou sequer debateu ?

14/06/17, 13:06 - E2a: Eu conheço alunos do Bezerra que a diretora ligou pra mãe dos meninos dá escola dizendo que tava sofrendo ameaças só pras mães brigarem e repreender os meninos, mas onde na verdade eles estavam fazem uma pequena movimentação pra serem ouvidos e montarem o grêmio (isso foi a 2 anos)

14/06/17, 13:07 - E1d EBM: Mas sobre os pontos que eu enviei , não existe nenhum tipo de compreensão da parte da coordenação

14/06/17, 13:08 - E1a EBM: Em questão de receber os alunos, ouvir a diretora está lá o tempo todo e nos recebe muito bem, como resolver algum problema da escola.

14/06/17, 13:08 - E2a: Eu como tô de fora não sei muito. Mas os relatos que escutei são de que tem uma ótima administração em termos físicos, econômicos e administrativos mesmo, mas em termos educacionais ela é péssima! Não tá apita ao cargo que ocupa.

14/06/17, 13:10 - E2a: Inclusive ela é da época de cargos de indicação da época do Aécio Neves, onde ele decidia quem era os diretores de escolas. Com isso acabou se elegendo diretora quando foi abolido os cargos de indicação e começou as eleições democráticas pra gestores de escolas do estado!

14/06/17, 13:24 - E1a EBM: Aaaaah não

14/06/17, 13:24 - E1a EBM: discordo

14/06/17, 13:25 - E1a EBM: O único problema que eu vejo na Escola Bezerra d Menezes é apenas o aluno não ser ouvido, não aceitar nossas opiniões.

14/06/17, 13:25 - E1a EBM: De resto é excelente em todos os aspectos

14/06/17, 13:26 - E1d EBM: Tô com a E1a nisto

14/06/17, 13:28 - E2a: Tem quantas turmas de 3 ano na Escola Bezerra de Menezes?

14/06/17, 13:28 - E1a EBM: A organização da escola e coisa de loco

14/06/17, 13:28 - E1a EBM: 8 de manhã

14/06/17, 13:28 - E1a EBM: 2 de tarde

14/06/17, 13:29 - E1a EBM: 2 de noite

14/06/17, 13:29 - E2a: Sim! E de se invejar a organização

14/06/17, 13:29 - E2a: Fiquei admirado com a estrutura

14/06/17, 13:29 - E2a: Nossa! Impossível achar uma pessoa lá. Mais fácil eu achar no face kkk

14/06/17, 13:47 - E1d EBM: Verdade

14/06/17, 13:47 - E1d EBM: Só não ouvem os alunos diante das coisas que mandei ai

16/06/17, 11:16 - Andréa Botelho: Bom dia turma.

16/06/17, 11:16 - E2c ECG: Bom dia!

16/06/17, 11:16 - Andréa Botelho: Pergunta do dia ☐☐

Como aproximar a escola da juventude?

16/06/17, 11:17 - Andréa Botelho: Que tipo de atividades atraem vocês e poderiam ser desenvolvidas na escola?

16/06/17, 11:19 - E2c ECG: Fazendo atividades que chame atenção do jovem para dentro da escola. O jovem gosta de, música, dança, jogos, passeios, conversas. Porque não trazer isto para a escola? Assim ele vai se interessar.

16/06/17, 11:19 - Andréa Botelho: Ótimo! Boa contribuição E1e.

16/06/17, 11:20 - E2c ECG: As ordens ☺

16/06/17, 11:20 - Andréa Botelho: ☐

16/06/17, 11:21 - E2c ECG: ☐

16/06/17, 12:31 - E1e EBM: Atividades que envolvam esportes, olimpíadas por exemplo.

16/06/17, 13:04 - E1c EBM: Fazendo atividades de interesse e que envolva todo o corpo discente.

16/06/17, 14:27 - E1b EBM: Criando projetos/atividades que fazem com que os jovens se interessem.

19/06/17, 10:42 - Andréa Botelho: Bom dia. De acordo com vocês para aproximar a escola da juventude é preciso desenvolver atividades mais dinâmicas, projetos culturais e esportivos.

19/06/17, 10:43 - Andréa Botelho: Gostaria de saber se essas atividades são desenvolvidas com frequência na escola de vocês

19/06/17, 10:44 - E1d EBM: Não, quando é feito os próprios alunos não

valorizam e não participam com sabedoria.

19/06/17, 10:44 - Andréa Botelho: Nossa. Por que eles não participam?

19/06/17, 10:44 - Andréa Botelho: Participam?

19/06/17, 10:46 - E1d EBM: Como campeonato esportivos , e difícil querer participar e quando tem dar brigas, falta de respeito pra com todos. Então a escola desisti de fazer...

E eu super entendo haver uma carência disto na escola

19/06/17, 10:46 - E1d EBM: Exatamente por esta questão.

19/06/17, 10:46 - Andréa Botelho: Entendo

19/06/17, 10:48 - E1d EBM: Eu vi isto de perto no ano passado .

19/06/17, 10:55 - E1c EBM: Raramente

19/06/17, 10:55 - Andréa Botelho: E1d vc acha que o Grêmio poderia ajudar a resolver ou melhorar essa situação?

19/06/17, 11:01 - E1a EBM: Todo ano no Bezerra de Menezes tem campeonato, aliás é mt organizado. Ano passado teve e ocorreu tudo bem, tirando algumas coisas que em todos jogos tem, como uma desavença ou coisa do tipo. Mas só tem isso tbm, seria legal uma competição de dança ou algo do tipo

19/06/17, 11:09 - E1d EBM: Eu acredito que quem pode resolver isto é apenas os próprios alunos sabe... Porque a escola até tenta

19/06/17, 12:54 - E2a: Eu acho que atividades mais dinâmicas pode ser dentro da própria aula em relação ao conteúdo! Ou seja o modelo de dar aula. O tão famoso e almejada novo modelo educacional que poucos professores até hoje estão preparados.

19/06/17, 17:14 - E2b ECG: Na escola tem alguns projetos que envolve os alunos a participar, também tem eventos que eles mesmo organiza, tem outros que o grêmio organiza para os alunos. Vejo que alguns alunos tem mais interesse que os outros mas sempre que tem alguma coisa eles participam.

20/06/17, 11:12 - Andréa Botelho: Bem bacanas as respostas de vocês.

20/06/17, 11:14 - Andréa Botelho: Pergunta do dia. ☐☐ A sua escola incentiva parcerias com a comunidade, ações extraclasse e a utilização de espaços de seu território ou cidade ou as atividades são restritas apenas ao espaço da escola?

20/06/17, 11:22 - E2a: Sim. Promove uma enorme infecção da escola com a comunidade. Inclusive nossa escola é sempre cedida pra comunidade e pra igrejas. Ex: todo ano acontece a procissão de corpos Cristi com saída da escola. Acontece missas durante extra especiais, escola também é cedida para associação comunitária e país de alunos que queiram fazer algum evento utilizando os nossos espaços. Atividades Extra classe poucas mas acontece o título do batente é tão pesado e frenético que as vezes ficam sem tempo pra preparar algumas coisa. Mas acontece alguma excursões com o intuito de agregar valores e aprendizagem na matéria, tipo a de história...

20/06/17, 11:24 - E2a: Atividades Extra classe já tivemos várias ano passado, o grêmio promoveu no período de ocupação do escola debates de conscientização que fogem a matéria mas e aprendizagem. Até manifestação já tivemos promovidas pela grêmio em parceria com a escola. (Manifestamos na porta da golpista contra o apoio ao golpe em 88 e 3016.)

20/06/17, 11:24 - E2a: 2016*

20/06/17, 11:37 - E1d EBM: Eita... ☐Eu nao sei resposta desta , não faço ideia . Pelo o menos eu não vejo, então ao tenho resposta certa sobre ...

20/06/17, 12:43 - Andréa Botelho: É isso msm E1d

20/06/17, 12:43 - Andréa Botelho: Então não acontece ☐

20/06/17, 12:56 - E1e EBM: As atividades são restritas apenas ao espaço da escola.

20/06/17, 13:00 - E1b EBM: A escola restringe as atividades,somente incentivado-as no espaço escolar.

20/06/17, 23:18 - E1c EBM: Incentiva. São restritas na dependência da escola

21/06/17, 14:35 - Andréa Botelho: Boa tarde galerinha

21/06/17, 14:35 - Andréa Botelho: Estamos quase terminando esse fórum.

21/06/17, 14:37 - Andréa Botelho: Pergunta do dia ☐☐

Você participa de algum grupo ou coletivo fora da escola (grupo de jovens esportivo, partido político, religioso ou cultural)? Se sim, de qual grupo?

21/06/17, 14:38 - E1c EBM: Ss, de um religioso

21/06/17, 15:33 - E2b ECG: Sim, religioso e teatro.

21/06/17, 17:16 - E2a: Sim, como não participar. Tenho o orgulho e prazer de ver a minha voz ecoar ao dizer que faço parte da maior organização política de juventude da América Latina a União da Juventude Socialista (UJS) e ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB). Já compus vários grupos ligados a religião mas hoje sou desencantado. Também sou da diretoria da associação de Bairro e adjacências do Nova Esperança! Já compus também o mandato do Vereador Gilson Reis, que é mais que um mandato e sim um coletivo amplo é democrático, lá temos núcleo de moradia, juventude, lgbt, mulheres, saúde, associação de bairro, educação, cultura, jornalismo, direito público, sindicatos ou servidores públicos municipais, e o núcleo de educação são dois, o núcleo municipal e o estadual.

21/06/17, 17:18 - E2a: Temos vários outros subdivisões que são quase núcleos como o de mídia livre, mas que corresponde dentro de algum desses núcleos com pessoas tops na área.

21/06/17, 19:17 - E2a: Vereador Gilson Reis, PCdoB-BH fala sobre o acerto de contas entre Município, Estados e União Referente a lei Kandir.

Reativando canal agora se Puder se uma forcinha

Não se esqueça de deixar aquele Like e assinar o Canal

<https://youtu.be/1ci7bvy57Og>

22/06/17, 10:08 - Andréa Botelho: Bom dia. Aguardando as respostas de quem ainda não participou.

22/06/17, 10:14 - E1b EBM: Sim, já participei de dois grupos de esportes (natação, basquete) e religioso com minha crença.

22/06/17, 10:25 - Andréa Botelho: Legal

22/06/17, 12:09 - E2c ECG: Sim. De dança.

23/06/17, 11:06 - Andréa Botelho: Bom dia. Muitos de vocês participam de grupos ou desenvolvem atividades fora da escola. A pergunta do dia é A escola conhece, valoriza ou se interessa pelas atividades que você desenvolve fora dela?

23/06/17, 11:09 - Andréa Botelho: Vc acha importante que a escola conheça?

23/06/17, 11:11 - E1d EBM: Esta é mais uma na qual não sei a resposta

□

23/06/17, 11:20 - Andréa Botelho: A escola se interessa em saber o que você desenvolve fora dela: por exemplo se faz parte de algum grupo de jovens da igreja, grupo esportivo, Teatro, Arte, política? Quero saber se a escola conhece vcs e suas potencialidades ou interesses?

23/06/17, 11:21 - E1d EBM: Olha na minha opinião não ... Nunca recebi uma pergunta está ,e nunca vi interesse em relação a isto ...

23/06/17, 11:21 - E1d EBM: (particularmente falando) □□

23/06/17, 11:24 - Andréa Botelho: Ok, obrigada! □

23/06/17, 12:04 - E2a: Sim! Mais, incentiva que participemos e se puder até integra! Eu mesmo faço parte da direção da associação de bairro e a Nossa escola tem duas cadeiras lá, uma representada por mim e outra pela diretora da escola.

23/06/17, 12:09 - Andréa Botelho: Nossa. Que interessante. Uma boa ideia

23/06/17, 19:09 - E1a EBM: Não

24/06/17, 08:43 - E1c EBM: Não

24/06/17, 08:44 - E1c EBM: Nn

24/06/17, 08:54 - E1b EBM: Não

24/06/17, 08:54 - E1b EBM: Não muito

26/06/17, 15:47 - Andréa Botelho: Boa tarde galerinha. Hoje tenho a última pergunta pra vcs. Já que muitos disseram que a escola desconhece as atividades que vocês desenvolvem fora dela gostaria d saber:

26/06/17, 15:48 - Andréa Botelho: Como o Grêmio Estudantil pode contribuir para que a escola fique mais próxima de vocês estudantes?

27/06/17, 06:52 - E1d EBM: Com *quizz*, divulgar projetos, montar debates sobre a escola, espaço pra ouvir os alunos ...

27/06/17, 08:16 - Andréa Botelho: Boas sugestões. □

27/06/17, 09:39 - Andréa Botelho: Bom dia pessoal. Aguardando as respostas de vocês

27/06/17, 10:11 - E1c EBM: Promovendo eventos, como por exemplo festival de sorvete, dias "D" etc...

28/06/17, 11:00 - Andréa Botelho: Bom dia pessoal. Aguardo a resposta de quem ainda não respondeu a última pergunta. Preciso encerrar esse fórum. Vamos lá! Respondam. É rapidinho.

28/06/17, 11:56 - E2b ECG: O grêmio ele pode promover debates, oficinas, excursões, entre outras, que aproxima mais as pessoas

28/06/17, 11:57 - E2b ECG: Andréa esse questionário vai ser exposto em algum lugar?

28/06/17, 12:03 - E2a: Não! E pro mestrado que ela tá fazendo.

28/06/17, 12:20 - Andréa Botelho: Não. As identidades de vcs serão preservadas. Como o E2a disse é p minha pesquisa de mestrado

30/06/17, 11:09 - Andréa Botelho: Bom dia pessoal.

30/06/17, 11:09 - Andréa Botelho: Obrigada pelas contribuições de vcs neste grupo. Hoje encerro o fórum. Obrigada

APÊNDICE E - RESPOSTAS DOS GESTORES NO FÓRUM DE WHATSAPP³⁸

GRUPO GESTÃO E PARTICIPAÇÃO

³⁸ Cópia das conversas do fórum via ferramenta Whatsapp Web

**(GESTORES, ESPECIALISTAS E REPRESENTANTE DOCENTE DAS
ESCOLAS PESQUISADAS)**

25/05/17, 21:23 - As mensagens enviadas a este grupo estão agora protegidas com a criptografia de ponta-a-ponta. Toque para obter mais informações.

25/05/17, 21:23 - Você criou o grupo “Gestão e Participação”

28/05/17, 21:25 - Andréa Botelho: Boa Noite. Esse é o Fórum da pesquisa de mestrado que vocês estão contribuindo. Amanhã iniciamos as questões de debate. Mais uma vez obrigada pela contribuição. Andréa Botelho

28/05/17, 22:08 - G1a EBM: Aguardando!

28/05/17, 22:14 - G2a: Ok

29/05/17, 15:30 - Andréa Botelho: Olá! Conforme combinamos o nosso grupo de discussão se inicia hoje. É importante que você participe ativamente de todas as discussões, respondendo às perguntas por escrito.

29/05/17, 15:34 - Andréa Botelho: Todas as informações serão utilizadas apenas para a pesquisa e por isso é importante que as diferentes opiniões sejam respeitadas. A interação entre os participantes é livre. Caso queira, comente a resposta de um colega e dê sugestões também. Isso enriquecerá o nosso debate.

29/05/17, 15:36 - Andréa Botelho: A cada 2 dias haverá uma pergunta norteadora. É nesse período lançarei outras intermediárias. O grupo terá a duração de 10 dias. Conto com a participação e a contribuição de todos!
Andrea Botelho

29/05/17, 15:42 - Andréa Botelho: Pergunta do dia□□□

O que é participação?

29/05/17, 18:46 - Você alterou a imagem deste grupo

31/05/17, 20:14 - G1a EBM: Intervir em algo fazendo parte de alguma forma !

01/06/17, 09:22 - Andréa Botelho: Bom dia! Obrigada pela contribuição G1a.

01/06/17, 09:23 - Andréa Botelho: Pessoal aguardo as respostas de todos

01/06/17, 11:14 - G1c EBM: Participação nas aulas de Educação Física é se envolver, pelo menos tentar executar a tarefa proposta

01/06/17, 12:33 - G2a: Participação é envolvimento

02/06/17, 15:54 - Andréa Botelho: De acordo com os colegas, participação é envolvimento e intervenção. Gostaria de saber a opinião dos que ainda não participaram.

02/06/17, 15:59 - Andréa Botelho: □ pergunta do dia: como você avalia a participação dos estudantes na rotina da sua escola?

04/06/17, 13:21 - G1b EBM: O desejo de fazer parte de alguma coisa que traz alegria, prazer ou realização.

04/06/17, 13:23 - G1b EBM: Participam com expectativas, entusiasmo e como agentes transformadores.

04/06/17, 13:31 - G2a: A participação é positiva e tem aumentado a medida que constatam que tem voz na escola

04/06/17, 13:37 - G1b EBM: G2a, o que é ter voz, na sua escola?

04/06/17, 13:42 - G2a: Eles dão sugestões, sugerem temas de trabalhos interdisciplinares, realizam assembléias onde debatem e decidem questões pertinentes a eles, e agora estão montando a. Rádio escola

04/06/17, 14:26 - G1c EBM: A avaliação da participação se faz com o envolvimento nas práticas. Se um aluno tenta fazer o seu melhor na tarefa proposta, está participando com afinco

04/06/17, 18:11 - G1b EBM: Que bom!! Os meus já possuem rádio, canal aberto com diretoria, supervisão e vice. WhatsApp direto com a direção, são integrantes, juntamente com os pais, do colegiado escolar, estão montando o grêmio...

04/06/17, 18:11 - G1b EBM: E-mail direto com a supervisão e os colegas de sala...

04/06/17, 18:13 - G1b EBM: No entanto, se dizem sem voz!!!

04/06/17, 18:15 - G1b EBM: □□□

04/06/17, 21:34 - Andréa Botelho: É interessante essa observação q vc faz G1b. O que será para os estudantes ter voz? As contribuições de vcs estão enriquecedoras

04/06/17, 23:23 - G1a EBM: Participação ativa no Colegiado Escolar com boas sugestões e avaliações pertinentes em todos os assuntos pautados.

05/06/17, 03:25 - G1b EBM: Infelizmente, observo que para alguns, ter voz é se recusar a usar o uniforme, chegar e sair a hora que quiser, fazer festas no horário de aula... Mas graças a Deus e a boa orientação e acompanhamento familiar presente, a maioria tem o foco nos estudos e no bem comum.

05/06/17, 03:27 - G1b EBM: Fazem grupos de estudo, ajudam socialmente (campanha do agasalho), cobram comprometimento dos colegas (representantes de turma)...

05/06/17, 03:29 - G1b EBM: Acredito que cabe a nós educadores, mostrar os caminhos, mas as escolhas são individuais.

06/06/17, 11:20 - Andréa Botelho: bom dia, pessoal. Gostaria de saber a opinião do G1e e do G2b também.

06/06/17, 11:24 - Andréa Botelho: G1b e G1a reportaram no grupo alguns espaços de participação estudantil existentes na escola em que trabalham. Excelente. Diante disso, gostaria que vocês respondessem a próxima pergunta. "Qual o papel do estudante na gestão democrática da escola?"

06/06/17, 15:16 - G1b EBM: Andréa, não está acontecendo a discussão!!
□ O grupo precisa ficar mais dinâmico.

06/06/17, 15:18 - G1b EBM: Minha opinião, pois gostaria de ver minhas ideias enriquecidas e/ou ver outros pontos de vista. □

06/06/17, 16:12 - Andréa Botelho: Como você avalia a participação dos estudantes no Colegiado G1a?

06/06/17, 16:12 - Andréa Botelho: G1e, e Vc?

06/06/17, 16:38 - G1b EBM: ☐☐☐☐

06/06/17, 16:43 - G1b EBM: Isso aí!! Bota pilha nesse povo!! ☐☐

08/06/17, 10:47 - Você removeu G1f EBM (Esse participante aposentou-se e não mais participou da discussão. Era vice- diretor da Escola EBM)

08/06/17, 10:50 - Andréa Botelho: Bom dia! Sei que todos deste grupo são muito ocupados mas preciso muito da participação de vcs em cada uma das perguntas. Sei que estão atribulados pois a rotina da escola é intensa e extensa. Mas conto muito com a colaboração de vocês para a conclusão da pesquisa Ok?

08/06/17, 10:50 - Andréa Botelho: Obrigada

08/06/17, 11:11 - Andréa Botelho: ☐☐ Pergunta do dia: Qual o papel do estudante na gestão democrática da escola?

08/06/17, 12:40 - G1b EBM: Coloca o G1d. (Substituto do antigo vice-diretor)

08/06/17, 12:43 - Andréa Botelho: Ontem não consegui. Vou incluí-lo

08/06/17, 12:44 - Você adicionou G1d EBM

08/06/17, 12:45 - Andréa Botelho: Boa tarde G1d. Este grupo de discussão é para minha pesquisa de mestrado.

08/06/17, 12:45 - Andréa Botelho: ☐☐ Pergunta do dia: Qual o papel do estudante na gestão democrática da escola?

08/06/17, 12:55 - G1b EBM: ☐☐☐☐☐☐

08/06/17, 13:23 - G1c EBM: Entendo participação do aluno na gestão da escola é importante e torna o processo democrático. A participação do aluno é também uma forma de educar, pois ele aprende a tomar decisão, trabalhar em equipe. Porém a participação do aluno deve ser moderada pela direção e coordenação da escola, uma vez que os jovens hoje estão com um conceito

muito errado do funcionamento da escola

08/06/17, 13:28 - Andréa Botelho: Interessante G1c. O q seria esse conceito errado do Jovem sobre o funcionamento da escola? É a mesma percepção da G1b que nos relata a questão do uso do uniforme, entrada e saída aleatória da escola e festas em horário de aula?

08/06/17, 13:56 - G1b EBM: O termo "conceito errado" não foi usado por mim. relatei que alguns, alguns, a minoria, que não possui acompanhamento familiar, desconhecem ou não aplicam os conhecimentos passados pela família, de respeito, educação, comprometimento... se intitulam representantes dos colegas para descumprirem regras e normas escolares. Mas graças a Deus é a minoria. Como diz o G1c, esses são alunos descompromissados que desejam o fracasso alheio como o deles.

08/06/17, 14:00 - G1b EBM: Inclusive, "esses" me procuraram hj indignados por não ter bebida alcoólica na festa junina e não poder levar o namorado ou o grupo de amigos do bairro. □□□

08/06/17, 14:00 - G1c EBM: Sim a G1b respondeu

08/06/17, 14:02 - G1b EBM: É uma escola ou um botequim??!!

08/06/17, 14:07 - G1b EBM: Todos os Alunos que nos procuram querendo melhorar, sugerir, criticar... são ouvidos e participam ativamente do colegiado, de reuniões, palestras...

08/06/17, 14:11 - G1b EBM: Nunca vi tanta abertura para aluno, como na minha escola. Na escola (particular) dos meus filhos, se eu quiser falar com a direção ou supervisão, só consigo marcar para daqui uma semana ou mais. Na minha escola, não precisam marcar, a hora que quiserem é só ir a sala da supervisão, vice, direção e sala dos professores.

08/06/17, 14:12 - G1b EBM: Que são atendidos na hora, tanto aluno como família e professor.

08/06/17, 14:18 - Andréa Botelho: Entendi. O q vcs relatam é que alguns jovens entendem espaço de participação como sinonimo de "satisfação" de seus desejos e não como atendimento a necessidades de um coletivo

08/06/17, 14:19 - G1c EBM: Exatamente

08/06/17, 14:57 - G1b EBM: Sim.

08/06/17, 15:04 - G1b EBM: São esses os termos corretos: "satisfação dos desejos pessoais".

08/06/17, 15:06 - G1b EBM: Como eu defini no início das nossas discussões, participação inclui satisfação. Mas quando participamos de algo, principalmente buscando o bem comum, tem que se pensar no coletivo. O que é bom para mim, não é necessariamente bom para o outro.

08/06/17, 15:09 - G1b EBM: Esse grupo por exemplo, tem 2 escolas participando, na escola da G2a, pode funcionar de um jeito, mas ela não pode me obrigar a agir da mesma forma na minha escola. Pode não funcionar da mesma forma. Posso sim, pegar as sugestões e adaptar a minha realidade de clientela.

08/06/17, 15:10 - G1b EBM: Vivemos muito isso, com as normas do governo. Determinam normas, leis, resoluções, que em muitas realidades não funcionam. Depois precisam fazer emendas para adaptar o aluno x, a escola y.

08/06/17, 15:13 - G1b EBM: Creio que o grande dilema é "pensar no outro". □

08/06/17, 15:21 - G1b EBM: Rádio:

Alunos: querem ouvir as músicas que gostam e dizerem o que quiserem.

Escola: abre o espaço para todas as músicas, desde que não sejam obscenas, ou degridem.

Podem dar recados, divulgar informações, desde que sejam do contexto escolar. Pois demais informações (políticas, religiosas, sociais) já são divulgadas em rede mundial.

08/06/17, 15:24 - G1b EBM: A participação escolar deve ser democrática até o momento em que não fira o espaço do outro. Assim é garantido os direitos da comunidade escolar.

08/06/17, 17:20 - G2a: Esses alunos que brigam pela satisfação de desejos pessoais existem em todas as escolas. Reivindicam e ficam bravos

quando não têm os desejos atendidos

08/06/17, 17:22 - G2a: Acredito que a participação deles junto aos outros é uma oportunidade de amadurecimento é de compreensão do que é gestão democrática

08/06/17, 17:23 - G2a: Aqui os alunos escolheram o modelo do uniforme, mediante votação e se comprometeram a usar.

08/06/17, 17:26 - G2a: Mas ainda temos aqueles que insistem em não usar. E são cobrados pelos colegas. Sinto que o número de reticente s tem diminuído

08/06/17, 17:31 - Andréa Botelho: É. Processo democrático não significa unanimidade. Obrigada por sua contribuição G2a

08/06/17, 17:48 - G2a: Andréa , o G2b não foi incluído no grupo (o vice-diretor da ECG trocou de número)

08/06/17, 17:49 - G2a: G2b (contato)

08/06/17, 18:00 - G1b EBM: □□□□□□□□□□

08/06/17, 18:03 - G1b EBM: O nosso uniforme tbm foi por votação e escolhido pelos alunos. Como nossa escola é só por 3 anos, ensino médio, não tem como ficar tendo votação todo ano, pois os pais que investiram no 1o ano, não precisam mais comprar, o uniforme dura muito bem até o jovem encerrar os estudos.

08/06/17, 18:04 - G1b EBM: Além disso, os irmãos e primos herdaram.

08/06/17, 18:06 - G1b EBM: O número de alunos sem uniforme aumenta no último ano (3o), pois acham que podem fazer o que quiser, pois estão saindo. Esses que pensam assim, geralmente estão repetindo o 3o ano no noturno. □□

08/06/17, 18:07 - G1b EBM: Afinal estudar não faz parte do "fazer o que quiser".

08/06/17, 18:07 - G1b EBM: □□□

08/06/17, 18:11 - G1b EBM: Verdade. Ainda bem que são a minoria. O

problema é quando possuem o poder de convencimento e vão em cima dos adolescentes influenciáveis.

08/06/17, 18:13 - G1b EBM: Alunos sem uniforme, não chega a 8%, na minha escola. Mas existem e estão lá. Quando colocamos para os pais, vemos que os mesmos não tem pulso firme com os filhos em casa. Retrato da realidade que vivem.

08/06/17, 18:14 - G1b EBM: Se dentro de casa não tem regras e normas, pq obedecer na rua!!

08/06/17, 18:16 - G1b EBM: Ah, ainda tem um detalhe, os alunos do 3o confeccionam por conta própria, uma camisa de despedida do 3o, que é aprovada pela direção e válida como 2a opção de uniforme, no entanto se recusam usar a calça.

08/06/17, 18:17 - G1b EBM: Se vc dá a mão, eles querem o braço. □

08/06/17, 18:32 - Você adicionou G2b 2ECG

08/06/17, 23:09 - G1a EBM: Os alunos membros do Colegiado Escolar participam ativamente das reuniões e com boas sugestões ... A dificuldade é lidar com a minoria que realmente deseja impor os seus desejos aos demais e contestar as normas escolares vigentes... Na escola essa minoria deseja uma escola sem uniforme, sem horário definido de entrada e saída, excursões frequentes, eventos musicais etc; enfim, a aprendizagem não é prioridade ...

08/06/17, 23:16 - G1a EBM: Minoria que incomoda... Que perde tempo e faz com que muitos perdem também ... Fico somente nos desejos pessoais contrários às normas estabelecidas de interesse coletivo ...

09/06/17, 00:22 - G1d EBM: Bom dia! Obrigado!

09/06/17, 00:35 - G1d EBM: Por se tratar de uma gestão democrática, podemos compreender que há espaço para que todos os componentes do ambiente escolar participem visando o melhor para toda a escola. Então penso que o papel dos alunos nesta gestão é importante pois os alunos que se envolvem representam o ponto de vista deles. Infelizmente, alguns tem a maturidade para entender que devemos seguir regras, fazer escolhas de

acordo com a legislação vigente e procurar sempre o melhor para o coletivo, mas outros, sugerem coisas (desejos) que não estão associadas à aprendizagem e ficam insatisfeitos por não terem seus desejos realizados.

09/06/17, 00:37 - G1d EBM: Claro que com maturidade e sabedoria a participação deles e de todos que estão associados à escola são extremamente importantes.

09/06/17, 00:50 - G1a EBM: Isso mesmo G1d ! E de suma importância a participação coletiva na organização e funcionamento escolar para um ambiente propício a aprendizagem mas uma minoria tem o desejo de militância para contestar essa organização para o bem coletivo ...

12/06/17, 08:13 - Andréa Botelho: Muito boas as contribuições de vocês. Mas G2b é G1e ainda não participaram. Por quê? Aguardo a colaboração de vocês.

13/06/17, 10:22 - Andréa Botelho: Bom dia. G1d e G2a reportam a questão da importância da participação de todos na organização da escola mas que alguns estudantes ainda não entendem que há diferenças entre interesses coletivos e desejos individuais.

13/06/17, 10:23 - Andréa Botelho: E os demais o que tem a dizer sobre o papel do estudante na gestão democrática?

13/06/17, 10:24 - G2b 2ECG: O papel tem que acontecer sim mas as delimitações também tem que existir nem tudo que é democrático funciona

13/06/17, 10:25 - Andréa Botelho: Sim. Afinal autonomia não é sinônimo de soberania

13/06/17, 10:25 - Andréa Botelho: Obg G2b

14/06/17, 10:34 - Andréa Botelho: Pergunta do dia. Como a escola pode fomentar a participação dos estudantes em sua rotina?

14/06/17, 10:38 - Andréa Botelho: Aguardando as respostas

14/06/17, 17:38 - G1a EBM: Analisando os gráficos do desempenho escolar nas avaliações externa e interna: com as propostas de melhorias; nos eventos escolares; quanto ao zelo com o patrimônio público; etc;)

14/06/17, 18:47 - G1c EBM: O próprio colegiado e o Grêmio é uma maneira de estimular a participação

14/06/17, 21:35 - G1a EBM: Isso! Representam a voz de todos!

16/06/17, 11:15 - Andréa Botelho: G1b, G2a, G1e, G1d e G2b, qual a opinião de vocês?

16/06/17, 11:26 - Andréa Botelho: Pergunta do dia ☐☐

Como o Grêmio Estudantil pode contribuir para a aproximação entre a escola e a juventude favorecendo a sua emancipação?

16/06/17, 11:57 - G2a: A participação dos estudantes aumenta a medida que aumenta neles a noção de pertencimento. A escola é nossa, é para nós, então junto aos profissionais somos a escola. Nesta mesma direção deve atuar o grêmio.

16/06/17, 12:00 - G2a: Os alunos têm que se sentirem representados pelo grêmio. Aqui na escola grêmio e conselho de representantes atuam juntos e há uma sintonia no trabalho deles

19/06/17, 10:44 - Andréa Botelho: Bom dia. Apenas G2a respondeu. Aguardo a contribuição dos demais

19/06/17, 11:09 - G1c EBM: Fazendo com que os alunos tenham noção de administração ao administrar o próprio Grêmio e buscando melhorias junto com a direção da escola.

19/06/17, 11:15 - G2b 2ECG: desenvolver o lado crítico participativo eat obrigações junto a escola e no seu dia a dia

20/06/17, 11:01 - Andréa Botelho: Bom dia. Pelos comentários de vocês percebo que ainda há um distanciamento entre a escola e a juventude. Que tipos de atividades atraem os jovens? Elas são desenvolvidas com frequência na escola?

20/06/17, 11:01 - Andréa Botelho: Pergunta do dia ☐☐

20/06/17, 11:02 - Andréa Botelho: Espero as contribuições para encerrarmos este fórum ainda essa semana ok?

20/06/17, 11:03 - Andréa Botelho: Abracoa5

20/06/17, 11:03 - Andréa Botelho: Abraços

20/06/17, 12:43 - G2a: Percebo que os jovens se envolvem mais quando as atividades tem uma apresentação prática, uma culminância com algum tema mais atual

20/06/17, 12:48 - G2a: Estamos desenvolvendo um projeto sobre drogas: prevenção efeitos etc

20/06/17, 12:50 - G2a: Neste projeto temos uma grande participação dos alunos com sugestão de temas, formas de abordagem

20/06/17, 12:52 - Andréa Botelho: Interessante G2a. E eles estão bem envolvidos?

20/06/17, 12:53 - G2a: Aulas mais interativas, dialogais, com espaço para manifestação de opiniões temas mais atuais trazem mais envolvimento

20/06/17, 12:55 - G2a: Estão

20/06/17, 12:56 - G2a: Principalmente os alunos da manhã, do ensino regular. Hoje mesmo sai com alguns para realização de entrevistas com pessoas da comunidade.

20/06/17, 12:58 - G2a: A abordagem foi interessante, perguntas bem elaboradas, organização no trabalho, envolvimento.

20/06/17, 13:17 - Andréa Botelho: Que Interessante!

20/06/17, 14:22 - G1b EBM: Nossos alunos participam de atividades como: microempresa, aula de libras, projetos para a semana da educação, minionu, olimpíadas, feiras... Com muito interesse e participação. Temos professores que conseguem uma participação bem ativa.

20/06/17, 14:23 - G1b EBM: E os resultados são fantásticos!!!! ☐☐

20/06/17, 14:46 - G1b EBM: Desculpem as repetições das palavras!! ☐☐☐☐
Faltando 3 semanas para acabar o bimestre!! ☐

20/06/17, 15:36 - Andréa Botelho: Obrigada G1b! ☐

21/06/17, 14:34 - Andréa Botelho: Boa tarde. As contribuições de vcs

revelam que a escola pode e deve ser um espaço de ampliação de experiências. Então, a pergunta do dia é:

A escola incentiva parcerias com a comunidade, ações extracurriculares e utilização de espaços do seu território ou Cidade? Se sim, em que situação essa parceria estabeleceu?

21/06/17, 14:34 - Andréa Botelho: Pergunta do dia □□□□

21/06/17, 14:42 - G1b EBM: Criação dos meus alunos. Amplificador de som com disco vinil. Parceria da escola no projeto microempresas.

21/06/17, 14:43 - G1b EBM: A escola oferece tbm curso de libras para alunos e comunidade.

21/06/17, 14:46 - G1b EBM: Parceria com a TIM, UNIBANCO, CEFET, UFMG, UNA, Pitágoras, biblioteca pública, Instituto São Rafael...

21/06/17, 14:47 - G1b EBM: Sala de recursos para alunos e comunidade.

21/06/17, 14:48 - G1b EBM: Polícia Militar, Centro Odontológico...

21/06/17, 14:48 - G1b EBM: BHTrans...

21/06/17, 14:49 - G1b EBM: São algumas que me recordo agora. □

21/06/17, 14:50 - G1b EBM: Promove sábados da família na escola, onde os parentes dos alunos ensinam confeitar, bordar, artesanato...

21/06/17, 14:53 - G1b EBM: Essas parcerias acontecem durante o ano letivo, diante da demanda e interesses de ambas as partes.

21/06/17, 14:55 - G1b EBM: Mas principalmente pelo empenho da nossa direção, que não mede esforços para agregar oportunidades a vida escolar de nossos alunos. □

21/06/17, 14:57 - G1c EBM: G1b respondeu por todos do Bezerra

21/06/17, 14:57 - G1b EBM: □□□ (emoticons)

21/06/17, 15:20 - Andréa Botelho: Obrigada G1b. Muito bacana a experiência □

21/06/17, 15:40 - G1b EBM: □□□□

22/06/17, 10:09 - Andréa Botelho: Bom dia. G2a e G2b aguardo a resposta de vcs

22/06/17, 18:12 - G1e EBM: Só para completar mais alguns, além dos já citados pela G1b: Conspiração Mineira pela Educação, Khan Academy, Verde Gaya, Cord, Oksigeno

22/06/17, 18:28 - Andréa Botelho: Muitas parcerias. Bem diversificado. Qual é a contribuição dessas parceiras?

23/06/17, 11:23 - Andréa Botelho: Bom dia. Pergunta do dia ☐ Os estudantes de sua escola são participativos na sociedade (participam de grupos, coletivos, agremiações ou atividades afins)? Em caso afirmativo qual a relação dessas atividades com as desenvolvidas pela escola?

24/06/17, 11:15 - Andréa Botelho: No dia pessoal. Aguardando as contribuições de vcs

24/06/17, 21:58 - G1c EBM: Nem todos. De modo geral, ao conversar um pouco com os alunos, vejo que quase todos são fechados no mundinho de adolescência deles. Rede social, jogo eletrônico, etc

25/06/17, 05:54 - G1e EBM: A maioria dos que participam acredito eu que está relacionado à igreja que frequentam. Na maioria só descobrimos quando conversamos com eles. As atividades estão mais voltadas para o entorno da comunidade onde vivem. Como a maioria não mora na proximidade da escola não tem muita relação com ela.

25/06/17, 11:18 - G2a: Percebo participação em grupos de jovens das igrejas e células

25/06/17, 11:20 - G2a: Pouca participação no congado e agora engajamento nos grupos de dança das quadrilhas que disputam o Arraiá Belo

25/06/17, 11:22 - G2a: E um pequeno grupo faz parte das entidades estudantis: UJS e União dos estudantes secundaristas de minas gerais

25/06/17, 13:49 - Andréa Botelho: Bem diversificado. Obg

26/06/17, 15:45 - Andréa Botelho: Boa tarde. Pergunta do dia ☐ Como o o Grêmio Estudantil pode contribuir com a escola para que os estudantes

sejam mais participativos dentro e fora da escola?

26/06/17, 15:46 - Andréa Botelho: Essa é a última pergunta pessoal. Com ela encerramos nosso fórum. Participem!

27/06/17, 09:39 - Andréa Botelho: Bom dia. Aguardo as contribuições de vocês. É a última pergunta.

28/06/17, 11:01 - Andréa Botelho: Pessoal, Bom dia. Preciso encerrar esse fórum e ninguém respondeu a última pergunta. Preciso saber a opinião de vocês. Vamos lá. É a última pergunta.

28/06/17, 12:28 - G1c EBM: Cumprindo o plano de trabalho e as atribuições do grêmio. Para tanto, é necessário envolvimento da maioria

28/06/17, 13:50 - G2a: O grêmio estudantil tem que propor ações que mobilizem e envolvam os estudantes. Ano passado eles se mobilizaram em uma campanha de agasalhos que foi um sucesso

28/06/17, 13:51 - G2a: Agora, neste mês estão organizando uma gincana e saraus literários e musicais e a participação tem aumentado

28/06/17, 14:09 - G1b EBM: Tudo que ouço e vejo os jovens de outras escolas fazerem através do grêmio, na minha escola eles já fazem, sem existir o grêmio. Então esperava mais dos alunos, uma vez que pedem tanto para ter "voz", num ambiente onde a voz é ouvida e atendida, através de uma simples manifestação e desejo.

28/06/17, 14:13 - G1b EBM: Esperava que propostas inovadoras viessem através da mobilização de um grêmio, na realidade o que aconteceu foi igual o que acontece quando um cachorro sai correndo atrás do carro na rua, latindo, rosnando.. . Mas quando o carro para, dog não sabe o que fazer. Nos pediram tanto o grêmio, quando as condições para criá-lo foi disponibilizada, eles não se interessaram mais. □□□

28/06/17, 14:16 - G1b EBM: Vai entender esses jovens!! 28/06/17, 14:21 - G2a: Talvez seus alunos, G1b, tivessem um nível de mobilização e consciência maior do que os nossos

28/06/17, 14:24 - G2a: Aqui o grêmio tem sido fundamental para esse

crescimento, essa noção de pertencimento, de que " nós somos ECG" e a escola é o que fazemos dela. A convivência tornou-se mais democrática, os projetos pedagógicos que eram feitos pelos professores hoje passam por eles, alunos, antes de se iniciarem

28/06/17, 14:26 - G2a: O grêmio vem até a direção da escola com reivindicações e críticas que são deles, e que nos fazem por vezes refletir sobre práticas consolidadas por pura imobilidade

28/06/17, 14:28 - G1b EBM: Puxa G2a, o grêmio aí veio para acrescentar. Para nós educadores de cá, não conseguimos entender a razão da luta por algo que sempre aconteceu. Parece que foi pelo simples fato de dizer: nós queremos, nós fazemos. Só que eles já faziam tudo que buscaram antes do grêmio. Acredito que por isso, agora não sabem o que reivindicar.

28/06/17, 14:29 - G2a: Fora a atuação junto a escola e comunidade quando queriam ceder nosso espaço escolar para o colégio da polícia militar. Se não tivéssemos o apoio, disponibilidade entusiasmo deles hoje talvez não existisse mais a Escola Chiquinha Gonzaga.

28/06/17, 14:29 - G1b EBM: Aqui sempre existiu esse espaço sem grêmio.

28/06/17, 14:30 - G2a: O espaço existia, G1b. Mas não era ocupado pelos alunos

28/06/17, 14:30 - G1b EBM: Entendi.

28/06/17, 14:32 - G1b EBM: Já nossa comunidade é diversa, uma vez que nossos alunos, na maioria, não são de bairros próximos. Na realidade, são de outras cidades até.

28/06/17, 14:34 - G1b EBM: Tem sim, mas eles não sabem que sabem!!

□□□□□□

28/06/17, 14:35 - G1b EBM: Quis dizer que eles têm esse nível, ok!! E não que fosse maior que seus alunos. □□

28/06/17, 14:36 - G1b EBM: Não sabem que tem e que já exercem.

28/06/17, 14:37 - G2a: Entendi

28/06/17, 14:37 - G1b EBM: □

28/06/17, 22:43 - Andréa Botelho: Boa noite. Debate animado por aqui. Obrigada, G2a e G1b pelas contribuições de vocês. Muito enriquecedoras

30/06/17, 11:08 - Andréa Botelho: Bom dia. Agradeço a todos que participaram do fórum. Hoje encerro este grupo. Obrigada.

APÊNDICE F - QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO DE PARTICIPAÇÃO - ESTUDANTES

Nome da Escola:

Município:

SRE:

Nome (opcional):

Ano de Escolaridade:

Turno:

1. Quais destes órgãos colegiados existem em sua escola?

Associação de Pais e Mestres

Colegiado Escolar

Conselhos de Classe

Conselho de Representantes de Turma

Grêmio Estudantil

Outros (Especificar) _____

2 De qual ou de quais dos seguintes órgãos de gestão da escola você participa?

Colegiado Escolar

Conselho de Classe

Conselho de Representantes de Turma

Grêmio Estudantil

Outros (Especificar) _____

Não participo de nenhum

3 Como você avalia o impacto da sua participação nos espaços abaixo para a construção de uma escola de qualidade?

1. Um grande impacto
2. Um pequeno impacto
3. Nenhum impacto
4. Não se aplica (não participo)

Espaço	1	2	3	4
Colegiado Escolar				
Conselho de Classe				
Conselho de Representante de Turma				
Grêmio Estudantil				

4. A escola apoia as ações propostas e/ou desenvolvidas pelo grêmio estudantil?

1. Frequentemente
2. Às Vezes
3. Nunca
4. Não se aplica (a escola não possui grêmio)

5 Com que frequência o Grêmio Estudantil da sua escola desenvolve as ações abaixo:

1. Frequentemente
2. Às Vezes
3. Não realiza
4. Não se aplica (a escola não possui grêmio)

	1	2	3	4
ATIVIDADES DE CARÁTER ARTÍSTICO-CULTURAIS (atividades esportivas, shows, eventos sociais, festas, etc)				
ATIVIDADES DE CARÁTER POLÍTICO E SOCIAL (palestras, debates, manifestações, interação com outros grêmios, parceria com a comunidade)				
ATIVIDADES COMUNICAÇÃO E FORMAÇÃO (Repasse de informações de interesse dos estudantes, divulgação de atividades formativas, legislação e outros)				
ATIVIDADES EDUCACIONAIS (participação em decisões do Colegiado e/ou assuntos referentes à rotina da escola)				

6 De que grupos ou espaços existentes na comunidade você participa ou é integrante?

Agremiações esportivas

Associação de Moradores ou de Bairro

Coletivos culturais e artísticos (Banda de música, Grupo de Teatro, Grêmio Literário e outros)

Grupo Cívico (Demolay, Rotary, Lions)

Grupo de Jovens da Igreja

Movimentos sociais e políticos (LGBT, MST, Étnicos...)

Partido Político

Outros (especificar)

Não participo de nenhum

7 Como a participação nesse grupo interfere na sua relação a escola com relação aos seguintes aspectos?

	Interfere Positivamente	Interfere Negativamente	Não Interfere
Processo de Aprendizagem			
Relacionamento com os colegas			
Relacionamento com os professores			
Relacionamento com a direção da escola			
Frequência às aulas			

8 A escola interage com grupos e associações existentes no seu território (bairro / região / município)?

1 Frequentemente

2 Às vezes

3 Não

4 Não sei informar

9. A sua escola oferece oficinas e atividades aos sábados?

Sim
Não

10. Você participa dessas oficinas e atividades?

Sim
Não
Não se aplica (minha escola não desenvolve essas atividades)

11 Caso você tenha marcado NÃO na questão acima, marque a(s) alternativa(s) que melhor define(m) o motivo de você não participar dessas atividades.

Os temas e oficinas ofertados não são atraentes
Não tenho condições de participar por falta de transporte
Exerço outras atividades no mesmo horário
Trabalho aos sábados
Não tenho interesse em frequentar a escola aos sábados
Não se aplica (minha escola não abre aos sábados)

12 De maneira geral, como é o clima da sua escola?

Muito Bom
Bom
Regular
Péssimo

13 Como você avalia sua escola com relação aos aspectos abaixo

1. Muito Boa
2. Boa
3. Regular
4. Péssima

Aspectos	1	2	3	4
Respeito aos (às) estudantes, sem discriminá-los(as)				
Consideração à opinião dos(as) estudantes				
Convivência entre os estudantes				
Conhecimento dos problemas pessoais e familiares dos estudantes				
Abordagem de temas relacionados aos direitos humanos e à violência				
Adoção de medidas para garantir a acessibilidade a estudantes com deficiências físicas ou mentais				
Reconhecimento e valorização da identidade étnica dos(as)estudantes				
Consideração e respeito à opinião dos pais				
Amizade e respeito entre estudantes e trabalhadores da escola (funcionários/as, professores/as)				
Incentivo à participação dos estudantes na realização de eventos ou campanhas junto à comunidade				
Realização de eventos educacionais e culturais que permitam contato entre pais e professores				
Diálogo com os estudantes sobre situações e decisões que afetam toda a comunidade escolar				

Incentivo à participação das famílias e da comunidade nas atividades desenvolvidas				
Realização de referendos ou consulta aos estudantes sobre temas de interesse geral				
Divulgação das atividades, ações e decisões sobre o cotidiano da escola				
Participação e colaboração da comunidade e das famílias na rotina e nas atividades desenvolvidas na escola				

APÊNDICE G - QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO DE PARTICIPAÇÃO – ESCOLA

Nome da Escola:

Município:

SRE:

Responsável pelo preenchimento:

Cargo:

1 Quais destes órgãos colegiados existem em sua escola?

Associação de Pais e Mestres

Colegiado Escolar

Conselhos de Classe

Conselho de Representantes de Turma

Grêmio Estudantil

Outros (Especificar) _____

2 A escola apoia as ações propostas e/ou desenvolvidas pelo grêmio estudantil?

1. Frequentemente
2. Às Vezes
3. Nunca
4. Não se aplica (a escola não possui grêmio)

3 Com que frequência o Grêmio Estudantil da escola desenvolve as ações abaixo:

1. Frequentemente
2. Às Vezes
3. Não realiza
4. Não se aplica (a escola não possui grêmio)

	1	2	3	4
ATIVIDADES DE CARÁTER ARTÍSTICO-CULTURAIS (atividades esportivas, shows, eventos sociais, festas, etc.)				
ATIVIDADES DE CARÁTER POLÍTICO E SOCIAL (palestras, debates, manifestações, interação com outros grêmios, parceria com a comunidade)				
ATIVIDADES COMUNICAÇÃO E FORMAÇÃO (Repasse de informações de interesse dos estudantes, divulgação de atividades formativas, legislação e outros)				
ATIVIDADES EDUCACIONAIS (participação em decisões do Colegiado e/ou assuntos referentes à rotina da escola)				

4 De que grupos ou espaços existentes na comunidade os alunos dessa escola participam ou são filiados?

Agremiações esportivas

Associação de Moradores/bairro
 Coletivos culturais e artísticos (Banda de música, Grupo de Teatro, Grêmio Literário e outros)
 Grupo Cívico (Demolay, Rotary, Lions)
 Grupo de Jovens da Igreja
 Movimentos sociais e políticos (LGBT, MST, Étnicos...)
 Partido Político
 Outros (especificar)
 Nenhum
 Não sei informar

5 A escola interage com grupos e associações existentes no seu território (bairro / região / município)?

1 Frequentemente
 2 Às vezes
 3 Não
 4 Não sei informar

6. A sua escola desenvolve ações do Programa Escola Aberta?

Sim
 Não

7 Em caso afirmativo, quais OS MACROCAMPOS QUE A ESCOLA CONTEMPLA?

Orientação de Estudos
 Comunicação, Uso de Mídias e Cultura Digital e Tecnológica
 Esporte e Lazer
 Memória, Cultura, Artes e Educação Patrimonial
 Educação Ambiental, Desenvolvimento Sustentável e Economia Solidária e Criativa/Educação Econômica (Educação Financeira e Fiscal)
 Educação em Direitos Humanos
 História das Comunidades Tradicionais e Sustentabilidade
 Promoção da Saúde
 Agroecologia
 Iniciação científica.

8 Os Oficineiros são:

Alunos da própria escola
 Alunos de outras escolas
 Associação de Moradores
 Cooperativas
 Entidades Filantrópicas
 Ex-alunos
 Familiares de alunos
 Funcionários/ professores de instituições de ensino
 Igreja
 ONG
 Pessoas da comunidade
 Servidores públicos

Sindicatos

Universidades

Outros

Não se aplica (a escola não desenvolve o Programa)

9 De maneira geral, como é o clima da sua escola?

Muito Bom

Bom

Regular

Péssimo

10 Os processos de tomada de decisão na escola são:

Muito Participativos

Participativos

Pouco participativos

Nada participativos

11 Com que frequência o Colegiado desenvolve as ações abaixo:

Ação	Frequentem ente	Às Vezez	Nunca	Não é atribuição do colegiado
Deliberar sobre as metas e diretrizes da escola				
Participar da elaboração do calendário escolar				
Participar da elaboração do Projeto Político-pedagógico da escola				
Participar da elaboração do Regimento Escolar				
Aprovar o Regimento e o PPP da escola				
Aprovar as prestações de contas				
Deliberar sobre a destinação dos recursos financeiros recebidos pela Caixa Escolar				
Apreciar relatórios anuais da escola, analisando seu desempenho em face das diretrizes e metas estabelecidas.				
Auxiliar nas decisões da equipe gestora.				
Fortalecer as ações para a qualificação do ensino.				
Estabelecer interlocução com a comunidade.				
Divulgar à comunidade escolar as decisões tomadas na reunião				
Resolver conflitos entre estudantes e professores(as)				
Resolver conflitos entre estudantes				
Resolver conflitos entre profissionais da escola				

12 Como você avalia sua escola com relação aos aspectos abaixo

1. Muito Boa

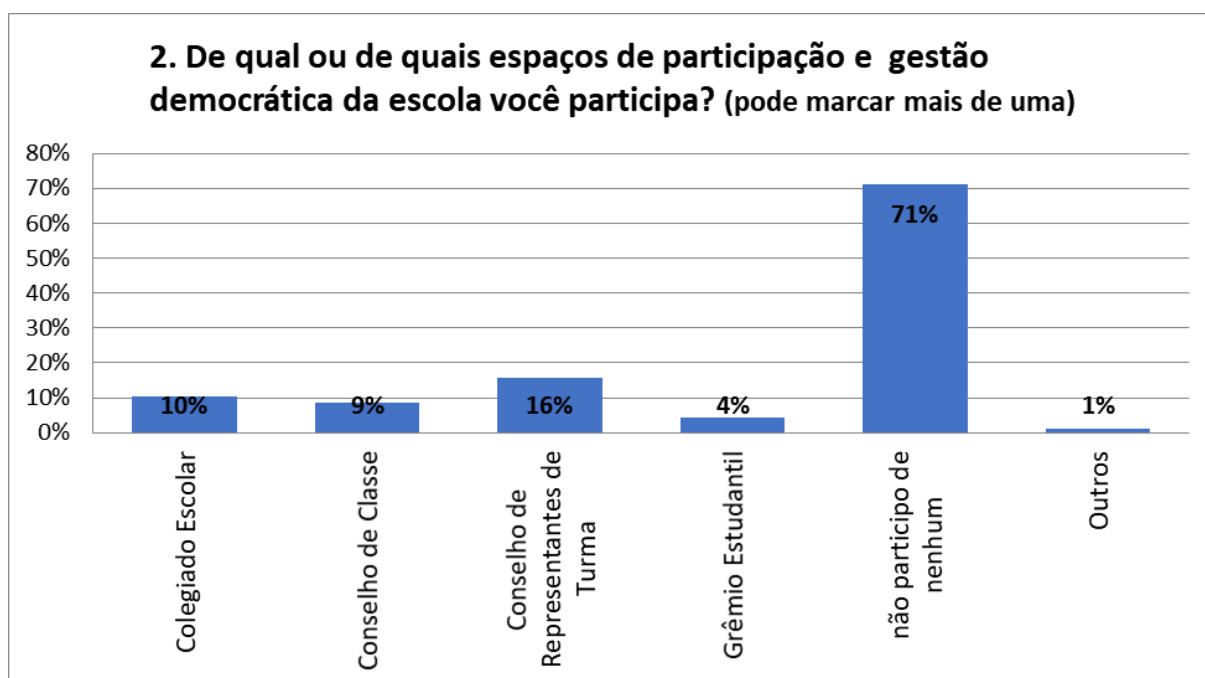
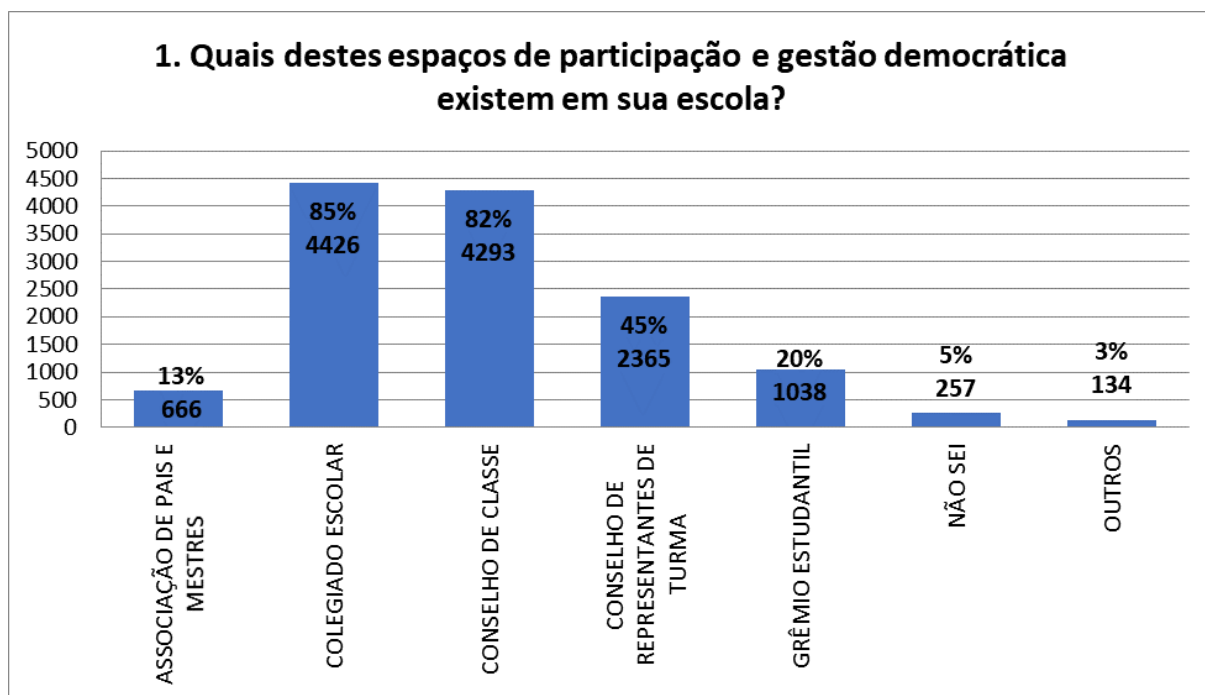
2. Boa

3. Regular

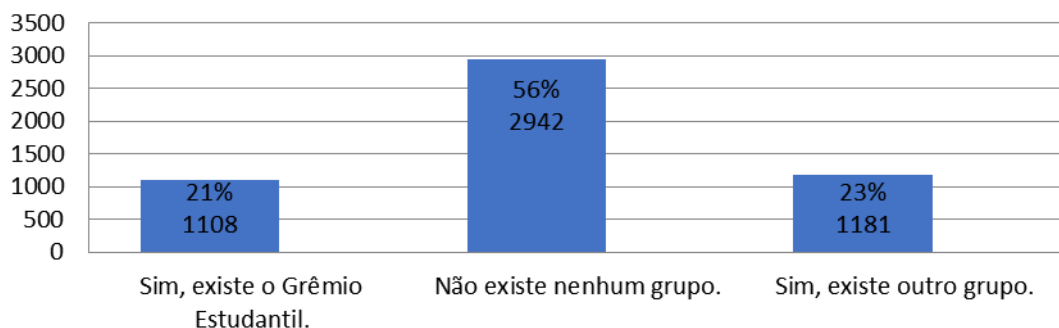
4. Péssima

Aspectos	1	2	3	4
Respeito aos (às) estudantes, sem discriminá-los(as).				
Consideração à opinião dos(as) estudantes.				
Convivência entre os estudantes.				
Conhecimento dos problemas pessoais e familiares dos estudantes.				
Abordagem de temas relacionados aos direitos humanos e à violência.				
Abordagem de temas referentes à sustentabilidade e educação ambiental				
Adoção de medidas para garantir a acessibilidade a estudantes com deficiências físicas ou mentais.				
Reconhecimento e valorização da identidade étnica dos(as)estudantes.				
Consideração e respeito à opinião dos pais.				
Amizade e respeito entre estudantes e trabalhadores da escola (funcionários/as, professores/as).				
Incentivo à participação dos estudantes na realização de eventos ou campanhas junto à comunidade.				
Realização de eventos pedagógicos e culturais que permitam contato entre pais e professores.				
Incentivo à participação das famílias e da comunidade nas atividades desenvolvidas.				
Realização de referendos ou consulta aos estudantes sobre temas de interesse geral.				
Utilização de canais dinâmicos de comunicação com a comunidade escolar a respeito dos planos de ação e realizações da escola, com vistas a prestar contas e dar transparência à gestão escolar.				
Divulgação das atividades, ações e decisões sobre o cotidiano da escola.				
Participação e colaboração da comunidade e das famílias na rotina e nas atividades desenvolvidas na escola.				
Parcerias com as famílias, com os demais serviços públicos (saúde, infraestrutura, trabalho, justiça, assistência social, cultura, esporte e lazer), associações locais, empresas e profissionais, visando à melhoria da gestão escolar, ao enriquecimento do currículo e à aprendizagem dos estudantes.				
Disposição dos diferentes profissionais da escola em participar dos órgãos de gestão colegiada da escola e das diferentes atividades de integração com a comunidade.				

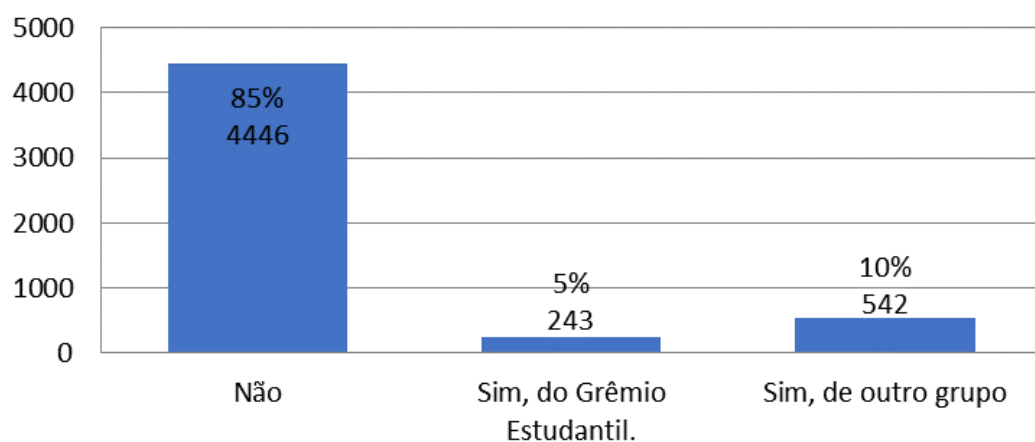
APÊNDICE H - RESPOSTAS DOS ESTUDANTES AO QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO DE PARTICIPAÇÃO



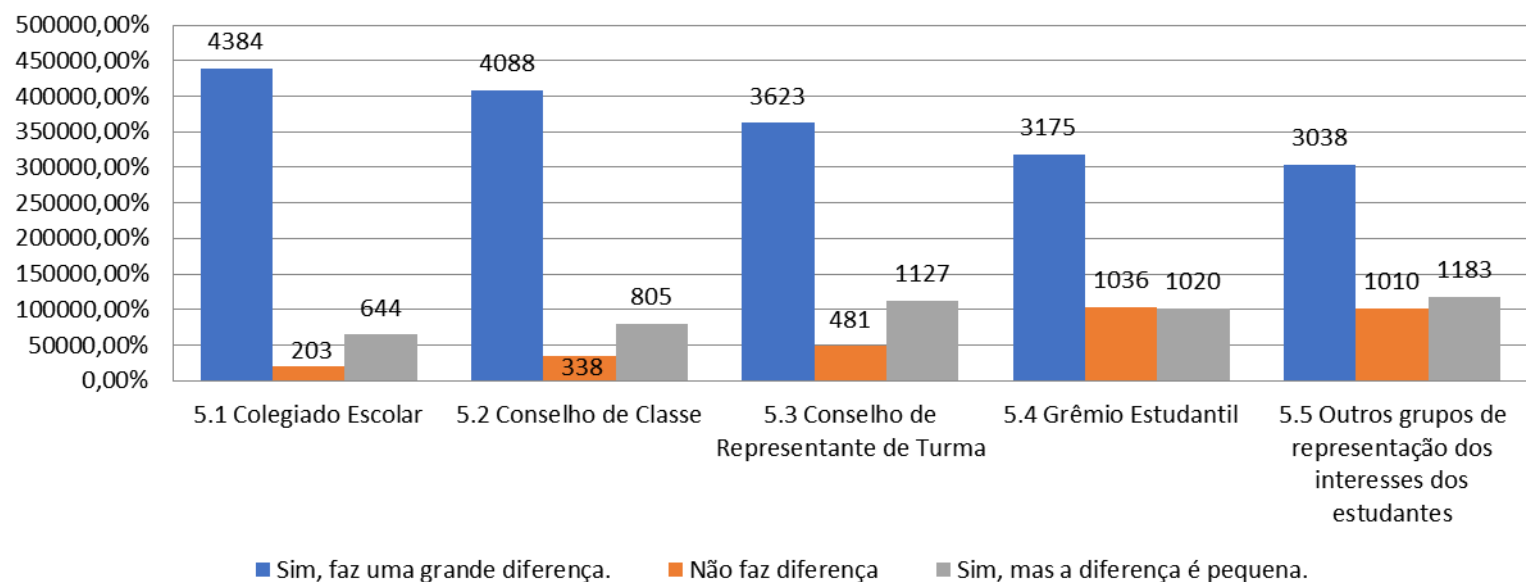
3. Existe grêmio estudantil ou outro grupo de representação dos interesses dos estudantes que funcionam permanentemente na sua escola?



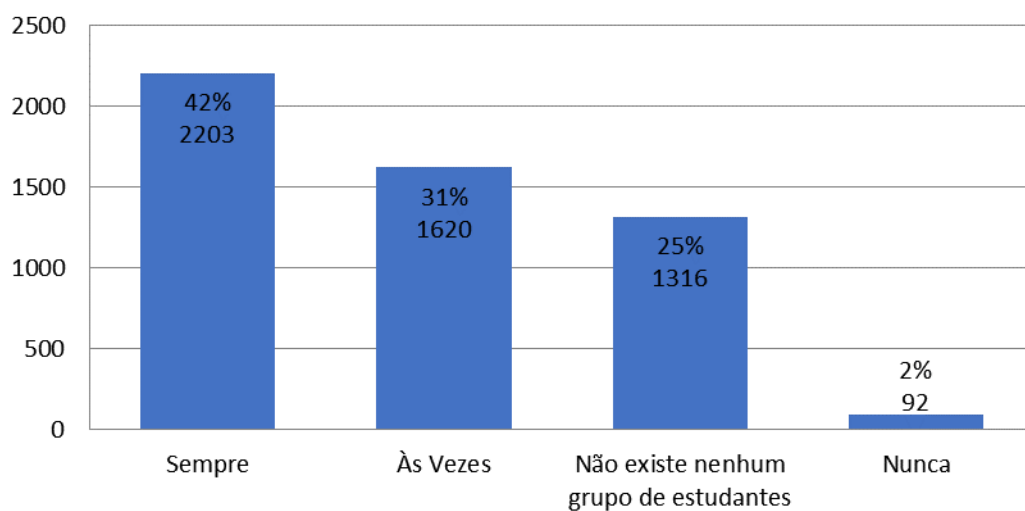
4. Você participa do Grêmio Estudantil e/ou de outro grupo de representação dos interesses dos estudantes?



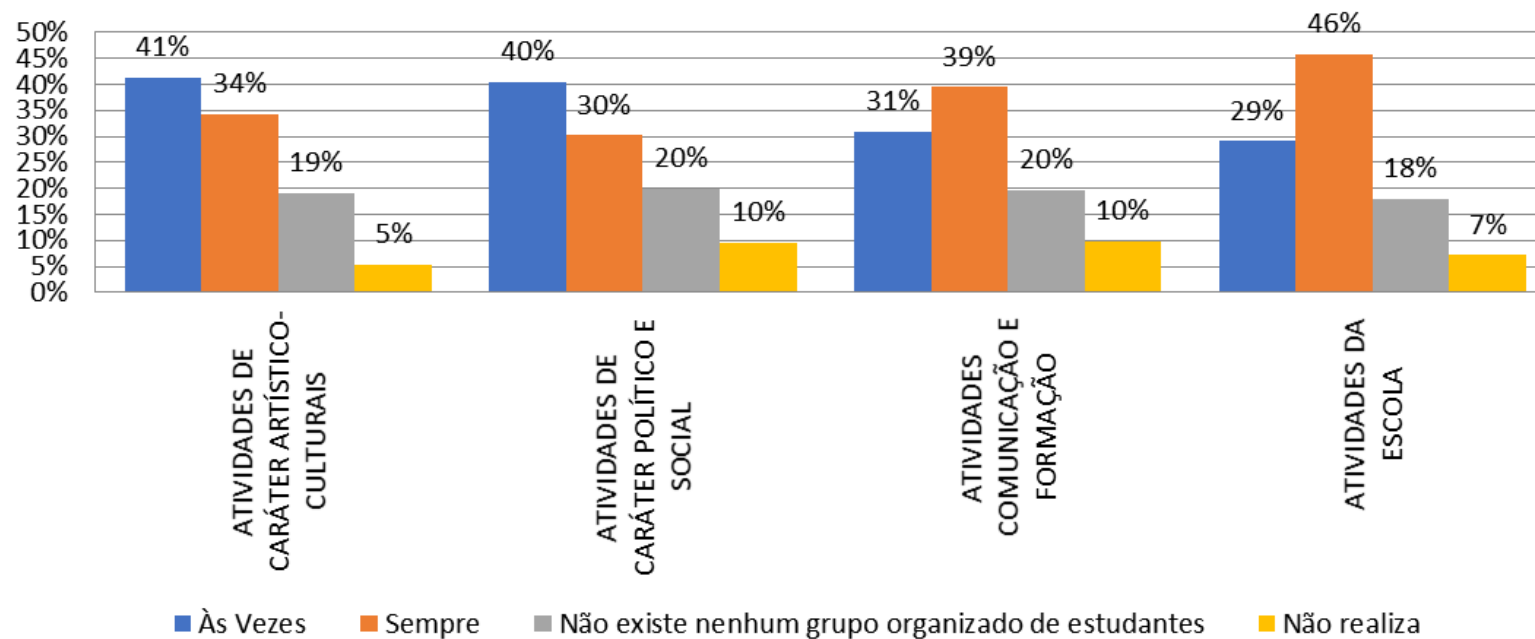
5. Você acha que a participação dos estudantes nos espaços abaixo faz alguma diferença para a construção de uma escola de qualidade?

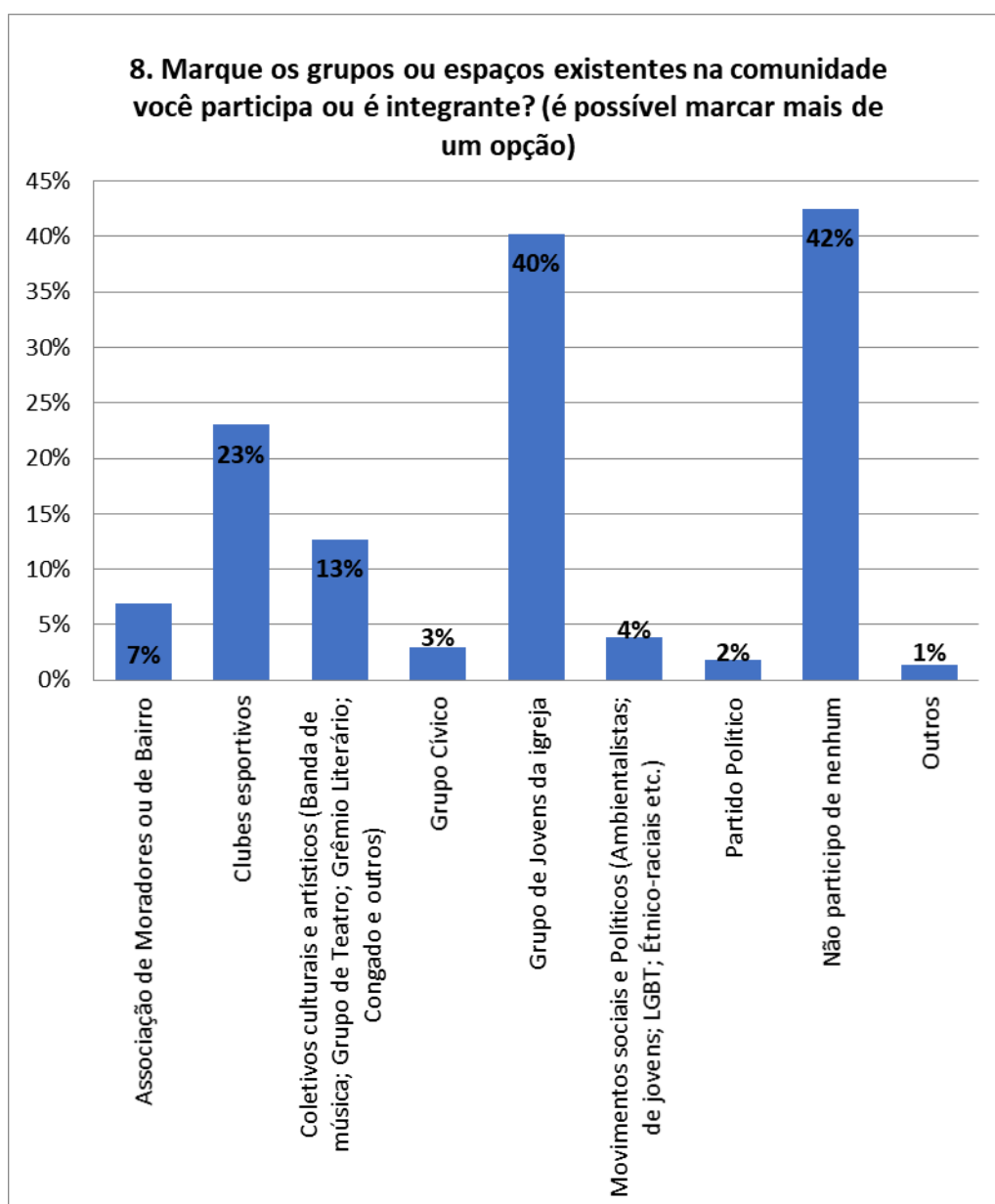


6. A escola apoia as ações propostas e/ou desenvolvidas pelos estudantes, por meio do Grêmio Estudantil e/ou de outros grupos de estudantes?

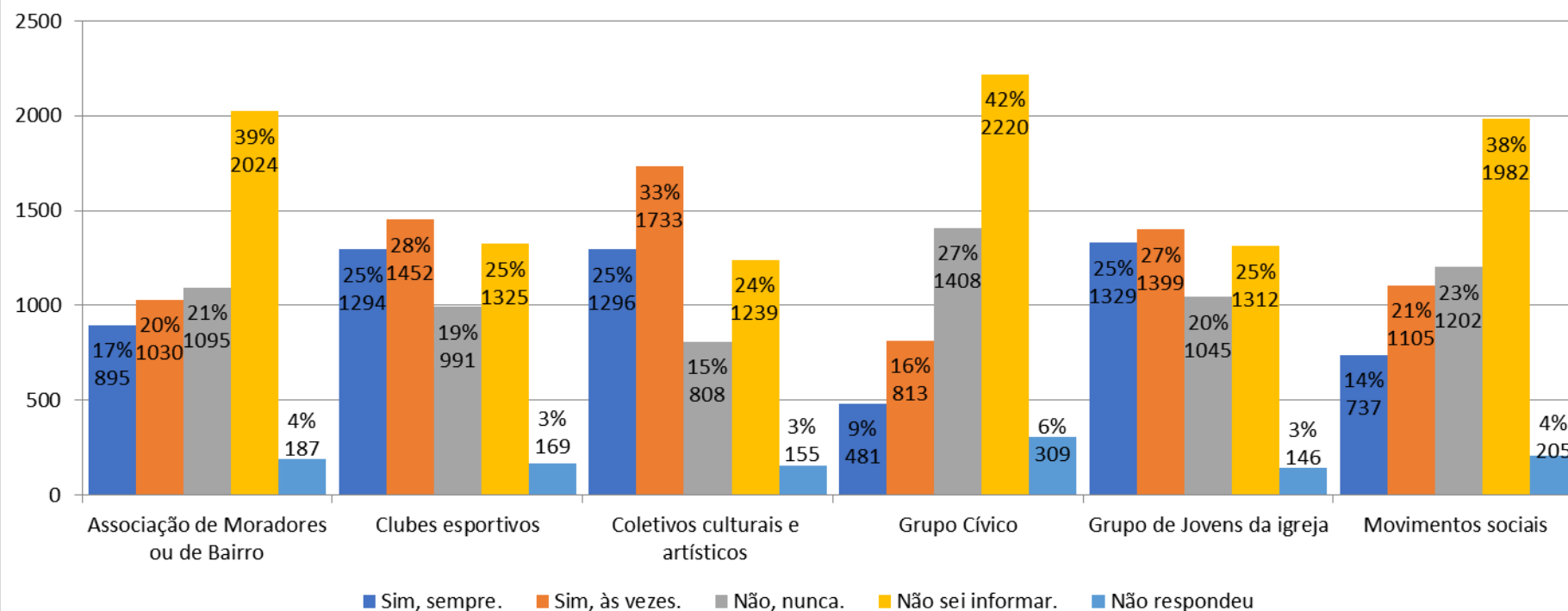


7. Com que frequência o Grêmio Estudantil ou outro grupo de estudantes da sua escola desenvolve as ações abaixo:

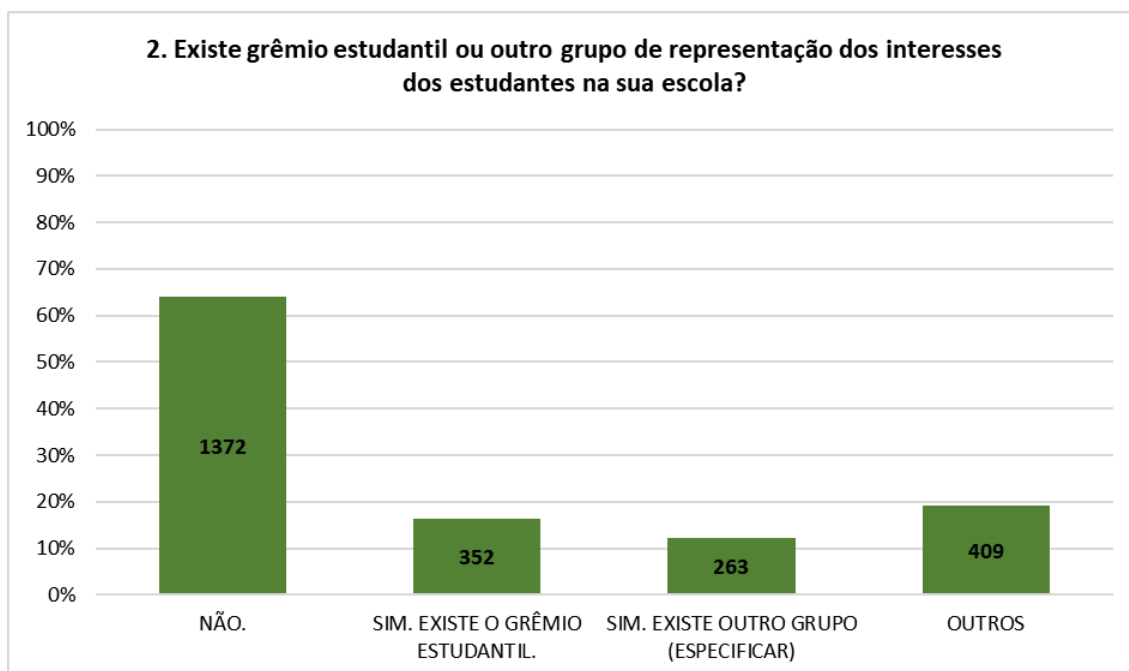
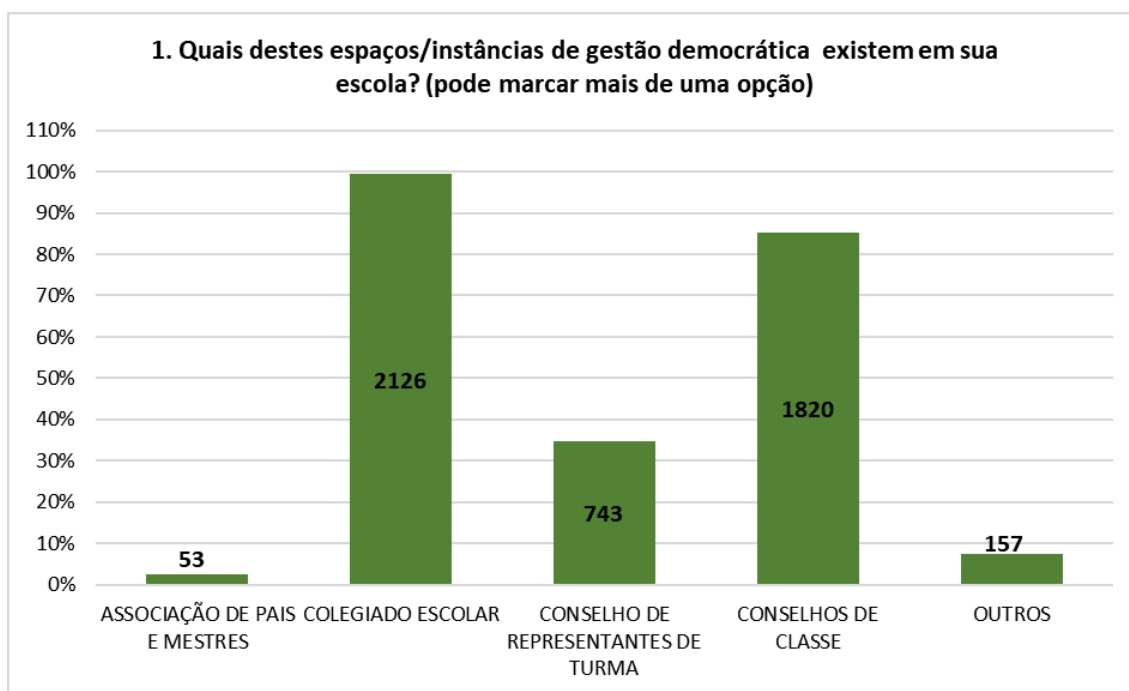




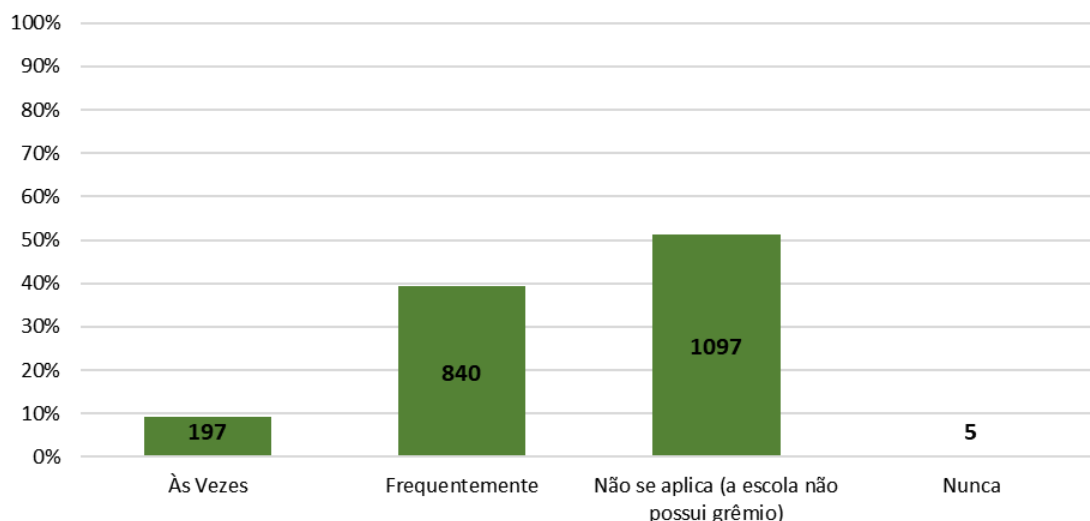
9. Existem parcerias da sua escola com grupos existentes no território?



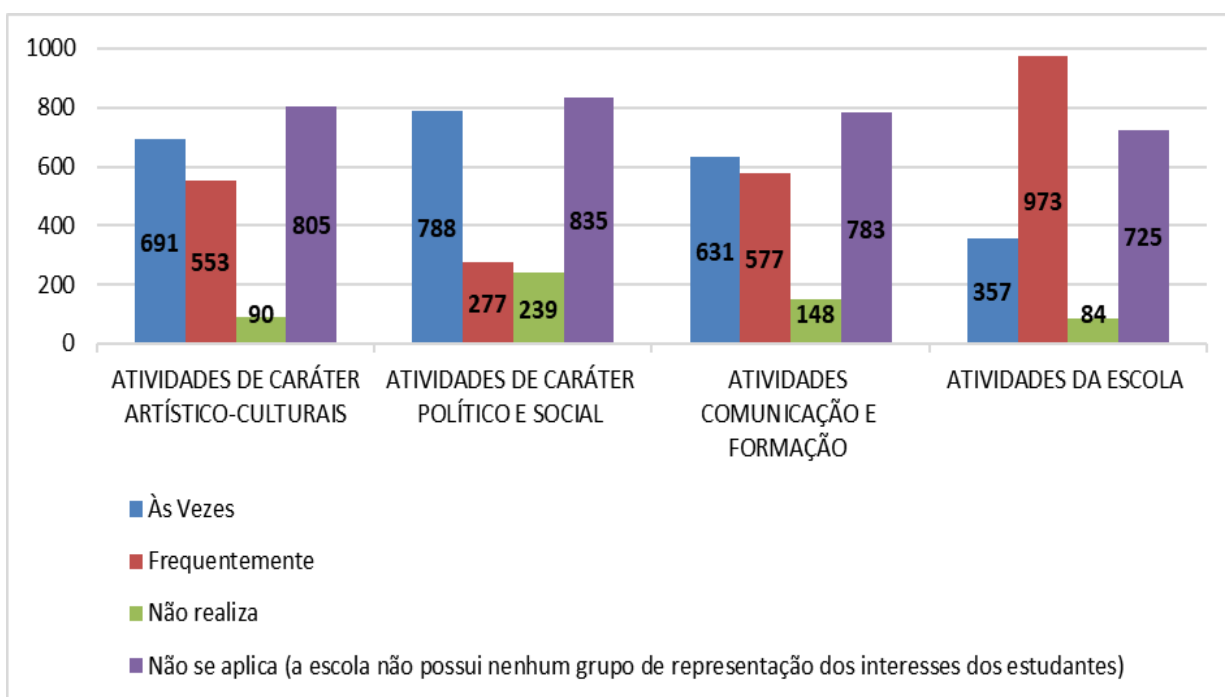
APÊNDICE I - RESPOSTA DAS ESCOLAS AO QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO DE PARTICIPAÇÃO



3. A escola apoia as ações propostas e/ou desenvolvidas pelo grêmio estudantil e/ou outros grupos de representação dos interesses dos estudantes na sua escola?

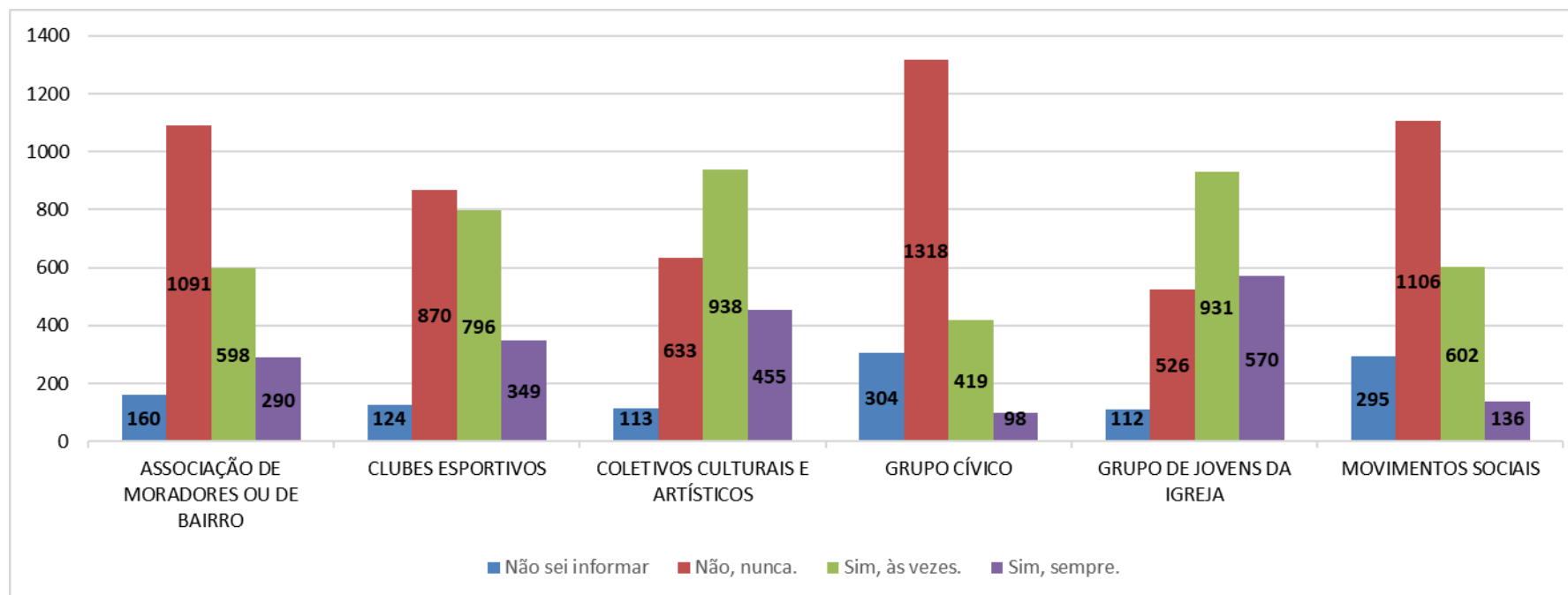


4. Com que frequência o Grêmio Estudantil ou outro grupo de estudantes da sua escola desenvolve as ações abaixo:

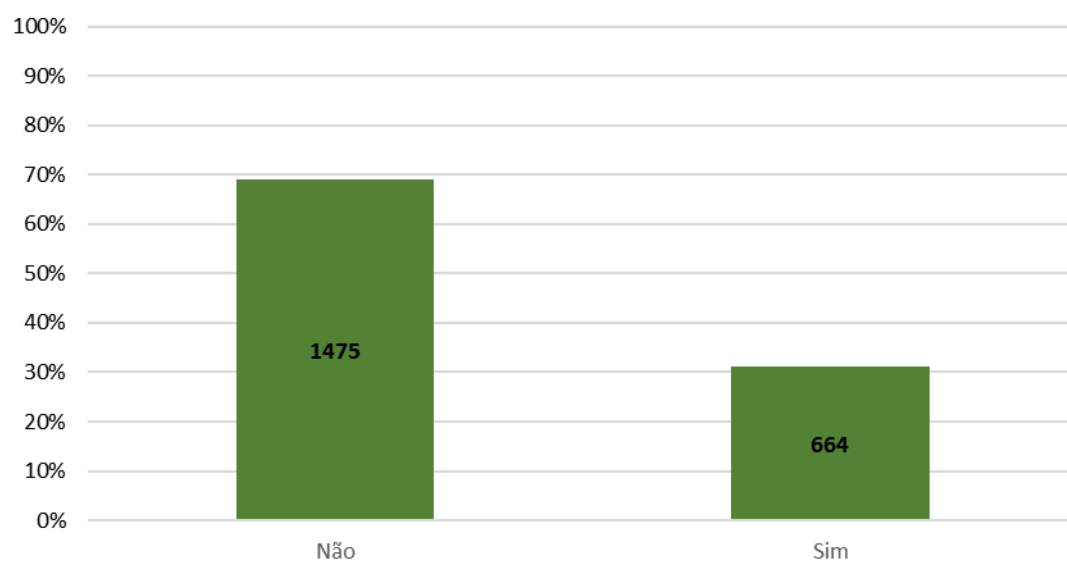


5. De que grupos ou espaços existentes na comunidade os estudantes dessa escola participam ou são filiados?	Total	%
ASSOCIAÇÃO DE MORADORES OU DE BAIRRO	318	15%
CLUBES ESPORTIVOS	815	38%
COLETIVOS CULTURAIS E ARTÍSTICOS (BANDA DE MÚSICA. GRUPO DE TEATRO. GRÊMIO LITERÁRIO. CONGADO E OUTROS)	954	45%
GRUPO CÍVICO	93	4%
GRUPO DE JOVENS DA IGREJA	1559	73%
MOVIMENTOS SOCIAIS E POLÍTICOS (AMBIENTALISTAS. DE JOVENS. LGBT. ÉTNICO-RACIAIS ETC.)	219	10%
NÃO PARTICIPAM DE NENHUM	127	6%
NÃO SABEMOS INFORMAR.	281	13%
PARTIDO POLÍTICO	90	4%
OUTROS	102	5%
Total de participantes	2139	100%

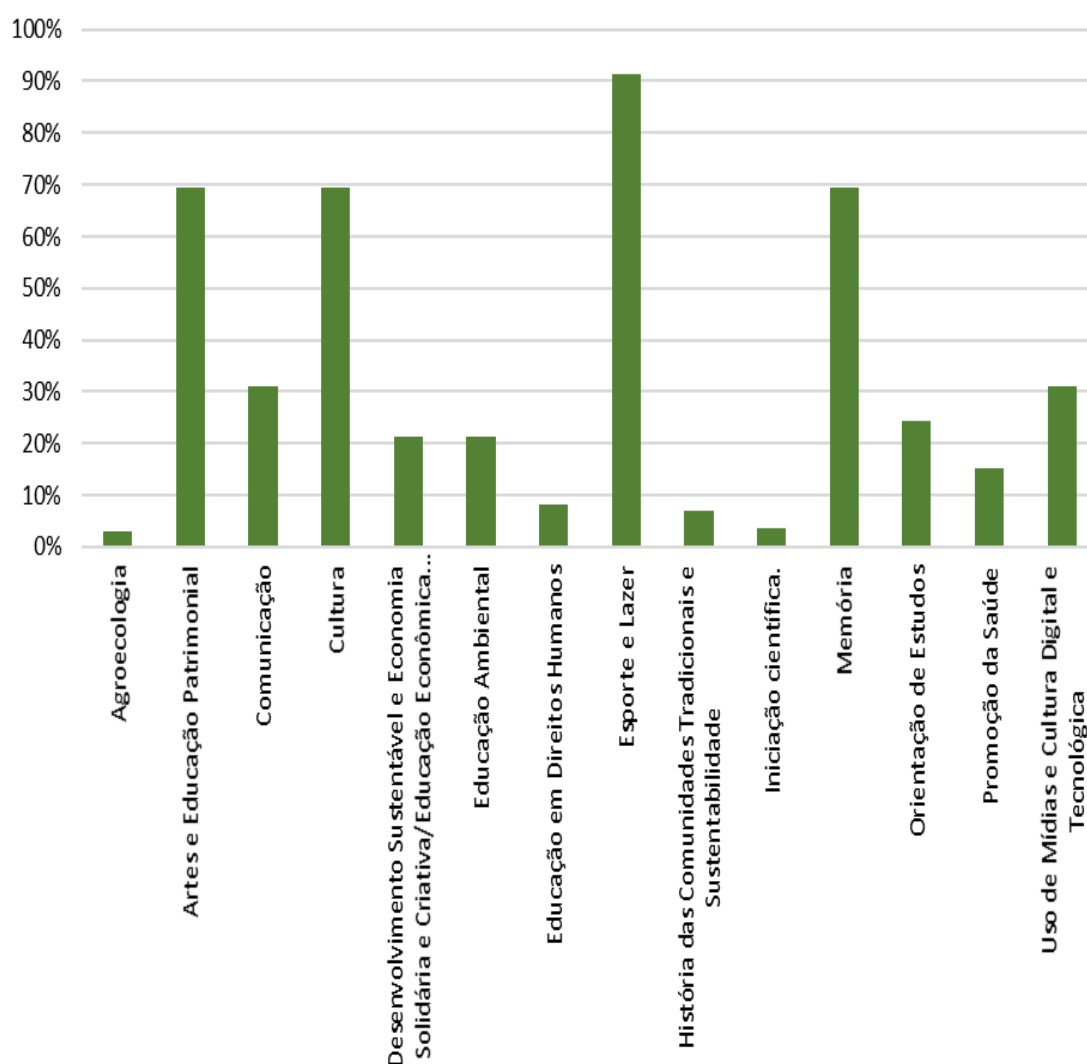
6. Existem parcerias da sua escola com grupos/instituições/associações/entidades existentes no território (bairro/região/município)?

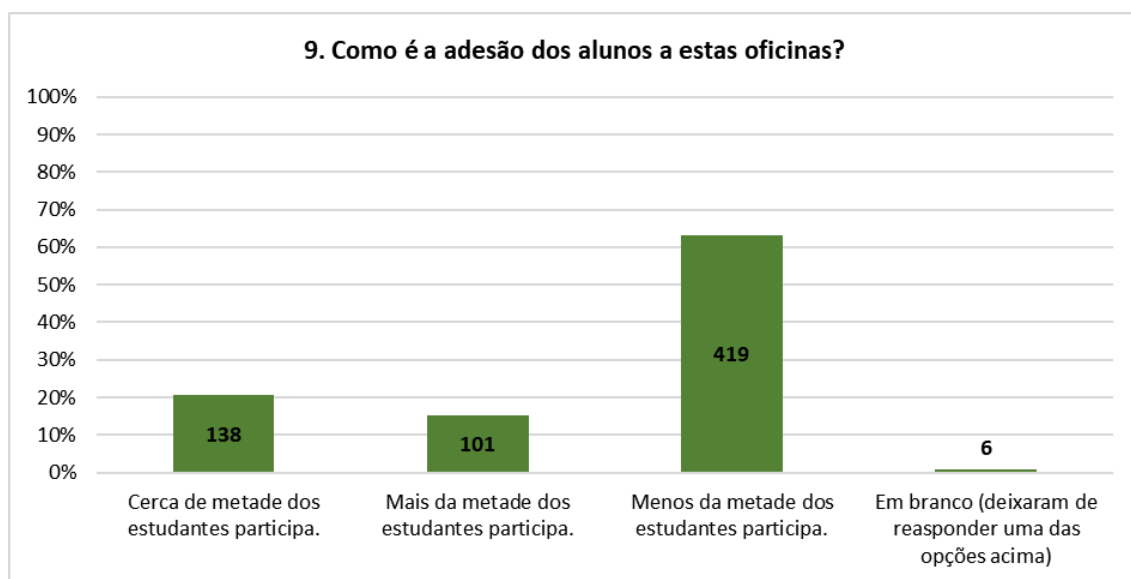


7. A sua escola desenvolve ações do Programa Escola Aberta?

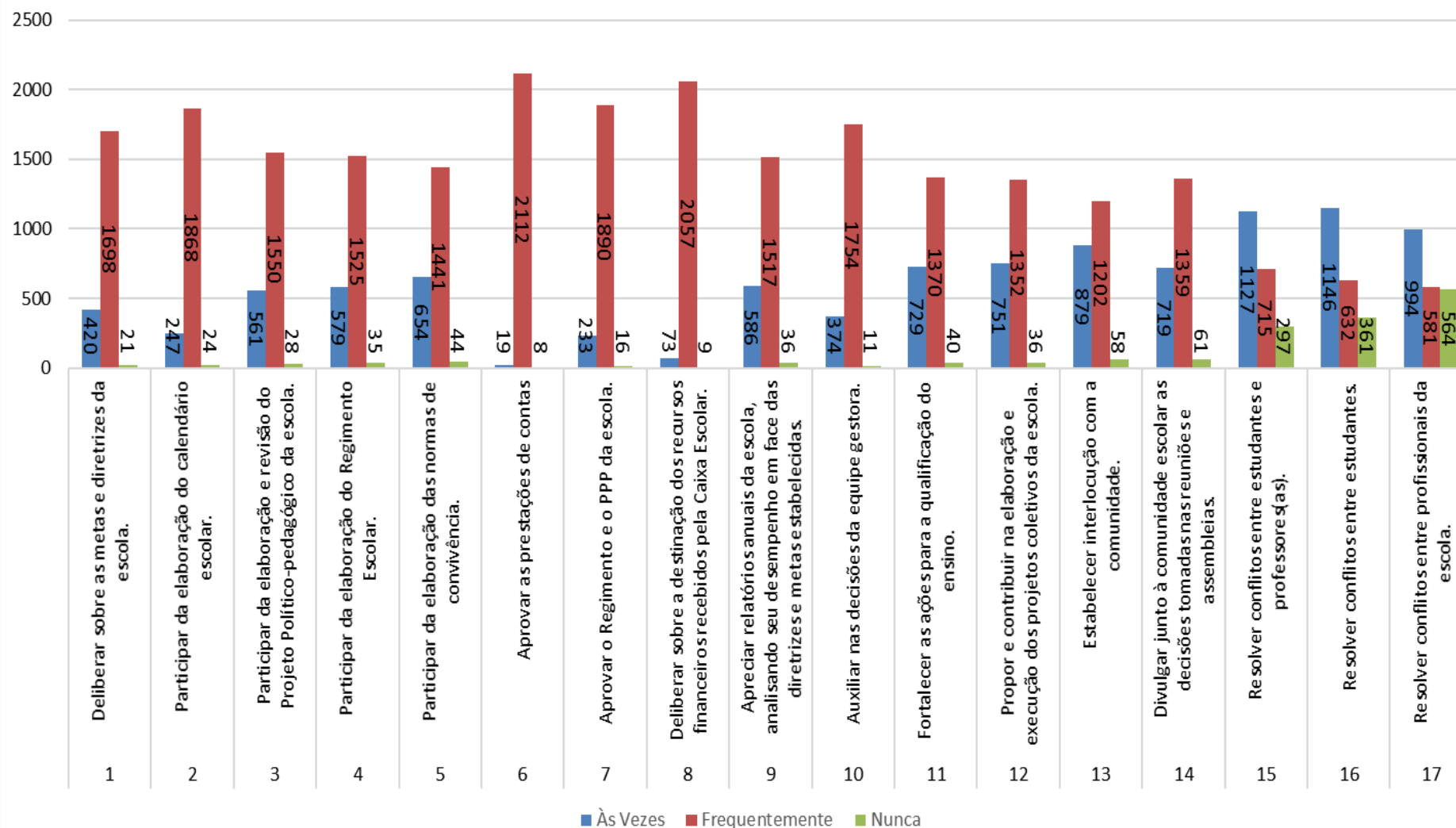


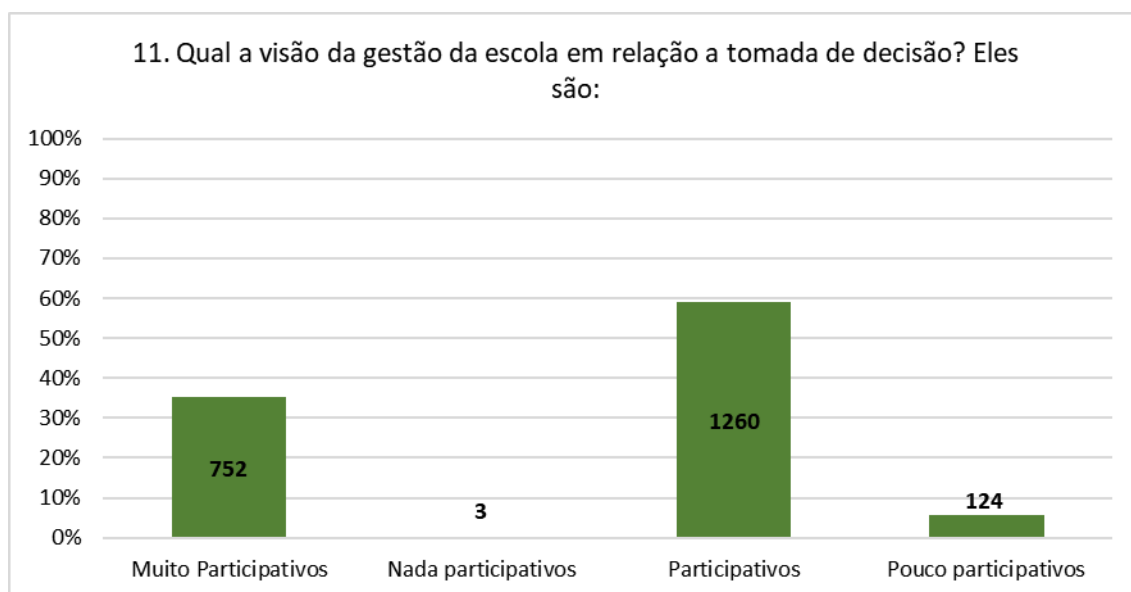
8. Em caso afirmativo, quais OS MACROCAMPOS QUE A ESCOLA CONTEMPLA?



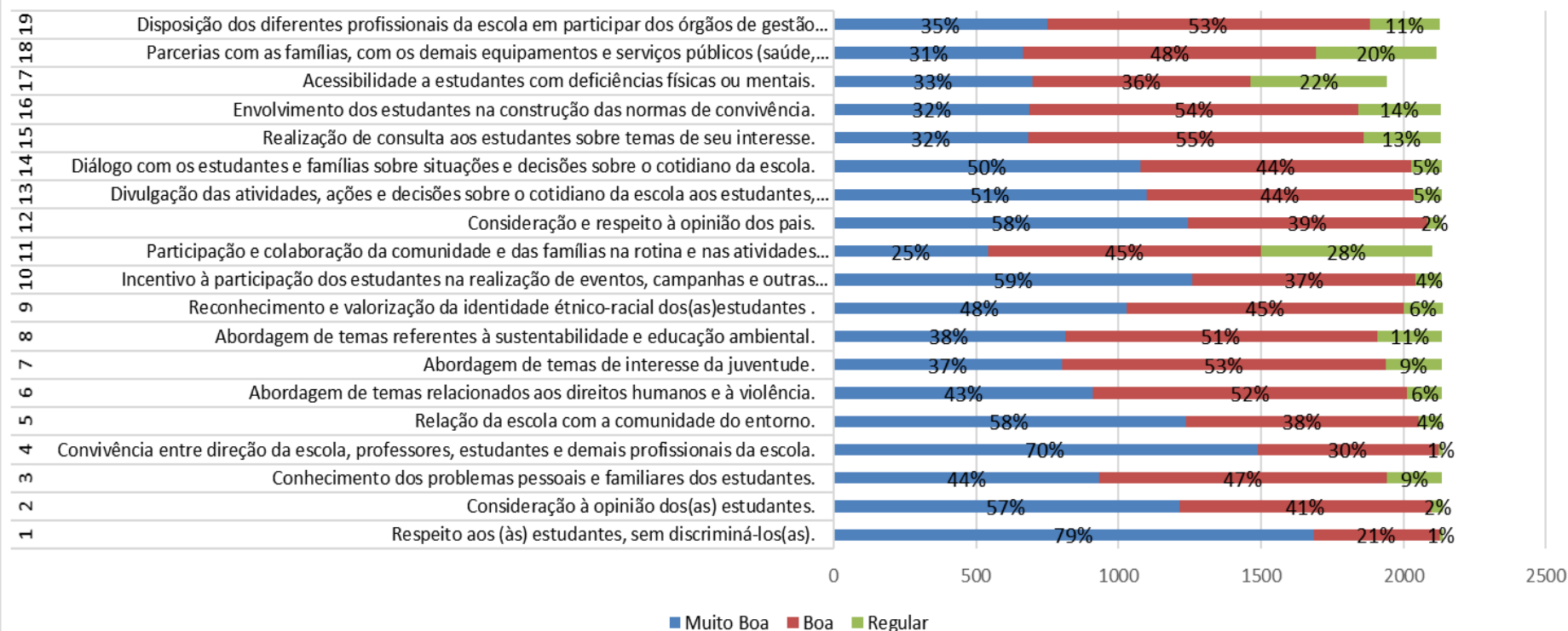


10. Com que frequência o Colegiado desenvolve as ações abaixo:





12. Como você avalia sua escola com relação aos aspectos abaixo:



ANEXO: AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DOS DADOS DO QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO DE PARTICIPAÇÃO

A Superintendência de Juventude, Ensino Médio e Educação Profissional e a Diretoria de Juventude da Secretaria de estado de Educação autorizam a utilização e divulgação dos Questionários de Diagnóstico de Participação e seus respectivos resultados na pesquisa da servidora Andréa Botelho de Abreu - Analista Educacional da Secretaria de Estado de Educação – desenvolvida no âmbito do no âmbito do Programa de Pós-graduação Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública (PPGP) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), teve como foco de estudo a identificação de entraves à constituição do grêmio estudantil, enquanto espaço de participação da juventude no cotidiano das escolas e de fortalecimento da gestão democrática, no contexto da Política de Fomento à Participação Estudantil da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais.

Belo Horizonte, 30 de junho de 2017

Cecília Cristina Resende Alves

Superintendente de Juventude, Ensino Médio e Educação Profissional

Priscylla Ramalho Dias Ferreira

Diretora de Juventude